

A close-up photograph of a man's bare chest and neck. He has a dark beard and mustache. A woman's hands with light-colored nail polish are gently holding his chest. The background is dark with a subtle pattern.

FOI QUANDO ME PERDI EM VOCÊ, QUE ME ENCONTREI

HENRIQUE

minha perdição

JÉSSICA LUIZ



HENRIQUE

Copyright © 2021 Jéssica Luiz

HENRIQUE

JÉSSICA LUIZ

1ª Edição – 2021

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte do conteúdo deste livro poderá ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja ele impresso, digital, áudio ou visual, sem a expressa autorização da autora sob penas criminais e ações civis. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Capa: Cenna Nunes Design

Beta: Ariane Luiz

Revisão: Lidiane Mastello

Diagramação: Jéssica Luiz

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra contém linguagem informal e algumas palavras são consideradas chulas como gírias, memes e expressões do cotidiano. Por favor, leve isso em conta durante a leitura.

Sinopse

Henrique D’Laurentes é um homem livre. Um cirurgião que vem construindo seu perfil profissional dedicado ao longo dos anos. Criado em uma família que sempre foi seu porto seguro e esteve ao seu lado em todos momentos de sua vida. Ele sempre teve tudo que quis, até agora.

Débora Forcatto é uma incógnita. Nascida em uma família humilde, ela lutou para conquistar seu lugar na sociedade e para realizar o sonho de ser médica, pediatra. Marcada por um trauma quando criança, ela busca em sua profissão fazer a diferença na vida de seus pacientes.

Ele envolvente e insistente. Ela desconfiada e traumatizada.

Ele dizia ser a cura, ela precisava ser curada.

Seria o amor o melhor remédio?

“Foi quando me perdi em você, que me encontrei.”

Nota da Autora e Dedicatória

Escrever Henrique foi um desafio para mim. Saí da minha zona de conforto já que minhas outras obras são voltadas 100% ao humor. Henrique é filho de Maria Clara e Guilherme, que são protagonistas de outro livro meu.

Assim como foi com seus tios e pais eu aprendi muito com Henrique.

Aprendi que um protagonista literário não precisa ser abusivo e tóxico para ser sexy e cativante. Já com a “mocinha” foi mais... intenso. Junto a Débora, eu pude ver através dela as consequências de um trauma e o quão fodido isso pode ser. Eu sofri com ela, eu chorei com ela.

Esse livro não é um livro dark. Porém, aqui você vai vivenciar junto à protagonista como é viver traumatizada. Você vai ver como é difícil admitir que precisa de ajuda, você vai acompanhar o início do “processo”. Então se para você abuso sexual é um tema delicado, aviso desde já que essa obra contém gatilhos.

Eu dedico esse livro a todas as Déboras do Brasil e do mundo. Eu desejo do fundo do coração que vocês se libertem e encontrem o caminho da felicidade.

Com amor, Jéss.

Prólogo



Tiro as luvas jogando-as no descarte. Lavo as mãos de modo automático, como em todas as vezes que saio do centro cirúrgico. Pego os papéis toalha e enquanto as seco me olho no espelho. Meu semblante está visivelmente cansado. Foram seis horas de cirurgia, meus ombros doem pela tensão de manter as mãos firmes, minhas pernas cobram o preço pelas horas ininterruptas de pé em uma única posição, minha lombar também reclama. Mesmo que o meu corpo esteja cansado, aquele sentimento de satisfação por mais uma operação de sucesso é o único sentimento que me importa.

Ser médico, ser cirurgião, é como praticar *slackline*, porém nesse caso, as fitas e cordas são pessoas, seres humanos. Qualquer distração, qualquer deslize pode ser o fim de alguém. Então a sensação ao terminar cada cirurgia não pode ser nada menos do que satisfação e plenitude. Abro as portas indo até a sala de espera, digo que tudo correu bem, explico o pós-cirúrgico e sou agraciado com o sorriso dos familiares. Ver a esperança renascer em cada face é uma sensação tão satisfatória que não consigo nem descrever.

— Doutor Henrique — diz a recepcionista do CC.

— Boa noite, meu anjo. — Sorrio e discretamente passo os olhos em

seu crachá. Eu me lembro bem do seu corpo, mas sempre fui péssimo com nomes.

— Então — ela sorri e mexe no cabelo —, hoje é aniversário da Mandy e todos vamos na *Black* vai rolar open bar.

— Todos, inclui você Maiara? — pergunto encarando sem desviar os olhos.

— Sim — ela responde sem jeito.

— Então eu vou, como não iria? — Me apoio no balcão. — Sabe o que vai ser melhor que aproveitar a música e a bebida? — Ela balança a cabeça em negação. — Nós dois juntos a noite inteira na minha cama. — Ela olha para os lados, com o rosto corado. — Nos vemos mais tarde, meu bem. — Pisco e ela sorri.

Quando chego em meu armário, pego meu celular avisando Kauã que hoje sairíamos. Ele assim como eu também é médico, fizemos nossa residência juntos, mas ele se especializou em Radiologia e Diagnóstico por imagem, já eu sempre fui fascinado por cirurgia geral. Troco de roupa querendo chegar em casa, tomar um banho e extravasar a tensão acumulada durante o dia na balada.



— Sêrio Henrique, a Maiara? — Kauã questiona.

— Por que não? — retruco.

— A garota é um *grude*, foi ela quem deu aquele trabalhão para o

Jorginho cara.

— Tá brincando? — Me surpreendo. — Ah que fingiu a gravidez?

— Sim! Tá louco irmão, não vai que é fria — ele afirma e eu concordo de imediato.

Discretamente me viro, dando as costas à maluca da Maiara, tudo que eu menos preciso é de uma *amarra marido* nas minhas costas. Dou um gole no whisky com energético em minhas mãos, sentindo o líquido gelado descer em minha garganta. Olho para a pista de dança vendo os mais variados tipos de corpos femininos. Nunca segui um padrão para escolher mulher, até por que geralmente eu deixo que me escolham. O prazer é todo meu em me deixar ser *usado*.

Vejo mulheres de todos os tipos se entregando à dança. Umas de um jeito mais contido, outras já tomadas pela bebida se deixando levar pela música. Sempre fui muito observador, então não me canso de olhar essas belezas se balançando conforme a melodia que toca. Dizem que homens são atraídos através de estímulos visuais, e eu sou prova disso. Sempre gostei de um bom flerte, me atrai demais ser encarado e seduzido. Esses jogos sempre me excitaram. Pisco para uma loira, e fico com água na boca só de olhar para as pernas de uma ruivinha tímida que vez ou outra me olha. Mas, meus olhos são atraídos para uma morena clara que dança de costas.

Usando uma minissaia de couro, meia calça escura, algo que não consigo ver bem, mas parecem ser botas de cano curto. Uma blusa verde musgo que deixa um pedaço de suas costas à mostra. Ela se balança conforme o ritmo da música, a forma como move seus quadris me hipnotiza. Não consigo ver marca de calcinha, mas minha mente já começa a criar vários cenários de um fio bem pequeno deixando as duas bandas deliciosas de sua bunda livre. Ela leva as duas mãos aos cabelos e rebola de uma forma

tão sensual que faz com que solte o ar que nem sabia que estava segurando.

— Henrique? — Olho para Kauã. — Tá surdo cara?

— Não. Mano olha que delícia aquela moreninha. — Indico em um aceno.

— Tem várias morenas dançando.

— A de saíinha de couro — respondo

Ele olha e a garota se vira ainda dançando, meus olhos caem para a pele exposta de sua barriga.

— Tá zoando, né? — Kauã diz rindo.

— O quê? — pergunto sem entender.

— É a doutora Débora, pediatra do hospital.

Estreito os olhos buscando ver com mais nitidez seu rosto, e ainda que esteja de maquiagem percebo que é familiar mesmo. Tivemos alguns contratempos e desde então conversamos por e-mail ou através de terceiros. A mulher é um pé no saco, se me lembro bem. Mas que mal faria termos um momento? Amanhã seria como se nada tivesse acontecido.

— Foda-se, é gata demais.

— Tem certeza? — ele pergunta e eu confirmo de imediato. — Ela tá com a Morgana a gente se pega às vezes. — Ele toma o restante da sua dose e deixa o copo em cima do balcão do bar. — *Bora* — me chama sorrindo e já sai em direção as garotas. Sigo-o acompanhando com os olhos cada movimento da Doutora.

Kauã chega e sussurra algo no ouvido da moça que deve ser a tal Morgana, ela se vira sorrindo e passa os braços em torno de seu pescoço. Chego perto da Débora agora está novamente de costas. Discretamente ponho

a mão em sua cintura e tento acompanhar o ritmo que se move, ela vira para trás e me olha, fica séria, franze os olhos parecendo não gostar por eu ser o cara que tocou sua cintura.

Será que me conheceu?

— Vamos lá, Débora, é só uma dança. — *Por enquanto delícia, por enquanto.*

— Não gosto de você, Doutor — rebate com a sobrancelha arqueada.

— Uma dança, princesa. — Faço sinal de rendição com as mãos. — A não ser que você esteja com medo.

— Medo de quê? — ela pergunta confusa.

— De se apaixonar por mim — respondo e ela ri alto.

— Fala sério, você não faz meu tipo.

— Agora você feriu meu ego. — Uma batida sensual começa a tocar e vejo um lampejo de indecisão em seus olhos, mas passa rápido e ela volta a me olhar decidida.

Se aproxima me encarando até ficar bem perto, chegando ao pé do ouvido.

— Por que não? — Ela não me dá tempo de resposta e sinto suas mãos nas minhas.

Ela volta e me encara e muito lentamente sobe suas mãos, que deixam um rastro de calor por onde passam. Seu corpo se encosta ao meu, seus braços envolvem meu pescoço e como reflexo automático seguro sua cintura. Não consigo desviar meus olhos dos seus, a batida intensifica e ela dança de uma forma extremamente envolvente.

É sexy demais.

Respiro fundo buscando por controle, já totalmente excitado pela dança e pela garota. Mas para minha surpresa quando a música acaba, ela começa a se afastar.

— Ei, quer sair daqui? — *Porra Henrique sério isso?*

— Você continua insuportável! Sério, qual o tamanho do seu ego? — diz e revira os olhos.

— Você pode conferir o tamanho de todo o documento se quiser — brinco sorrindo.

— *Doutor*, no seu caso. — Ela toca meu peito com suas unhas pintadas em vermelho sangue, enquanto olha em meus olhos. — Tamanho é documento, precisa de algo grande para compensar a sua arrogância.

— Você se surpreenderia — digo sério.

— É? — ela pergunta com sua costumeira petulância impenetrável. E então me surpreende descendo sua mão e apertando meu pau, sinto a vibração que o toque provoca em meu corpo. — Dentro da média — ela fala rindo.

Desço meu rosto até nossos olhares ficarem alinhados.

— Se faço parte da média *Doutora* não vai se importar que eu meta fundo na sua garganta até engasgar, não é? — Desvio de seu rosto chegando em seu pescoço. — Ou é do tipo que na primeira apertada de pescoço corre?

— Sou do tipo que aguenta *muito*. Mas você vai ficar na vontade. — Me olha nos olhos. — Não sou para o seu bico. — Pisca e sai me deixando no meio da pista de dança.

Doutora, doutora. Eu adoro um desafio, isso *não* acaba aqui.

Capítulo 01



Desligo o despertador que está tocando. Ainda que diariamente eu já esteja acordado quando toca, ele é necessário, como uma segurança para caso algum dia me atrase. Estico-me na cama ainda deitado, sento e pego meu celular ligando o Wi-Fi. Vejo as notificações do WhatsApp, e sorrio ao ver a quantidade de mensagens recebidas. Clico em uma delas e não me surpreendo ao fazer o download de uma foto. Mordo o lábio lembrando de como esses peitos ficam ainda mais apetitosos na minha boca do que nesse sutiã de renda branco.

Melhor jeito de acordar que esse só você na minha cama mesmo, delícia.

Respondo para Juliana, uma enfermeira do hospital com quem tenho feito sexo casual há algum tempo. Não somos exclusivos e ela sabe disso, e não parece se importar desde que eu a faça gozar de todas as formas, o que não é nenhum sacrifício para mim, sendo gostosa do jeito que é. Quando comecei a cursar medicina precisei prometer ao meu avô que focaria nos estudos e não me deixaria levar por nenhum rabo de saia no meu ambiente de trabalho. Convenhamos, de saia, de calça, em pé, deitada, de quatro... Não existe nada melhor nesse mundo do que mulher. A promessa foi quebrada tão logo foi feita. Não sou um cafajeste, eu jogo limpo. Não sou eu quem usa, elas me usam, e bom, que façam de mim o que quiserem.

Sou como um remédio, posso curar todas as dores.

Abro o registro do chuveiro deixando que a água morna molhe meu corpo. Enquanto me lavo, lembro-me das duas cirurgias que tenho marcadas. Repasso mentalmente os dois procedimentos, fecho os olhos ensaiando em minha mente de forma detalhada. Lembro também da equipe que estará comigo e qual será a função de um por um. Nosso trabalho nunca é fácil, lidar com vidas, com a esperança do paciente e dos familiares é um fardo que eu decidi carregar.

Escolher medicina não foi difícil. Na verdade, desde que me entendo por gente esse sempre foi meu sonho. Minha família tem um império na área imobiliária, meu pai é um engenheiro renomado, minha mãe uma publicitária que consegue vender até café gelado. Eu não segui o caminho de nenhum dos dois. Já Isabella, minha gêmea, ela tem faro, e como diz minha tia Helena consegue dobrar todos os tubarões. Minha prima Vitória, que diferente do tio Juan, que é um administrador fodão, escolheu engenharia. Meu tio sofreu com meu pai dizendo que minha prima o puxara. Como uma pegadinha do destino, o troco foi dado ao seu Guilherme quando Isabella escolheu administração, afinal tio Juan sabe ser chato quando quer.

Eu sempre fui fascinado por medicina. Meus olhos brilhavam quando vô Alberto contava alguma história sobre cirurgias. Quando pequeno ele me ensinou como se higieniza as mãos antes de entrar no centro cirúrgico, me mostrava seus livros de anatomia me contando as mais variadas formas em que seu bisturi já havia sido utilizado. Com treze anos eu já tinha certeza do que eu queria.

Queria a medicina. Queria a cirurgia geral.

Por isso quando estava em casa eu não olhava séries, não jogava videogame. Eu estudava. Estudava muito. Quando acabei o terceiro ano passei no vestibular e comecei a cursar medicina antes mesmo de fazer dezoito anos. A faculdade foi exaustiva, ainda que interessante porque as universitárias adoravam extravasar o estresse dos longos dias na minha cama.

Quando comecei a residência eu passei maus bocados. Ser o neto do acionista majoritário do hospital diferente do que muitos pensam não foi fácil. Todos os cirurgiões exigiam muito de mim, a primeira vez que auxiliei uma cirurgia foi depois de seis meses, enquanto os outros residentes já vinham o fazendo desde o começo.

Foi uma merda. Fui julgado, cobrado, e em algumas vezes injustiçado já que o ponto alto dos meus dias era preencher formulários. Eu chorava no necrotério, sim bem estranho, mas é o lugar menos frequentado de um hospital o que tornou o ambiente perfeito para uma fuga. Foram seis anos de faculdade, três anos de especialização e então há um ano, com vinte e sete, eu fui contratado como cirurgião. Eu mereci, mas nem por isso os julgamentos pararam.

Cheguei a ficar cinco dias no hospital dormindo em "parcelas" tomando banhos gelados e vivendo à base de cafeína por que eu tinha um objetivo, precisava ser o melhor, só assim sairia da sombra do meu avô. Quando o último cirurgião geral mudou de cidade tive minha oportunidade e ainda que muitos por aí digam que foi uma indicação por eu ser novo, eu sei que foi por merecimento. Eu fui o melhor residente da minha turma. Eu me dediquei muito mais que os outros e passei mais tempo estudando nas horas livres que qualquer um. Então foda-se quem pensa o contrário, o julgamento alheio não me define.

Minha avó costuma dizer que o amor pela medicina nasceu junto comigo, já que quando nasci foram sessenta dias na incubadora. Segundo ela eu estava me preparando, me habituando a um lugar onde passaria grande parte do meu tempo.

— HENRIQUE. — Encosto a testa no azulejo frio do banheiro ignorando minha irmã me chamar. — ABRE A PORTA DESSE QUARTO!

— ESTOU NO BANHO, ISABELLA! — grito de volta para que ela escute da porta do quarto.

Ao longe escuto minha irmã falando com alguém, por falar baixo posso imaginar ser Vitória. Nossa família sempre foi muito unida. Minha mãe e meu tio Juan moravam com meus avós que nem cheguei a conhecer, após adultos assim como meu pai e minha tia Rebecca que moravam também juntos perto da casa do vô Alberto e da tia Júlia. Uma confusão. Mesmo os filhos sendo independentes financeiramente, moravam com os pais e com os irmãos.

Então já imaginou como foi quando eu quis morar sozinho? Não foi. Minha irmã sempre foi o pentelho do meu saco, já minha prima Vitória é o

equilíbrio entre nós. Quando comecei a faculdade, Isabella e até mesmo Vitória, que é quatro anos mais velha que nós dois, começou também.

Na época meus pais estavam de mudança para o Rio novamente, mas eu quis ficar e Isabella também. Se isso já não fosse tumulto o bastante na família, Vitória resolveu vir para Balneário e cursar faculdade aqui, conosco. Minha mãe ficou inconformada, tio Juan foi à loucura. Foram muitas discussões, várias brigas até que meu pai teve a genial ideia de que nós três moraríamos juntos no apartamento no qual minha irmã e eu fomos criados.

Havia quatro quartos na cobertura, três deles com banheiro, então não foi difícil a divisão eu e Bella continuamos em nossos quartos, Vitória ficou com o dos meus pais. Lógico que dona Maria Clara achou um motivo para ela e tia Helena ficarem durante oito meses indo e voltando do Rio para Balneário com a desculpa de redecorar nossos quartos e trazer uma "pegada" mais jovial para a casa.

Quando pensei estarmos livres por pelo menos uns dias da minha adorável mãe e tia foi a vez do meu pai e do tio Juan aparecerem. Lembro que os dois me chamaram no escritório e meu pai começou com todo um papo de cuidado e zelo com Isabella e Vitória. Sobre manter os olhos abertos nas nossas princesas, sobre guardar a integridade das duas. Depois de meu pai fazer todo esse discurso e eu mentalmente rir da cara dele, porque minha gêmea é mais esperta que eu, e Vitória bom, ela é realmente um anjo que gosta de livros, séries e só.

Minha irmã é o perigo eminente, minha prima a redenção.

Ou seja, o discurso do meu pai era inútil porque se eu bancasse o irmão ciumento, Isabella chutaria minhas bolas e com Vitória, reservada do jeito que é, por um bom tempo não precisaria me preocupar. Já tio Juan me botou contra a parede e disse “Vitória é território proibido para você Henrique, banque o espertinho como seu pai e eu corto seu pau.” meu padrinho, versus tio se referia ao meu pai que é primo ter pegado a sua irmã/prima que no fim das contas não contém a mesma tiragem sanguínea. Como disse antes, uma confusão. Quanto a mim meu tio Juan poderia ficar sossegado, porque Vitória é como uma irmã e sentir tesão nela é algo impossível, seria o mesmo que incesto.

Termino de me vestir, pego a carteira, celular e chaves. Confiro minha mochila vendo se está tudo ali dentro e saio do quarto sentindo o cheirinho delicioso de café da Dona Rosa. Desde que, dona Arminda faleceu quando tínhamos quinze anos, dona Rosa esposa de seu Astor, zelador aqui do prédio está conosco. Foi uma das tantas exigências de dona Maria Clara, com certeza nenhum de nós foi contra já que a comida de dona Rosa é divina.

— Bom dia, família. — Beijo a testa de Vitória que sorri.

Quando vou chegar perto da minha irmã...

— Mais um passo e furo sua barriga com esse garfo!

— Eu não sei por que dizem que eu sou o parecido com a mamãe, sério. — Deixo a mochila no sofá. — Você quando está em modo raivosa é foda de aturar.

— Parem vocês dois — dona Rosa intervém. — Vitória é um anjo por aturar essa pegação de pé.

— É uma coisa de gêmeos, tia. — Vic dá de ombros. — Eles têm seus dias avessos, mas se amam.

— Que linda prima. — A gêmea do mal dá um sorriso irônico para a prima do bem. — Irmão. — Ela me olha com aquele olhar de quem precisa ser exorcizada. — O que aconteceu com sua incrível inteligência, Doutor? Já que botou suas vestimentas cirúrgicas cheias de sangue na máquina de lavar onde estava o meu vestido Dior branco. BRANCO — ela grita.

Engulo o café fumegante o mais rápido que posso sentindo a garganta queimar.

— Dona Rosa não vou poder ficar para o café — pisco para a senhorinha —, tenho que repassar um procedimento que vou fazer hoje.

— Henrique é sério — minha irmã diz de forma ameaçadora. — Você é um filho da puta!

— Olha os modos, caralho.

— Eles se parecem muito com a tia Clara, não? — Vic pergunta a

dona Rosa que sorri concordando.

— Eu sou bem calma em um geral — Bella começa.

— Mas a calma geralmente não dura muito, né? — provoco, ela tira o sapato pontudo e joga em mim. — Tchau meninas. — Abro a porta. — Tchau gêmea do mal.

Ela grita algo e eu saio rindo.



— Bom dia, Doutor D' Laurentes. — Aceno em cumprimento a nova recepcionista que passa por mim.

Quando entro em minha sala minha assistente entra logo atrás.

— Cara qual o problema da nova recepcionista? Só falta babar no seu saco.

— É meu charme irresistível. — Largo a mochila na bancada e visto meu jaleco. — Você não entende por que gostamos da mesma fruta, Sam.

— Você se acha demais, Henrique.

— Pensa comigo. — Pego os prontuários já arrumados conforme as consultas que terei essa manhã. — Eu sou mais que um corpo gostoso e uma mente brilhante. É totalmente aceitável o tanto que sou desejado e eu não me oponho. Sou como o gênio da lâmpada, posso conceder qualquer desejo.

— Céus, você é ridículo. — Balança a cabeça em negação. — Por que trabalhamos juntos mesmo?

— Tirando o fato de você ter uma queda absurda pela minha gêmea. — Ela sorri. — Trabalhamos juntos porque nos conhecemos desde o colegial. Virei um médico cirurgião sensacional e você como uma boa enfermeira que

é, quis estar comigo nos melhores casos e, além disso, ser minha secretária.

— Assistente — corrige. — Você é patético. — Faz seu típico olhar de nojo. — Você tem três retornos, depois precisa ir ver a paciente Dandara Souza que fará a Lobectomia Pulmonar^[1], hoje.

— E a menina da pediatria?

— Doutora Débora desmarcou.

— Como assim desmarcou? — pergunto perplexo.

— Ela disse que quer confirmar com uma nova endoscopia^[2] a situação.

— Quê? — Passo a mão no cabelo em um gesto nervoso. — Ela é uma filha da puta do caralho! Como me desautoriza dessa forma?

— Ela argumentou que você não é Cirurgião Pediátrico.

— Eu já fiz esse tipo de procedimento, Samanta — rebato. — Qual é a dessa mulher?

Jogo a porcaria da mochila embaixo da minha mesa e respiro fundo três vezes.

— Henrique, só fica calmo.

— É a terceira vez que ela duvida da minha capacidade, eu estou bem puto.

— Você tem três retornos cirúrgicos, lide com isso depois. — Abre a porta e sorri de forma profissional chamando a paciente.

— Bom dia. — Me levanto indo cumprimentar a senhora com seu filho.



Após concluir as três consultas, saio da minha sala, decidido a encontrar a pediatra entojada. O que tem de gostosa, tem de ignorante. O fato de a querer gemendo meu nome não dá o direito de diminuir meu trabalho, uma bunda gostosa eu encontro em qualquer lugar.

— Bom dia. — A secretária da clínica me olha com uma cara de poucos amigos.

— Posso ajudar, Dr. D' Laurentes?

— Preciso ver a Dr. Débora.

— A Dra. Forcatto está na emergência.

— Você também tem algo contra mim? — pergunto a senhora mal-humorada.

— Não senhor. — Apenas respiro fundo e sigo novamente em busca da entojada.

No caminho cumprimento alguns amigos, outros apenas por política de boa convivência e até uns pacientes.

— Manhã agitada? — pergunto a Fran, enfermeira chefe do turno.

— Doutor Henrique — ela sorri —, nem tanto, porém, para mim que estou quase ganhando o bebê até caminhar meio metro cansa.

— Já está perto de pegar a licença?

— Sim, sexta-feira.

— Que bom, Fran — respondo sorrindo. — Sou louco para ser tio, mas a gêmea do mal é osso duro de roer. Acredito que não se case nunca,

não. — Ela gargalha alto.

— Não fala isso da sua irmã — diz ainda rindo.

— Não foi você que foi ameaçado com um garfo hoje de manhã.

— Algum motivo plausível ela teve. — A pediatra entojada surge de *Chernobyl*^[3].

— Fran, pode por favor dar uma atenção a esse paciente. — Entrega um prontuário para a enfermeira.

— Claro — a enfermeira responde simpática. — Com licença Doutor.

Sorrio em resposta para Fran e encaro Débora que simplesmente me dá as costas. Quem essa mulher pensa que é? Bom, tem uma bunda realmente agradável, mas isso não justifica esse ódio todo de mim.

— Doutora, você tem um minuto?

— Não — ela responde de imediato.

— Débora. — E então tenho sua atenção.

Quer deixar um médico puto? O chame pelo nome em seu local de trabalho. É a mesma coisa que dizer "foda-se os dias e noites que passou estudando, sua residência e, suas noites de sono perdidas." Não usar o Doutor(a) é uma afronta. Sorrio forçado para ela e entro em sua sala sem ser convidado. Ela me olha do corredor parecendo querer rosnar a qualquer momento, logo entra batendo a porta sem nenhuma sutileza.

Passa por mim, invadindo meu espaço pessoal com seu cheiro de frutas fazendo com que me pergunte se seu gosto também é doce. Cacete, Henrique! Balanço a cabeça afastando pensamentos sexuais. Aproximo-me novamente da porta e giro a chave. Isso aqui é briga de *peixe grande*, não quero ninguém atrapalhando. Me viro disposto a me impor e resolver essa situação de uma vez, todos os pontos que precisam ser vistos por aqui, por...

Ela senta de pernas cruzadas na sua cadeira com um salto alto fino e um vestido mediano que mostra apenas parte das suas pernas. Por fim, para fechar com chave de ouro um jaleco branco e um estetoscópio com pandas

deixando-a sexy pra caralho.

— Já terminou a inspeção pelo meu corpo, Doutor? — pergunta.

Afrontosa, ela.

— É uma bela visão, Doutora. — Cruzo os braços e seu olhar para os meus bíceps não passam despercebidos.

— É, se contente apenas em olhar — ela fala e ri debochando da minha cara.

— Qual seu problema comigo? — indago direto ignorando sua ironia.

Por enquanto.

— Você nunca recebeu um não na vida?

— Doutora você duvidou da minha capacidade como cirurgião pela terceira vez. — Ela empina o nariz me encarando. — Cometi algum erro que desconheço com algum paciente seu?

— Você não é cirurgião pediátrico — rebate.

— Eu acreditaria nisso se nas duas vezes anteriores meus substitutos fossem especialistas em pediatria, mas não foram, doutora. — Sua expressão vacila, mas ela logo recupera a pose. — Qual é problema?

— Não funcionamos bem trabalhando juntos.

— O quê? — Rio em descaso.

— Você é prepotente e arrogante — fala sem desviar os olhos dos meus. — Me desautorizou quando operou uma paciente minha no pós-operatório.

— Bom se vou abrir uma pessoa é lógico que serei eu quem vai determinar como vai ser o pré e o pós da cirurgia, não acha?

— Eu suponho que a parceria entre os médicos faz toda a diferença no processo de suporte ao paciente, por isso prefiro não trabalhar com você.

— Doutora — respiro fundo buscando calma —, eu sou um cirurgião competente e nunca neguei nenhum tipo de assistência ou informação adversa, você está equivocada. — Passo a mão no cabelo em um gesto nervoso. — Quero que saiba que vou passar ao chefe essa situação, meu tempo é valioso e pode custar uma vida. Não cabe a você desmarcar uma cirurgia minha.

— Claro que vai passar ao chefe. — Arqueia a sobrancelha. — Lógico que vai ser ouvido, Doutor D'Laurentes.

E quando ela falou meu nome de forma irônica eu soube. O problema vai além de um desentendimento, ela faz parte daquela porcentagem ridícula que pensa que estou aqui apenas pelo sobrenome.

— Você acredita que eu tenho privilégios? — respondo. Não é uma pergunta e, ela sabe disso já que continua quieta. — Não vou me justificar e nem tentar provar nada a você Doutora, esse tipo de opinião não me afeta só me causa nojo.

Abro a porta e lembro-me do que disse antes.

— Eu já recebi vários não na minha vida, a maioria no meio profissional. — Me viro e miro seus olhos. — Não admiro você como profissional, pois percebi ser mesquinha e infantil, mas, continua sendo gostosa. Então provavelmente não vou parar de tentar transar com você, tenho um ponto a mostrar aqui e, vou fazê-lo. Cedo ou tarde. — Pisco e saio da sua sala ainda mais puto do que quando entrei.

Capítulo 02



— Bom dia, vó. — Abraço minha velhinha por trás sentindo seu cheirinho de lavanda.

— Bom dia, querida! — Posso senti-la sorrir.

— *Bolinho de chuva* de novo? — pergunto já botando um na boca.

— Senta para tomar café, Débora. — Me olha com cara feia.

— Sou residente — falo em meio a uma mordida. — Residentes comem de pé, dormem sentados, faz parte.

— Sabe o que eu acho engraçado? — ela questiona e eu já sei que vai dar ruim. — Para comer e dormir não dá tempo, mas para sair para a *gandaia* sempre tem um tempinho né?

Seguro o riso.

— Prioridades. — Tomo um gole de café. — Não posso perder o melhor da vida.

— Você já está no segundo ano da residência, menina. — Ela volta a falar e eu já sei onde essa conversa vai acabar. — Precisa arrumar um homem bom, não vou durar para sempre.

— Vó — chamo. — Por favor. Esse assunto logo cedo é puxado... — Pego dois bolinhos na mão e ajesto a bolsa no ombro. — A senhora vai durar muito tempo. — Beijo seu rosto. — Preciso ir, hoje é meu plantão então já sabe não me espere para jantar.

— Não sei como não arrumou nenhum médico bonitão por lá — ela fala enquanto saio. — Linda desse jeito — diz inconformada.

— Amo você! — falo antes de fechar a porta.

Chamo o elevador que como sempre demora muito.

— Sabe que apertar várias vezes não vai fazer com que venha mais rápido, né? — Olho para trás e vejo o carinha que Morgana fica às vezes. *Radiologista*, se não me engano.

— Bom dia, doutor — respondo e sorrio sem mostrar os dentes. Minha amiga bufa alto.

— Kauã, Débora — ela retruca. — Não sou obrigada a chamar vocês de doutores em um ambiente que não seja o de trabalho.

— Sério, gatinha? — Ele sorri a encarando. — Por isso nunca me chamou de doutor na cama?

Ela revira os olhos.

— Sei que as novinhas devem achar isso sexy — ela fala entrando no elevador. — Mas para mim um jaleco branco é bem normalzinho.

Agora quem revira os olhos sou, sendo seguida por um Kauã que parece indignado com as sobrancelhas arqueadas.

— Eu amo o título de Doutor — fala com o nariz empinado. —
Estudei muito para isso.

Ela ri e me olha.

— O quê? — pergunto. — Estou com ele nessa, foi mal.

— Vocês se acham demais.

— Todo enfermeiro diz isso — ele rebate sem saber que acabou de
assinar o próprio atestado de óbito.

— Nem vem menosprezar o meu diploma, querido — ela fala
estreitando os olhos. — Se falar algo do tipo de novo ainda que seja muito
bom de cama, você vai perder a foda.

Ele só sorri.

Sabe o tipo de cara convencido que se acha o dono do mundo?

Kauã é um desses.

Some nessa conta: beleza, safadeza, e papo. Muito papo. Esse é
Henrique.

Quero distância desses caras.

— Você não quer me perder. — Ele pisca para Morgana, e se vira
para mim. — Deu um fora no Henrique — comenta. — O garoto é do bem.

— É mesmo? — pergunto e ele concorda sem titubear. — Devia ficar
com ele, ficam bem juntos.

Ele me olha estranho e eu seguro o riso. O elevador abre e eu saio
ouvindo murmurar para minha amiga.

“Garota louca, mano”

Abro o carro, jogo minha bolsa no banco do passageiro e ponho meus

óculos de sol antes de ligar o carro. Sempre adorei dirigir. Na verdade, tudo que simboliza liberdade me fascina. Quando tinha 15 anos perdi minha mãe para o câncer de mama. Foram 3 anos de sofrimento. Eu não tinha idade para ficar no hospital, mas minha vó implorou para que tivessem piedade e me deixassem passar um tempo com minha mãe. Lógico que não funcionou.

Vó Maria precisava trabalhar já que o auxílio-doença que ela passou a receber mal cobria os gastos dos remédios que a filha precisa tomar. Então ela pegava o máximo de cortes para costura que conseguia e seguia trabalhando noites a fio. Nunca passamos fome, pelo menos arroz e ovo tínhamos em casa e éramos gratos por isso. Quando dona Clara, minha mãe, começou a piorar eu dava meu jeito de burlar as visitas e passar mais tempo com ela. Depois de incontáveis vezes a chefe de enfermagem cansou de me pedir educadamente que me retirasse e chamou o conselho tutelar.

Quando a assistente social chegou me achou magrinha demais e pediu uma avaliação médica, foi quando um anjo caiu do céu. Dona Júlia, uma das acionistas do hospital, viu que eu não apresentava nenhum sinal de maus tratos. Foi até a casa da minha avó, viu o que estávamos passando e então passou a ser nosso anjo.

Todo o mês ganhava uma cesta básica, além de duas caixas de leite e um vale alimentação. No início minha avó se recusou, mas Dona Júlia conseguiu convencê-la de que era para o nosso bem, para o meu bem. Os turnos de trabalho continuaram pesados, mas a falta de comida na mesa já não era um problema. Nesse meio tempo em que via minha mãe melhorar e piorar, em uma constante me apaixonei pela medicina.

Ficava deslumbrada com os médicos fazendo exames, explicando resultados. Mas foi quando dona Júlia me levou para conhecer o berçário que meus olhos brilharam e eu senti no fundo da alma que queria seguir essa

profissão. Desde então a ala pediátrica passou a ser um refúgio. Vi muitas crianças sofrendo, outras morrendo... Mas as que melhoravam, que se curavam me faziam, na verdade, fazer com que eu suspire e veja por que lá atrás eu escolhi ser médica.

Tentar fazer a diferença na vida de alguém não tem preço.

Quando a dona Clara faleceu nós sofremos. Fiquei com o coração partido por perder minha mãe e, minha avó afirmou perder metade de si junto à filha. Estávamos quebradas ainda que no fundo tivéssemos consciência de que ela merecia descansar. Pensamos estar preparadas, mas não estávamos. Nunca estaríamos. O funeral foi simples, mesmo assim, tínhamos mais essa dívida, então minha avó pegou ainda mais trabalho e contra sua vontade eu ajudava como podia. Foram trinta dias fazendo das tripas, coração, para conseguir pagar pelo funeral. Tamanha foi nossa surpresa quando minha avó foi levar uma parcela da quantia e descobriu que a dívida estava paga. Liguei para dona Júlia e ela negou ser ela a pagante, mas, nós sabíamos que foi, não poderia ser outra pessoa.

As cestas básicas, o leite e o vale alimentação continuaram chegando. Quando estava prestes a terminar o segundo ano do ensino médio recebemos novamente a visita de dona Júlia. Lembro de ela chegando com seu carrão e suas roupas impecáveis, mas bastava ela sorrir para seu externo ser apenas parte do pacote. O coração dela, a simplicidade... Isso sim sempre foi o seu diferencial. Nessa tarde durante o café ela me perguntou se eu ainda queria ser médica e confirmei sem dúvida alguma. Então ela contou que havia conseguido uma bolsa de estudos no DEON, um dos cursinhos mais indicados de pré-vestibular para medicina.

Eu aceitei.

Estudava de manhã no colégio e a noite no cursinho. Durante esse um

ano eu não saí para nada, me dediquei única e exclusivamente a aprender. Eu defini um objetivo e eu o alcancei. No inverno seguinte a minha formatura do terceiro ano eu passei em medicina. Eu e minha vó choramos tanto que se alguém visse de fora imaginaria uma tragédia. Era um recomeço. Não foi fácil, ainda não é. Mas eu não mudaria nada. Durante a faculdade eu peguei um estágio de quatro horas no hospital, não ganhava muito, mas pagava minhas passagens e ajudava na compra dos livros.

Os livros.

Vez ou outra dona Júlia aparecia com livros, dizendo que em algum momento eu precisaria deles. Eu tive muita sorte. Boa parte dos meus colegas eram ricos, mesmo assim, não senti que meu aprendizado foi defasado por meu status social. Nunca escondi do restante da sala que era pobre, pelo contrário sempre tive orgulho de onde vim. Fiz grandes amigos na universidade, no entanto, também conheci pessoas que me causam ânsia só de lembrar. Nem tudo é um mar de rosas, nem todas as pessoas são boas... Algumas são ruins, bem ruins.

— Não vá por esse caminho, Débora — digo alto para mim mesma como sempre faço quando começo a me lembrar dos meus fantasmas.

Dou seta entrando no estacionamento. Encosto o carro, passo o batom e coloco os sapatos. Desde que descobri que dirigir de pé no chão é vida, não consigo fazer de outra forma, o que não é muito bom. Morgana diz que isso já se tornou um tique nervoso meu, já que até quando estou de meias, preciso tirá-las. Pego minha bolsa e desço do carro, confiro as horas no relógio ainda tenho vinte minutos, respiro fundo aliviada. Odeio chegar atrasada.

— Bom dia, doutora.

— Bom dia, seu Anísio.

— Está bonitona hoje! — o senhorzinho elogia.

— Obrigada. — Sorrio. — Vou participar da palestra de uma amiga sobre Obesidade infantil.

— Minha netinha precisa ver algo assim — ele comenta. — Adora se entupir de doces.

— Entendo. Mas é importante mostrar desde cedo para onde esse tipo de hábito alimentar pode levar.

— Verdade, minha velha faz de tudo pela menina... Difícil dizer não para ela.

Sorrio educada estendendo a mão, ele percebe e me passa o cupom do estacionamento, agradeço e caminho até a entrada do hospital. Seu Anísio é um amor, mas o homem fala. Fala muito. Quando vejo ele na portaria já começo a pensar em desculpas coerentes para conseguir me livrar de uma vez da conversa.

Cumprimento Cristina, a secretária clínica. Aqui no hospital temos uma alas de consultas com vários especialistas, ela cuida dos agendamentos de quem não tem assistentes. Na verdade, só os cirurgiões costumam ter já que precisam de um suporte maior para poder dar conta de tudo.

— Bom dia, dona... — Ela levanta os olhos do computador e me olha sério. — Cristina. Bom dia.

— Dona está no céu, doutora. — Ela esboça um sorrisinho de lado. — Não tem nenhum paciente agora pelo que me lembro, mas posso checar.

— Não precisa — respondo. — Não tenho mesmo. Vou cobrir a Dra. Laura até meio-dia na emergência. Depois vou com uma amiga em uma palestra e volto para o hospital.

— Qualquer coisa que precisar me ligue — ela diz já digitando sem parar. Não sei como, mas ela realmente dá conta de tudo.

Me encaminho às portas que levam para a ala da emergência.

— Doutora Débora, bom dia.

— Bom dia, Samanta — cumprimento a assistente do cirurgião abusado.

— O Dr. Henrique vai passar para ver a menina Manuela — ela fala.
— Pretende operar ainda hoje. Você pode participar da consulta? Se vocês dois estiverem juntos os pais vão se sentir mais confiantes...

— Pode desmarcar a visita do Dr. D’Laurentes, Samanta. Vou averiguar novamente o caso dela e volto a falar com você.

— Doutora ele fez a endoscopia nela, quarta, só não operou ontem porque chegou um caso sério de trauma e ele precisou fazer uma cirurgia de emergência.

— Ele não é cirurgião pediátrico. Obrigada pela atenção. Entro em contato.

Ela fica me olhando de uma forma estranha, enquanto começo a pensar em minhas possibilidades. Poderia tentar algum cirurgião pediátrico, com sorte conseguiria algum disponível pelo plano de saúde de Isabella. Tento ignorar o fato de que das duas últimas vezes eu não consegui e acabei tendo que me contentar com cirurgias gerais.



— Ele entrou na minha sala se sentindo o dono do mundo! — falo baixinho para Giovana.

— Débora, você está de pegação de pé com esse médico há algum tempo — Ela responde.

— Giovana, ele que age como se ele fosse um Deus. Não tenho paciência para isso.

— Não. Você não gosta dele porque ele é neto do acionista majoritário e acha que por isso ele tem privilégios.

— E você o defende porque ele é educado, o que mínimo que se deve esperar de uma pessoa.

— Não, novamente. Eu o defendo porque estou nesse hospital há treze anos e vi tudo que ele passou na residência. Ele merece respeito, querida. — Põe a mão sobre a minha. — Ele está onde está por mérito.

— Aham — concordo para cortar o assunto.

— O mais triste de toda essa situação é que se você não conseguir um cirurgião pediátrico, a menina vai ser operada por outro cirurgião geral, sendo que poderia ser pelo melhor.

— Ele não é melhor.

Ela sorri e nega com a cabeça.

— Existe um motivo para ele estar na linha de frente de um hospital de referência estadual em trauma.

— Claro. — Sorrio amarelo.

— Vamos começar.

Ela vai para o centro do palco do auditório em que estamos prestes a

palestrar. Enquanto começa uma introdução básica sobre nutrição eu penso sobre tudo o que disse.

Capítulo 03



— Família, cheguei! — grito quando abro a porta.

Vic me olha e sorri.

— Oi, Rick. — Ela olha atrás de mim. — Oi, Kauã.

— Oi, meu anjo.

— Que mané anjo, cara. — Dou um tapa em sua nuca. — Abre os olhos Kauã, Vitória é território proibido.

Ela sorri tímida e volta a olhar para a televisão.

— Chame a Vic de anjo perto do tio Juan e você perde o pau, parceiro — a gêmea do mal fala entrando na sala.

— Oi linda — falo para ela que estreita os olhos. — Se existe no mundo irmã mais linda que a minha desconheço.

— Irmã não sei — Kauã se mete. — Mas prima mais linda que a sua desconheço.

Viro para ele que já se jogou ao lado de Vitória. Preciso ter uma conversa séria com esse filho da puta.

— O que você está querendo, Henrique?

— Não posso dizer que você é linda? — Finjo estar ofendido.

— Até acreditaria se fôssemos gêmeos idênticos e você estivesse insinuando eu ser linda por ser igual a você, mas não é o caso.

— Tudo bem. Sabe que o pessoal chega em uma hora, né? — Desconverso.

— Sei. Não muda de assunto, moleque.

— Sou mais velho que você me respeita, Isabella.

— Ah vai começar com esse caralho.

— Dizem que você era um bebê calmo, por que mudou?

— Talvez tenha cansado de apanhar de você.

— Podem parar, por favor? — Vic fala do sofá. — Daqui a pouco o pessoal chega e vocês vão estar de climão.

— Eu aturo ele desde a barriga, me dá um desconto.

— Isso é legal — Kauã fala rindo e pisca para a minha prima.

— Você acabou de piscar para ela?

— Cuida da sua vida, Henrique! — minha gêmea retruca.

— Prometi que cuidaria dela...

— Primo. — Vic levanta e segura meu braço. — Vai tomar banho e se arrumar.

— Tudo bem — respondo, porque ninguém é capaz de dizer não para Vitória.

Entro corredor adentro.

— Posso tomar banho no seu quarto? — Escuto Kauã perguntar a ela.

— Não pode! — grito do corredor.

Isabella bota a mão tentando tampar minha boca que eu mordo, a fazendo gritar e me empurrar. Corro para o quarto tentando fechar a porta antes que entre atrás de mim, mas, me atrapalho com a mochila e ela acaba conseguindo entrar.

— Sai, Isabella. — Jogo minha bolsa em cima da cama e vou para o até o roupeiro com ela em meu encalço.

— Diz para mim o que você está escondendo.

— Eu tive um dia do caralho ontem — falo lembrando da discussão com Débora e a conversa que tive com o chefe. — E hoje fiquei 5 horas em pé fazendo movimentos milimetricamente calculados para não perfurar um pâncreas então, me erra.

— Henrique — ela fala calma. — Te conheço como a mim mesma. — Arqueia a sobancelha. — Me fala o que ainda não me contou.

Pego meu celular e disco o número do nosso pai, quando a ligação está quase caindo ele atende.

— Henrique, que surpresa boa, filho. — Ele aparece sorrindo pela tela do celular.

— Oi pai, surpresa por quê? — Com os dramas da nossa mãe dizendo que nunca ligamos já estou acostumado, mas, nosso pai não é assim.

— Ligando em um sábado à noite.

— O crime começará daqui a pouco, coroa. — Pisco para ele que gargalha.

— Pai. — A intrometida só falta “entrar” no celular. — Ele começou a me contar alguma coisa, mas não terminou e ligou para você.

— Ah! — ele responde e eu arqueio as sobancelhas deixando claro

que não serei eu a contar. — É... — ele gagueja e respira fundo. — Só um pouco querida. — Maria Clara! — ele grita chamando minha mãe.

Gargalho alto. Sempre foi assim, quando é para brigar ou contar algo difícil nosso pai passa a bola para nossa mãe.

— O que foi Guizão? — nossa mãe fala de longe e eu e Bella nos olhamos com cara de nojo.

Guizão é um apelido íntimo deles, pois é... Nojento demais.

— As crianças estão aqui em chamada de vídeo linda — Ele fala em tom de aviso.

— Eles sabem que os pais transam, Guilherme. — Bufo alto.

Ela senta no colo do nosso pai, e então os dois aparecem na tela.

— Meu bebês. — Ela nos olha com seus grandes olhos azuis apaixonados, mas logo desvia para seu Guilherme. — Ligando no sábado à noite? Aí tem. — Volto a olhar para o celular. — Quem você engravidou, Henrique?

— Credo, mãe! — Procuro uma madeira e então bato três vezes. — Não fala isso nem brincando.

— Ele me ligou para contar aquela coisa, para Belinha.

— Ah, claro. — Ela ri. — Mas vocês dois, hein? Dois cagão, tal pai, tal filho mesmo.

— Você não sabe o que é ter que viver com a gêmea do mal diariamente — retruco.

— Conheço minhas crias, meu filho. — Ela sorri. — Isabella é um doce e você? Um santo.

Nosso pai ri enquanto eu e minha irmã fingimos não entender o que ela disse.

— Filha. — Quando a mãe começa a falar me afasto um pouco para não ser o alvo da fúria de Bella. — O Pedrinho passará uns três meses aí em Balneário e como nossa casa é grande e ele ficaria sozinho disse que poderia ficar aí com vocês.

Minha irmã fica sem saber o que falar o que é muito difícil acontecer.

— Inclusive já era para ele ter chegado — dona Maria Clara finaliza.

— Como pode fazer isso comigo, mãe? — Isabella pergunta.

Nosso pai abaixa a cabeça, mas os olhos azuis de nossa mãe não saem da minha irmã.

— Eu amo você, ervilhinha — ela diz quando minha irmã se afasta.

Desligo a ligação sem nem me despedir e seguro Bella puxando ela para um abraço que envolve minha cintura e chora no meu peito.

— Eu não sei o que rolou, porque você nunca quis me contar... se você não estiver confortável arrumo um apartamento para ele semana que vem.

— Eles têm dinheiro, Henrique — ela fala com a voz abafada pelo choro. — Por que ele tem que ficar aqui?

— Mana. — Afasto de mim e seguro seu rosto. — Estou com você na decisão que tomar. Não me custa nada chutar o Pedro daqui, é só você pedir.

Ela limpa o rosto, respira fundo e empina o nariz.

— Aquele filho da puta está fodido na minha mão.

— Isso aí, garota — falo já pensando que vai dar merda.

Pedro é filho do tio Rubens com a tia Antonella. Na verdade, não são nossos tios, mas os chamamos assim desde pequenos. A questão é, que ele foi o primeiro amor da Isabella, o primeiro namorado. Eles se amavam tanto que chegava a ser ridículo para dois jovens tanta demonstração de afeto, mas então de repente terminaram, ela nunca quis tocar no assunto e desde então é um cabo de guerra cada vez que se encontram.

— Ele chega hoje? — pergunta.

— Na verdade, já era para ter chegado, fará uma especialização — falo tentando amenizar a situação.

— Especialização? Ele é advogado — ela rebate.

— Pois é Bella, eu sou médico e não entendo nada de direito. Então não sei qual é a dessa especialização.

— Vai tomar banho. — Ela beija meu rosto. Sim, nós temos os nossos momentos de cumplicidade. — Voltarei para a sala.

Começa a sair do quarto e eu tiro a camisa.

— Ah, Henrique. — Viro olhando para ela na porta. — Deixa de ser empata foda, Vitória está caidinha pelo Kauã.

— Que papo é esse? — Ela nem termina de me responder e bate à porta.



— Não me trata como se eu fosse criança, cara — Kauã me diz sério.

— Ela é mulher para namorar — volto a falar. — Na boa tu é meu amigo, mas, não é homem para ela.

— Mano. — Ele coloca a mão no meu ombro. — Você não tem o direito de me dizer com quem devo ou não ficar. — Dá dois tapinhas no meu ombro e se afasta.

— Gostei dele — Pedro fala.

— E você não tem o direito de opinar em nada. Fica longe da Isabella, beleza?

— Não conte com isso, cunhado.

— Não somos cunhados há uns anos.

— Claro. — Ele sorri irônico.

— Olha... — Passo a mão no cabelo. — Vocês que resolvam as próprias merdas entre si.

— Henrique — Jorginho me chama. — Quem é que toca? — Levanta o violão.

— Ele. — Faço um gesto de cabeça para o Pedrinho.

— Ele é bem mais ou menos, gato — minha irmã retruca. — Continua cantando você mesmo. — Beija o pescoço do meu amigo. Nunca foi fácil controlar a Isabella, ela fica com quem quer e se eu implicar é pior ainda.

Pedro levanta e vai até eles.

— *Claudinho?* — Ele estende a mão o cumprimentando.

— É Jorginho — ele responde.

— Ah, *Juninho*. — Ele erra de novo de propósito e eu seguro o riso.
— Não vai me apresentar, *bombom*? — pergunta para minha irmã.

É... só falta a pipoca.

— Ele é um primo distante — ela diz para Jorginho e senta em seu colo.

— Pedro — ele mesmo se apresenta. — Ex-noivo da Bella. Quantos anos juntos mesmo? — indaga se fazendo de louco e ela fica toda sem jeito.
— Ah, claro. Que cabeça a minha. Foram sete anos juntos.

— O número do azar.

— Os azarões sempre ganham no fim — ele responde passando os dedos nas cordas do violão.

— Acho melhor tirar eles de perto um do outro — Vitória fala parando ao meu lado.

— Que nada — respondo e ela me olha torto.

— Ele não vai parar — ela rebate.

— Foi para isso que ele veio. — Olho para a minha irmã que disfarçadamente encara ele enquanto afina o violão. — Eles ainda se gostam.

— Vic? — Pedro chama e então vê ela ao meu lado. — Diz uma banda aí.

— Jota Quest.

Ele para e fica pensando, mas logo sorri e começa a cantar. Ele começa a cantar e minha irmã fica branca, o coitado do Jorginho quer abrir um buraco para enfiar a cara e Vitória está a ponto de desmaiar ao meu lado. Perto do refrão ele encara a Isabella.

*Viva todo o seu mundo, sinta toda liberdade
E quando a hora chegar, volta
Que o nosso amor está acima das coisas desse mundo
Desse mundo
Vai dizer que o tempo
Não parou naquele momento?
Eu espero por você o tempo que for
Pra ficarmos juntos mais uma vez*

Esse tem culhões! Merece minha irmã. O clima pesa assim que a música acaba porque Pedrinho fica encarando a Isabella na cara de pau.

— Faz algo, Henrique.

— Não vou me meter, Vitória. E tem outra, quer ficar com o Kauã? Fica. Mas ele é mais mulherengo que eu. Avisada foi. — Ela suspira alto, mas não diz nada.

— Toca sertanejo universitário? — outro parceiro nosso pergunta ao Pedro, quebrando o gelo.

— Toco — ele responde. — Mas, deixarei por conta do *Sandrinho* a partir de agora — diz e dá o violão para Jorginho de novo e volta para perto de nós com um sorriso no rosto.

— Pedro, isso não foi legal — Vitória reclama.

— Qual é prima? — Ele a abraça de lado. — Foi bem legal, diz a

verdade.

Ela segura o riso, mas acaba rindo.

— Eu gostei — admito. — Mandou bem.

— Você veio fazer mesmo uma especialização? — Vic pergunta.

— Claro que não — ele fala rindo. — Eu vim para ficar, mas, ela não precisa saber disso ainda.

Gargalho alto.

— É, isso será divertido.

A noite continuou animada. Acabo me dando conta que até eu senti falta do Pedro. Lembramos das nossas férias na fazenda e em como eu e Vitória vivíamos acobertando as fugas de Isabella e do meu ex-futuro-cunhado. Lógico que minha irmã fez de tudo para fingir que não lembrava ou se importava com tudo que viveram, o que deixou Pedro zero abalado. Ele parece disposto a ter ela de volta e se for para serem felizes tem meu apoio. Eu pensei que o restante da noite seria tranquila, regada de bebida e conversas jogadas fora, até o telefone de casa tocar.

Capítulo 04



— Doutora — a enfermeira chefe me chama. — Sam conseguiu entrar em contato com ele, disse que em meia hora ele chega.

— Obrigada.

Caminho até o banheiro, quando entro na cabine puxo respirações profundas, buscando calma. Como fui tão irresponsável? Manuela teve uma piora significativa em seu estado clínico adquirindo uma inflamação rara no esôfago. Isso não estaria acontecendo se tivesse sido operada ontem como era previsto. Não foi operada por minha culpa. Eu decidi que a menina tinha condições de esperar até eu conseguir uma segunda opinião e dessa vez de um cirurgião pediátrico. Foi uma decisão minha. Nunca imaginei que isso aconteceria, fui relapsa e não levei em conta que uma situação adversa poderia acontecer.

Saio da cabine e lavo meu rosto com a água fria da torneira do banheiro. Me olho no espelho e volto a respirar fundo. Ok. Aconteceu. O cirurgião já está vindo e tudo será resolvido. Dizem que ele é muito competente, não? Bom vai precisar ser para reverter um erro que nem foi dele. Lembro de quando me confrontou em minha sala sobre essa cirurgia e eu fiquei agindo como se sua presença fosse insignificante. Meu *pager*^[4]

vibra e leio a mensagem que me chama ao posto de enfermagem da internação de pediatria. Saio do banheiro voltando ao corredor, e já posso avistar ele de roupas casuais lendo um prontuário.

— Dr. D’Laurentes — cumprimento. — Obrigada por ter atendido ao meu chamado.

— *Esofagite infecciosa?* — ele pergunta ignorando as saudações.

— Sim. É uma...

— Uma inflamação rara no esôfago que surge em pessoas com baixa imunidade. No caso da paciente podemos levar em conta ser uma complicação por um caso de *Refluxo Gastroesofágico*^[5] — ele responde e então levanta os olhos para os meus. — Eu sei o significado de Esofagite e a possível causa de sua piora, estava sendo irônico já que essa menina é um caso cirúrgico que já deveria ter sido corrigido.

Respiro fundo e não falo nada.

— Podemos trabalhar como uma equipe e ir juntos conversar com os pais, Doutora Débora?

— Claro.

— Você continua sendo a pediatra clínica dela, mas eu sou o cirurgião. Pré e pós-operatórios são comigo. Explicações ligadas ao procedimento cirúrgico também. Tem alguma dúvida ou questionamento que queira fazer antes de conversarmos com a família?

— Não, Doutor — respondo contendo a vontade de mandar ele ir à merda.

— Ótimo. — Ele começa a caminhar em direção ao quarto.

— Na verdade, tem algo que gostaria de falar. — Ele se vira e me

olha. — Quero participar da cirurgia, estar presente caso precise...

— Você é cirurgiã? — ele pergunta.

— Não...

— Então não quero você dentro da minha sala de cirurgia.

— O quê? Eu sou a médica dela.

— Prefere achar outro cirurgião?

— Você sabe que não vou conseguir.

— Então como diz minha tia — ele sorri irônico —, aceita que dói menos. — E entra no quarto.

Ele realmente acabou de tirar uma com a minha cara com um ditado popular?

Entro no quarto e o vejo cumprimentando os pais da paciente.

— Boa noite, sou Doutor Henrique, o cirurgião que vai operar essa menina linda, aqui. — Ele sorri para os pais.

— Vai ser uma cirurgia aberta ou por vídeo? — a mãe pergunta.

— Vou usar uma técnica chamada laparoscopia. Ela dura em média de trinta a quarenta minutos, mas existe a possibilidade de precisarmos de mais tempo. Serão feitas cinco pequenas incisões no abdômen nas quais são introduzidas pinças especiais e uma pequena câmera de vídeo.

— Existe a possibilidade de haver complicações?

— Sim, como em toda cirurgia. Apesar de ser um procedimento seguro existe essa possibilidade. Porém, volto a ressaltar, é um procedimento seguro.

— Meu Deus... — a mãe fala. — E após a cirurgia?

— Ela vai precisar de um mês de repouso de qualquer atividade que exerça de esforço físico e também, vou passar uma dieta especial.

— Doutora Débora. — Ele se vira para mim. — Preciso de um jejum de oito horas, tanto para alimentos sólidos quanto líquidos, incluindo água. — Concordo com um gesto. — Vou pedir mais alguns exames e reservar a sala de cirurgia, qualquer coisa pode me *chamar*.

— Obrigada, doutor — agradeço e ele se retira.

— Ele parece confiante — o pai fala quando Henrique sai.

— Ele é o melhor. — Sorrio. — Assim que ele lançar o pedido dos exames a enfermeira virá fazer a coleta. Como vocês ouvirem, jejum absoluto a partir de agora.

— Obrigada, doutora.

— Volto em algumas horas. — Sorrio novamente e saí do quarto indo até o posto de enfermagem. Henrique está sentado em frente ao computador com certeza solicitando os exames. — Doutor a cirurgia ficará para que horário?

Ele olha o relógio e então mira meu rosto.

— São 23h42 então o procedimento será em exatas oito horas depois, ou seja, 7h42 da manhã.

— Ok — respondo controlando a vontade de mandar ele ir à merda, novamente.

Quando percebe que não saio ele volta a me olhar.

— Posso ajudar em mais alguma coisa, doutora?

— Quero usar o computador.

— Quer pedir exames para a Manuela, também. — Ele não pergunta, afirma.

— Sim. — Ele ri irônico.

— Então por favor, entre aqui e solicite pela minha guia para que sejam feitos juntos — e então finaliza: — não vou morder você, *a não ser que peça*.

Só o encaro e nem respondo a piadinha idiota. Quando entro no balcão de enfermagem posso ver as enfermeiras cochichando algo que não consigo identificar o que é.

— Essa é a listagem dos que estou pedindo. — Ele indica com a seta do mouse.

Leio atentamente a lista, e então leio mais uma vez para conferir e ele pediu todos que iria sugerir.

— Você lê devagar, doutora.

— Na verdade, li duas vezes para garantir.

— Ainda bem que não se especializou em cirurgia — ele volta a ironizar.

— Com certeza. Mas, não porque seria ruim e sim porque teria que aturar você diariamente.

— Não teria. No primeiro procedimento eu te dispensaria. — É tão direto que até perco a fala. — Cirurgiões precisam agir, não temos tempo para pensar. Não podemos *ler duas vezes*, somos treinados para acertar na primeira. Quer acrescentar algum exame?

Só nego com a cabeça. Quando me viro pego as enfermeiras nos olhando, provavelmente estavam me ouvindo ser esculachada pelo *Rei da*

selva. Eu mereço! *Mauricinho idiota!* Saio sem nem dizer nada, elas sabem que qualquer coisa devem me *bipar*.



Mexo no celular deitada em um dos beliches da sala de descanso. Passo as fotos pelo feed de uma rede social e então fico curiosa para ver o perfil de Henrique. Procuro por Henrique D’Laurentes e não acho, então procuro por Dr. Henrique e não demoro a achar seu perfil.

O nome do perfil é *Dr. Henrique D’L*. Passo por todas as fotos e me surpreendo. Esperava fotos de bebedeira, baladas, várias mulheres... mas não é o que vejo. Tem vários *posts* sobre alertas de saúde, outros sobre procedimentos cirúrgicos. Uma foto chama a minha atenção.

Ele está com uma morena de olhos escuros e a legenda da foto é *Gêmea do Mal*. Eles não são parecidos então com certeza não são irmãos, dever ser namorada. Gente mais o homem tem namorada e sai sozinho e chega em outras mulheres? Mas é muito cachorro mesmo! Balanço a cabeça em negação de como pode existir babacas exatamente como assistimos em filmes e lemos em livros. Passo para baixo e vejo uma foto de uma mulher segurando um bebê em posição canguru, a foto parece ter sido tirada em uma UTI Neonatal pois ao lado tem uma incubadora. Ela olha para o bebê sorrindo, seus olhos são tão azuis quanto os de Henrique e estão marejados, leio a legenda.

Essa foto foi tirada na primeira vez em que estive no colo da minha

mãe, quase dois meses depois de eu nascer. Claro que eu não me lembro desse momento, mas, através dessas fotos vejo como fui amado. Todas as vezes que Dona Maria Clara me olha eu vejo esse mesmo olhar, o de uma mãe que ama o filho de forma incondicional. Ela é de longe a mãe mais maluca que eu poderia ter, acho que ninguém na minha família é normal. Ainda assim, se eu tivesse escolha e existissem mil vidas, mil vezes eu escolheria ser seu filho. Feliz dia das mães. Eu amo a senhora.

Limpo as lágrimas, ele nasceu prematuro e ficou um bom tempo na UTI. Fico surpresa com o nome de sua mãe, ser Maria Clara, coincidência enorme já que o nome da minha é Clara. Fico curiosa e volto a olhar procurando por uma foto de seu pai, paro em uma com um homem bonito moreno, mas, então a porta se abre e quem entra por ela é Henrique. Me atrapalho tirando do seu perfil com medo que ele veja ainda que não tenha como, chego a deixar o celular cair em cima de mim.

— Acabei com sua brincadeira, né? — ele fala rindo. — Se precisar de ajuda, sou bom com as mãos. — Pela pouca iluminação não consigo ver seu rosto nitidamente, mas posso imaginar ele piscando.

— Que brincadeira? — pergunto.

— Ah, qual é? — Ele tira a camisa e a deixa pendurada. Olho o formato bem definido das suas costas e quando se vira, vejo rapidamente seu abdômen. Ele senta e tira os tênis ficando só de calça e meias. — Pelo jeito apavorado que mexeu no celular quando me viu, com certeza estava vendo um pornô.

Abro a boca chocada.

— Eu jamais faria isso aqui.

— Então você vê pornô?

— Eu não disse isso! — rebato. — De qualquer forma esse é meu local de trabalho.

— Na verdade, é seu lugar de descanso, e para de bancar a santa. Duvido que nunca transou aqui.

— Mas é claro que não.

Ele deita e se apoia em um braço.

— Não mesmo? — pergunta com humor na voz.

— Não. Não mesmo — respondo.

— Caralho! — Ele volta a rir. — Você é uma das únicas, então.

— Isso é sério? — questiono já ficando com nojo olhando para os lençóis.

Agora ele ri alto.

— Sei o que está pensando. Uma das regras é sempre pôr os lençóis no cesto. — Indica um cesto preto no canto da sala. — Para lavar. É uma regra de boa convivência, entende? Assim ninguém deita na porra de ninguém.

— Isso é nojento.

— Isso é relaxante, *princesa*.

— Deixa de ser pervertido. E se alguém aparece?

— É só trancar a porta, mas às vezes não dá tempo... Gosto de adrenalina.

— Não quero ouvir mais. — Ele ri, mas, não responde. Aproveito o papo descontraído que acabamos de ter para pedir algo. — Vou poder estar na sala de cirurgia?

— Não. — Agora seu tom de voz é sério. — Não funcionamos bem juntos, segundo você mesma. Além disso, minha opinião quanto ao seu profissionalismo ou a falta dele continua a mesma.

Nossa. A conversa foi de descontraída a desconfortável em questão de segundos. Ele se vira de bruços e o silêncio toma conta do ambiente. Entendendo que o assunto foi encerrado, ativo o despertador do meu celular e também, decido tentar dormir.

Capítulo 05



Acordo com o celular tocando.

— Oi — atendo ainda sonolento.

— Estou preparando a sala para o procedimento — Sam responde. — Tem certeza de que precisa de tantas pessoas para um procedimento tão rápido?

Entendo seu questionamento já que quarenta minutos é realmente pouco perto das cirurgias de horas que costumamos fazer.

— Chegou a ver o prontuário?

— Sou eficiente, doutor. Ainda que tenha me mandado o prontuário quando eu estava prestes a ir para casa com uma crush e atrapalhado minha noite, ainda assim, eu li o prontuário.

— Você ganha para isso. — Dou de ombros mesmo ela não podendo ver.

— Está no hospital, certo? — pergunta ignorando o meu comentário anterior.

— Estou no quarto de descanso.

— Quem foi a garota da noite?

Me sento na cama e olho para Débora que ainda dorme de costas para

mim coberta pelo lençol.

— Se fosse um homem que fizesse esse tipo de pergunta seria chamado de escroto.

— Eu nunca disse que não era.

— Até mais, Sam.

Desligo o celular e vou até o banheiro. Uso a pasta de dente do armário sem escova mesmo e jogo uma água fria no rosto umas três vezes, garantindo estar bem acordado. Saio do banheiro e começo a colocar o tênis. O celular de Débora desperta, ela acorda assustada sentando na cama rápido.

— Achou que tinha perdido a hora? — Ela se assusta com minha voz e se vira.

Linda *pra* caralho.

— Só não gosto de dormir em um lugar que não seja minha cama.

Seus olhos passam rapidamente por meu abdômen, como ontem.

— Eu durmo em qualquer lugar, não tenho frescura. — Ela me olha com uma expressão curiosa e eu já entendo o rumo dos seus pensamentos. — Pobre menino rico que dorme em qualquer lugar, né? — Ela fica sem jeito. — Mora em uma cobertura, tem um carro zero e nunca passou dificuldades na vida, isso tudo é verdade mesmo. Meus avós maternos construíram um império que só cresce, já os paternos são médicos bem-sucedidos com ações milionárias. Se conhecesse a minha família entenderia... Somos muito mais que a nossa conta bancária.

Visto a camiseta e ponho o celular no bolso. Pego meu tablet de cima da cama, tento abrir a porta para sair que estranho por estar trancada, destranco e volto a olhar para Débora.

— Se tem algo que posso me orgulhar em falar, é que construí com meu esforço minha profissão, Doutora. Eu passei em primeiro lugar na universidade federal aqui de Santa Catarina, cedi minha vaga porque tinha dinheiro para pagar, mas, provei que era inteligente o suficiente para conseguir. Sabe aquela expressão de: “comi o pão que o diabo amassou”? Ela se encaixa perfeitamente na definição da minha residência. Então fique tranquila quando algum paciente seu precisar de mim, porque eu sempre vou dar o meu melhor.

Fecho a porta atrás de mim como na primeira vez em que saí de sua sala.

A caminho da sala de cirurgia abro meu e-mail e confiro o resultado dos exames da menina que foram muito semelhantes aos anteriores. Chego à bancada de higienização, Sam me vê através do vidro e vem até mim.

— Bom dia, doutor Henrique. — Estreito os olhos para ela. — Sei que acabamos de nos falar, mas eu não poderia deixar de dar bom dia ao meu superior. Bom, talvez também esteja muito curiosa sobre uma fofoca que acabei de saber.

Arqueio a sobrancelha em questionamento.

— Rumores de que você e a doutora Débora passaram a noite inteira trancados na sala de descanso.

Lembro da porta trancada. *É alguém vai ficar bem puta quando souber dessa história.*

— Quem sou eu para negar? — respondo Sam que sorri e me dá um tapinha nas costas.

— Ganharão!

— É mais forte que eu. — Dou de ombros piscando.

— Vou ir buscar a menina — diz já saindo da sala.



— Manuela. — Aperto a mão da menina.

Ela abre os olhinhos lentamente ainda meio sonolentos se acostumando com a claridade da sala.

— Oi. — Sorrio.

— Olá princesa. Preciso que siga a luz. — Movo a *caneta lanterna de LED* em frente aos seus olhos. Um teste neurológico que faço ao fim de toda cirurgia por mais simples que seja. — Você está ótima pequena, mais um tempinho e vai voltar para o quarto com seus pais, certo?

— Você é o *príncipe da Ariel*?

— Como? — pergunto risonho.

— Ele tem o *olho azul*.

— Da Ariel eu não sei, mas aqui do hospital com certeza ele é — Juliana fala para a menina e pisca.

Sam conversa com a menina e eu me afasto com Juliana atrás de mim. Quando chegamos a área de higienização e estamos sozinhos eu pergunto.

— Que montar no meu cavalo branco? — Ela gargalha.

— E convenhamos, que cavalo! — brinca se abanando e agora quem gargalha sou eu.

— Você que o diga — retruco.

— Ah com certeza, eficiente em todos os tipos de galope. —
Voltamos a rir juntos.

Por esse motivo Juliana virou um caso que mantenho há muito tempo. Não existem cobranças, ela é engraçada e divertida. Tudo é tão leve com ela que até cogito a possibilidade de quem sabe, um dia, tentarmos algo sério.

— Atrapalho? — Viro ainda rindo e vejo Débora nos encarando da porta.

— Não doutora — Ju responde. — Sua paciente comparou o Doutor D’Laurentes com um príncipe da pequena sereia, estávamos rindo disso.

Volto a lavar a mão. Lógico que estava *fiscalizando* a minha cirurgia.

— Claro, do cavalo branco dele você entende — Débora corta e Juliana fica sem jeito.

— Eu imaginei que ficaria espiando minha cirurgia, mas não imaginava que também escutaria conversas atrás da porta.

Ela me encara e o clima pesa. Juliana pede licença e se retira.

— Sua *sororidade* com outra mulher é algo lindo de se ver, Doutora — ironizo.

— Vocês estavam tendo uma conversa de duplo sentido e...

— Sim, somos adultos e adultos fazem sexo. No caso eu e ela juntos também, sexo casual, conhece o significado disso?

— Claro que sei, Henrique — me chama pelo nome para me irritar. — Também sou adulta.

— Adulta e malcomida, né? — Perco a paciência. — Você foi rude com outra mulher por que ela transa e você não.

— Nossa! Virou um feminista agora?

— Tenho irmã e prima. Além disso, fui educado para tratar as pessoas bem.

— Está insinuando que tive uma criação relapsa?

— Estou afirmando que você precisa rever seus conceitos e valores.

— O quê? — Ela põe as mãos na cintura. — Você é muito babaca!

— Um babaca educado — afirmo. — Já você continua sendo uma malcomida sem educação.

— Seu... Seu cretino!

Gargalho alto. Parece que posso ver minha tia Helena gritando com o tio Juan. Quando ele a deixa irritada é assim que é chamado. Pelo jeito minha gargalhada deixa a mulher ainda mais raivosa.

— Para de rir de mim! — Bate o pé parecendo ter dez anos. — Céus! Eu odeio você!

— Sério? Não quer ser mais minha amiguinha? — Volto a tirar uma com a cara dela, que fica vermelha de raiva.

Ouçoo um pigarro e olho para a porta engolindo o riso na hora. Débora parece engolir a raiva pois respira fundo.

— Bom dia doutor, Alberto — ela cumprimenta meu avô.

— Bom dia, doutor — também cumprimento.

— Tudo bem por aqui? — ele pergunta em toda sua glória.

Para um homem de setenta e nove anos está muito bem conservado, se eu chegar lá assim estarei feliz. Se bem que sou parecido com a minha mãe e conseqüentemente com meu tio que não aparenta ter a idade que tem. Estou

bem geneticamente dos dois lados. Tenho sorte.

— Tudo bem — ela o responde e então se vira para mim. — Manuela está bem? Queria ver ela.

— Daqui a pouco já vou liberar ela para ir para o quarto, então vai poder ver ela *lá* — respondo.

— Como? — ela pergunta perplexa.

— Eu disse que daqui a pouco vou liberar ela e então ela vai ser levada para o quarto e você e os pais vão poder ver ela.

— Você não vai me falar como foi o procedimento? — inquire.

— Você queria ver ela e em momento algum me perguntou sobre o procedimento.

— Como foi o procedimento, *doutor*? — pergunta como se quisesse me matar.

— Um sucesso, *doutora*. As incisões foram feitas, agora vou passar a dieta e acompanhar ela por vinte e quatro horas, se tudo correr bem ela poderá continuar o tratamento em casa.

— Ok — ela responde e me encara.

— Ok, então — digo.

Ela volta a respirar fundo e sai da sala.

— O que aconteceu aqui? — meu avô me pergunta.

— Ela me acha um playboy idiota. Quando começar a me tratar como o cirurgião que eu sou também será tratada com respeito.

— Ela não é a doutora Débora da pediatria?

— É sim, por quê?

— Por nada — ele desconversa. — Pedro chegou ontem? A cobertura ainda não foi colocada abaixo?

— Eu saí ontem no meio de uma festinha, então não posso garantir.
— Ele ri. — Acho que o Pedro gosta mesmo dela.

— Claro que gosta, ele pediu ajuda para os seus pais.

— Ninguém me contou isso.

— Você e Isabella tem uma relação peculiar, mas se soubesse seu lado de gêmeo falaria mais alto e você prepararia sua irmã.

— Gêmeo do bem, vô. — Ele volta a rir e negar com a cabeça.

Nos despedimos e ele diz que precisa voltar para casa. Pelo menos dia sim e não ele vem fazer uma de suas “rondas” no hospital. Também quero voltar para casa e aproveitar o meu resto do fim de semana. Libero a paciente, as enfermeiras levam a menina para o quarto e assim que chego lá encontro a doutora conversando com os pais com uma simpatia que nunca foi destinada a mim. Explico como foi o procedimento, passo a dieta e aviso do monitoramento. Após isso vou para casa, na esperança que ela realmente não tenha sido colocada abaixo.

Capítulo 06



— Mas eu não transei com ele! — respondo indignada.

— Amiga, eu sei — Morgana afirma. — Mas poxa, você trancou a porta da sala de descanso, isso é tipo uma lei no hospital. Só se tranca a porta quando estão transando.

— Isso é muito nojento! — Viro o Martini em um gole só. — Você já fez isso?

Ela arqueia a sobrancelha como se isso fosse óbvio. Bom, talvez não seja somente para mim.

— Eu tranquei a porta por que fique com receio que algum paciente louco entrasse lá, um assaltante, sei lá!

Sirvo mais Martini.

— Na porta do quarto tem uma plaquinha de restrito para funcionários, Débora — ela fala quando engole o sushi. — Do cirurgião bonitão você não teve medo, né?

Penso rapidamente no comentário.

— Claro que não, ele é neto do dono do hospital seria bem idiota da parte dele matar alguém ali.

Ela me olha séria, conheço esse olhar.

— Estou realmente bem, amiga. O fato de dormir em um lugar estranho onde mais pessoas podem entrar me incomoda.

— Sei. — Ela respira fundo. — Enfim — muda de assunto e eu agradeço mentalmente —, o fato é; todos estão comentando da sua noite tórrida com o Doutor *delícia*.

Quase cuspo a bebida.

— Geral *quer pagar pau* naquele corpinho, Débora.

— Eu não quero.

— Ah tá! Me engana que eu gosto — ela ironiza.

— Ele é lindo, mas não compensa no restante.

— Que restante? — Ela se ajeita no sofá pegando mais sushi da barca.
— Inteligente, simpático, divertido?

Rolo os olhos.

— Não sabia que também era fã dele...

— Não sou *talarica*, sei que esse seu ódio é tesão reprimido.

— Não é. Sinceramente eu não sei o que vocês veem de tão interessante — admito. — Ele é bonito, mas, não é isso tudo.

— Você tem um tipo de ódio gratuito por ele que eu não consigo entender.

— Vou para casa. — Levo o copo até a pia.

— Você nem tocou no sushi, amiga.

— Eu jantei com minha vó mais cedo. Só precisava de uma bebida mesmo. Até amanhã.

Beijo o rosto de Morgana e saio do seu apartamento indo para o meu que fica bem ao lado. A luz da sala está acesa, porém tudo está em silêncio. Vó Maria dorme cedo, então provavelmente já está dormindo. Vou direto ao banheiro tomar um banho antes de ir dormir. Entro no banheiro trancando a porta atrás de mim, uma mania minha.

Quando comecei a fazer consultas na clínica do hospital foi difícil me acostumar a deixar a porta destrancada, precisei trabalhar minha mente e foram muitas as vezes em que corri para o banheiro em busca de lavar o rosto e me livrar do desespero iminente.

Tiro a roupa e vou para baixo do chuveiro sentindo a água escorrer sobre o meu corpo. É o terceiro banho que tomo hoje. Quando fico nervosa minha mente tende a ficar uma confusão e sempre que isso acontece sou transportada para o meu inferno pessoal.

— *Você é uma menina má, Débora.*

Lembranças daquela noite de terror me fazem me sentir suja, usada... Meu coração começa a acelerar e eu me sinto agitada.

Levo minha mão à boca e mordo o mais forte que consigo, aperto ainda mais os dentes sentindo minha pele arder para que a dor seja maior que qualquer lembrança. Paro e respiro fundo quando percebo que vai ficar marcado, seria difícil explicar isso.

— *Essa sua expressão assustada me deixa ainda louco de desejo, bebê.*

Pego a esponja e encharco com o sabonete líquido esfregando em mim o máximo que posso na esperança que isso não limpe só o meu corpo mas, também minha alma.

— *Você diz que não quer, mas está molhadinha para mim!*

Seguro as lágrimas que insistem em cair. Pego a lâmina da gilete e faço um pequeno corte na minha cintura onde ninguém veria. Logo o sangue escorre pelas minhas pernas e a queimação que sinto quando a água bate em mim me traz de volta para o *agora*. Me nego a me sentir vulnerável de novo. Sou dona de mim, do meu corpo e ninguém, nenhuma recordação pode dizer o contrário.

Fico no chuveiro até ter certeza de que o sangramento ameniza. Me enxugo com cuidado para não sujar a toalha. Já com o corpo seco vou até o balcão da pia e pego a maleta de remédios, tiro o soro e *Band-Aid*. Pego algodão na gaveta e o molho com o soro passando no lugar do corte, não arde. Depois de limpo, olho a região que possui outros pequenos cortes como esse. Boto cobrindo o local e visto a calcinha voltando a me olhar no espelho.

A peça de roupa cobre a região, ninguém desconfiaria, pois esse é um local que ninguém vê. Lógico que não posso usar um biquíni, a não ser uma peça de cintura que vá até o umbigo cobre toda a região evitando qualquer questionamento. Ponho o restante da roupa e escovo os dentes indo para a cama.



— Bom dia, Cris!

— Bom dia, doutora Débora — ela responde tirando os olhos do computador e me olhando estranho.

— Algum problema? — pergunto.

Ela parece pensar, então abre a boca para falar, mas logo fecha.

Estranho sua reação, Cristina costuma ser sempre tão direta.

— Nada, doutora — fala por fim. Decido não insistir e vou para a minha sala, tenho cinco consultas agora de manhã e preciso focar nisso.

Perto da hora do almoço, Sam, assistente do cirurgião abusado bate à minha porta.

— Posso entrar? — ela pergunta com a cara entre a porta, sinalizo com a mão para que entre.

— Doutor Henrique pediu para que eu avisasse que por ele a Manuela poderia ter alta. A menina está sem dores, só está fraca em função da dieta. Ele também comentou que talvez ela perca peso nesse primeiro mês e prescreveu vitaminas. É... — Ela parece pensar no que dizer. — Ele pediu para eu...

— Para você? — incentivo.

— Te informar que vai passar no quarto da menina às 13h e que se você pudesse ir junto... já que é médica dela. Poderia, né? — Se atrapalha e começo a rir.

— Eu sei que ele não falou assim, Samanta. Pode dizer exatamente o que ele falou.

— Doutor Henrique é muito profissional — ela diz séria com uma expressão engraçada e eu volto a rir.

— Ele não me suporta e é recíproco. — Pisco para ela que sorri. — Obrigada pelo recado, entregue meus cumprimentos ao *ilustre cirurgião*, por favor.

— Certo — fala rindo.

Olho meu celular e Morgana diz estar na cantina me esperando, nem

sempre conseguimos almoçar juntas, mas sempre que possível o fazemos. Caminho pelos corredores do hospital em direção ao refeitório cumprimentando um e outro. Quando chego já posso ouvir os sons de algumas conversas. O lugar está cheio na hora do almoço. Procuro Morgana com os olhos e vejo que está sentada em uma mesa de duas cadeiras, entro na fila e aguardo minha vez.

Pode até ser coisa da minha cabeça, mas sinto alguns olhares diferentes em mim e fico sem entender o porquê.

— Bom dia, doutora — Ray me cumprimenta simpática como sempre. — Sanduíche natural e água com gás? — ela pergunta já pegando meu pedido quando o confirmo.

Agradeço e vou para a mesa que minha amiga me espera.

— Pastel de novo, Morgana? — questiono.

— Hoje, pode. Por favor deixe seu instinto médico de lado quando almoçarmos na cantina, se fosse para comer algo saudável estaria no refeitório.

Só rolo os olhos. Quando sento vejo Henrique sentado com três homens na mesa do canto eles estão rindo de algo e o cirurgião vira o rosto e me pega no flagra, desvio o olhar fingindo que nem vi.

— Eu sei para onde está olhando — Morgana afirma. — Assim que sentei eles passaram por aqui. Se eu soubesse que teria uma visão privilegiada para uma mesa com quatro gatos tinha sentado no seu lugar.

— Está perdendo três visões do paraíso mesmo.

— Deixa de ser sonsa, Débora Forcatto. — Sorrio, mas paro quando vejo duas enfermeiras olhando para mim.

— Tenho a impressão de que todo mundo está me olhando.

— Não é impressão amiga, estão te olhando mesmo.

— Tem alguma coisa no meu rosto? — pergunto já botando na câmera do celular para olhar. Ela segura minha mão.

— Você é lerda, hein, Débora? Não te falei ontem que todos estão comentando da sua noite quente de sexo com o *cirurgião delícia*.

— Ah. É isso — concluo, apoiando as costas no encosto da cadeira.
— A gente não transou.

— Ficaram da meia-noite até às seis da manhã trancados na sala de descanso.

— Não lembro de ter contado isso.

— E não contou, soube pelos corredores. — Dá de ombros.

— Meu Deus! E você não me defendeu?

Ela gargalha.

— Amiga, quem acreditaria em mim? Você é adulta, deixe pensarem o que quiserem.

— Não quero que pensem isso! — Volto a comer o sanduíche sentindo-o descer rasgando. O assunto até me fez perder o apetite.

— Ele confirmou — diz terminando tomar o seu refrigerante.

— O quê?

— Boa tarde, meninas — doutor Jorge cumprimenta ao passar com o Kauã e um menino que trabalha no TI.

Busco novamente a mesa onde agora só Henrique está sentado mexendo no celular. Algo que parece ser muito divertido porque está rindo

sozinho.

— Eu vou tirar essa história a limpo!

— Débora...

Nem escuto Morgana falar e vou em direção à mesa do abusado. Arrasto a cadeira ao seu lado e me sento. Ele tira os olhos do celular mirando meu rosto.

— Por que você não negou? — Vejo confusão em seu semblante. — Por que você não disse que não dormimos juntos?

— Ah — ele larga o celular na mesa, passo os olhos vendo que conversa com a tal *gêmea do mal*. — Só falei a verdade.

— Como falou a verdade? Estão dizendo que transamos.

— Eu não falei que transamos. — Apoia as costas na cadeira de forma relaxada, descansando um dos braços em cima do encosto da que eu estou sentada.

— O que você falou então? — questiono.

— Me perguntaram se eu estava na sala de descanso — finge pensar —, também perguntaram se eu passei a noite toda lá... Há e também perguntaram quem estava lá — me encara —, se era você que estava lá. Eu disse sim para tudo.

— Você é idiota ou o quê? Porque burro sei que você não é.

Um sorriso se desenha em seus lábios.

— Então admite que sou inteligente?

— Deixa de ser sem noção — repreendo. — Você deveria ter dito que estávamos só dormindo e em camas separadas.

— Débora, eu não devo satisfação para ninguém. Não espere que eu saia dando explicação do que eu fiz ou deixei de fazer porque isso não vai acontecer.

Respiro fundo e apoio meus cotovelos na mesa, abrigando minha cabeça entre as mãos.

— É tão ruim assim que pensem que transou comigo?

— Eu não misturo as coisas, *doutor*. Eu não me sinto à vontade de estar na boca do povo.

— Você trancou a porta, *doutora* — acusa.

— Eu sei — respondo respirando fundo.

— Fala a verdade, vai — mexe em meu braço —, pretendia me agarrar e perdeu a coragem.

— Você se acha demais.

— Vamos lá, saia um pouco da defensiva. Eu não sou o monstro que você pintou.

— Não, na verdade, você é meio bipolar — falo voltando a olhar para ele.

— Bipolar. — Ele olha uns segundos para cima, pensa e então, olha em meus olhos. — Isso é uma *Doença Maníaco Depressiva*, doutora. Como chegou a esse diagnóstico?

— Você tem variações acentuadas de humor — respondo.

Será que ele pensou mesmo que tem essa doença?

— Mas eu só estava usando como referência, não quis dizer que você tem isso. — Ele me encara mordendo o lábio. — Senhor! Foi um comentário

infeliz.

Ele gargalha, chamando atenção de algumas pessoas à nossa volta.

— Você fez uma brincadeira — fala rindo. — As pessoas brincam, isso é normal, sabia? — ironiza.

Suspiro. Talvez ele não seja *tão*, insuportável.

Meu celular desperta marcando 12h55 e o nome do alarme é “Cirurgião abusado” tento tirar em tempo que não veja, mas não consigo.

— Essa foi boa! — Ele volta a rir. — Chamo você de pediatra entojada, estamos quites agora.

Abro a boca chocada. Eu não sou entojada... *Sou?*

— Bom acho que temos um compromisso agora, não? — Ele levanta. — Estou bonito? — indaga quando levanto e saímos da cantina, Morgana já não está mais na mesa e não gosto de uns olhares que recebemos.

— Que pergunta é essa?

— Sou um príncipe. — Dá de ombros se achando. — Mas nem precisa responder, eu já nasci lindo.

— Credo, ninguém merece.

Ele pega o prontuário quando chegamos no posto de enfermagem já em modo cirurgião. Observo enquanto conversa com os pais, e a forma que trata a menina. Talvez ele seja um bom médico, mas isso não muda o fato de ser um irritante.

Capítulo 07



— Caramba! — Juliana diz ao deitar ao meu lado.

— Acabei com você, né gatinha? — Ela gargalha.

— Tenho que admitir que você é bom no que faz.

— Em tudo que faço.

— *VOU TE MATAR!* — Isabella grita de algum lugar da casa.

— *Você não vive sem mim, garota!* — Pedro responde alto. — *AI CACETE!* — ele completa gritando, e pelo barulho ela com certeza jogou algo nele.

— *VOU TE DEIXAR ALEIJADO, PEDRO BRAGA JUNKS!*

— *Calma amor, nós dois queremos ter filhos.* — Ouço sua voz como se estivesse mais perto e logo a porta do quarto dela parece ser aberta.

— *Eu não vou me casar com você!*

— *Ah vai, pode ter certeza que vai!* — ele responde e ouço outra batida de porta e logo um som alto começa a tocar.

— Será que eles estão se matando? — Juliana pergunta.

— Não querida, estão transando. — Nego com a cabeça. — Não quero pensar nisso. — Segundo round? — pergunto já subindo em cima dela

que sorri e me puxa para um beijo.



Um mês se passou desde a cirurgia da Manuela, paciente da Débora. Hoje eu participo de uma consulta com a Doutora junto à menina e seus pais. Desde aquele dia passamos a nos cumprimentar sempre que nos encontramos. Os boatos da tal transa cessaram como imaginei que aconteceria.

Passei a notar sua presença em todos os lugares, provavelmente ela sempre esteve “ali”, mas, agora, tem minha atenção. Ela nota meus olhares e finge indiferença, sempre. Talvez ela realmente seja indiferente à minha presença, coisa que preciso mudar logo.

Já pedi para Kauã marcar um barzinho com a amiga de Débora que costuma ficar, mas ele vem recusando todas as minhas tentativas, na verdade, ele está bem estranho. Imagino o porquê, minha prima, Vitória. Ele parece mesmo estar tentando se aproximar, o que eu sei é que vai dar merda quando tio Juan descobrir, já que conhece Kauã desde que estudávamos juntos e sabe de boa parte das nossas histórias.

Eu também não fico contente com isso, mas quem sou eu para julgar ele? Minha moral é zero quando o assunto é relacionamento.

— Bom dia, Cristina.

— Bom dia Dr. D’Laurentes — ela cumprimenta sem me olhar.

— Sabe se a Dr. Forcatto está sozinha? — Ela levanta os olhos para mim. Sorrio. — Se está sozinha no consultório — esclareço.

— Ah... — Pela primeira vez vejo ela sem jeito. — Sim, está.

— Obrigado.

Caminho pelo corredor e quando chego em sua sala dou duas batidinhas na porta.

— Entra — ela fala.

Entro, quando me vê esboça um sorriso que é rapidamente disfarçado.

— Doutor — olha em seu relógio —, está adiantado.

— É, foi intencional. — Sento na cadeira à sua frente e fico olhando para ela que continua concentrada em um documento.

Se ajeita na cadeira, fingindo não se importar com meu olhar, até sinto vontade de rir, mas continuo sério.

— Certo. — Ela põe os papéis sobre a mesa. — Você precisa de algo?

— Você — sou direto.

— Que falta de criatividade, doutor.

— Fiquei desnortado — falo e ponho a mão no coração fingindo drama. — Esse perfume que você passa te deixa com cheiro de amor da minha vida.

— Não passei perfume — ela responde rindo.

— E esse cheiro de menta? — pergunto.

— O quê? — Ela cruza as pernas rápido demais. Meus olhos não perdem nenhum segundo do movimento. *Bendita mesa de vidro.*

Desvio o olhar para o seu rosto, ela parece surpresa. O que não me passa despercebido é a coloração avermelhada em seu rosto e só então me dou conta do que isso significa. Fecho os olhos com força e mordo meu lábio

respirando fundo.

— Seu sabonete íntimo é de menta.

— Isso não foi uma pergunta — ela conclui desconversando.

— Eu não costumo errar. — Ela fica sem saber o que dizer, pelo menos não negou. — Tem uma caneta?

— Tenho. — Franze a sobrancelha. — Pra quê?

— Vou começar a escrever nossa história.

Ela gargalha alto.

— Ok, essa foi boa.

— Você é linda, doutora.

— Você dá para o gasto. — Dá de ombros.

— Pode vir e me gastar todinho. — Pisco para ela.

— Pode ir parando — me repreende segurando o riso.

— Estudos apontam que se você me quiser, eu quero.

— Chega, Henrique.

— Opa! Consegui uma intimidade, viu? Me chamou pelo nome.

— Foi no impulso.

— O impulso é o resultado de uma tensão crescente, nesse caso, sexual.

— Meu Deus, você tem explicação para tudo — ela fala.

— Sou muito mais que um rosto bonito e um corpo gostoso, doutora.

Quando iria soltar outra pérola que nos levaria a um encontro, batem à porta. A postura da Débora volta ao modo profissional assim como a minha.

Abro a porta e como imaginei lá estavam a menina Manuela e seus pais. O semblante da garotinha está ótimo. Suas maçãs do rosto antes pálidas agora estão coradas e, ainda que tenha perdido peso, está visivelmente saudável. Os resultados dos exames só confirmaram sua fisionomia, a menina está bem.

— Foi muito bom conhecer você, princesa — digo quando a menina me abraça.

— O João disse que não sou uma princesa — ela responde de cabeça baixa.

— Quem é o João? — pergunto.

— Meu coleguinha.

— Ele é um bobinho, sou um príncipe cirurgião, acredito que minha opinião vale mais que a dele, não? — Ela concorda sorrindo. — Então afirmo, você é uma princesa e quem dizer o contrário não merece sua atenção.

Nos despedimos dos pais e voltamos a ficar sozinhos.

— Está sentindo? — pergunto para Débora e ela arqueia a sobrancelha. — Essa conexão que nos puxa um para o outro.

Quando ela vai responder, meu pager toca.

— Emergência. — Mostro o aparelho.

— Vá salvar vidas, doutor.

— Claro. — Em um ato impensado chego perto e beijo seu rosto me afastando rápido. — Não se esqueça — alerta quando abro a porta e ela faz uma expressão confusa. — Você não é *dobutamina*^[6] mas faz meu coração bater mais forte!

Quando fecho a porta escuto sua gargalhada. É garota, avisei que não

desistiria.



Abro a porta de casa e vejo Pedro sentado no sofá vendo televisão, sozinho. Olho no relógio confirmando 21h. Será que eles brigaram de novo? Peguei os dois aos beijos na bancada da cozinha, sim na bancada da cozinha onde todos costumamos comer, comida no caso. Não foi uma cena legal de se ver. Minha gêmea gemendo sendo apalpada pelo filho da puta. Provavelmente ficarei traumatizado pelos próximos dez anos. Isso foi há dois dias, pensei que estava tudo bem... pelo jeito não está.

— Tudo bem, Pedrinho?

— Eu acho que sua irmã não gosta mais de mim — ele responde sem me olhar.

— Pensei que vocês tinham se entendido.

— Aluguei um flat — responde ignorando o que falei. — Prometi para o tio Juan que ajudaria na compra de um terreno que está embargado, é uma negociação complicada porque envolve o nome de um promotor. Quando isso acabar volto para o Rio.

— Cara, a Isabella é porra louca, mas gosta de você.

— Vim disposto a lutar, Henrique. Só que eu não tenho mais estrutura para ver ela com outros caras, enfim... — Passa a mão no cabelo. — Fiquei porque a Vitória não estava legal, minhas malas estão prontas eu já vou. — Indica as malas com um gesto.

— O que a Vitória tem? — pergunto.

— Segundo ela enxaqueca, mas julgo que não é só isso.

— Vou ver como ela está, me espera? Podemos sair, comer algo, conversar.

— Prefiro que seja outro dia — diz sem rodeios.

— Onde é o flat?

— Henrique. — Ele sorri de lado. — Se alguém perguntar onde fica, seu lado de gêmeo vai falar mais alto e você vai contar.

— É, vou — admito. Quando, por que sei que vai acontecer, a gêmea do mal surtasse eu contaria sim.

— Se falamos — ele se despede e sai.

Vou até o quarto da Vic e bato na porta ela manda entrar.

— Você mora com um médico, não custa me ligar quando precisa.

— Eu já tomei uns remédios. — Chego perto e seguro seu rosto vendo suas pupilas dilatadas.

— Você tem crises fortes de enxaqueca Vitória, sabe que com medicação na veia isso passa rápido.

— Henrique não vou ao hospital. — Suspira. — Quero dormir.

— O que causou essa dor? Suas crises de enxaqueca sempre foram diretamente ligadas ao seu emocional.

— Pelo amor de Deus, só me deixa sozinha. — Se vira de costas para mim e entendo o recado.

— Qualquer coisa me chama. — Desligo a luz e saio do quarto.

Entro em meu quarto e tomo um banho. Hoje o dia não foi cansativo,

poderia até rolar de ir a um barzinho, mas não deixaria a Vitória sozinha, mando mensagem para o Kauã convidando para vir aqui, ver jogo e tomar uma cerveja, mas ele nega. Estranho. *Muito estranho*. Faço um sanduíche e pego uma long neck, ligo a televisão e ponho no jogo.

Lembro da minha conversa com a Débora. Caralho! Eu senti o cheiro do sabonete íntimo dela... Porra fico duro só de lembrar! Preciso arrumar uma forma de me aproximar, teria que ser longe do hospital em um momento que possa conversar com ela e mostrar como sou. Redes sociais. Ele deve ter. Pego meu celular e procuro por Débora, não demora muito e acho sua conta.

Mano... Ela sabe mesmo ser linda.

Eu esperava algo totalmente diferente do que vejo. Abro em uma foto dela de biquíni e caralho... Fico babando e não é só pela boca. Ela é toda gostosinha, e não sei por quanto tempo fico viajando na tatuagem que tem entre seus seios que são medianos. Porra, não posso deixar de fantasiar como seria ter eles na minha boca. Escuto a porta ser destrancada.

A gêmea do mal entra com um dos seus vestidos até os joelhos. Seus saltos são tão altos que não consigo imaginar como consegue passar tanto tempo usando isso. Encaro seus olhos e vejo que está bem alteradinha pela bebida, ela arqueia a sobrancelha me questionando.

— Tome um banho e coma algo leve. Seus níveis de glicose devem estar baixos.

— Às vezes você é chato, para de agir como médico o tempo todo.

— Sou médico. — Dou de ombros.

— O Pedro levou as coisas dele para o seu quarto? — ela pergunta e só nego com a cabeça. — Eu disse para ele que não o queria no meu quarto!

Ela tira os saltos imensos e sai em direção aos corredores que dão

para o quarto. Volto a olhar as fotos da Débora...

— Henrique. — Bella volta agora parecendo confusa. — As roupas dele não estão no meu quarto...

— Nem no meu.

— Coitada da Vitória sobrou para ela — diz tirando suas próprias conclusões.

— Espero que não esteja insinuando nada, Isabella — repreendo.

— Não viaja, Henrique. Só que eu sei que ele não ficaria no quarto que nossos pais usam.

— Ele foi embora — respondo.

— Como?

— O que você ouviu, mana.

— Ele está no meio de uma negociação importante, como assim foi embora? Tio Juan sabe disso?

— Ele foi embora da nossa casa, não da cidade — esclareço.

— Ah — ela responde e senta ao meu lado.

— O que você fez Isabella?

— Beije o Jorginho.

— E vocês tinham se entendido? — pergunto com medo da resposta.

— Vou tomar um banho, amanhã a gente conversa. — Dá um beijo no meu rosto e vai para o quarto.

Mulheres. Para homem é tudo tão simples. Os dois se gostam desde pequenos, ele quer casar e ela quer também, mas está se fazendo de difícil, depois que perder o cara vai sobrar para mim ficar escutando ela chorar

noites afora como anos atrás. Volto a stalkear Débora, a bolinha verde indica que está on-line e eu não demoro a seguir ela. Nem um minuto depois ela também começa a me seguir e até curte dois posts meus sobre medicina. Vou no direct e mando uma mensagem.

*Comecei a te seguir porque meus pais
me ensinaram a seguir meus sonhos.*

**Haha como um homem inteligente você deveria saber
que alguns sonhos estão fora do seu alcance.**

*Pois é. O que posso fazer se você
Está negando a felicidade?*

Muito humilde.

*É de família. Como está previsão
Do tempo aí?*

Não sei, por quê? Previsão de temporal?

*Não. Só senti que estava rolando um
Clima aqui.*

Kkkkkkk, vai dormir Henrique.

Boa noite, doutora.

Vou dormir mesmo. Pode demorar, mas aos poucos vou quebrar tijolinho por tijolinho do muro que ela construiu entre nós.

Capítulo 08



Caminho em direção à entrada do hospital, odeio me atrasar!

Demorei a conseguir pegar no sono ontem e, por quê? Porque eu fiquei pensando no cirurgião que parece não ser *tão* idiota assim.

Fiquei relembrando o quanto eu o achei engraçado durante nossa conversa antes do retorno da Manuela. Ele é sexy e divertido além de gato, muito gato! Quando ele falou sobre o cheiro de menta eu achei que fosse infartar. Como na vida o cara sentiu o cheiro do meu sabonete íntimo?

Depois disso foi impossível não pensar na pegada dele. Lembrei de quando ele me encoxou na balada e perguntou se eu era do tipo que corria na primeira apertada de pescoço... Ele deve ser *bom*. A fama dele é. Se ele fosse alguém que eu não encontrasse com frequência, se não fôssemos colegas de trabalho, eu toparia uma noite com ele, mas nem tudo é perfeito nessa vida, então só preciso frear esse desejo e resistir a tensão sexual que acontece sempre que estamos perto um do outro.

O problema é que é difícil. Ontem ele me adicionou nas redes sociais e me chamou no direct mandando mais uma das suas indiretas bem diretas. Minha mente fica passando a cena dele olhando minhas pernas para logo em seguida fechar os olhos e morder o lábio, foi tão erótico e excitante... Ele nem precisou me tocar para me deixar com tesão.

— Merda, Débora — falo comigo mesma.

Pelo menos não corro risco de vê-lo hoje.

— Boa noite, Jaque — cumprimento a recepcionista. Adoro quando meus plantões noturnos caem com ela. Saímos algumas vezes juntas e ela é muito querida.

— Boa noite, doutora! — cumprimenta animada. — Jantamos juntas hoje?

— Claro! Quer dizer, espero que eu consiga parar pra comer — respondo. Alguns plantões são tensos, espero que esse não seja.

Passo pelo posto da enfermagem e cumprimento as meninas.

— Demi. — Beijo seu rosto. — Já não deu sua hora? — Olho meu relógio que já marca sete e cinco.

— A enfermeira da noite vai atrasar, vou ficar até ela chegar.

Uns quinze minutos mais tarde batem à porta e eu mando entrar. A moça que aparece com o rosto entre a porta é Juliana. A enfermeira que estava de chamego com o Henrique, todos sabem que os dois ficam há um tempo. Posso parecer muito idiota, mas não vou com a cara dela.

— Doutora. — Sorrio fraco. — Posso começar a passar as consultas?

— Pode sim — respondo. — Mande o prontuário por ordem de chegada que eu mesma chamo.

— Tudo bem, qualquer coisa pode me chamar.

— Obrigada — agradeço e ela sai.



Perto das dez da noite já estou com fome e louca para fazer xixi. Foram consultas uma atrás da outra e a maioria das crianças que atendi estão com sintomas de virose. Geralmente quando isso acontece uma passa para a outra nas creches e escolinhas fazendo com que a demanda de atendimento nas emergências aumente. Saio da minha sala indo até o posto de enfermagem.

— Demi — chamo a enfermeira chefe. — Preciso de um minuto, tudo bem?

— Claro, a doutora vai parar para comer? A Jaque pediu para eu avisar quando fosse.

— Meu Deus, até me esqueci dela, pode pedir para me encontrar na cantina?

— Vou avisar. — Ela pisca e eu agradeço.

Caminho em direção ao banheiro com a minha bexiga pedindo socorro.

— Doutora? — Essa voz... Merda.

— Doutor — falo olhando para Henrique na saída do banheiro masculino.

— Meu plantão acabou de ficar mais interessante agora.

— Não sabia que você pegava plantões noturnos na emergência. — Ele estreita os olhos e percebo que fui grosseira. — Você é cirurgião. —

Tento amenizar a situação, mas só pioro.

— Eu sou médico, doutora. — Dá de ombros. — Meu plantão seria no outro sábado, mas troquei com um parceiro.

— Planos para o tal sábado? — Merda, acho que fico roxa, pensei alto.

— Tenho sim. — Um sorrisinho arrogante e sexy nasce no canto dos seus lábios. — Posso te incluir neles se você quiser.

Sinto outra fisgada na bexiga. Preciso *mesmo* fazer xixi.

— Preciso ir ao banheiro — respondo sincera.

— Quantas horas sem urinar?

Sério isso?

— Doutor, não estamos em uma consulta. — Ele se encosta na porta.

— Espero você — responde.

Quero retrucar, mas sinto outra pontada na bexiga, então entro no banheiro deixando isso para depois. Quase choro de alívio quando, enfim, consigo fazer xixi. Lavo minhas mãos e olho no espelho conferindo minha aparência, mas me dou conta do quanto isso soa ridículo e saio do banheiro.

— Você esperou — constato. Ele sorri para uma enfermeira que passa por nós e me puxa para um canto do corredor.

— Urinar é uma defesa do nosso organismo, várias bactérias são eliminadas através da urina. — Mordo o lábio segurando o riso. — Além de que o hábito de segurar a urina pode levar a um problema no funcionamento do assoalho pélvico.

— Eu também sou médica — falo sem conseguir segurar um sorriso.

— Essa mania que você tem de explicar tudo não vai funcionar comigo, doutor.

— Conhecendo minhas manias então? — Cruza os braços me encarando com *aquela* olhar.

— Você anda me cercando, fica difícil não conhecer.

— Que bom que você notou, eu gosto de ser claro.

— Você é quase transparente, doutor. — Olho meu celular que vibra com uma mensagem da Jaque. — Preciso ir.

— Sempre dando um jeito de fugir de mim — ele afirma.

— Não tenho por que fugir de você — rebato séria. Preciso acabar com esse joguinho. — Nos encontramos por aí.

— Débora — ele chama e eu volto a olhar para ele. — Se quiser testar se sua musculatura pélvica ainda não foi comprometida estou à disposição.

Estreito os olhos e volto a me virar. Já longe do seu olhar não consigo conter o sorriso.



Meu humor piorou. Enquanto eu e Jaque jantávamos, Henrique aparece com a sua enfermeira a tiracolo. O desgraçado piscou para mim e sentou a algumas mesas da nossa, com Juliana ao seu lado. Eles riram muito e então me dei conta de como sou idiota.

Ele é comigo como é com todas. Não que eu queira que me trate

diferente, mas, por um momento, cheguei a me interessar e até lamentar o fato de que não lavaria minha roupa nenhuma vez naquele tanquinho. Ele exala sexo por todos os poros de uma forma tão natural que é quase impossível não se interessar.

Jaqueline me achou estranha assim que ele entrou, conseguiu notar meu desconforto e me perguntou se tínhamos algo. Neguei, pois realmente não temos. Então, ela me contou sobre os boatos que saíram a respeito da nossa noite tórrida de amor na sala de descanso. Todos pensam que nós passamos uma noite quente juntos já que a sala ficou trancada a madrugada toda. Alguns invejaram esse momento e outros nos odiaram pelo fato de não conseguirem descansar.

As coisas na pediatria se acalmaram então liberei para que me passassem outras consultas. Entra uma moça morena e uma loira. A loira parece ser a paciente.

— Boa noite — cumprimento. — O que houve?

Pareço conhecer essa morena de algum lugar.

— Ela tem enxaqueca crônica — a morena responde.

— Eu posso falar por mim mesma, Isabella.

— Claro que pode — a morena fala revirando os olhos. — Está assim há dois dias e só veio no hospital porque eu te fiz vir à força depois de você vomitar *espuma*.

Vou digitando os sintomas conforme a conversa acalorada das duas acontece. Levanto da minha cadeira.

— Licença — peço a morena chegando perto da paciente. — Siga a luz. — Com dificuldade ela acompanha a caneta lanterna. Quando vou usar o estetoscópio a porta se abre.

— Caralho, custava vocês me ligarem? — Henrique entra em meu consultório como se fosse o dono do lugar.

Talvez seja da família dele, mas isso não vem ao caso.

— A imagina se a sua amante não iria te contar que estamos aqui — a morena fala.

Meu Deus.

Ela é a morena da foto que dizia *gêmea do mal*. Tipo alma gêmea. É a namorada.

— Não sou casado para ter amante, Isabella deixa de ser louca.

— Vocês parem! — A coitada da paciente resmunga tentando gritar.

— Doutora, você se importa se eu seguir com esse atendimento? Eu já conheço o caso dela — Henrique me pergunta.

— Deveria ter perguntado quando entrou na minha sala deferindo palavrões, Doutor Henrique. — Ele me olha atordado.

— Porra, gostei de você — a namorada dele diz sorrindo para mim.

Tenho vontade de vomitar.

Ah se ela soubesse que eu flertei com o namorado dela e tive pensamentos pecaminosos com ele.

— Desculpe doutora, a paciente é minha prima — ele responde. — Ela tem essas crises de enxaqueca há um tempo.

— Viu Vitória? Eu avisei que ele descobriria.

— Vocês duas... — ele fala e passa a mão no cabelo nervoso. — Nós moramos juntos e...

Minha mente para de processar qualquer palavra depois dessa; Nós

moramos juntos. Eu sei que para a época em que vivemos, talvez morar junto não seja considerado um casamento, mas para mim é. Ele mora com a namorada, e a prima. Que filho da puta! Como ele pode sair flertando com todo mundo? E a tal Isabella? Um mulherão desses se submeter a situações como a de Juliana. Ela sabe e ainda falou sobre ela ser sua amante. Respiro fundo e decido me retirar dessa confusão. Eu não sou o tipo de mulher que se envolve com homem casado, daqui para frente se ele me jogar uma piadinha vai apanhar na cara!

— Então acho que não serei mais útil por aqui, né? — falo quebrando a discussão deles.

— Obrigada, Doutora — a loira responde levantando sem jeito. — E desculpe pelos dois, eles são assim para pior.

— Sinto por você que convive com eles diariamente. — A frase sai da minha boca sem que eu consiga filtrar.

Merda.

O cachorro e a namorada sorriem um para o outro e eu posso ver uma cumplicidade ali que eu preferia não presenciar. Eles saem da sala e eu respiro fundo tentando colocar a cabeça no lugar. Chega. A partir desse momento nenhuma palavra vai ser trocada com Henrique se não for algo profissional.



— Querida? — Minha avó bate à porta.

— Oi vó — falo sentando na cama e pegando o celular, quase três da tarde. Cheguei do plantão perto das oito da manhã, tomei café e literalmente apaguei.

— Levante para tomar café conosco, dona Júlia está aqui.

— Tá, estou indo!

Levanto e tomo um banho rapidinho. Dona Júlia sempre foi nosso anjo da guarda, cansaço algum me impediria de estar com ela. Visto um short jeans e uma blusinha simples.

— Oi amada! — Ela se levanta e vem me abraçar.

É sobrenatural o quanto sou grata a ela e o quanto amo essa mulher.

— Dona Júlia, que saudades! — Correspondo ao seu abraço.

— Está cada vez mais linda, doutora — ela fala frisando o doutora eu sorrio.

Minha vó chega com as misturas. Tomamos café rindo e conversando de vários assuntos. Quando estamos assim jogando conversa fora eu até esqueço-me do quanto dona Júlia é uma mulher elegante e abastada.

— Nós conversamos tanto que até esqueci o que realmente vim fazer aqui. No próximo sábado é meu aniversário. Toda a minha família vai estar lá, queria muito que vocês duas fossem.

Fico tensa. Na casa dela? Com a família dela...

— Claro que vamos, Júlia! — Minha vó nunca a chamou de dona, diz que não tem nem cabimento já que é mais velha que ela. — Não vamos, querida? — ela me pergunta.

— Ah — fico sem saída —, claro, nós vamos sim.

Ela começa a explicar onde é sua casa e como imaginei fica em um condomínio de luxo. Minha avó pergunta se pode levar algo e a dona Júlia nega. Não culpo Dona Maria pela pergunta, nas festas que costumamos ir sempre levamos algo. Festa de gente comum é assim, todo mundo se ajuda. Questiono sobre as roupas e ela diz para irmos confortáveis e volta a dizer que sua família é simples e que vai ser um churrasco como qualquer outro.

Quando dona Júlia vai embora, vejo televisão com minha vó e depois como a refeição que ela fez para o almoço e que acabei não comendo. Mais tarde quando vou me deitar pego o celular e leio um direct de Henrique. Respondo o babaca e o bloqueio, não quero nenhum tipo de contato que não seja profissional. Se ele pensou que sou o tipo de mulher que sai com homem comprometido, se enganou amargamente.

Capítulo 9



— Obrigado, Juliana — agradeço quando deposita na mesa a bandeja com acesso e medicações.

— Eu acho a veia dela — ela me responde já colocando as luvas.

— Juliana, obrigado — volto a agradecer. — Mas eu mesmo vou fazer isso.

— Mas eu.... — Ela começa a falar, porém minha irmã se mete.

— Que porra, ele já disse que não. Não é porque você dorme com ele que pode ficar questionando o que ele pede no serviço.

Ainda que concorde com minha irmã, acho infeliz a sua escolha de palavras.

— Tudo bem — Juliana diz e sai da sala.

— Henrique sabe aquela coisa de instinto que nós sentimos às vezes?

— Como assim? — digo quando coloco o *garrote* no braço de Vitória.

— Aquela coisa de gêmeos. — Ela gesticula de mim para ela.

— Sei. — Pode parecer inacreditável. Mas é como se fosse um sexto

sentido.

— Essa coisa, me diz que sua amiguinha vai te dar problema.

— Mana. — Enrugo a testa. — Ela sabe que é só casual e lida muito bem com isso.

— Só fica atento. — Dá de ombros.

— Vic, respira fundo. — Quando ela respira deslizo a agulha por sua veia.

Coleta sangue para seus exames. Vou fazer um hemograma completo pois percebi certa palidez em sua pele e mucosas. A porta se abre sem nem bater. Kauã olha para Vitória que mantém os olhos fechados pelo incômodo que a claridade lhe causa.

— Você pediu um raio-x dos seios da face. — Minha prima respira fundo sem abrir os olhos quando escuta a voz dele.

— Também deixei especificado que seria após a medicação fazer efeito. Ela está com dor agora, doutor, vou administrar a medicação e...

— Um comprimido? Se ela está com dor deve fazer por via intravenosa porque o efeito é imediato.

Estreito os olhos para ele e dou um para trás, fazendo com que veja a medicação sobre a mesa.

— Isso é um calmante — volto a responder. — A medicação para dor será aplicada na veia.

— Calmante para quê?

Quando ele volta a perguntar, Vitória se mexe, tira o próprio tênis e joga nele.

— Saia daqui! — fala baixo, porém firme.

Isabella me olha chocada e põe a mão na boca para segurar o riso. Olho de Vitória para Kauã também de boca aberta. O que foi isso? Vic sempre foi um poço de calma. Meu amigo sorri sem mostrar os dentes e ao invés de sair da sala ele entra e fecha a porta. Ela bufa alto. Uma risada escapa de Isabella, mas cutuco seu pé com o meu. Começo a administrar a medicação, Kauã chama a enfermagem e pede um cobertor para Vitória.

— Preciso de um minuto com ela. — Minha irmã não questiona e sai do quarto. Encaro ele sério pouco me fodendo se é meu amigo, Vitória é como uma irmã para mim. Ele também me olha, em momento algum desvia o olhar.

— Minha prima não é um brinquedo.

— Nunca achei que fosse.

Saio do quarto puto, que vontade de quebrar a cara daquele filho da puta que por acaso é o meu melhor amigo!

— Mano você viu? — Isabella fala baixo. — Ela jogou um tênis nele!

Cubro o rosto com a mão disfarçando a risada, aquilo foi mesmo engraçado. Nem quando éramos pequenos presenciei Vitória tendo um acesso de raiva.

— E depois ela ficou toda plena de olhos fechados, acho que ela estava ignorando ele.

— Essa é nova — respondo. Ela nunca ignora ninguém.

Até Gabriela, sua mãe biológica que ela não suporta, atura. A mulher é um poço de futilidade que vez ou outra aparece querendo alguma coisa.

— Preciso voltar para o consultório, volto em uma hora quando os

exames estiverem prontos.

— Ai ainda bem que tem uma poltrona confortável pra eu dormir —
fala saindo de perto.

Tem vezes que Isabella fala igualzinho nossa mãe.



O caso da Vitória não era apenas uma enxaqueca. Sem saber como agir, chamei Pedro que quase infartou com a ligação durante a madrugada. Conversei com ele e decidi que iríamos juntos conversar com Vitória e com a minha irmã que provavelmente surtaria e faria uma tempestade em um copo d'água. Perto das seis da manhã eu e Pedro entramos no quarto e para nossa surpresa as duas estão acordadas conversando. A claridade da porta chama atenção delas que se viram para nos olhar.

— Achei que tinha nos esquecido... — Sua voz morre quando vê Pedro. Na verdade, não por ver Pedro, mas por saber que significa que algo não está certo, caso contrário eu não o teria chamado.

— A dor passou, Vic?

— Passou — ela responde e fita Pedro que dá a volta na cama e beija seu rosto.

Todos sempre fomos muito próximos, mas ela e Pedro foram criados juntos. A fazenda do tio Rubens fica em São Paulo, então era mais fácil para eles estarem sempre juntos, por tio Juan morar no Rio. Como moramos nossa vida toda aqui em Balneário, só passávamos as datas comemorativas e as

férias juntos, já eles se viam com frequência nos fins de semana.

— Vamos lá, doutor — Vitória diz sorrindo.

— Com exceção da dor de cabeça, o que mais sente?

— Me sinto fraca, trêmula... às vezes. Não é sempre.

— Ah, meu Deus! — Isabella começa a chorar. — Ela está com câncer? Ah, meu Deus!

Vitória arregala os olhos e pega a mão da minha irmã. Pedro põe a mão na cabeça e faz um gesto de negação pelo drama da minha gêmea.

— Mana...

— Não! Eu não quero ouvir, só faça alguma coisa você é médico para isso!

— Isa — Pedro chama alto e ela o olha. — Não é câncer. — Ela olha para ele processando o que disse, mas logo se vira para mim.

— Por que não falou antes, caralho? — Me dá um tapa forte que chega a arder.

— Você não deixou ele falar, Isabella — Pedro continua: — Está deixando Vitória nervosa.

Ela murmura um pedido de desculpas e volta a olhar para mim.

— Anemia hemolítica.

— O que é isso? — Minha irmã volta a se meter.

— É uma doença caracterizada pela produção de anticorpos que reagem contra os glóbulos vermelhos do sangue, destruindo-os e produzindo anemia. — Respiro fundo olhando para Vitória com medo da sua resposta sabendo o quanto tem pavor de hospital. — Vou precisar te internar...

— Por quê? — Vic pergunta. — Preciso de cirurgia?

— A princípio não. Quero tentar regular o seu sistema imune usando imunossupressores.^[7]

— Quantos dias? — pergunta.

— Dois, três... Acredito que de início seja o suficiente.

— Vocês ligaram para a vovó e o vovô? — minha gêmea pergunta.

— Ainda não — respondo sabendo o sermão que vou ganhar do doutor Alberto por não ter o chamado antes.

— Vou acabar com a festa da vovó — Vitória diz.

— Não prima, hoje é sexta. Se tudo der certo segunda já está de alta, vai estar de boa no sábado.

— Estar de boa, hein doutor? — Pedro brinca.

— Ninguém ouviu. — Gargalho com eles. Procuro ao máximo usar um vocabulário formal com os pacientes, mas, aqui com eles, não preciso disso.

— Vamos às apostas? — Pedro volta a falar. — Eu aposto que antes do meio-dia Tio Juan e tia Helena estão aqui.



Depois de vinte e seis horas de plantão chego em casa. Como imaginamos nossos tios chegaram mesmo, antes do almoço e quando iria vir embora chegou um trauma precisando de uma cirurgia de emergência. Largo

o celular em cima da cama e vou para o banheiro. Meu corpo já está funcionando no modo automático, meus olhos ardem pedindo por descanso. Entro no chuveiro e gemo quando sinto a água cair sobre o meu corpo. Mexo o pescoço e ombros na esperança de que isso ajude a liberar a tensão desta região. A água está maravilhosa, mas minhas pernas pedem por um descanso então saio do banho me enxugo, visto uma cueca e deito na cama.

Silêncio.

Paz.

— Mano! — Ponho o travesseiro na cara abafando o grito da minha irmã me chamando. Lógico que não adianta já que ela abre a porta.

— Vou pedir hambúrguer com fritas pra mim, o que você quer?

— Quero dormir — respondo sem titubear.

— Nem pensar. Todo mundo vai comer nessa casa agora, ninguém mais dorme sem comer.

— Você acha mesmo que um hambúrguer vai evitar uma anemia? — Isabella neurótica é demais para mim.

— Não sei. Não sou nutricionista, sou administradora.

— Pede para mim o mesmo que pedir para você.

Ela liga o ar-condicionado no máximo e nos tampa com uma coberta. Manda um áudio para o porteiro deixar o entregador subir quando chegar, porque ela está com preguiça de descer. *Mais cara de pau impossível*. Liga a televisão no aplicativo de séries e depois de um tempo põe em uma que chama *Greys Anatomy*. Quando vejo que se passa em um hospital tenho vontade de gritar e rir ao mesmo tempo.

— Qual a necessidade disso, Bella?

— Quero ficar por dentro dessas doenças, aprender os sinais.

Tenho vontade de a mandar ir estudar seis anos de medicina, se quer aprender algo, e não assistir série. Como sei que estou irritado só respiro fundo e me contenho.

Pego o celular e abro o direct do Instagram vendo que Débora não visualizou minhas mensagens. Em uma pedi seu contato, na outra disse que queria pedir desculpas pela forma que entrei no seu consultório e na última novamente me desculpei pela forma como eu e as meninas nos comportamos. Ainda brinquei que na minha família ninguém era bem certo.

Oi Princesa

Eu de novo aqui

Só quero reforçar o meu pedido de desculpas

Por favor, me passa seu número?

Conversamos por whats.



— Na vida real vocês também faziam isso por uma cirurgia? — pergunta quando terminamos de jantar e eu desligo a televisão expulsando ela do meu quarto.

— Sim, mas comigo isso não funcionava.

— Claro, ninguém queria o neto mimadinho do dono do hospital — fala com uma voz engraçada. Isabella presenciou muitos dias complicados

em que eu chegava a pensar em desistir. — Você fez todos te engolir! Bem-feito para esse bando de babacas.

— Com você também não foi fácil, mana.

Para ela também foi difícil. Uma vez ela chorou dois dias e não queria voltar para o porto alegando que os homens não a respeitavam. Minha mãe chegou no quarto e mandou ela levantar, minha irmã achou que ganharia um abraço, mas minha mãe deu foi uns empurrões e mandou que acordasse para vida. Depois daquele dia Isabella começou a se impor e hoje ninguém ousa questionar nenhuma atitude sua.

Ela e Pedro são os braços direito da minha mãe e do tio Juan, os dois são o futuro da D’Laurentes juntos ou não. Pedrinho tinha tudo para ser um fazendeiro bem-sucedido e continuar tocando os negócios do tio Rubens, mas contrariando todos ele seguiu os passos dos avós maternos se formando em direito. Fez estágio na empresa dos avós, no entanto, acabou migrando para a D’Laurentes com uma oferta generosa do tio Juan. No começo ninguém entendeu, mas hoje vemos o quanto tio Juan estava certo, Pedro leva jeito para administrar e negociar.

No fim todos os negócios terão continuidade. Bella e Pedro na D’Laurentes. Eu no hospital seguindo os passos dos meus avós paternos. Vitória continuaria no lugar do meu pai com a parte de engenharia e Vitor filho mais novo da tia Antonella seguiria com a fazenda.

Apago a luz, antes de dormir olho meu celular e vejo que tem uma nova mensagem da Débora.

*Não vou passar meu contato e se você conseguir
com alguém vou te bloquear assim que identificar ser você.
Percebi que está bem acostumado a ter tudo que quer
mas não vou fazer parte do seu jogo. Me esquece.*

*Você é um bom profissional, preciso admitir
que mordi a língua, mas, é isso. Nada mais.
Chega de piadinhas, cantadinhas idiotas. Acabou sem nem ter
Rolado nada. Aceite isso.*

Leio umas três vezes as mesmas mensagens tentando entender o que eu fiz de errado. *Ela é louca?* Porque não tem outra explicação. Estávamos nos dando bem, eu sei que sim. Algo aconteceu e eu vou descobrir o que foi.

Capítulo 10



Acordei de bom humor na segunda-feira. Depois de muito me culpar por flertar com um homem comprometido, decidi virar a página. Foda-se o cirurgião babaca, ele não merece minha atenção.

— Bom dia, Cris — cumprimento ela sorridente.

— Bom dia, doutora — ela fala novamente naquele modo automático.
— Dona Júlia passou por aqui e pediu para que fosse ao quarto quatrocentos e três.

— Nos quartos particulares. Tem alguma criança lá? — indago estranhando.

— Não. É uma familiar dela, quer que eu acesse o prontuário? — diz tirando os olhos do computador.

— Não, imagina. Vou deixar minha bolsa no consultório e já subo lá.

— Doutora — Ela volta a chamar. — É... O doutor Henrique também perguntou pela senhora.

Só sorrio e não respondo nada. Se ele começar a me cercar vou reclamar por assédio no recursos humanos e não estou nem aí se é o neto do dono do hospital. Minha paciência acabou para esse assunto e não vou deixar

que esse cretino acabe com o meu início de semana.

Entro no consultório e deixo minha bolsa. Confiro minhas consultas e os prontuários dos pacientes de hoje. Aproveito para checar quais visitas preciso fazer na internação. Seria uma semana agitada pelo visto e eu adoro isso. Os dias passam rápido e eu fico sem tempo de pensar demais. Tempo livre nem sempre é bom, não no meu caso. Alguns fantasmas nos perseguem, mas não existe nenhum pior do que quando somos tóxicos para si mesmo. Decido ir logo ao quarto que dona Júlia pediu que eu fosse.

Caminho pelos corredores do hospital apressada, pois peguei o caminho mais longo para não passar perto do centro cirúrgico. Vou evitar ao máximo qualquer tipo de encontro que possa ter com Henrique. Quando chego ao quarto quatrocentos e três bato na porta e logo em seguida a abro devagar. Vejo dona Júlia sentada em uma poltrona, então abro a porta e entro.

— Bom dia. — Quando fecho a porta e me viro ficando de frente para a cama meu sorriso congela em meu rosto.

— Bom dia. — Quem responde é a loira, prima do Henrique.

Meu cérebro dá um giro de cento e oitenta graus e eu fico momentaneamente confusa.

— Querida. — Dona Júlia levanta e me abraça. — Queria que conhecesse minha neta, Vitória.

Não.

Caramba...

— Ela me atendeu quando cheguei semana passada vó...

Vó.

— ... Isso até o Henrique aparecer feito um louco me roubando dela.

Sorrio forçado sentindo minhas pernas tremerem.

— Esse menino é igual ao avô dele.

Avô.

Meu Deus. Como no mundo eu não liguei os fatos antes?

— Mas a doutora botou Henrique no lugar dele — ela ri —, na hora só não bati palmas porque estava mesmo com muita dor.

Sinto o sangue subir todo para a cabeça.

Não poderia ficar pior. *Doce ilusão.*

Alguém abre a porta sem bater e dois homens entram conversando e rindo.

— Mas eu levei a culpa vô, ela que fica com meu amigo e eu que levo bronca do tio Juan.

Não.

Sim.

— Dá para parar de falar da minha vida pessoal? — Vitória responde a Henrique.

Sim, ficou pior.

— Tudo bem, querida? — dona Júlia pergunta baixinho só concordo e sorrio. — Quero que conheça meu esposo.

Discretamente respiro fundo e me viro com seu incentivo.

— Esse é Alberto, meu esposo. Você já deve conhecê-lo — ela diz sorrindo. — Querido ela é a Débora.

— Eu sei meu bem, conheci ela assim que a vi no hospital anos atrás. Você vive mostrando as fotos dela.

Henrique nos observa curioso.

— Eu conheço o doutor Alberto, sim dona Júlia. Nossa. — Ajeito o cabelo nervosa. — Eu não imaginava que eram casados.

— Está me escondendo, Júlia? — o senhor brinca com a esposa.

— Querido, se eu contasse antes, essa menina não trabalharia aqui. Assim ela soube que foi por mérito e não por indicação.

— Não se preocupe com isso, doutora. Aqui todos conquistam seu espaço por merecimento. — Ele olha para Henrique e passa os braços por seus ombros. — Meu neto é prova disso.

— Ah, tá — Vitória fala. — Esfrega mesmo na minha cara, que eu não sou um orgulho porque não sou médica — diz risonha.

— Nada disso, querida — doutor Alberto responde. — Você seguiu os passos do meu filho, não poderia estar mais orgulhoso de você.

Dona Júlia começa a explicar quem seguiu a profissão de quem, quem era filho da sua irmã que faleceu eu fingi assimilar as informações, mas só fiquei ainda mais confusa.

— ... e Henrique virou cirurgião. Ele é filho do Guilherme, nosso primogênito.

— Ah, entendi. — *Mentira*. Não entendi nada.

Estava confusa e tonta. Meu Deus! Ele é neto dela.

— Vocês se conhecem de onde? — Henrique fala pela primeira vez.

— Conheço essa menina desde os 15 anos. — Ela mexe em meu cabelo, carinhosa como sempre. — Também é como uma neta para mim.

Vejo que quer saber mais, porém, contrariando o que espero, ele só

concorda.

— Dona Júlia. — Me viro para ela. — Preciso voltar ao trabalho, meus chefes são exigentes — brinco e ela sorri.

— Vá mesmo menina. — Beija meu rosto e eu sorrio me despedindo de todos e saindo do quarto.

Saio do quarto e pego o corredor que dá para as escadas que mal são usadas. Quando chego nesse acesso me encosto na parede respirando fundo. O que dona Júlia faria se soubesse que eu cobicei seu neto que é casado? Caramba. Ela tinha que ser avó logo dele. Respiro fundo, destino é uma merda mesmo. A porta do acesso para as escadas se abre e eu nem preciso olhar para saber quem é. Praguejo mentalmente por já conhecer o seu perfume.

— Quando acionei o elevador e ele estava parado no quarto andar imaginei que tinha pegado as escadas para não falar comigo.

— Exato. — Me viro para ele. — Se sabe disso, por que veio atrás de mim?

— Eu quero saber o que eu fiz, Débora — responde sério. — Estávamos nos acertando e de repente você me manda uma mensagem desaforada e me bloqueia.

— Não estávamos nos acertando, porque nunca tivemos nada para acertar — corto.

— Você tinha uma má impressão de mim, mas eu te provei que sou mais do que um herdeiro rico.

— Eu não tenho nada a ver com o suas posses, doutor.

— Não estou falando como médico, estou falando como homem. O

que aconteceu? Eu não consigo achar um motivo plausível para que tenha mudado comigo de repente.

— Você é muito cara de pau!

— Por quê? — pergunta. — Por que eu estava tentando te conhecer melhor?

— Me conhecer melhor? — questiono irônica. — Você queria me levar para a cama!

— Eu não queria, eu quero — ele corrige e eu só fico com mais raiva ainda por ser tão idiota. — Eu sou adulto e não vou negar que quero transar com você...

— Para! Pode ir parando! — Vejo que estou falando alto demais e diminuo meu tom de voz. — Eu não sou o tipo que você come e descarta.

— E como você sabe que seria descartada? — ele replica. — Nem nos deu uma chance de se conhecer.

Fico chocada com a sua ousadia.

— Eu não posso ser crucificado por fazer sexo casual. Isso também não significa que sou o tipo de homem que não pode conhecer alguém e querer algo sério.

— Henrique, você está se ouvindo? — pergunto incrédula.

— Porra! — Ele passa a mão nos cabelos nervoso. — Não estou entendendo nada. O problema é eu ser rico, é isso?

Fecho os olhos buscando calma. *Seria muito ruim dar um soco nele agora?*

— Chega — falo e começo a caminhar para sair logo dali, mas ele me impede segurando meu braço de leve.

— Débora eu sinto que estou sendo julgado e punido. É um direito meu saber por quê.

— Você se acha o dono do mundo, não? Deixa eu te contar algo Henrique o mundo não gira em torno de você.

— Eu não sou burro — ele ignora o que disse. — Você também estava afim.

— Não estava — rebato.

— É você não estava, você está.

— Henrique vou falar só uma vez. — Encaro seus olhos. — Eu não me envolvo com homem casado. Você deveria se envergonhar de ficar com o hospital todo enquanto tem uma morena bonita daquelas te esperando em casa.

Ele faz uma cara confusa, logo sua expressão muda e ele sorri. Ele sorri!

— A morena bonita, é a Isabella que estava com a minha prima na emergência?

— Ainda tem coragem de falar sobre isso sorrindo? — Puxo meu braço do seu toque. — No seu lugar eu teria vergonha. Tenho nojo de homens como você.

— Homens como eu? — Sorri e balanço a cabeça em sinal negativo.

— Fica longe de mim. — Aponto o dedo na sua cara. — Sua vó é muito importante para mim, então vamos manter a prática de boa convivência.

Me viro saindo, mas logo lembro da maldita festa.

— Vou estar na festa de aniversário da sua vó. — Suspiro cansada. —

Só se mantenha longe por favor.

— Fique tranquila doutora, não vou mais cruzar o seu caminho. —
Ele volta por onde entrou batendo a porta com tanta força que até me assusta.

É sério isso? Ele é o errado da história e ainda tem a coragem de sair
todo estressadinho? E eu pensando que seria uma semana tranquila.

Capítulo 11



— Dona Rosa faz falta — digo quando beijo o rosto da minha mãe.

— Amo a dona Rosa, mas, ver seu pai cozinhar é uma boa paisagem.

— Ah não começa, mãe — peço enquanto ela olha meu pai como se fosse seu doce favorito.

— Guilherme esse menino realmente acha que a gente não transa mais? — ela pergunta para o meu pai que gargalha.

— Aqui é pressão garoto. — Ela dá um tapa em meu ombro.

Sério, eu não mereço isso.

— Torça para chegar à minha idade com a minha disposição, filho — meu pai fala enquanto coloca os pães com manteiga no balcão.

— Não é por nada, mano. — A gêmea do mal surge de Chernobyl. — Olhe para o tanquinho do papai. — Ela abraça nosso pai. — Ele é mais trincado que você.

Olho para ele, depois para mim.

— Não exagera, Isabella. — Mas volto a olhar. O velho realmente

parece mais em forma que eu.

— Você está pensando! — Ela começa a rir da minha cara.

— Ah, cala boca garota — falo e até meu pai e minha mãe começam a rir da minha cara.

— Você dormiu comigo, Isabella? — dona Maria Clara pergunta.

— Não. — Ela sorri e dá a volta na bancada abraçando nossa mãe.

— Minha ervilhinha — nossa mãe diz e eu reviro os olhos por que assim como Isabella, odeio quando ela me chama de azeitona. — Está cada dia mais linda.

— A cara do pai.

— Ah, obrigada pela parte que me toca seu Guilherme — digo irônico.

— Filho, você é a cara da sua mãe, não teria como não ser bonito. — Ele se senta à nossa frente. Isabella se senta do outro lado de nossa mãe. — Olhem para essa mulher — ele diz olhando para minha mãe. — Não poderia ser mais linda, minha eterna dor de cabeça. — Ela pisca para ele.

— Tão linda que mesmo sendo sua prima você pegou, né pai? Entendo isso. — O sorriso dele morre.

— Como assim entende, Henrique? Pelo amor de Deus meu filho... — Ele se ajeita na bancada. — Juan me falou ontem que está com um problema, eu espero em Deus que o problema não seja você.

— Na verdade, ele disse que está com um cabelo no cu para resolver, mas seu pai é educado demais para usar esse linguajar — minha mãe diz rindo e logo pega a mão do meu pai sobre a mesa. — Amor o tal problema é o Kauã.

— O Kauã amiguinho do Henrique? — meu pai pergunta.

Amiguinho. Adoro quando me tratam como se eu ainda fosse um menino que tem *amiguinhos*.

— Amigão, né pai? — Isabella responde. — Convenhamos, Vitória está bem servida.

— Olha os modos, Isabella.

— Isso não é nada, pai — comento. — Precisa ver a cena que eu presenciei esses dias.

— Cala a boca, Henrique! — a gêmea do mal se pronuncia.

— Pegou sua irmã e o Pedro juntos? — dona Maria Clara pergunta, faço gesto que sim. — Sabia que isso aconteceria.

— Eu não quero saber desse tipo de detalhes — meu pai fala sério. — Vocês voltaram, filha?

— Nós tínhamos voltado... — ela diz, porém não continua.

— Querida seja mais específica — nossa mãe incentiva.

— Nós tínhamos transado. — Meu pai respira fundo, mas mantém o semblante sereno. Por mais que sentisse ciúmes da minha irmã, ele sempre foi amigo dela, assim como meu. — A campainha tocou e eu juro que pensei que a Vitória tinha esquecido a chave então fui atender...

— Estava vestida? — minha mãe pergunta.

— Estava de robe. Quando eu abri era o Jorginho, fiquei sem reação ele disse que eu estava linda e me beijou...

— Então o Pedro chegou — concluo. Jorge que me aguarde, essa porra já passou dos limites.

— Foi um mal-entendido — meu pai finaliza.

— Você pelo menos tentou conversar com o Pedrinho? — minha mãe pergunta.

— Não. Eu fiquei sem saber o que fazer, porque ele voltou para o quarto sem dizer nada. Eu dormi com a Vic naquele dia...

— E no outro dia ele foi embora à noite. Ela não estava em casa e até foi bom porque ele a veria chegar bêbada — conto.

— Quando vocês dois nasceram eu jurava que Henrique teria sua personalidade, mas com o tempo vi que estava errado. Isabella é toda você até nas atitudes — nosso pai fala à esposa.

— É. — Dona Maria Clara só concorda o que é muito raro.

— Isabella, fugir nunca vai ser a solução — nosso pai começa. — Quando você negou o pedido de casamento do Pedro por achar ser nova e pensar que faria falta se relacionar com outras pessoas, você ficou sofrendo por dois anos. Depois se recuperou conheceu outros rapazes, mas, ainda assim, voltava para ele. Não somos bobos filha, e até acho bem engraçado vocês pensarem que podem esconder algo da Clara e da Antonella.

— Verdade — minha mãe responde.

— Você gosta do garoto e vai perder ele se não mudar... Eu já vi essa história acontecer antes, de uma forma diferente e graças a Deus teve um final feliz. O seu final está nas suas mãos e hora de agir é agora.

— Você traiu o pai, mãe? — pergunto.

— Não! — ela responde.

— Sim — ele fala ao mesmo tempo.

— Não foi traição, Guilherme — ela rebate.

— Talvez sim, talvez não. Eu tinha me mudado querendo voltar com ela, foi quando descobri que estava grávida, vocês conhecem a história. Nós passamos um momento íntimo juntos e dois dias depois ela saiu com um vizinho e ficou aos beijos com ele num barzinho.

— Caralho... — respondo, minha irmã põe a mão na boca.

— Não foi exatamente assim — ela se defende. — Estava confusa, porque depois desse momento ele trabalhou até tarde dois dias e mal nos falamos. Então sai com um amigo para comer algo.

— E beijou ele — meu pai retruca.

— Isso tem muito tempo — ela rebate. — E você meu filho? Quando vai sossegar e arrumar uma menina boa?

— Estou bem assim.

— Ele é um mulherengo. — Isabella diz.

— E você uma *queima filme*. — Rebato.

— Como assim? — meu pai pergunta.

— Estava tentando conhecer uma médica, mas ela me chutou antes mesmo de começar, porque acha que Isabella é minha namorada, mulher sei lá.

Os três começam a rir e eu me mantenho sério. Qual a graça desse caralho?

— Aquela da consulta? — Bella pergunta rindo.

— Sim, você falou da Juliana como se fosse minha amante, aí teve o papo de morar junto... Deixa esse assunto pra lá foda-se também. — Logo me lembro da festa de hoje à noite. — Vocês não comentem nada disso hoje. — Intercalo o olhar entre os três. — Ela vai estar lá.

— Na festa da vó Julia? — Respondo que sim com um gesto para minha irmã.

— Qual o nome dela? — meu pai pergunta.

— Débora? — minha mãe questiona.

— Sim. Vocês conhecem?

Minha mãe assovia e meu pai ri, parecendo surpreso.

— Ela é a pupila da sua avó, cuidado garoto — minha mãe comenta.

— Qual a história? — Quando minha mãe vai falar meu pai corta.

— Uma história que não é nossa, se quiser saber pergunte a sua vó ou a menina.

Depois da conversa bizarra que tivemos na escada decidi que ficaria na minha. Ela me julgou como no início pensando que minha gêmea, na verdade, era minha namorada ou pior, esposa. Simplesmente me falou o que veio na cabeça sem nem me perguntar. A falta de diálogo sempre me irritou seja na relação ou em qualquer outra coisa. De qualquer forma hoje ela descobriria que, na verdade, a tal esposa é minha irmã gêmea e vou poder olhar para ela e ver ela engolir o monte de desaforos que fui obrigado a escutar.

— A Antonella e o Rubens já chegaram — minha mãe fala olhando no celular. — Ela disse que o flat é lindo.

— Nós já vamos agora de manhã para a casa da vó? — Isabella pergunta disfarçando.

— Sim — minha mãe responde. — E eles também, então seja esperta.



— Tio eu não tenho culpa — falo pela terceira vez na última meia hora para o tio Juan. — Eu não tenho controle sobre com quem elas ficam. — A porta abre e Kauã entra. Ele cumprimenta todas as mulheres que sorriem fascinadas.

Ninguém merece.

Quando chega a tia Helena ele dá *aquele* sorriso querendo conquistar a sogra de vez. Parece que conseguiu. Olho para o tio Juan que nessa altura observa a cena com os braços cruzados.

— Se ele não estivesse interessado na minha filha perderia um dente agora — ele fala e eu gargalho alto. Chamando atenção de Kauã para nós.

Ele pede licença a elas e vem até nós dois. Meu pai surge ao nosso lado e eu o agradeço com um olhar. De longe vejo Vitória também olhando a cena.

— Garoto — meu pai o abraça de lado —, quanto tempo.

— Pois é. — Kauã ri nervoso e eu contendo a vontade de gargalhar.

— Senhor. — Kauã estende a mão para tio Juan que continua sério o encarando.

— Senhor está no céu — meu tio responde e aperta sua mão ainda o encarando. — Vou deixar uma coisa bem clara a você criança. Se magoar o meu anjo, eu vou te matar.

— Tudo bem — Kauã responde seguro.

— Nessas horas agradeço por só ter filhos homens — Tio Rubens fala se juntando a nós.

— Claro. Fez um macho para deflorar a minha menina — meu pai ironiza.

— Assim ficamos em família, Guilherme. — Rubens sorri e logo aperta o ombro de Kauã. — Você tem sorte que o meu pequeno ainda é novo.

Todos nós gargalhamos, menos o tio Juan que continua com sua carranca para meu amigo.

— Uma sinuca? — Tio Rubens sugere.

— Vamos lá! — meu pai concorda animado.

Kauã olha para onde a Vitória está e ela disfarça desviando o olhar, lógico que isso não passa despercebido pelo meu tio.

— Vamos, Kauã. — Não é um convite e meu amigo entende.

Eles caminham em nossa frente.

— Tá fodido, mano — falo o zoando.

— Nem me fala, achei que ele gostava de mim — Kauã responde.

— Até você querer ocupar o posto de genro, parceiro.

Chegamos à sinuca jogando em duplas, conforme as partidas acabavam nós revezávamos. Claro que ninguém conseguia tirar o tio Rubens e o meu pai, que eram os dois melhores.

— Ei. — Kauã dá um tapa no meu braço. — É a Débora?

— Acho que tu tá querendo perder a vida bem cedo, moleque — Juan alerta Kauã.

— Não senhor — ele responde rápido. — Só tenho olhos para a sua

filha...

Suas palavras se perdem quando vejo Débora parar no meio da sala com uma senhora. As duas estão rodeadas pelas outras mulheres, exceto Vitória e minha irmã. Ela está com uma blusa justa branca, calça jeans simples e uma sandália de salto vermelha. Seus cabelos estão soltos e se usa maquiagem deve ser muito pouca, já que a única coisa que se sobressai são seus lábios vermelhos. Viro o rosto me sentindo observado e constato ser minha mãe, ela analisa minha reação diante de Débora e eu me faço de louco parando de olhar para elas.

— É aquela ali, filho?

— Pai — falo em tom de aviso.

— É sua namoradinha, Rick? — Tio Rubens indaga.

— Pai, não sei por que o senhor ainda fala tudo com *inha*, nós somos homens feitos. — Pedrinho retruca.

— Já se acertou com a sua garota? — Pedro fica sério, mas vejo que discretamente olha para a minha irmã que agora parece também observar Débora.

— O que você acha, Rubens... O casamento pode ser na fazenda? — meu pai pergunta.

— Com certeza! — Tio Rubens concorda, mas logo se volta ao filho. — Deixa de ser bobo garoto, vá pegar sua morena...

— Não — meu pai corta. — Deixe ela vir até você, conheço minha cria. Ela é como a mãe.

— Já você. — Tio Juan aponta para o Kauã. — Nunca deixe Vitória ir até você, você sempre vai até ela.

— Tudo bem, senh... Juan — Kauã até gagueja, nos fazendo rir alto.

Vejo as mulheres se aproximando, a doutora passa os olhos por mim sem esboçar reação alguma. Minha mãe fica para trás e chama Isabella e as duas combinam algo me deixando receoso.

— Meninos, essas são Débora e a avó dela, dona Maria. — Todos cumprimentam e minha vó faz uma breve apresentação de cada um.

Minha mãe abraça o pescoço do meu pai e fala algo em seu ouvido, *ah não...*

— A minha filha mais nova foi com Alberto ao mercado. — Dona Júlia olha em seu relógio de pulso. — Já era para terem chegado. — Franze a sobrancelha.

— Esse é o meu esposo, querida — minha mãe fala.

— Meu primogênito — minha vó completa. — Tão lindo quanto o pai.

— Prazer, Débora. — Meu pai beija o rosto da doutora e ela só sorri meio atordoada.

— Aquele moço bonito é meu menino, você o conhece, né?

— Sim — ela responde sem jeito. — Trabalhamos juntos.

— Bella. — Minha mãe chama e vejo quando Débora fica tensa. — Essa é Isabella. — Minha irmã sorri simpática e abraça Débora.

— Você é linda, hein garota? Que cintura!

Tenho que concordar com minha irmã, que *cinturinha*.

— Ah, obrigada. Você que é linda — Débora responde.

— Tão linda quanto o pai — minha mãe responde e abraça minha

irmã de lado.

— Acho que esse homens tem uma máquina de xerox, invés de um pau no meio das pernas, por que não é possível. — Tia Antonella bufa.

— Pelo menos Henrique se parece comigo — minha mãe responde rindo.

Débora observa tudo e o vinco que se forma em sua testa demonstra a sua confusão.

— Se prepare, querida. — Tia Antonella segura a mão da minha irmã. — Se Pedro for como o pai, seus filhos serão a cara dele.

Acho inacreditável a naturalidade que falam do casamento dos dois sendo que ainda nem voltaram.

— Não me parece uma má ideia. — Minha irmã pisca para a sogra que sorri.

Débora olha para elas, então olha para mim que a encaro sério. *Toma essa, doutora.*

— Já desencalhamos uma, falta só o nosso menino — dona Maria Clara fala para meu pai que estreita os olhos para ela entendendo aonde quer chegar.

— Estou bem assim, mãe — respondo. — Tudo indica que eu não sou o tipo que levaria uma mulher a sério.

— Vocês me confundiram — a senhora ao lado de Débora fala sorrindo. — Ela também é sua filha? — pergunta a minha mãe sobre Isabella.

— Sim! Isabella e Henrique. — Aponta para mim que sorrio para senhora. — São gêmeos.

Vejo o exato momento em que Débora perde a cor. Ela se mexe

desconfortável, morde os lábios e então me olha. Dessa vez sou eu quem desvia o olhar.

— Tão diferentes. — A senhora volta a falar.

— Sim, eles são gêmeos...

— Bivitelinos... não idênticos. — Débora murmura baixo como se estivesse falando consigo mesma.

— Isso. — Minha mãe sorri.

— Chegamos família! — Tia Rebbeca grita. Enquanto o vô Alberto caminha atrás dela ao lado de Clair, esposa de minha tia.

— Essa é a minha mais nova, querida. — Minha avó puxa Débora para apresentar a minha tia, que parece aliviada em sair de perto de nós.

— Você é o cirurgião. — A senhora esperta pergunta para mim e eu chego perto dela beijando sua face.

— O mais lindo daquele hospital — brinco com ela.

— E não é casado — conclui.

É, parece que Débora andou mesmo conversando com a avó. Não tenho tempo de responder, pois dona Julia chega apresentando a minha tia Rebbeca e a esposa a dona Maria. Depois disso ficamos todos por perto e me surpreendo quando vejo Isabella, Vitória e Débora juntas conversando e rindo. Vez ou outra a doutora me olha, mas eu continuo me fazendo de difícil. Não posso simplesmente deixar barato ela ter me julgado por tirar suas próprias conclusões precipitadas. Em algum momento ela falaria comigo e eu usaria isso ao meu favor.

Capítulo 12



Nunca pensei que me sentiria tão à vontade com a família de dona Júlia. Isabella e Vitória são muito legais e me incluíram em suas conversas, sinto que até já passei um pouco da conta de tanto que estou bebendo com elas. Rubens e seu filho que é ex e pelo que entendi, futuro atual de Isabella estão cantando e tocando violão. Pedro toca e canta muito bem, mas a voz do pai dele é tão linda quanto a de um cantor profissional. A irmã de Henrique suspira a cada música que o amado canta, já Vitória não para de trocar olhares com Kauã.

Descobri que há um mês os dois estão de rolo. Vitória falou que ele diz gostar dela e quer algo sério, mas ela não consegue confiar por conhecer bem o histórico do médico. Acabei deixando escapar sobre Morgana e Vic me contou que foi por uma mensagem da minha amiga que as coisas desandaram e se desentenderam antes de ser internada. Eu vi muitas vezes Kauã e Morgana juntos, porém nunca ele olhou para ela da forma que olha para Vitória.

A genética da família de dona Júlia é generosa em termos de beleza. Fiquei chocada com a beleza de Juan, um tio do Henrique, o cara poderia ser um ator de Hollywood com certeza. A mãe dele não fica atrás, já que são muito parecidos, os olhos deles são tão azuis que é meio impossível de dizer

a cor ao certo. O pai de Henrique é um moreno que nossa... Enfim. Poderia fazer uma lista definindo a beleza de cada um, porque gente bonita atrai gente bonita então seus cônjuges estão no mesmo patamar. Pelo que entendi todos são cheios da grana... Até hoje eu pensava que gente rica tinha cara de rico do tipo “Ah olha fulano, ele parece rico”, mas, hoje mordi a língua.

Estamos todos no mesmo ambiente ouvindo o show particular que pai e filho fazem. Antonella que é esposa e mãe dos cantores grita a cada música que acaba junto a Maria Clara, as duas são extremamente engraçadas e eu juro, nunca ouvi tanto palavrão na vida como ouvi da boca dessas duas. Helena, mãe de Vitória é discreta e tão doce quanto a filha, em alguns momentos chega a cobrir o rosto como se estivesse com vergonha das cunhadas.

Henrique está sentado em uma banquetta entre o pai da prima e Kauã. Em alguns momentos até olha na nossa direção, mas segue me ignorando com sucesso, não posso tirar a razão dele.

— Acho que alguém caiu na rede do meu irmão. — Olho para Isabella que ri junto a prima.

— Não, somos colegas — respondo.

— Claro... Deve ser por isso que ele passou o café da manhã nos contando sobre o fora que levou por ser casado. — Ela faz sinal de aspas com as mãos.

— Casado? — Vitória pergunta.

— Ela achou que eu era a esposa dele — Bella responde e as duas gargalham juntas.

Escondo o rosto com a mão rindo junto, que vergonha.

— Nós nunca ficamos.

— Sério? — Vic pergunta e eu confirmo em um gesto.

— Vocês nunca transaram mesmo?

— Nós nunca nos beijamos, quanto mais transar.

— Cacete! — Ela põe a mão na boca e olha para o irmão, que está nos olhando como se soubesse que é o assunto.

— Disfarça, prima. — Vitória chuta o pé dela. — Eles estão olhando pra cá.

— Deixa de fazer cu doce, Vitória. Tá louca para brincar de médico com o Kauã e fica aí se fazendo. — Agora sou eu quem acompanha Bella na risada.

— Eu fazendo cu doce? — Vic ironiza. — Você está enrolando para se acertar com o Pedro.

— Esperando o momento certo. Estou com olhos de águia, daqui a pouco pego ele em um cantinho — ela afirma. — Falando em cantinho, meu irmão com certeza vai pegar mais bebida na adega — ela fala quando Henrique saí pela porta — é o momento certo para você ir dar uns pegadas nele, cunhadinha.

— Não, menina. — Dou uma risada nervosa, mas então lembro de algo. — Você disse que ele falou de mim?

— Falou sim, deixa de ser boba. — Nem tenho tempo de responder ela levanta e me puxa pela mão.

Entramos na sala e logo ela sobe as escadas ainda segurando minha mão.

— Isabella. — Tento puxar minha mão. — Eu não sei o que dizer pra ele.

— Então só fique quieta, meu irmão tem assunto por vocês dois juntos pode ter certeza — ela fala e para na frente de uma porta. — É aqui.

Ela abre a porta sem me dar tempo de pensar. De início procuro Henrique pelo ambiente, mas não o acho.

— Eu jurava que ele estaria aqui — fala com a testa franzida. — Não vou perder a viagem.

Se abaixa e começa a procurar algo em umas das prateleiras. O lugar é revestido por madeira e dividido por um vidro. Nas duas laterais tem prateleiras do chão ao teto com várias bebidas dispostas sobre elas. No centro do cômodo há duas poltronas sobre um tapete com uma pequena mesa redonda. Há um vidro dividindo o cômodo onde contém vários vinhos, acredito que aquela parte seja climatizada. Um lugar típico de filmes, posso me imaginar lendo sentada na poltrona com uma taça de vinho sobre a pequena mesa. A porta se abre, Isabella olha para trás de mim e sorri, não preciso me virar, pois pelo perfume sei que é *ele*.

— Bebidas doces ficam do outro lado, mana.

Mana. Vejo o quanto ele destaca essa palavra querendo mesmo me provocar.

— Nem sei por que não pedi para você pegar pra mim, sempre fiquei perdida aqui.

— Na verdade, também não sei por que não me pediu já que *nunca* vem aqui.

Disfarçadamente me viro e sorrio para ele que me ignora e vai até a uma das prateleiras, pega a bebida e entrega para a irmã.

— Você toma essa com cereja — ele diz, ela sorri e o abraça e beija seu rosto.

— Você vem? — ela pergunta para mim e ele dá uma risada.

— Não, ela não vai. Sei que vieram aqui porque imaginou onde eu estaria e está tentando bancar o cupido.

— Você deveria disfarçar como eu fazia quando levava o Pedro até mim.

— Nós éramos adolescentes nessa época.

Ela dá de ombros e sai do cômodo sem responder nada a ele. Ele cruza os braços e fica me olhando, diferente de mim que tento não o encarar, ele me olha sem desviar os olhos em momento algum.

— Você quer me falar algo. — Não demora a quebrar o silêncio. — Caso contrário teria saído por essa porta junto com ela.

— Me desculpa — começo —, eu entendi tudo errado... Caramba vocês são gêmeos.

— Você *tinha* minhas redes sociais, Débora — fala com sua costumeira calma. — É sério que não olhou minhas fotos?

— Eu olhei, mas estava como *gêmea do mal* a legenda de uma foto. Eu imaginei algo do tipo alma gêmea sei lá, algo assim.

— Então realmente olhou minhas fotos — diz abrindo um dos seus sorrisos de lado.

— Te pedi desculpa por te julgar, mas, continua sendo um idiota.

— Está desculpada.

Quando vejo que não vai falar mais nada vou em direção à porta, assim que ponho a mão na maçaneta ele passa a sua por baixo da minha e gira a chave trancando-a, suas costas encostam em mim me deixando em alerta.

— Não tão fácil, docinho. — Sorrio sabendo que não pode ver minha expressão.

Esse filho da puta sabe jogar. Me viro de frente para ele, apoio as costas na parede buscando uma distância segura que ele volta a quebrar já que acompanha meus movimentos ficando bem perto de mim.

— Existe algo chamado espaço pessoal, *doutor*.

— Algumas regras devem ser quebradas.

— Achei que você seguisse protocolos.

— Não sou tão certinho assim. — Ele sorri e não consigo evitar olhar para o formato perfeito da sua boca.

Caramba.

Sabe aquele clichêzinho de que o ambiente muda? Pequenos toques buscando um contato natural, aquele olhar que demonstra toda a atenção em você, fazendo com que se sinta a mulher mais linda e desejada do mundo?

É isso que eu sinto acontecer agora.

Não para por aí.

Sinto que seu olhar confiante busca nos meus olhos o mesmo interesse, seu corpo se aproxima ainda mais sondando o meu, esperando algo como uma confirmação, reciprocidade.

Ele me provoca, desafia.

Suas mãos saem do lado do seu corpo tocando as minhas. Passa os dedos em minhas palmas em movimentos sincronizados vai subindo para os meus braços sem desfazer o contato visual.

Respiro fundo. Movimento que não passa despercebido por ele.

Como pode um simples toque mexer tanto comigo?

Mordo o lábio quando seus dedos passam pelo meu pescoço arrepiando cada pelo do meu corpo.

— O que está fazendo? — pergunto já que qualquer outro cara já teria me beijado.

— Estou criando uma tensão sexual — responde baixinho com a voz rouca. — Quero que esse seja o melhor primeiro beijo.

— Primeiro beijo? — indago arqueando a sobrancelha.

— Eu acho injusto que exista apenas um primeiro beijo. Cada indivíduo é único com particularidades, até acharmos a *noossa pessoa*, existem vários primeiros beijos. *Quero que o nosso primeiro beijo seja o melhor da sua vida.*

Seus olhos descem para o meu decote. Ele observa o vão dos meus seios e sorri de lado quando percebe o quanto minha respiração está acelerada.

— Nossos corpos não mentem, doutora.

— Isso é uma aula de anatomia sexual, doutor?

— Não. Mas, se fosse eu saberia explicar cada reação do seu corpo.

— Explique. — Arqueio a sobrancelha o desafiando.

— Você sentiu a atmosfera mudar no momento que se arrepiou. Buscou contato visual porque precisava de alguma forma justificar seu desejo através do meu. Ficou excitada quando te toquei de leve fazendo sua mente projetar como seria se eu te pegasse de jeito. Agora vou provar outro ponto.

— Qual? — pergunto.

Ele encosta sua ereção em mim e arfo forçando meus olhos a ficarem abertos. Ainda que esteja de salto ele é mais alto do que eu e infelizmente não sinto sua dureza onde queria sentir.

— Você arfou, o que significa que quer ser tocada. Seus lábios entreabertos estão implorando para serem beijados e suas mãos nos meus ombros denunciam que suas pernas precisam de equilíbrio por que está tão excitada quanto eu.

Leva a mão até meu rosto e passa um dedo por meus lábios.

— Suas pupilas estão dilatadas pelo tesão e você perdeu as palavras porque está esperando que eu te beije. — Ele sorri tão atordoado. — Agora vou mostrar outro ponto a você.

Não tenho tempo de perguntar qual, pois, assim que fala seus lábios encostam nos meus. A princípio como uma leve carícia trazendo novamente o sentimento de antecipação em mim. Suas mãos seguram firme a minha cintura no exato momento em que sua língua pede passagem, e minha boca aceita de bom grado a sua.

E então tudo muda.

Minha pulsação acelera, minha respiração fica ainda mais descontrolada. É como se estivesse provando uma droga estimulando a liberação de neurotransmissores excitáveis. Sinto aquele famoso friozinho na barriga e um acelerar incontrolável em meu coração.

É como se o meu corpo liberasse uma grande mistura de hormônios, enviando ao meu cérebro informações desconexas que irradiam por todo meu corpo, me deixando alucinada. Fico confusa tentando lidar com o turbilhão de sensações que esse beijo me causa, sensações que ele desperta.

A química do meu corpo parece fora do ar, me sinto alta, como se

estivesse drogada, a diferença é que essa droga não faz mal ao meu corpo, pelo contrário, ela faz bem. Muito bem. As sensações conflitantes aumentam fazendo com que eu solte um gemido e o puxe para mim. Ele sorri entre o beijo e diferente do que eu espero ele diminui o ritmo, terminando o beijo com um selinho. Sua testa encosta na minha e mesmo com meus olhos fechados posso sentir os dele abertos me observando.

— Eu provei outro ponto com esse beijo.

— Qual? — pergunto em um fio de voz quando abro os olhos.

— Nós temos química e, cada vez que você me nega está negando a si mesma. — Ele passa a língua pelo meu lábio inferior e segura meu rosto fitando meus olhos. — Diferente do que já me disse, nós funcionamos bem juntos princesa. Isso — pressiona ainda mais sua ereção contra mim —, está pulsando por você. Quando eu pôr as mãos nesse seu corpinho gostoso vou te estragar para qualquer outro homem, Débora. Porque vai acontecer e, eu te garanto, vai ser você quem vai pedir.

Ele encosta nos meus lábios deixando um beijo demorado.

— Se recomponha, doutora. Minha família é boa em ler sinais. — Ele pisca e então com uma delicadeza anormal me tira da frente da porta e sai me deixando ali sozinha.

Caramba... Uau! O que foi isso?

— Débora? — Isabella chama, mas logo abre a porta. — Caralho! Vocês estavam mesmo dando uns amassos, menina sua boca está inchada. — Ela gargalha. — Meu gêmeo não me decepçiona.

Solto uma risada nervosa e tento ajeitar meu cabelo.

— Vamos? Se não daqui a pouco alguém vem atrás de nós.

Passamos no banheiro e eu lavo o rosto garantindo a mim mesma que minha aparência esteja normal. Chegamos novamente a área de lazer onde pai e filho continuam cantando com todos à sua volta bebendo e acompanhando as músicas. Henrique está impecável sem um fio de cabelo fora do lugar conversando com Kauã e seu tio. Dessa vez sentamos junto das mulheres e eu percebo o olhar que dona Maria Clara reveza entre mim e o filho. Ela sabe. Me sinto uma adolescente de quinze anos novamente, porém, quando me dá um sorrisinho e uma piscadinha, eu relaxo.

Ele estava certo. Com certeza ele foi o *melhor primeiro beijo* que eu tive.

Capítulo 13



— A taxa do CDI pré-fixada não vale a pena — Tio Juan comenta com meu pai em meio a uma conversa acalorada sobre investimentos. — Por isso fundos imobiliários vêm crescendo a cada dia mais.

Olho para Débora que ri alto de algo que a tia Antonella fala. Porra, a mulher é linda, e, a forma que joga a cabeça para trás em meio às risadas me faz imaginar como seria ela gozando alucinada de prazer. Ela jogaria sua cabeça para trás mordendo os lábios em uma expressão sexy pra caralho que me deixaria ainda mais louco, me fazendo aumentar o ritmo das estocadas em uma velocidade que nos deixaria extasiados.

Respiro fundo e tomo um longo gole da minha cerveja.

— Adoro essa música! — minha irmã grita quando *Alok* começa a tocar.

Ela levanta e liga o globo de luz, diminui a iluminação deixando o ambiente com um clima de barzinho. Tia Rebbeca puxa tia Clair para onde até pouco tempo Pedrinho cantava com o pai. Minha irmã puxa o resto das mulheres que se juntam a elas dançando. Até a avó de Débora vai se mexendo de uma forma contida e tímida. Todas riem se divertindo ao dançar a música.

Lembro do nosso momento na adega e de como poucos minutos podem ter sido tão intensos. No segundo em que nossas bocas se tocaram eu senti como se nossos corpos estivessem se fundindo. Sua língua se moldou à minha em uma sincronia perfeita, seus lábios macios me imploravam silenciosamente para serem mordidos. O calor do seu corpo contra o meu me fez querer explorar cada pedacinho com as mãos e com a língua. Precisei me conter ao impulso de moer contra ela e satisfazer nossas vontades ali mesmo sem se importar com quem pudesse aparecer.

— Eu tenho muita sorte. — Ouço meu pai falar e tanto eu como Kauã olhamos para ele, que não tira os olhos da minha mãe.

Sorrio. Ela é mesmo muito bonita.

— Eu também tenho — Tio Juan comenta e eu nem preciso olhar em sua direção para saber que também fala de sua esposa.

A forma como todos eles se amam é tão forte que às vezes me parece inalcançável. Várias vezes me peguei pensando se um dia eu amaria e seria amado assim, parece tão surreal. Você ama alguém ao ponto de abrir mão de todas as outras experiências sentimentais e sexuais que poderia ter, porque essa pessoa, a que você escolheu, vale mais que qualquer outra possibilidade.

Não há mais impulsos sexuais ou desejos momentâneos, mas a certeza de que você está ali por alguém e a esperança de que esse alguém sempre esteja ali por você.

A música acaba e a maioria continua ali dançando, mas minha avó, dona Maria e Débora conversam algo. Débora parece não gostar de alguma coisa, mas dona Julia e sua avó insistem, logo ela concorda a contragosto abraçando e beijando dona Maria na testa. A senhora engancha no braço da minha avó e elas vêm até nós.

— Já vou indo, meninos, obrigada por nos acolherem tão bem — a senhora diz.

Meu pai e tio Juan logo levantam para abraçar a senhorinha, meu pai diz algo em seu ouvido e eles riem então ela me olha.

— Tchau, doutor bonito.

— Esse sou eu — respondo rindo e também a abraço. — Posso levar a senhora em casa? — ofereço.

— Já conversei com Antônio, ele vai levar ela — dona Júlia diz.

Minha avó leva a senhorinha em direção à porta onde seu Antônio deve estar esperando.

— O caminho está livre filho — meu pai diz.

— O caminho de quem está livre? — Pedro pergunta se sentando ao lado de Kauã.

— Do Henrique para investir na médica — seu Guilherme fala. Pedro ri sem jeito. Meu pai estreita os olhos e volta a falar. — Se bem que você investiu na minha menina na minha frente.

— Sempre fui um bom partido — ele afirma sério, mas todos riem da sua cara de pau.

Volto a olhar para a “pista” de dança. Todos dançam animados, mas meus olhos voltam a me trair fazendo com que eu olhe Débora. Ela se balança de olhos fechados envolvida com o ritmo da música. Me pego novamente hipnotizado com suas curvas como no dia em que a vi dançar na boate. Mexe os quadris de uma forma tão sensual que invejo a blusa que envolve sua pele. Gargalho sozinho, minha imaginação anda muito fértil.

— Cara, graças a Deus — Kauã murmura.

— O quê?

— Achei que seu tio não sairia mais daqui. — Volto a gargalhar.

— Seu sogro é esperto. Enquanto estamos indo ele já foi e voltou, parceiro.

— Nem meu sogro ele é. Sua prima também, vou te contar viu? Encarnou que estou pegando a Morgana.

— E não está?

— Não! Quer dizer, não desde o dia do sexo oral.

— O quê? — pergunto. — Você fez sexo oral na Vitória?

— Também.

— Que nojo cara! — respondo.

— Quando contei que masturbei a Isabella pela primeira vez, ele também fez essa cara — Pedro fala rindo.

— Vocês são muito sem noção. Uma é minha irmã gêmea, a outra é como se fosse uma irmã.

— Foi mal, cara, mas é a real. Vai ter que me aturar, tô de quatro por aquela loirinha.

— Vai parar de usar o quarto de descanso então?

— Vou usar todos os cômodos possíveis desde que seja com ela.

— Bem-vindo à família, *brother* — Pedrinho diz e eles batem as mãos.

— E você, Pedro? — pergunto e tomo um gole da minha cerveja.

— Entrei em um celibato — fala sério.

— Como assim? — Kauã é quem pergunta.

— Se Isabella quiser o corpinho aqui vai ter que casar. — Sorri de canto e se encosta na cadeira.

Kauã ri alto. Já eu, lembro da história do tio Rubens e da tia Antonella.

— Vai mesmo fazer isso? — pergunto.

— Com certeza vou. Já cansei dessa merda de vai e volta, se me quiser vai ter que casar.

Ele olha na direção da minha irmã que já o olhava e a encara, ela não perde a oportunidade e vem até ele.

— Quero falar com você — diz decidida.

— Poder falar, bombom — responde sorrindo.

Ela estende a mão o chamando e ele pega, mas ao invés de levantar, ele a puxa para o seu colo que ri surpresa. Faço um aceno de cabeça para Kauã e ele vem comigo dando privacidade ao futuro casal. Sentamo-nos perto de onde as meninas dançam. Nem preciso dizer que o Kauã fica babando na minha prima igual um demente, né?

— Eu vivi para ver esse momento.

— Cala boca — fala sem desviar os olhos de Vitória que dança alheia de estar sendo observada.

Débora ao contrário da minha prima já viu que tem minha atenção e testa meu juízo descendo até o chão ao som de um funk. *Bendito funk*. Ela desce rebolando devagar com a mão no cabelo, quando chega ao chão pisca e vira de costas, põe a mão nos joelhos e se inclina rebolando.

Caralho! A mulher é toda gostosinha, já disse isso? Ainda assim,

sempre é bom repetir para deixar claro.

— Quer um babador? — Kauã pergunta e eu gargalho.

— Cara, eu preciso ter um *momento* com essa mulher.

— Eu preciso ter um momento com a sua prima.

— Com o tio Juan por perto? Tenta a sorte, parceiro. — Ouço ele respirar fundo.

— Meninos do céu. — tia Rebecca se joga na cadeira com tia Clair sentando ao seu lado em seguida. — Não tenho mais idade para isso.

— Que nada tia, você está inteirona. — Pisco para ela que dá um tapa de leve em meu braço.

— Acho que já podemos ir para o quarto né, querida? As crianças precisam namorar um pouquinho — Tia Clair fala.

— Você está de olho na doutora, é?

— Com certeza — respondo sem pestanejar.

— Orgulho da titia! — ela grita, beija meu rosto e logo sai.

— Vou lá! — Kauã diz indo atrás de Vitória que está em frente ao frigobar.

Fico viajando nas curvas da morena que continua a dançar, ela abre os olhos e sorri vindo em minha direção.

— Apreciando a vista, doutor?

— Claro! E que vista, hein? É até um pecado o jaleco esconder isso tudo — brinco e ela ri se sentando ao meu lado.

— Jalecos são sexys. — Ela pisca e pega minha garrafa bebendo um gole e fazendo uma careta. — Essa cerveja já virou chá.

— Verdade. Fiquei tão fascinado no seu rebolado que a pobre cerveja ficou de lado.

Ela gargalha alto.

— Você é bom com as palavras.

— Pode ser. — Dou de ombros. — Meu ponto alto são atitudes, bebê. Minha mãe costuma falar que *atitudes falam mais que mil palavras*. Quem sou eu para contrariar a sabedoria da minha velha?

— Sua velha? — Ela bufa. — A genética de vocês é fenomenal, me senti em um templo em meio a *Deuses Olímpicos*.

— Eu já ouvi algo do tipo — admito e ela volta a gargalhar.

— Você é bem convencido.

— E você é linda. Aliás, você foi presenteada com um sorriso lindo, use-o.

— Você não pode falar coisas desse tipo.

— Eu não costumo mentir.

— Esse é o tipo de coisa que só os meninos que são para casar dizem.

— E eu não sou? — pergunto.

— Não estou te julgando, não me entenda mal. — Faz um gesto com as mãos. — Só que você é o Henrique. — Faz uma expressão de como se essa frase fosse óbvia e eu arqueio a sobrancelha questionando. — Você é o *cirurgião delícia* que pega toda a mulherada.

— A parte do delícia com certeza é verdade — brinco tentando desconversar, afinal de santo, não tenho nada. — E você *doutora*, é uma mulher para casar?

— Não — ela responde me surpreendendo.

— É... Isso é algo inédito.

— Não me diga que tem algo contra sexo casual, isso seria bem contraditório.

— Nada contra. Cada indivíduo é dono do seu próprio corpo e faz com ele o que bem entender. Eu faço sexo casual, mas não sou uma pessoa avessa a relacionamentos. Só não aconteceu ainda porque não fiquei interessado o bastante.

— Entendi... seu interesse acaba no momento em que leva a mulher para a cama?

— Sim, não. Depende. Não existe nenhuma regra sobre não transar mais de uma vez com uma pessoa. Eu vivo de momentos. — Ela me encara e sei que está lembrando do beijo. — Inclusive, acho que nós dois merecemos um momento juntos.

— Nós trabalhamos juntos, *doutor*.

Encaro seus olhos tão negros com a noite e então me apoio na mesa chegando perto do seu rosto.

— Nós temos química, Débora. Sei que ficou tão molhada como eu fiquei duro com um beijo que não durou mais de três minutos.

— Você é muito seguro, Henrique. — Chego mais perto.

— Diz pra mim que não sentiu vontade de ligar o foda-se e transar comigo naquela adega? — Mantenho o contato visual. — Nega que ficou tão excitada quanto eu e que não gozaria fácil se o beijo continuasse e eu moesse o meu pau contra você mesmo vestidos. — Ela vira o rosto para frente e suspira.

Espero uma reação sua, mas nada acontece. Ela parece perdida em seus próprios pensamentos, eu deveria me sentir mal por ser tão sincero, mas não sinto. Isso é quem eu sou, nunca soube ser diferente.

— A sua vó é muito especial para mim — ela fala finalmente. — Sua família é maravilhosa e você, até que legal. — Sorrio e ela ri. — Podemos ser amigos.

Uau! Essa doeu no fundinho do meu ego. Como sua fala soou como uma afirmação e não uma pergunta apenas concordo com um gesto de cabeça. Volto a apoiar as costas no encosto da cadeira meio atordoado com o fora explícito que acabei de levar. Primeiro eu não sirvo para ela, pois sou “casado”, depois, porque nutre algum tipo de afeto por minha avó e porque minha família é legal? Caralho... foi quase aquele papo de “não é você, sou eu” que já falei para várias garotas.

Olho novamente para o seu rosto que continua compenetrado olhando para o nada. Ela é linda, porra... É uma morena que a sociedade facilmente rotularia como normal, mas para mim não é. Seu rosto tem traços meigos e ao mesmo tempo marcante, seu corpo é tão delicado quanto sexy. Seus lábios são levemente carnudos e avermelhados são como um convite para o pecado, impossível não olhar para essa boca e não imaginar como seria tê-la sugando o meu pau. Ela tem uma beleza selvagem. Algo que eu não consigo decifrar, e bom, eu não deveria estar pensando nada disso.

— Mano! — Minha gêmea se joga na cadeira ao lado. — Somos muito novos para nos casar, não acha?

Pedrinho senta ao seu lado e pisca para ela que revira os olhos escondendo um sorriso.

— Depende — respondo. — Se os noivos em questão são você e o Pedro, acho que está mais do que na hora.

— Claro! Você quer ficar com a cobertura só para você, assim pode fazer do lugar um bordel. — Pedro e Débora gargalham.

Ótimo.

— Não sou um prostituto para fazer do nosso apartamento um bordel, Isabella — repreendo. — Até parece que você nunca levou ninguém lá. — Ela arregala os olhos e eu entendo que fui longe demais, mesmo ela merecendo. — Não quis dizer isso, Pedro. Foi mal.

— Eu sei que sua irmã teve outras experiências, mas, ainda assim, ela sempre voltou para mim.

— Chegou, a última Coca-Cola do deserto — ela responde baixo e dessa vez somos eu e Débora quem rimos.

— Você quem sabe Isabella, eu já deixei claro que a escolha é sua. — Ele dá de ombros e se levanta. — Vou embora, foi um prazer Débora. — A pediatra sorri e aperta sua mão. — Nos falamos cara — ele se despede de nós dois e sai.

— Como assim, Pedro Jorge? — Minha irmã se levanta. — Você diz que vai embora se levanta e sai, simples assim?

Meu Deus, Pedro está destinado ao mesmo destino do meu pai e do tio Rubens. Lidar com um furacão para o resto da vida. Ele suspira e sai andando com ela ainda o seguindo sem parar de falar.

— Eles sempre foram assim? — Débora pergunta.

— Sim. Começaram a namorar bem novinhos, ele quis casar e ela disse não. Desde então são uma confusão sem fim — falo lembrando do Natal em que os dois estavam acompanhados, porém foram flagrados atrás da árvore de Natal. — Ele odeia que chamem ele de Pedro Jorge, ela faz o faz só para irritar mesmo.

— E agora ele quer se casar de novo?

— É o que parece.

— Ele é corajoso. — Olho para ela. — Não me leve a mal. Mas, levar um não e, ainda assim, voltar a tentar um sim com a mesma pessoa é algo realmente surpreendente.

— Dessa vez ela não vai deixar ele ir embora, só está se fazendo de difícil.

— Falando em ir embora, já deu minha hora. Vou pedir um Uber.

— Você tem hora para estar em casa? — brinco.

— Não, mas, não vou ficar aqui segurando vela. — Aponta com o queixo para Kauã e Vitória que se beijam. Ele sim é um cara de coragem, se tio Juan aparece aqui agora nem quero pensar o que faria.

— Eu também já vou, levo você embora.

— Não precisa vou pedir um Uber.

— Débora são duas da manhã — falo o óbvio. — Eu já percebi que minha presença não te agrada, mas é um sacrifício válido.

— Tudo bem — responde simplesmente. Juro que esperava um “nunca disse que sua presença não me agradava”, mas essa resposta não veio.

Nos despedimos de Vitória e Kauã e descemos para a garagem. Ela mora a uns vinte minutos do meu bairro, mas desconversei quando perguntou se o caminho ficava fora da minha rota. Acho arriscado uma mulher sozinha andar de Uber a essa hora da madrugada. Infelizmente o simples fato de ser mulher já é como colocar um alvo nas costas. A cada dia que passa vejo mais e mais casos bizarros de assédio no hospital e isso só contribui para minha neurose com esses aplicativos. Minha irmã e prima dizem que eu exagero,

mas melhor garantir do que remediar.

O caminho é feito em silêncio, com exceção da música eletrônica que toca no som do carro. Chegamos até seu residencial. Pelo que consigo ver o residencial comporta quatro prédios pintados de cinza com branco e alguns detalhes em vermelho. Um prédio simples de classe média, não posso evitar de voltar a nossa conversa de quando ela me disse que eu tinha privilégios. Suspiro. Só na questão moradia nem preciso entrar em seu apartamento para concluir que o meu deve ser consideravelmente maior.

— Obrigada pela carona, Henrique — ela fala sem graça e morde o lábio inferior. Meus olhos traidores caem para sua boca e eu sinto inveja dos seus dentes. — Desculpe qualquer coisa.

Qualquer coisa.

Será que essa “qualquer coisa” se refere ao chute na bunda *antecipado* que eu ganhei? Sim. Definitivamente sim.

— Não se desculpe, princesa. Sou um menino crescido, sei lidar bem com os foras que ganho.

Talvez isso não seja totalmente verdade, mas ela não precisa saber.

— Você não deve ganhar muitos foras, doutor.

— Você poderia facilitar minha vida parando de me chamar de doutor. Essa palavra na sua boca soa provocativa pra caralho e é impossível não levar para conotação sexual.

— Essa sua mescla, de menino culto e garoto safado é bem atraente. — Ela fala me surpreendendo e então, desce do carro murmurando um boa noite.

Respiro fundo inalando seu perfume que ainda continua em todo o

espaço do automóvel. Ela entra pelo portão, mas só arranco com o carro quando sua imagem some dentro do hall de entrada. Eu deveria ignorar sua presença a partir de hoje. Já ouvi várias vezes minha gêmea e Vitória rotularem alguns homens como “garotos problema” essa frase não poderia se encaixar de forma melhor no meu caso. Não sei por que, mas, algo me diz que é isso que Débora será para mim. *Uma garota problema.*

Capítulo 14



— E ele beija bem? — Morgana me pergunta sem conter a animação.
— Gata, você pegou o cirurgião mais gato do hospital!

— Claro. Eu e o hospital todo — ironizo e mordo mais um pedaço do meu sanduíche.

— É se analisarmos por esse lado o resto do hospital já transou com ele, já você...

— Não vamos transar.

— Sim, você é burra demais para deixar isso acontecer.

— Não sou burra, sou racional.

— Débora, algum dia você vai ficar com alguém conhecido, isso é meio que inevitável.

— Não com o neto do dono do hospital. Não com o neto da mulher que foi um anjo na minha vida.

Passei o domingo inteiro pensando na noite de sábado. A família da dona Júlia é tão acolhedora que depois de meia hora no mesmo ambiente me esqueci completamente das suas contas bancárias exorbitantes. Todos estavam vestidos de forma simples, os assuntos por incrível que pareça não eram muito diferentes dos que estou acostumada. Eles são divertidos, muito

divertidos.

A mãe de Henrique e uma outra mulher chamada Antonella são tão engraçadas que em certo momento senti dor no maxilar de tanto rir. As mulheres são lindas, não consegui me referir a elas como senhoras em momento algum, pois isso parece até uma afronta. Os homens, bom... chega a ser meio perturbador. O seu Guilherme tem uma beleza que te deixa meio tonta, sabe? Rubens é o esposo da Antonella, ele tem uma beleza rústica, sabe aquela pessoa que parece ser naturalmente bonita? É ele, Pedro é uma mistura dos dois. Aí chegamos em Juan, e nossa... Ele e Maria Clara são extremamente parecidos e para minha total falta de sorte Henrique é como eles, portando de uma beleza intensa, chega a ser intimidador.

É uma merda. Henrique tem todas as qualidades que um cara interessante deve ter. Ele é lindo, lindo mesmo. O rosto dele é másculo, os olhos dele são de um azul surreal com uma boca naturalmente rosada, o que é muito injusto já que qualquer *mundano* precisaria de um procedimento estético para chegar nesse tom. O corpo dele, senhor, não vamos falar do corpo dele. Então chegamos ao intelecto, o que termina de foder a minha vida. Ele é inteligente, inteligente demais! Me sinto até culpada por ter julgado sua posição no hospital, não há mais dúvidas de que foi única e exclusivamente mérito seu.

Suas analogias fazem sentido de uma forma que chega a ser absurda. Ele expõe seu ponto de vista sempre totalmente seguro e convicto de suas palavras, e, faz tudo isso sem parecer esnobe ou soberbo. Ele é sincero, autêntico, e para fechar o pacote de homem perfeito; não é machista. Ah, mas vamos terminar de foder com o meu psicológico de uma vez; beija muito bem.

Muito mesmo.

Quando digo muito bem, é muito bem *mesmo*.

Tem uma pegada ridiculamente gostosa. Em menos de cinco minutos me senti como nunca até então tinha me sentido. Se já não bastasse isso tudo, nós temos química. É o mundo é injusto.

— Não acho que ele seja o tipo de homem que saí contando sobre suas experiências sexuais por aí. — Morgana me tira de meus devaneios.

— Ele é do meu círculo profissional. Isso já é o bastante.

Também não acho que ele seja o tipo de cara que se gaba por suas conquistas, que fica contando na roda de amigos sobre o corpo de suas amantes ou o que fizeram na cama. Isso não torna as coisas mais fáceis, não para mim. Tenho meus fantasmas, minhas particularidades e não posso dividi-las com ele. Tudo que eu mais queria era uma noite com ele, mas querer não é poder e preciso aceitar isso.

Não posso correr riscos. Não, não posso.

— Um dia você vai precisar se abrir para alguém, amiga. — Ela volta a falar.

— Não fale como se ele fosse o amor da minha, Morgana. Não é como se ele estivesse afim de mim. — Olho para o lado e vejo Juliana sentada a duas mesas além da nossa. Ela tem ele, com frequência, pelo que sei.

— Estando ou não afim ele está vindo em nossa direção.

— Não é na nossa direção que ele está vindo — falo quando vejo Juliana sorrir de orelha a orelha.

Ele para ao nosso lado.

— Bom dia, Morgana, doutora — fala sorridente.

— Bom dia, doutor — ela o cumprimenta, eu apenas dou um aceno de cabeça.

Vejo o momento em que ele olha para a cadeira vazia em nossa mesa ponderando sentar ou não. Facilito sua vida levantando.

— Já terminei de comer, vou indo. — Ele me olha e arqueia as sobrancelhas negando com a cabeça.

— Pode terminar sua refeição, Débora — fala agora sério. — Não vou forçar minha presença onde ela com certeza não é bem-vinda. — Se vira e vai até onde Juliana está sentada. Ela volta a sorrir e puxa um assunto.

— Sinceramente, amiga? — Morgana fala chamando minha atenção. — Não sei se te chamo de burra ou mal-educada, o que acabou de fazer foi rude.

— Ele estava dividido entre sentar aqui ou com ela, só facilitei as coisas.

— Esquece a burra ou mal-educada. Você boca aberta mesmo! — Suspira e levanta sem nem se despedir.

Fico momentaneamente atordoada, mas logo me dou conta que estou de pé sozinha em frente à mesa que lanchávamos. Saio do meu torpor e me encaminho à porta da cantina. Ok. Talvez minha atitude tenha sido descabida, porém, juro que foi na melhor das intenções. Entro no elevador apertando o andar da pediatria. Quando as portas se fecham respiro fundo com raiva de mim mesma. Eu praticamente o joguei para cima dela, não que precisasse fazer isso já que os dois se pegam. Bem, na verdade, nem era para eu estar pensando isso, quem sou para jogar ou não, ele para cima de alguém? Não somos nada. Ele não significa nada. As portas se abrem e eu caminho pelo corredor em direção ao posto de enfermagem.

— Boa tarde, meninas — cumprimento as técnicas em enfermagem.
— O que temos para hoje?

Elas me passam os prontuários da internação e, eu me envolvo com meus pacientes esquecendo de todo o restante.



— Querida, elas insistiram tanto — minha avó fala pela terceira vez enquanto eu continuo olhando a mensagem que Isabella me mandou. Com certeza dona Júlia deve ter dado meu número a ela.

— Vó, eu não estou no clima — falo, na verdade, ocultando que eu e Henrique não temos clima.

Desde o episódio de segunda ele não falou mais comigo ou tentou qualquer tipo de contato. Ele passa por mim e apenas cumprimenta com um gesto de cabeça quando muito necessário, agradeço a Deus por nenhum dos meus pacientes precisarem dos seus serviços de cirurgião essa semana, pois me sentiria desconfortável com a sua indiferença.

Indiferença que você mesma buscou. *Minha consciência acusa.*

— Então você mesma vai ligar para Júlia e avisar que não iremos. Não tenho cara de fazer isso, não depois de todas elas virem aqui e passarem a tarde comigo.

Pelo que parece, todas as mulheres ficaram na cidade durante a semana para planejar o noivado de Isabella e Pedro. Os dois voltaram e irão se casar em sessenta dias, nunca vi um casamento ser planejado tão rápido,

porém, nesse caso com certeza o dinheiro contribui muito.

— Talvez seja o meu plantão — desconverso.

— Você sabe que está mentindo, criança. — Minha avó consegue me fazer sentir culpada.

— Ok. Vou avisar que estaremos lá. É amanhã mesmo ou sábado?

— Amanhã. Parece que o bonitão fortão vai para o exterior no domingo. Então vem amanhã para o noivado, mas sábado já vai embora.

— Bem coisa de rico fazer um bate e volta né, vó? — falo, já que amanhã é sexta.

— Se eles têm dinheiro tem mais é que desfrutar desse benefício, filha. Além do mais, a companhia de todos lá é bem agradável, então, não fale dessa forma.

— Foi só um comentário — me defendo.

— Um comentário desforrado, conheço você muito bem menina.

— Tudo bem. — Levanto as mãos em rendição. — Vou tomar um banho para deitar.

Ela olha para o relógio de parede conferindo se já faz uma hora que jantamos, já que só posso tomar banho uma hora depois de ter comido senão, segundo ela, posso ter uma congestão. Sei que isso é apenas um costume dos antigos, mas sempre a respeito e espero passar a tal hora. Entro no banheiro, tiro minhas roupas e entro no chuveiro deixando a água cair sobre mim. Suspiro. Vou ter que encarar a indiferença de perto de Henrique. Não temos nada. Ele não me deve nada. Mas não posso negar o fato de que nesses quatro dias senti muita falta dele, das suas investidas, das suas brincadeirinhas sacanas... solto o quinquagésimo suspiro do dia.

Novamente sinto aquela sensação de frustração costumeira.

Respiro fundo.

Não posso me permitir sentir.

Levanto os dois braços no alto puxando respirações fundas na esperança de que isso tire o bolo que se instala em minha garganta. A inquietação vem como tudo e de repente a água que cai do chuveiro já não me parece mais interessante. Me sinto instável, com vontade de gritar e chorar ao mesmo tempo. Sinto as lágrimas silenciosas banharem meu rosto molhado.

Eu não quero sentir.

Eu não quero encarar a mim mesma, porque o que eu vejo não é bom.

As lembranças não são boas... posso sentir minha boca sendo tampada, consigo sentir a agonia, o medo.

— Você não quer gritar, vadia — fala com a respiração ofegante.

Mordo minha mão o mais forte que consigo.

— Você quer tanto quanto eu, huuumm — geme em meu ouvido. — Sinta o quanto está molhada.

Ponho as mãos na cabeça e puxo meus cabelos tentando afastar esse pensamento.

— Você vai gozar como em todas as vezes, pois gosta de que te peguem há força. — Ele volta a falar baixinho em meu ouvido.

— Eu tenho nojo de você! — Como em todas as vezes essa era a minha resposta em meio a lágrimas.

— Cala a boca vadia. — Põe a mão no meu pescoço, quase

sufocando. — Você adora a forma que te pego. E quer saber mais? Nunca vai contar para ninguém porque você goza, não existe consentimento maior que esse.

Consentimento.

As lágrimas caem com mais força quando essa palavra vem sobre mim como um tapa na cara.

Como alguém gosta de ser tocada dessa forma suja?

Como eu poderia gostar de um ato tão sujo?

Como eu conseguia gozar mesmo sendo violentada?

Ponho a mão na boca contendo o soluço que insiste em sair.

Começo a sentir o mesmo de sempre. Visão turva, pernas bambas, tremor nas mãos e como médica não preciso de muito para saber que um ataque de pânico está por vir. Vou Tateando até chegar no nicho do banheiro, não demoro para encontrar um prestobarba. Encosto a lâmina um pouco acima do púbis e arrasto com força sentindo ardência.

Não é o bastante.

Então arrasto de novo.

E de novo.

Jogo a gilete no chão no momento em que vejo o líquido vermelho se misturar a água do chuveiro caindo por minhas pernas e indo de encontro ao ralo.

Arde.

Queima.

Dói.

A dor física consegue por um momento acalmar a emocional.

Meu coração já não bate descompassado. Estou ciente do meu corpo e da dor que sinto nele. As lembranças já não me assombram.

Eu sou dona do meu corpo. Eu tenho domínio sobre ele.

Como sempre, começo a cuidar dos cortes. Lavo bem minhas mãos com água e sabonete para não levar germes para a área afetada e desligo o chuveiro.

— Débora? — Minha vó chama.

— Oi, vó.

— Querida você demorou, e estou cansada. Durma com Deus, filha.

— Boa noite, vó. Durma com Deus também.

Ouçoo seus passos e logo sem seguida escuto a porta do seu quarto sendo fechada. Pego a gaze no armário e comprimo o local esperando pacientemente até o sangramento estancar, em seguida passo soro fisiológico limpando o local e removendo qualquer resíduo de sujeira para não infeccionar. Sinto a região inchada, hoje só o band-aid não irá funcionar. Cubro com a gaze e ponho esparadrapo em cima.

Me olho no espelho e respiro fundo.

Está tudo bem.

Eu consegui conquistar meu sonho de ser médica, minha vó já não precisa se matar para trabalhar e aquele filho da puta não tem mais domínio sobre mim.

Eu sou dona do meu corpo.

Vai ficar tudo bem.

Boto a camisola aliviada por ser soltinha e não pegar na região *afetada*. Vou até à cozinha e tomo um anti-inflamatório, e por garantia, um relaxante muscular. Deito em minha cama pegando o celular para ativar o despertador. Lembro da mensagem de Isabella e resolvo responder.

Vai casar, então? Parabéns! Nós vamos sim...

Ainda que eu ache que o seu irmão não vá

Gostar da ideia de me ter por perto.

Mal envio as mensagens e elas já aparecem como visualizadas, logo ela começa a digitar uma resposta.

Vou casar sim, esse lance de greve de sexo não é para mim.

Achei que tinham se entendido depois

da pegação de sábado passado... O que houve?

Como dizer para ela que eu não posso me envolver com uma pessoa conhecida?

Foi só um beijo. Não costumo me envolver com

Pessoas do meu círculo social.

**Se o seu lance é sexo casual fique tranquila
Pois esse também é o que Henrique costuma
Fazer.**

Não vai rolar.

Minha resposta é direta. Sinto no fundo que é mais uma afirmação para mim mesma que uma resposta para ela.

Então diga isso a ele. No momento em que você o cortar

*Ele vai recuar. Eu o conheço bem, ele jamais forçaria uma
Situação fique tranquila.*

É eu percebi. Tenho vontade de responder, mas, não respondo. Tudo seria bem mais fácil se eu não me importasse com a sua ausência. Mas a verdade é que eu sinto falta, mesmo sabendo que é errado, mesmo sabendo que não tenho esse direito. Mando uma mensagem de boa noite e decido tentar dormir, amanhã vai ser um longo dia.

Capítulo 15



— Bom dia família! — Passo os olhos por Dona Rosa, minha irmã, minha prima e... Kauã? — É sério isso?

— Bom dia para você também parceiro — ele responde sorrindo. — Que eu me lembre, somos melhores amigos há anos, já fui melhor recepcionado. — Vitória sorri tímida e ele beija sua boca.

— Como diria a tia Antonella, aceita que dói menos — a gêmea do mal fala rindo.

— Não é estranho chamar a sua sogra de tia? — Kauã pergunta.

— Nessa família nada é normal, se acostume — respondo. — Bom dia, minha linda! — Beijo o rosto de dona Rosa que me dá uma toalhada.

— Deixe de ser bobo menino! Vá sentar para comer.

Eu sento e me sirvo de café preto, pego algumas torradas e passo requeijão.

— Sabe que dia é hoje, dona Rosa? — Minha gêmea me encara séria.

— Não, querido. — dona Rosa não pega a referência e eu não perco a oportunidade de zoar.

— *Eu sosseguei* — começo a cantar brincando e todos começam a rir, menos a gêmea do mal. — *Ontem foi a despedida da balada dessa vida de solteiro.* — Aponto para Kauã que começa a cantar comigo. — *Eu sosseguei*

mudei a rota e meus planos O que eu tava procurando, eu achei em você.

— Ninguém merece. — Isabella olha para cima. — Me diz senhor como eu dividi a barriga com esse traste? Você vai sentir falta de mim quando eu me casar maninho.

Nem preciso pensar para ter certeza de que ela está certa.

— Vou sentir mesmo — admito. — Você a gêmea do mal, mas, ainda assim, é minha gêmea. — Ela sorri e aperta meu nariz. Forte. — Para com essa porra Isabella, não sei como nunca quebrou meu nariz com essa brincadeirinha de mal gosto.

— Hummm, ele é sensível. — Finjo que nem escuto. — Me dá uma carona até o porto?

— Tenho uma cirurgia às 10h. — Olho o relógio. — Dá tempo, te levo sim.

Terminamos de tomar café conversando amenidades. Espero Isabella pegar sua bolsa e então seguimos para a garagem. O porto fica fora da rota do hospital, mas como em breve minha irmã estaria casada eu não pouparia nenhum momento que pudéssemos ter juntos.

Ela faria falta. Muita.

— Vitória não está indo para o escritório dela na empresa? — pergunto para Isabella. Há um tempo nossa prima trabalhava de casa, pois não se sentia bem na empresa, na verdade, não se sentia bem em nenhum lugar com mais de cinco pessoas.

— Está indo sim, Kauã faz bem para ela.

— É bom mesmo que faça.

— Deixa de ser bobo ele é um menino do bem — responde e apenas

concordo. — Falando em pessoas do bem... Débora e a vó dela vão estar hoje no meu jantar de noivado.

Tiro rapidamente os olhos do volante olhando sério para minha irmã. Quando volto a olhar o trânsito faço um gesto de negação com a cabeça.

— Ela é legal, Henrique — se defende. — Nossa mãe esteve na casa dela.

— Fazendo o quê? — Não demoro a perguntar.

— Ela foi com a vó Júlia. Tia Helena e Antonella também foram.

— Já estão querendo me casar com a garota — afirmo.

— Acho que rola um *shipper* sim. Também shippo, não nego.

— Apostaram no *shipper* errado.

— Jura, Henrique? — ela fala irônica. — Ficou babando na mulher a noite inteira no aniversário da vó. E, nem se faça de louco por que eu sei que vocês se pegaram na adega.

— E eu pegaria de novo, mana — digo sincero. — Ela não quer, não vou insistir.

— Lógico que você não vai insistir, mas nem *investir*?

Gargalho quando dou seta virando para a rua do porto.

— Eu tentei, Bella. Débora não quer, ela se sente incomodada comigo por perto... conseguiu me fazer sentir desconfortável.

— Eu jurava que ela estava na sua.

Paro o carro no estacionamento e viro a cabeça apoiando no encosto do carro olhando para minha irmã.

— Você está na do Pedro — afirmo e ela sorri, imitando minha

posição em seu banco, me olhando. — Você vai se casar.

— Sim. Mas, vou continuar sendo sua irmã. Henrique, você sempre vai ser a minha primeira metade. — Estende a mão e toca meu rosto. — Sempre seremos eu por você e você por mim.

— Eu sei. — Pego sua mão e beijo.

— Além do mais, Pedro vai se mudar e vamos morar na cobertura pelo menos uns seis meses.

Gargalho.

— Continua com essa ideia?

— Não é uma ideia, é uma condição. Ele não tem a condição sobre sexo? Pois essa é a minha.

— Vocês são loucos. — Olho para o relógio e ela entende que preciso ir.

— Nos vemos em casa maninho. — Manda um beijo e sai do carro.

Quando caminha em direção ao porto sua postura é totalmente diferente. Centrada, séria, calculista. Ela tem todos os trejeitos do tio Juan. Me orgulho por ela ter se tornado a mulher que é, e fico feliz que, enfim, tenha se acertado com Pedrinho. Quero que ela seja feliz e nem me preocupo com essa questão, porque sei que Pedro é louco por ela.



— Henrique — Jorginho me chama. — É verdade mesmo que

Isabella vai noivar?

Nessa hora Débora entra. Meus olhos de *lince* de cirurgião fazem uma inspeção rápida em seu corpo. Usa uma bota, calça preta, blusa também preta com o jaleco branco por cima.

— Bom dia — ela nos cumprimenta sem jeito e vai até a mesa do café.

— Bom dia, doutora — ele a cumprimenta sorridente enquanto eu só faço um aceno de cabeça.

— Ela vai noivar sim. — Termino de amarrar meu cadarço. — Como você sabe?

— Juliana me contou.

Arqueio a sobancelha. Comentei com Juliana quando almoçamos juntos no início da semana e ela simplesmente saiu contando da vida da minha irmã? Não gostei. Não gostei mesmo.

— Não faça essa cara, Henrique. Juliana é louca por você, não rola nada entre nós, ela...

— Você me entendeu mal, Jorge. — Levanto, pegando meu estetoscópio do sofá. — Eu e Juliana não temos nada além de saídas esporádicas como dois adultos, então o que ela faz ou deixa de fazer não é da minha conta. Não interprete isso como ciúmes de minha parte com ela, porque definitivamente não é isso. Mas, não gostei de saber que ela anda contando sobre a vida da minha irmã por aí.

— Qual é cara? — ele fala rindo. — Não é como se isso fosse segredo.

— A vida dela não é da conta de ninguém.

— Convenhamos que eu fiquei surpreso, né Henrique? — ele afirma.
— Até um mês atrás nós dois dormíamos juntos.

Respiro fundo chegando bem perto.

— Pense bem nas suas próximas palavras, Jorge. Minha irmã era solteira, livre, independente e não vai ser você a julgar as atitudes dela.

— Ei. — Débora entra no nosso meio e me empurra de leve para longe do babaca. — Henrique, calma...

— Licença! Doutor Henri... — Ouço a voz de Sam na porta que logo vem para perto de nós. — Tudo bem, aqui?

— Ele não tem nenhuma cirurgia agora? — Débora pergunta a Sam.

— Na verdade, tinha uma em meia hora, porém, tem uma emergência no trauma que precisa dele agora.

— Henrique. — Débora toca meu rosto fazendo olhar para o seu. — Uma emergência precisa de você.

— Certo — respondo e respiro fundo. Volto a olhar para Jorge. — Nunca mais ouse falar o que quer que seja da minha irmã.

Saio da sala sendo seguido por Sam.



Jogo as luvas no descarte e vou até a bancada de higienização. Lavo as mãos enquanto mexo os ombros sentindo-os tensos devido ao tempo que passei na mesma posição. O que era para ser um dia calmo acabou sendo um

caos. Um acidente deixou um dos motoristas envolvidos gravemente ferido. Ele sofreu lesões abdominais afetando diretamente os *órgãos sólidos*^[8]. Isso resultou em sete horas de cirurgia, constato olhando para o relógio de parede que marca um pouco mais de cinco da tarde. Estou definitivamente atrasado para as minhas consultas de retorno pré-operatório que começavam às 16h o que automaticamente me atrasa para o noivado da minha irmã.



— Ele chegou! — Vitória grita assim que abre a porta.

— Meu filho, você está com a cara péssima — minha mãe diz, chegando perto e me abraçando. A abraço de volta. Ela afaga meus cabelos — Meu bebê — brinca e beija meu rosto.

— Clara, se você continuar mexendo nos cabelos do menino ele vai dormir como quando era pequeno — meu pai diz se aproximando me puxando também para um abraço.

— Pai do jeito que eu estou cansado hoje durmo até em pé. — Escuto alguns risos além deles, e vou cumprimentar a todos.

Dona Maria, meu avô e dona Júlia então sentados.

— Mas esse menino parece estar mais bonito que na semana passada! — a avó de Débora diz.

— Minha cria né, dona Maria? — dona Maria Clara diz orgulhosa.

— Dizem que ele é a minha cara — tio Juan diz do canto da sala e todos riem quando meu pai resmunga alguma coisa que não consegui ouvir.

— Obrigada senhora, são seus olhos — brinco com ela.

— Esse menino é um príncipe! — minha mãe volta a falar.

— Como o pai — seu Guilherme retruca agora, orgulhoso.

— Dia cansativo, doutor? — meu avô pergunta quando aperto sua mão.

— Um acidente.

— Muita gente se machucou? — minha irmã pergunta me oferecendo *canapés de salmão com brie* que eu amo.

— Todos, dos três carros. Um dos motoristas envolvidos ficou gravemente ferido. Ele sofreu lesões abdominais afetando diretamente os órgãos sólidos.

— Ah claro — minha irmã brinca se sentando entre Débora e Vitória. — O que são órgãos sólidos doutora? — ela pergunta baixinho fazendo com que todos comecem a rir, inclusive a pediatra.

— São os órgãos que ficam localizados no tórax e no abdômen. — Ela vê que minha irmã continua confusa, então sorri e responde: — Coração, pulmão, rim, pâncreas e fígado.

— Ah sim, agora entendi.

— Foram quase sete horas de cirurgia. Depois tive alguns retornos, por isso o atraso.

— Se tivesse se formado em engenharia não teria imprevistos como esse — meu pai fala, mas sei que está brincando, e provocando meu avô que não tarda em me defender.

— Henrique é um ótimo médico, Guilherme. Ele nasceu para isso — fala orgulhoso.

— Não se irrite seu Alberto, estou brincando meu velho. — Meu avô faz cara de desentendido.

— E então, Pedro já pediu? — pergunto ao meu pai.

— Não, estou no aguardo — seu Guilherme diz risonho.

— Vai meu cabritinho! — Tia Antonella exclama e todos voltamos a rir.

— Mãe, pelo amor de Deus — ele fala bravo.

— Sempre vai ser nosso cabritinho, filho — Tio Rubens afirma.

— Ainda bem que essa coisa de cabrito não se estende a mim. — Vitor sai do corredor dos quartos apenas de calça de moletom e chinelos secando o cabelo com uma toalha.

— Você está mais pra cachorro mesmo, filho. Volta para o quarto e põe uma camiseta — Tia Antonella diz.

— Deixa o menino — minha avó o defende ganhando uma piscadinha.

— E aí moleque? — cumprimento. — Por que não veio semana passada?

— É... eu tive um compromisso — desconversa. — Tá na hora da algema, mano — ele fala para Pedro e minha irmã joga uma almofada nele.

E então Pedro faz um discurso sobre amores inevitáveis usando toda a sua lábia de advogado fodão. Obviamente todas as mulheres da sala ficam emocionadas e de quatro pelo seu romantismo exacerbado. No fim minha irmã falhou em conter as lágrimas e eles se beijaram apaixonados sendo parados por meu pai e tio Juan pigarreando.

A janta estava maravilhosa. Uma variedade de peixes, comi muito.

Agora estou sentado com uma cerveja vazia em mãos sem a menor vontade de levantar para pegar outra. Minhas costas, braços e pernas estão ferrados. Provavelmente seria capaz de dormir por 24h sem intervalos.

— Sua irmã disse que provavelmente você está precisando de uma. — Débora me estende um long neck.

— Minha gêmea sabe das coisas — respondo. — Obrigado.

— Posso? — Ela aponta para o lugar ao meu lado no sofá.

— Claro.

Ela senta e nós dois ficamos quietos observando todos conversarem. De longe vejo minha avó e a sua conversando, em alguns momentos elas nos olham de uma forma que para elas até pode parecer discreta, mas, não para mim. Ouço Débora rir ao meu lado.

— Será que elas estão nos casando? — ela fala divertida.

— Talvez. Eu sou um bom partido — digo e então olho para ela. — Só você que não nota — alfineto rindo, brincando. Por que é assim que se dizem as verdades, não?

— Eu sei que você é um bom partido, Henrique. Talvez esse seja o problema.

— Sempre soube que tinha medo de se apaixonar por mim, doutora. — Ela vira e me encara séria.

— Eu não vou me apaixonar por você.

— Não vai mesmo. Você me afasta a cada tentativa minha de aproximação.

— Desculpe por isso. — Volta a ficar sem jeito. — Eu posso ser grossa às vezes.

— Com frequência, princesa. Admita. — Ela sorri abertamente e eu me vejo sorrindo de volta.

Linda demais.

Perigosa também.

Pois essa é a palavra exata para nomear as sensações involuntárias que tenho em relação a ela, perigo.

— Eu sou legal, sabia? — ela diz divertida.

— Na verdade, não sei. Como disse antes, você vive me afastando.

— Já pedi desculpas.

— Como da outra vez. Você pediu desculpas, rolou um amasso sinistro na adega e então você me chutou.

— Não é bem assim...

— Exatamente assim, princesa. Você me chutou antes mesmo de me dar a oportunidade de tentar algo a mais.

— Sexo? — pergunta sem reservas.

— Também — respondo direto. — Mas iria sugerir um jantar, uma volta no shopping, ir ao parque — digo sincero. — Algo assim. — Dou de ombros.

— Você costuma sair assim com suas parceiras de foda?

— Você tem uma visão bem equivocada de mim, doutora. — Me viro de lado, me ajeitando para falar olhando para ela. — Eu não vou negar que sou um cara sexualmente... ativo — concluo com *sabedoria*. — Porém, todas as mulheres que saem comigo sabem que é algo casual, nós curtimos o momento e ponto. Respondendo sua pergunta, às vezes, eu saio para comer

com uma amiga ou outra — para e penso —, talvez não ir ao shopping, parque... mas, tudo tem uma primeira vez.

Ela fica me encarando. Seus olhos até estão nos meus, mas posso jurar que está perdida em seus próprios pensamentos.

— Domingo é sua folga? — Ela confirma e eu não perco tempo. — Vamos dar uma volta juntos, como amigos. — Deixo claro antes que me chute de novo. — Assim você pode tirar suas próprias conclusões sobre mim.

Fico esperando a sua resposta. *Ansioso demais para o meu gosto.* Ela me analisa atentamente.

— Vai ter que me prometer uma coisa.

— Tudo que você quiser — digo brincalhão.

— Prometa que não vai se apaixonar por mim.

Fico surpreso com seu pedido. Pondero todos os pontos e chego à conclusão que isso não é o tipo de coisa que se promete.

— Eu já percebi que sua autodefesa é fugir, mas, eu não sou assim. Eu enfrento. Então não, eu não vou te prometer isso.

— Você é mesmo bem direto.

— Eu sou. Então, temos um compromisso domingo?

— Se você se apaixonar por mim eu vou quebrar seu coração, Henrique. Não diga que não avisei.

Olho para ela tentando entender a mensagem subliminar por trás disso.

— Sou cirurgião, princesa. Minha especialidade é consertar pessoas.
— Sorrio. — Talvez eu seja o remédio. Posso ser a sua cura.

Ela sorri desacreditada e olha para as próprias mãos. Eu não sei como funciona esse negócio de amor, mas de uma coisa eu tenho certeza; ela despertou algo em mim, só não sei ainda dizer o quê.

Capítulo 16



Eu aceitei sair com ele. Bom, em minha defesa fui sincera pedindo para não se apaixonar por mim e, ainda mais sincera ao deixar claro que caso se apaixonasse, eu quebraria seu coração. A grande questão é que eu não consegui ficar longe, o que com certeza não foi uma atitude inteligente da minha parte. Na vida nem sempre somos inteligentes, não é?

Eu nunca saí com um cara com a intenção de conhecê-lo melhor. Quando saía com alguém era por que iríamos transar, ou pegava alguém na balada para a mesma finalidade. Nem sequer tive um namorado, não por falta de opção, mas porque conheço meus limites. Seria bem injusto envolver alguém na minha vida emocional... *inconstante*.

Porém, um passeio não faria mal a ninguém... faria?

Prefiro pensar que não, porque ele vai passar para me pegar em meia hora.

Não passei horas tentando me produzir, ou sequer procurando um look. Decidi que vou continuar sendo transparente como costumo ser. Não faço o tipo de mulher poderosa com super seios e bunda. Sou uma mulher normal, até diria que bem normal. Não sou curvilínea, mas também não faço o tipo magra com tudo definido. Não faço academia com frequência, na verdade, vou duas vezes por semana malhar e cuido como posso da minha alimentação.

Optei por uma calça jogger preta, um cropped branco e calcei meu All Star rosa. Deixei meus cabelos soltos e passei uma maquiagem leve. Olho no espelho para o meu reflexo e fico satisfeita com o que vejo.

É só um passeio entre amigos, Débora. Advirto a mim mesma.

Escuto vozes e vou até à sala ficando surpresa em ver Henrique ali, dentro do meu espaço pessoal, todo sorridente cumprimentando minha avó, que parece a cada dia mais fascinada pelo cirurgião bonitão. Quando me vê ele me dá uma olhada de uma forma nada discreta se demorando em meu rosto.

— Você está linda.

— Obrigada — agradeço e ele vem até mim e beija minha testa. Inacreditável. Como pode ser tão educado? Disfarço o tremor que se apossa de meu corpo quando seus lábios tocam a minha testa.

Caramba, foi só um beijo na testa!

— Espero que não tenha se importado de eu subir.

— Como passou pelo porteiro? — pergunto. Ele franze as sobrancelhas confuso.

— Eu desci do carro, iria te ligar. O porteiro perguntou meu nome e quem estava esperando, quando disse quem era ele falou que estava autorizado a subir.

— Ah... — Olho discretamente para minha vó que finge mexer em alguma coisa muito interessante no painel da TV. Ele segue meus olhos e volta a sorrir entendendo que a autorização veio dela, não de mim.

— A senhora não quer almoçar conosco? — convida ela me surpreendendo.

Tinha que ser tão perfeito?

— Oh, querido agradeço o convite, mas, combinei de ir a um café colonial com minha amiga.

— Bingo — retruco.

— Temos uma jogadora aqui? — ele brinca.

— A melhor — ela se gaba e eu me calo por ser verdade. Ela é uma das melhores.

— Vamos combinar de eu ir em um bingo com a senhora — Henrique fala e eu pergunto mentalmente a Deus por que botou um cara desses no meu caminho. — Se rolar uma *canastra* mesmo, estou dentro — afirma feliz.

— Filho, sabe que estou falando de um lugar onde só o público na *melhor idade* costuma frequentar? — pergunta receosa.

— Eu entendi, *vó Maria*. Não vejo problema nisso.

Vó.

Ele a chamou de *vó*!

Os olhos da pobre senhora brilham e eu decido intervir antes que ela vomite arco-íris em nossa sala.

— Podemos ir, doutor?

— Claro, doutora.

Esse *doutora* saindo da boca dele soa pecaminoso demais para o meu gosto.

Amigos, Débora. *Amigos*.

Ele se despede da minha avó e entramos no corredor em direção ao elevador. Disfarçadamente olho para o seu belo corpo, pois além de gostoso

ele é estiloso... sabe usar as roupas exatas para valorizar os lugares *certos*.

Esse cara deve ser *desumano* na cama.

Ele veste uma calça jeans azul clara com rasgos discretos. Uma camiseta branca com um corte alongado na bunda e coturnos. Respiro fundo impactada com a sua presença, eu queria ser indiferente a ele, minha cabeça pensa isso me mandando alertas constantes de perigo. Alertas esses, que meu corpo se recusa a escutar.

— Você dificulta a minha vida — ele fala me tirando da minha bolha. — Estou sendo amigável sem segundas intenções. — Para e parece ponderar algo ao olhar para a parte exposta do meu abdômen. — Bom, pelo menos, parcialmente. — Pigarreia e eu quero rir. — Então você se contradiz me secando dessa forma e mordendo o lábio no processo. Se quer me foder é só me convidar para jantar, princesa — brinca piscando o olho.

— Almoçar não conta? — Seus olhos parecem escurecer. Ele passa a mão no rosto e mexe a cabeça.

— Nós vamos almoçar. Passar a tarde juntos. Isso não vai ter uma cama envolvida — fala para mim, mas tão pausadamente que percebo que está falando para si mesmo.

— Vamos almoçar onde? — pergunto mudando o assunto.

— Conheço um restaurante de frutos do mar ótimo à beira da praia. Podemos ir lá se não se importar.

— Claro! — concordo de imediato. — Eu amo frutos do mar.

Entramos no carro e não me surpreendo quando *savage love* começa a tocar assim que o veículo entra em movimento. Claro. Ele tinha que ter um ótimo gosto musical. Ficamos em um silêncio confortável. Nem tão silencioso assim, já que o bonito começa a cantar perfeitamente bem

batucando os dedos no volante. Ele sorri em meio a música e faz um gesto de negação.

— Do que está rindo?

— Essa letra — diz simplesmente.

— A letra tem uns trechos... peculiares.

— Tipo quais?

— Você não fala inglês — afirma.

— Não, doutor. Minha inteligência se resume a biologia e anatomia humana. — Ele dá uma gargalhada e eu me pego sorrindo de volta.

— O nome dessa música é *savage love*, caso queira saber a tradução.

— Eu sei o nome, adoro a batida. Pode traduzir, sou toda ouvidos. — De repente ele parece desconfortável.

— Um trecho diz: “Normalmente não me apaixono, você tem um jeito de me manter voltando”. — Escuto tentando entender e ao mesmo tempo ignorando mensagem subliminar. — Como imaginei — ele conclui e volta a cantar a outra música que começa a tocar.

Quando chegamos, a tensão de alguns minutos atrás parece ter se dissipado. Ele me estende a mão que eu aceito. Olho para o lindo restaurante rodeado por paredes de vidro. Posso ver a decoração rústica marcada em cada canto do espaço, ainda assim, o ambiente esbanja elegância e quase grita; *dinheiro*.

— Bom dia, Carmen — Henrique cumprimenta a recepcionista e um frio sobe por minha espinha. Será possível que me trouxe para almoçar em um lugar onde já comeu o “pão”?

— Rick, querido — ela o cumprimenta com um abraço e um beijo no

rosto, me sinto momentaneamente desconfortável. — Namorada? — pergunta me olhando, mal tenho tempo de responder, pois também sou abraçada pela jovem.

— Amiga. Infelizmente, ela não me quer — fala em tom de brincadeira. Venho notando que ele sempre usa esse tom, estou começando a pensar que é a forma que arruma de dizer suas verdades de uma forma... sutil.

— Então a convença do contrário — a tal Carmen responde. — Reservei a mesa do mezanino que você sempre usa. Logo Joe vai lá pegar os pedidos.

Subo acompanhando Henrique, mas a frase “mesa que você sempre usa” não sai da minha cabeça. Será mesmo que ele me trouxe para um lugar que é tipo um *pré-abate*? A mesa fica afastada na ponta do mezanino nos dando uma boa visão da praia.

— É lindo aqui — falo olhando para a orla.

— Mesmo assim, você parece desconfortável... olha se foi pelo trecho da música...

— Quantas garotas você já trouxe aqui? — pergunto sem titubear. — Sei que não temos nada, não me leve a mal.

Ele me olha sério como se estivesse me estudando atentamente.

— Conheci esse lugar através dos meus pais. Joe, o dono e chefe daqui, mora no mesmo prédio que eu. Venho aqui desde muito pequeno — ele sorri —, dona Clara deu uns pegas nele enquanto estava grávida. — Arregalo os olhos. — Ela e o meu pai não estavam juntos, mesmo assim, pelo que contam foi uma confusão. Enfim, ficaram amigos do Joe e ele se casou com Jaqueline que por acaso é irmã da tia Clair. Carmem é filha deles — ele desvia os olhos do mar me encarando divertido —, ela e a Sam ficam. Na

verdade, não sei por que ainda não namoram.

Fico de novo sem saber o que dizer. Ele me deixa frequentemente sem palavras.

— Sam é lésbica? — pergunto na falta do que dizer.

— Sim, acha você gostosa por sinal. — Dá de ombros.

— Andaram falando de mim? — Dessa vez sou eu quem o encara divertida.

— Com mais frequência do que eu queria, doutora.

— Com a Sam no meio, duvido que sejam coisas boas — falo lembrando das vezes em que mediou as nossas conversas.

— Suas bebidas. — Carmen nos entrega os drinks sem álcool que Henrique havia sugerido.

— Já ouviu falar da pediatra pé no saco, Ca?

— Aquela que você não conversa?

— Sim, essa mesmo. — Henrique continua sério.

— Claro. Uma vez odiei você e essa mulher, sabe... dois empatas.

Henrique gargalha e eu corro violentamente.

— É... — gaguejo. — Foi mal pelo... incômodo.

— Ah, meu Deus! — Ela dá um tapa de leve no ombro do cirurgião.
— Isso foi rude.

— Débora não se importa. — Ele pisca para mim e eu volto a sorrir.

Olha, o que esse homem tem que me tira tantos sorrisos involuntários?

— Depois dessa mando o garçom vir atender vocês quando precisarem de algo, certo? — ela brinca, mas logo sai de perto da nossa mesa.

— Henrique que fiasco, misericórdia — reclamo.

— Relaxa, princesa. Foi uma brincadeira, a Ca é tranquila.

Mal sinto o resto do almoço passar de tão rápido que passou. Sabe aqueles momentos desconfortáveis onde os dois ficam quietos sem saber o que falar ou como agir? Não foi assim. Infelizmente. O Henrique é muito divertido além de inteligente, gostoso... enfim! Foi fácil conversar com ele sobre tudo e sobre nada. Me contou histórias sobre sua infância, adolescência e até sobre algumas situações embaraçosas que passou no hospital.

— Ainda são 15h, podemos ir a outro lugar se não se importar... — sugere.

— Nós ficamos 4h em um restaurante.

— Você tinha outro compromisso? — pergunta receoso.

— Não. Só achei inusitado.

— Inusitado — ele repete.

— Você tem uma mania estranha de buscar o significado das palavras.

— É. Nesse caso significa *não usual*, vindo de você vou levar como elogio. — Dou uma risada baixa. — Tem outro lugar que com certeza faz parte dos meus lugares preferidos no mundo. Quer conhecer? — Apenas aceno concordando.

Outra vez a música toma conta do ambiente, reinando aquele silêncio confortável. Para minha surpresa não demoramos nem quinze minutos até chegar em uma parte afastada da praia. Descemos do carro e ele volta a pegar

na minha mão guiando o caminho. O toque da sua mão na minha é bom. Tão bom que talvez chegue a ser ruim. Passamos pela parte de grama chegando onde tem umas rochas na areia de frente para o mar. Caminhamos um pouco mais ele sorri quando olha para uma delas. Como uma criação divina a rocha é plana, de uma forma que uma pessoa possa até deitar sobre ela. As que estão em volta impedem que o sol chegue até ela. É engraçado, mas a impressão que dá é que as rochas à sua volta a isolam do restante da praia.

— Vamos precisar tirar os tênis — ele diz quando solta minha mão e começa a tirar seus coturnos.

Estica os braços e põe em um canto da rocha, então pega o meu do chão e espera eu tirar o outro o pegando também, colocando junto com os seus. Ele sobe facilmente deixando claro o tanto de vezes que já deve ter feito isso antes. Então estende os braços e me ajuda a subir. Quando estou em cima da rocha me desestabilizo e ele me segura pela cintura, não me deixando cair. Sinto o clima mudar, sei que ele também sente e até torço para que me beije, mas ele não o faz. Se afasta devagar e se senta. Ele fecha os olhos e respira fundo como se estivesse sentindo a energia do lugar, enquanto eu olho fascinada para tudo à nossa volta.

— Eu costumava vir aqui quando tinha dificuldade com alguma disciplina. Trazia um livro, caderno e caneta. Ficava por horas até conseguir aprender e memorizar o significado de tudo. É incrível como esse lugar sempre me ajudou a superar as merdas que aconteciam.

Superar. Uma palavra difícil.

— Eu me sentia pressionado nas aulas teóricas, porque todos os professores conheciam meus avós. Ninguém me deixava em minuto algum esquecer o quanto minha família é bem-sucedida. E não importava o quanto eu era bom, pois eu precisava ser o melhor.

Olho para os meus próprios pés sem saber o que dizer.

— Na véspera do início da residência eu chorei no banho de felicidade eu achei que as coisas mudariam. — Suspira. — Fiquei quatro meses cuidando de partes burocráticas o mais perto que chegava de um paciente era para tirar *acessos intravenosos*^[9]. Meus plantões eram intermináveis, não sou capaz de contar a quantidade de vezes em que corri para o necrotério para chorar. Algumas de exaustão física, outras de emocional mesmo.

— Seu avô sabe disso? — pergunto baixinho.

— Ele sempre sabe de tudo. Eu via o sofrimento nos seus olhos a cada vez que conseguia estar comigo sozinho e me dar um abraço. Lembro que em um fim de semana de folga, saí do hospital na sexta e nem fui em casa. Comprei uma passagem e fui para o Rio. Cheguei lá perto das 23h... — Abre os olhos mirando o mar. — Dormi no meio dos meus pais na sexta e no sábado. Precisava ficar perto deles e me sentir... querido. Precisava ter certeza de que alguém gostava de mim, que alguém queria me ter por perto.

E eu achando que a minha residência é difícil.

— Acredito que ainda que tenha sofrido valeu a pena, não? Hoje você é o cirurgião geral fodão. — Ele ri ainda olhando para o mar.

— Sabe que esse apelido não diz respeito às minhas habilidades cirúrgicas, né?

— É. Ouvi falar... — Ele volta a rir.

— Não precisa ficar sem jeito, princesa. Também tenho defeitos. — Ele me olha e eu arqueio a sobrancelha. — Não lido bem com rejeições.

Ah... ok. Uma indireta, bem direta.

— É verdade. Mas, sim, também foi uma provocação.

Empurro seu braço tentando bater nele que no processo me puxa para seus braços envolvendo meus ombros com seu braço.

— Obrigada por me trazer aqui — falo, me sentindo... diferente, em seu abraço.

— Você conhece meu lugar preferido no mundo.

— Nunca trouxe ninguém aqui? — Ele nega com a cabeça. — Parece que agora sou a dona de uma primeira vez sua.

Ele vira o rosto para me olhar.

Tão perto.

Logo o reconhecimento toma conta da sua face.

— Eu fui o seu *primeiro*, melhor beijo de todos. — Dou de ombros como se não fosse importante, ganhando um sorrisinho de lado dele.

Tudo seria fácil se ele não fosse lindo dessa forma.

Perfeito dessa forma.

Mais tarde ele me levou embora. Quando parou o carro agradeceu o dia e perguntou se merecia ter meu número de telefone, quando pedi seu celular para marcar ele disse que já tinha o número, mas precisava do meu consentimento para usá-lo. Não houve piadinhas de duplo sentido, não houve beijos no canto da boca. Ele cumpriu exatamente o que prometeu e respeitou todos os meus limites. Em nenhum momento foi uma troca... ele se doou, e não pediu nada por isso. Me peguei sorrindo na hora de dormir lembrando do dia incrível e quando tentei punir meus pensamentos traidores recebi uma mensagem de boa noite me dando conta de que se eu quisesse evitar ele precisaria ser bem mais forte.

Capítulo 17



— Bom dia, cunhado — cumprimento Pedro que ao que parece abandonou seu flat e está morando aqui em casa de novo.

— Bom dia. — Ele larga o jornal. Quem hoje em dia ainda lê Jornal? Sim, o Pedrinho. — ISABELLA PELO AMOR DE DEUS FOI FABRICAR A ROUPA? — ele grita pela minha irmã e eu rio baixinho.

— Bom dia, família! — Paro com a xícara de café no ar. Sério isso?

— Bom dia, Kauã — respondo com medo de fazer a pergunta seguinte, mas sem muita escolha. — Você também está morando aqui?

— Namorados dormem na casa das namoradas, sabia disso? Ah. Não sabia. Nunca namorou. — Ele alfineta pegando umas das waffles que a dona Rosa fez para mim. *Para mim.*

— Por que você já namorou muito na vida, né parceiro? — respondo meu amigo e olho para Pedrinho. — É perito que chama um especialista em termos formais?

— Não me mete nisso — o traidor responde.

— Vai lambar o saco dele agora também, porra?

— Você está muito irritadinho hoje, doutor — meu cunhado zomba. — Isso é falta de mulher?

— Talvez seja a convivência exagerada com elas. Com uma delas —

Kauã responde.

— A pediatra? — A gêmea do mal entra na cozinha.

— Eu tenho sorte pra caralho. — Pedro olha minha irmã de cima a baixo.

— Sim, você tem, gatinho. — Ela pisca e ganha um tapa na bunda dele.

Sério?! Vou ter que conviver quanto tempo com isso?

— Sabe aquele papo de quem casa quer casa? Vocês poderiam achar um apartamento provisório.

— Não precisamos de um apartamento provisório — ela rebate. — Vou ficar aqui até achar um lugar bom para morarmos.

— Seis meses — Pedro pontua.

— Não me irrita — ela rebate. — Vitória não acordou ainda? — ela desconversa.

— Não, está dormindo como um anjo.

— Ficar chamando-a pelo apelido que o pai dela a chama é meio perverso — admito.

— Eu não sabia que eles a chamavam assim. Ela parece mesmo um anjo. — Dá de ombros.

— Há quanto tempo você vem *manjando* a minha prima pelas minhas costas, cara?

— Há algum tempo — responde sincero.

Pedrinho gargalha.

— É doutor, parece que algumas coisas você vem deixando passar.

— O Henrique é bem tranquilo, gatinho. Você sabe muito bem disso — Isabella responde.

— Nunca tentei esconder nada — Kauã se defende. — Mal vi você segunda e ontem, como foi o passeio com a Débora?

— Estou atrasado. — Levanto engolindo o último pedaço de waffle.

— Depois eu sou a infantil. — Isabella não deixa passar.

— Foi bom. Não rolou beijo, muito menos sexo. É isso.

Minha irmã me fita sorrindo enquanto os outros dois me olham com o cenho franzido. Não dou tempo para que voltem a me encher de perguntas, pego minhas coisas e saio do apartamento entrando no elevador. A verdade é que eu realmente estou fugindo de mais perguntas.

Estar com a Débora desperta um misto de sentimentos desconhecidos em mim. Toda vez que estou com ela seja em uma conversa ou um simples cumprimento no corredor do hospital, é como se sempre fosse a primeira vez. Eu cresci em uma família repleta de amor por todos os lados, fui um privilegiado. Meus pais e minha irmã sempre foram os meus melhores amigos, sempre tivemos liberdade de falar sobre todos os assuntos com os dois. A minha família sempre foi um porto seguro, eles sempre foram a minha âncora.

Isso se estende para o restante do meu ambiente familiar. Meus tios, avôs... eles sempre foram uma base de sustentação. Muitos jovens vivem em famílias sem nenhuma estrutura emocional e precisam sair de casa para ter paz, no meu caso sempre foi o contrário. Isso tudo, fez com que criasse uma ideologia de como deveria ser um relacionamento saudável. Meus pais são o tipo de casal espelho, um é o centro da vida do outro. Minha mãe idolatra meu pai e, ele, lambe o chão que ela pisa. Não é muito diferente com meus

tios e avôs.

Eu sempre tive em mente o que eu queria para mim, mas, ainda assim, não procurei por isso. Contudo, a frase “*toda panela tem sua tampa*” começa a fazer sentido para mim. Não que eu esteja apaixonado pela doutora, mas existe algo diferente no ar e isso é real para nós dois. Vejo nos olhos dela o mesmo encanto que eu sinto, percebo que quando eu sorrio, seus lábios espelham o mesmo movimento de forma automática.

Ela tem meu interesse. Tem minha atenção.

Sei disso, porque o resto começou a passar despercebido. Uma mulher bonita continua sendo bonita aos meus olhos, mas a necessidade do flerte da conquista... não vem me interessando mais. Tudo sempre foi uma questão de vontade, tesão e bom, eu sinto tudo isso pela Débora. O que vem sendo diferente é a necessidade de buscar vê-la entre os corredores dos consultórios, nos postos de enfermagem da internação ou até na emergência.

No domingo, quando saí de casa para buscá-la, fiquei imaginando mil formas de fazer com que conhecesse quem eu sou, o verdadeiro Henrique por trás do cirurgião. Cheguei a ficar nervoso no início e até me sentindo pressionado, mas quando a vi aparecer vestida de forma casual qualquer tipo de sentimento que estava presente se transformou em antecipação.

Ansioso, essa é a palavra exata a ser usada. Queria saber mais dela, queria contar mais de mim. Tudo que eu tinha premeditado passou a não ter mais sentido e de repente eu só queria passar um dia agradável com uma mulher. Mulher que eu tenho interesse sexual e caralho, como tenho. Mas, ainda assim, a necessidade de conhecer ela foi maior, do que a de tê-la em minha cama.

Lembro que cada vez que ela lambeu aquela maldita colher comendo a sobremesa, precisei respirar fundo clareando a minha mente e impedindo

que cenários adversos incluindo meu pau e sua língua invadissem a minha cabeça. Também não posso deixar de mencionar que toda vez em que o vento vinha em sua direção trazendo seu perfume até mim eu tentava associar a fragrância ao gosto da sua pele, bem coisa de louco mesmo.

Mas, o que me quebrou mesmo foram todas as vezes em que seus cabelos longos eram espalhados pelo vento. Impossível não imaginar que tem o comprimento perfeito para serem enrolados em minhas mãos sendo puxados contra mim dando livre acesso ao seu pescoço que eu lamperia e morderia enquanto estivesse pegando-a por trás.

Eu a levei no meu lugar favorito, um ambiente que até então era só meu. O tipo de ambiente que você vai quando precisa pensar ou quer ficar sozinho e que geralmente você não divide com ninguém, mas por algum motivo eu quis dividir com ela. Quando nos sentamos na pedra eu fechei os olhos sentindo a maresia e a paz costumeira que o mar me traz. Não me importei de ser observado, porque ainda que de olhos fechados, conseguia sentir seu olhar em mim.

Como se conversássemos todos os dias e como se tivéssemos uma amizade de anos, contei sobre o que passei na residência, falei sobre alguns medos e confidenciei situações que vivenciei que quase me fizeram desistir. Quando abri os olhos e nossos olhares se encontraram eu vi pela primeira vez ela me enxergar de forma diferente. Eu já tinha conseguido sua atenção antes, mas, naquele momento, eu tinha admiração e isso gerou um *espasmo* [\[10\]](#) diferente no meu peito.

Não era infarto. Minha pulsação acelerou e podia sentir meu sangue pulsar de uma forma diferente e um arrepio estranho subiu pela minha região da coluna. Na verdade, não tinha nada a ver com nenhum problema cardiovascular ou com minha caixa torácica. Não era físico, era emocional.

Meu corpo estava gerando reações físicas, me avisando que algo estava acontecendo no meu emocional.

Como médico e uma pessoa atenta às reações do corpo eu entendi os sinais. Ele gritava “*Henrique você está fodido, irmão*” e ainda que essa voz interior me deixasse apavorado, minha reação externa foi sorrir para o seu olhar. Sua resposta foi sorrir de volta de uma forma tão genuína e espontânea que precisei conter o impulso de beijar sua boca.

Aquele lábio inferior naturalmente vermelhinho era o convite perfeito para uma mordida.

Porém, contradizendo toda a vontade de tocá-la, eu me contive e não o fiz. Não houve beijos nem minhas costumeiras piadinhas de duplo sentido. Foi novo, tudo novo. Arrisco em dizer que o universo usou aquele momento para decretar que nós dois ficaríamos juntos. Aceito de bom grado tentar algo a mais, com calma e sem pressa, já que aquela princesa passa de gatinha a leão em questão de segundos.

Na segunda-feira nos encontramos no corredor, mas como ela estava com uma paciente apenas cumprimentei de longe. Já ontem não nos encontramos devido a minha rotina corrida de cirurgias. Hoje tinha tudo para ser um dia tranquilo, pelo menos era o que eu pensava até ser bipado na emergência.

— Bom dia, meninas — cumprimento as técnicas de enfermagem.

— Bom dia doutor. — Ela procura algo e então me entrega um prontuário. *Joana Asiss, 32 anos*. Apresenta cólicas abdominais fortes, mas, se nega a fazer um raio-x.

— Como assim se nega? — pergunto intrigado.

— Ela pediu um remédio que ajudasse nas cólicas, quer assinar um

termo para ir para casa. Está no leito dezesseis.

Vou em direção ao leito. Uma mulher loira está deitada na maca.

— Bom dia Joana, sou o Dr. Henrique e gostaria de examinar você antes que vá embora. — Sem dar tempo para que a moça questione, visto as luvas e aceno para que a enfermeira feche as cortinas laterais.

— Só preciso da receita de um remédio para dor — a mulher fala desgostosa.

— Para prescrever uma medicação preciso saber com o que estamos lidando aqui. — Peço licença e toco seu abdômen sentindo pequenos tremores. Pego estetoscópio do pescoço e pressiono o diafragma do aparelho contra o abdômen da mulher. Não demora muito para que escute um zumbido nítido. — Joana pelo que parece a um corpo estranho em seu abdômen, a sua decisão de não aceitar atendimento pode custar um agravamento do caso. Não posso prescrever uma medicação estando no escuro.

A paciente olha para a técnica de enfermagem ao meu lado e vejo que ela hesita em contar seja lá o que for.

— Pode nos dar licença um minuto? — peço a minha colega, que se retira nos deixando sozinhos.

— Doutor, caso eu faça o raio-x... é você quem o faz?

— Não. — Decido ser sincero como sempre. — Um especialista da área é quem fará o exame. O que posso te garantir é que seja feito pelo chefe do departamento e posso assegurar que eu esteja junto.

— Certo... — ela responde de forma vaga.

— Você vem sentindo essas dores há quanto tempo? — pergunto testando as possibilidades.

— Desde a madrugada.

— Tem mais alguma coisa que queira me contar? — Ela parece dividida, mas faz um gesto negativo. — Vou solicitar o exame com urgência, logo a enfermeira vem te buscar para te levar até lá, tudo bem? — Ela acena em positivo e eu me retiro.

Volto ao posto de enfermagem, peço licença para usar o telefone e disco o ramal da sala do departamento de diagnóstico por imagem. Peço para falar com Kauã e solicito o exame com urgência, peço também que seja ele a realizar comunicando minha presença. Ele não faz questionamentos por que deve estar na frente de alguém da sua equipe, mas sei que quando estivermos sozinhos vai me encher o saco por tirá-lo de sua rotina.

— Pedi uma Radiografia Abdominal com urgência para a paciente do leito dezesseis, pode descer com ela em dez minutos?

— Sim doutor, que bom que conseguiu convencer ela. — A chefe de enfermagem sorri de um jeito *sugestivo*.

E é sobre isso que me refiro, esses sorrisos sugestivos não me atraem mais. Minha atenção está em uma pediatra que nem por perto está. Inacreditável como qualquer possibilidade com outra mulher me faz lembrar dela. Enquanto caminho pelos corredores do hospital envio mensagem para Débora que parece estar off-line.

Bom dia Princesa

Imaginei que estava com saudades do Dr. Delícia aqui.

Então pensei que você com certeza quer almoçar um sanduba

Comigo na ilustre cantina do hospital. Então, sim ou

Com certeza?

Envio a mensagem e guardo o celular no bolso com um sorriso divertido no rosto assim que entro na sala do Kauã.

— Qual o motivo de você exigir que seja eu o médico a fazer a radiografia da sua paciente? — questiona sem desviar o olhar da tela do computador. Tenho certeza de que ninguém fora eu entraria em sua sala sem bater, Kauã é o terror dos internos, tenho pena deles.

— Ela tem um corpo estranho na região abdominal — falo de forma vaga, talvez nem seja o que imagino ser. *Tomara que não seja.*

Quando ele vai responder o telefone toca dizendo que a paciente está aguardando. Kauã entra na sala e orienta a paciente a posição correta, volta para a sala, aciona o sistema de voz fala com a paciente então o desliga e começa o exame. As primeiras imagens começam a aparecer.

— Caralho, mano! Será? — ele fala comigo, mas logo volta a abrir o microfone e dá instruções sobre uma nova posição.

Ele libera a paciente, peço para que a técnica a ajude a voltar para cadeira de rodas em que veio e volto para analisar as imagens.

— Cara. — Ele põe a mão na boca abafando uma risada, dou um tapa na cabeça dele e faço de tudo para me manter sério. — Não tem ninguém aqui, porra! — reclama.

— Quantos centímetros? — pergunto.

— Penetráveis? — ele brinca.

— É sério Kauã.

— Doze milímetros. — Ele estreita os olhos. — Cara como isso foi acontecer?

— Além de o corpo apresentar uma reação normal a um corpo estranho dentro de si, essa dor que ela sente é porque está vibrando — concluo ignorando seu comentário.

— É essa pilha é resistente. Mas cara...

— Entrou pela uretra^[11] cara. Vou ter que operar ela — falo pensando em qual procedimento é o mais seguro já que o vibrador segue vibrando.

— Depois que você operar pode me mostrar o consolo?

— Por quê?

— Quero garantir que nunca vou usar esse com a Vitória.

— Ah vai se foder, cara.

— Olha a boca, doutor *certinho*.

Haja paciência.

— Manda essas imagens para o meu e-mail.

— E cadê a parte do por favor? — Volto a ignorar o comentário. Quando chega na porta volto e olho para ele.

— Kauã, sigilo com essa história, hein?

— Claro! — ele responde, mas, não ponho fé alguma nisso.

Como todas as histórias, sei que essa vai se espalhar como um pavio de pólvora. Realmente estou para ver um ambiente de mais fofoca que hospital. Subo as escadas e volto ao leito da paciente. Peço licença novamente à enfermeira e fico sozinho com a paciente.

— Joana você sabe o que apareceu na radiografia, certo? — Ela confirma sem jeito com um aceno de cabeça. — Para retirar o objeto vamos precisar de um procedimento cirúrgico, porque não existe a possibilidade de

expelir ele de forma natural. Você tem alguém que possa chamar para ficar de seu acompanhante?

— Vou chamar meu namorado. Ele não sabe que eu vim, eu menti que não estava sentindo dor e que marcaria uma ginecologista.

— Tudo bem. Vou te encaminhar de qualquer forma para uma ginecologista. Esse episódio é raro e o objeto está na sua bexiga então provavelmente foi introduzido pela uretra e para isso ter acontecido é porque você... ou vocês vêm penetrando há algum tempo nesse mesmo... local. Provavelmente você se acostumou com a dor da penetração não sabendo identificar que estava sendo usado de forma indevida. A uretra é um canal de elasticidade e pode ir se alargando, o que não é recomendado.

— Obrigada, doutor — ela agradece constrangida.

Volto ao posto de enfermagem, uso o telefone para dar as instruções sobre a cirurgia para que possa preparar a sala e a equipe. Volto a falar com a chefe de enfermagem sobre o pré-operatório da paciente, ela não perde uma oportunidade de me tocar e com toda sutileza do mundo me retiro do ambiente. Já na minha sala pego o celular vendo a resposta de Débora.

Bom dia Doutor fodão

Caso não chegue nenhuma emergência ou você

Não esteja preso em uma cirurgia, posso sim

Aceitar comer um sanduíche. Aguento alguns minutos

Na sua presença.

Meu sorriso se abre, adoro a ousadia dessa mulher.

Infelizmente a segunda opção já aconteceu.

Você tem um vibrador?

**Por que a pergunta? Fazendo
algum tipo
De pesquisa sobre os vibradores serem maiores
E mais eficientes que você?**

Gargalho alto.

*Não. Sou um homem determinado e pessoas determinadas
São boas em tudo que fazem gatinha. Vou retirar o vibrador
Da bexiga de uma paciente.*

**Jura?! Fique tranquilo doutor você não vai me operar
Meu vibrador tem 19cm, é bem grandinho para ser
Perdido.**

Fecho os olhos imaginando a delícia que deve ser essa mulher se masturbando. Corada, com os lábios entreabertos e olhos nublados de tesão. Puta que pariu! Aperto o pau por cima da calça por impulso. *Estou tentando sem um cara do bem...*

Mas você não colabora.

**Quem sabe eu queira conhecer o menino
Mau dentro de você? Vai saber.**

É só pedir bebê! Estou ao seu dispor.

Hahaha vá se preparar para sua cirurgia, doutor.

Até mais, princesa.

E então eu respiro fundo ignorando qualquer pensamento pecaminoso que ela tenha despertado em mim. O modo cirurgião volta a ser ativado e como sempre faço quando entro dentro da sala de cirurgia foco no momento tentando anular qualquer pensamento externo.

Capítulo 18



— Você soube que o seu cirurgião está tirando o vibrador de uma mulher? — Morgana diz assim que se senta na cadeira. Ela morde o folhado com tanta vontade que chega a gemer. — Nossa... — fala em meio a mordida. — Eu realmente estava com fome!

— Eu soube dessa cirurgia sim, na verdade, pelo que parece o hospital inteiro sabe. Sei que o Henrique não vai gostar dessa história e isso vai chegar nos ouvidos da diretoria.

— Hummm, o “Henrique” — fala fazendo aspas com a mão. — Ele deixou de ser o cirurgião idiota?

— Ele continua sendo idiota, mas, é um bom cirurgião.

— Evoluímos nessa relação. — Faz um *joinha* com a mão livre.

— Não existe relação alguma.

— Não?

— Uma amizade. — Dou de ombros.

— Colorida?

— Deixa de ser chata. — Reviro os olhos.

— Você não negou! A d o r o! — Gargalho. Essa garota é demais.

— Bom dia, quase tarde meninas. — Kauã se senta na cadeira livre da mesa.

Morgana o cumprimenta com uma naturalidade inacreditável. Os dois transaram por um bom tempo e pelo que parece era só sexo mesmo. Não há desconforto algum levando em conta o fato de que agora ele namora. Ele mal senta e já pega o celular na mão, ao olhar para tela sorri feito um bobo e já até imagino quem seja a responsável por isso.

— Olha ele amiga. — Aperta sua bochecha e ele se esquivava rindo. — Todo apaixonadinho! Que orgulho.

— Eu não vou negar. Acho isso bem bizarro. — Aponto de um para o outro.

— Não tem nada de bizarro. Nós sempre fomos amigos acima de tudo o sexo era só um bônus. — Ela é quem responde. — Tirando que o babaca me ignorou por um mês. — Olha feio para ele.

— Eu nunca namorei antes — ele responde. — Queria evitar que eu e a Vic brigássemos — fala.

— E o que mudou? — pergunto.

— Depois da confusão da mensagem nós conversamos. Ela me disse que tudo bem eu ter um passado, que precisava confiar em mim e isso só aconteceria se eu fosse sincero. Falando nisso... — Ele põe o celular no modo selfie e se vira batendo uma foto de nós três.

— A menina ganhou meu respeito — Morgana fala.

— Vitória é um amor, além de linda — afirmo.

— Dizem que ela é bem parecida com o Henrique — ele diz como quem não quer nada.

— Eu também acho! — Morgana concorda. — Na verdade, eles são a cara da mãe do Henrique e do pai da Vitória. Senhor, o que é a beleza

daquele pai da sua namorada? Caramba! — Fingi se abanar.

— A esposa dele é bem bonita também — admito.

— É a Vitória tens uns traços dela também. — Eu e Kauã nos olhamos. — Também olho azul naquela família é mato, né?

— A Vic não é filha biológica da Helena.

— Jura?! — Ela limpa as mãos no guardanapo e apoia o cotovelo na mesa. — Me conta tudo!

Durante a meia hora seguinte, Kauã contou a história do sogro e da sogra, até falou sobre a mãe biológica de Vitória que por sinal sabemos quem é. Gabriela Diniz, uma modelo famosa que hoje tem uma marca de joias. Pelo que parece elas mantêm contato, mas Vic não a ama como mãe. Helena ainda sente ciúmes da filha, mas sabe que o seu lugar na vida de Vitória nunca será substituído. Juan e a esposa não tiveram mais filhos. Helena descobriu depois de anos tentando engravidar que era estéril. O casal ficou triste no início, mas decidiu que já tinham tudo o que precisavam em Vitória. Viajam por todo mundo sempre que possível, já que o homem é presidente de uma rede de imóveis. Com essa conversa conclui que Kauã é um fofoqueiro de primeira daquele tipo que não consegue guardar nenhuma história. Vitória teria trabalho para segurar a língua do namorado.



Já no corredor que dá para o apartamento posso sentir o cheirinho de tempero da minha vó. Quando abro a porta a vejo em frente ao fogão e duas senhoras, amigas dela, sentadas à mesa tomando cerveja preta.

— Querida, chegou cedo! — minha avó diz, limpando as mãos no avental.

— Consegui sair mais cedo hoje — respondo beijando seu rosto e vou até as outras duas senhoras cumprimentá-las. — Como estão?

— Velhas — uma delas responde e todas gargalham. — Já você está esbanjando juventude. Há que saudades dos meus tempos de novinha.

— A senhora está inteirona ainda! — exclamo sem conter o riso. Essas velhinhas são uma comédia.

— Seu namorado é um pão, hein menina? — a outra fala.

— Namorado? — pergunto para a senhora, mas olhando para minha vó que faz a egípcia. — Sim. Maria nos mostrou na internet.

Desde que ensinei minha vó a mexer nos aplicativos ela não sai mais do tablet. Pois é, teve que ser um tablet já que ela alegou não enxergar direito as letras pequenas do celular.

— Não é meu namorado, somos amigos — respondo sem jeito.

— Pois eu não deixava escapar, se é louca menina?! Já posso imaginar os filhos lindos que teriam. — Sorrio sem jeito.

— Galinha caipira com polenta, vó? — pergunto desviando o assunto.

— Sim, querida. — Ela olha no relógio de parede vendo que ainda não são seis da tarde. — Aqui vai demorar ainda, vamos jantar lá pelas oito da noite. Se eu soubesse que sairia mais cedo teria feito na panela de pressão.

— Que nada vó, comida feita na panela de barro tem seu valor. — Pisco para ela. — Vou aproveitar para descansar, mais tarde quando estiver pronto a senhora me chama?

— Chamo filha. Vá descansar meu amor. — Acaricia meu rosto e

volta a mexer na panela.

Vou para o quarto. Assim que entro tranco a porta atrás de mim evitando visitas indesejadas das velhinhas que tem uma mania de abrir a porta e me pegar em situações constrangedoras. Largo a minha bolsa na cadeira e penduro meu jaleco.

Tiro os sapatos e jogando para longe minha calça e blusa largando-as de qualquer jeito mesmo no chão e deito na cama. Fecho os olhos e respiro fundo, curtindo o silêncio. Em outros momentos minha mente seria invadida por lembranças que me deixariam em pânico, mas hoje as únicas que me vêm em mente são de um cirurgião gato demais que vem tomando bastante tempo dos meus pensamentos.

Lembro de todas as provocações que já aconteceram. Lembro das brigas, do meu julgamento inadequado, do beijo quente e do nosso dia de domingo passado. Foi tão... tudo. Um grande misto de tudo. Conheci sua verdadeira face que, na verdade, é bem aquilo que ele mostra diariamente quando nos permitimos enxergá-lo de verdade. Muito mais que um menino rico, um homem de princípios, íntegro e focado. Carinhoso, não posso esquecer dessa palavra.

Diferente de mim percebi que ele é uma pessoa de toques. De forma involuntária e até mesmo sem perceber, enquanto conversamos ele mexia em meu cabelo, acariciava o braço, segurava minha mão. Em algumas vezes beijou meu rosto e até chegou a me abraçar. Para mim foi diferente, novo. Eu não me apavorei com sua proximidade, pelo contrário... o contato me trouxe paz. Me senti bem como há muito tempo não me sentia.

Enquanto tudo nele parecia genuíno e sem maldade, os meus pensamentos iam e vinham dos inocentes aos pecaminosos. Em minha defesa, que mulher não ficaria empolgada com um homem daqueles ao lado?

Suas facetas de menino bom e mau acabam comigo. Suas nuances entre carinhoso e safado despertam a minha libido de uma maneira surreal. E bom... se o beijo do cara é quente como inferno, como seria o ato sexual em si? Poxa, ele sentiu o cheiro do meu sabonete íntimo! O homem é atento demais... Deve ser aquele tipo de homem descrito no mundo fictício, aqueles que sabem onde tocar e como tocar. Aqueles sabem o que fazer e como fazer.

Talvez eu esteja mesmo precisando de sexo.

Tudo bem. Talvez eu realmente tenha virado uma confusão ainda maior do que a que já sou. Eu não durmo com conhecidos. Tenho minhas marcas tanto físicas como emocionais, que não tenho intenção nenhuma de compartilhar com ninguém e esse é um dos motivos por namoros serem excluídos da minha vida.

Acontece que com ele é diferente.

A minha parte de envolvimento emocional com qualquer pessoa continua com os muros intactos, essa parte é inquebrável porque o que ela esconde não é bonito. Já o lado do envolvimento sexual com pessoas do meu convívio social se quebrou por terra, já que a única coisa que venho pensando há uns dias é de como seria transar com esse homem.

Sinto meu corpo esquentar com a possibilidade. A antecipação de como pode ser bom e intenso me toma por inteira e eu contenho um gemido sentindo meu baixo ventre tremer apenas com a ideia. Faço círculos com as mãos na minha barriga, uma carícia leve que seria inocente se os meus pensamentos não fossem nada sexuais.

Paro para pensar há quanto tempo não me masturbo, nem consigo lembrar quando foi a última vez. Sento na cama e logo me abaixo pegando a pelúcia de cenoura na última gaveta da mesa de cabeceira. Volto a sentar e não demoro a abrir o treco e revelar o vibrador rosa que ela esconde. Observo

o objeto com a ponta curva e levemente achatada próprio para estimular o ponto G. O corpo liso com uma pequena variação de largura e a bendita saliência pronta para estimular o clitóris. A combinação perfeita de um magnífico orgasmo *solo*. Decido provocar um pouco Henrique. Bato uma foto e mando para ele com uma mensagem.

*Te apresento meu amigo.
Estava analisando-o e cheguei a
Conclusão de que é elegante e eficiente.
Muito eficiente! Sabe exatamente onde fica o
Ponto G e não se esquece em momento algum
Da estimulação do clitóris. Bendito seja criador desse objeto
Valioso.*

Ele visualiza a mensagem e estranho não responder de imediato. Abro o aplicativo de músicas e ponho uma playlist internacional para tocar em um volume que oculte o barulho da vibração do objeto. Ligo o vibrador e passo na parte exposta do meu seio pelo sutiã meia taça. O barulho de notificação do celular chama minha atenção, Henrique.

*Prazer amigo da Débora.
Lamento te informar, mas sua eficácia
não é tão eficiente quanto a minha.
O Henrique Junior é maior e mais grosso que você. Só aí já
já saí ganhando. Mas ainda eu te invejo nesse momento
Até porque imagino, que não seja em vão de sua dona o ter
e mãos e com as pernas nuas. Lindas pernas por sinal.*

Sorrio com sua resposta.

Só aí você já saiu ganhando? Não entendi.

PS: só parece minhas canelas na foto.

Dessa vez sua resposta vem no momento em que é visualizada.

Eu sou todo o conjunto da obra bebê. Minhas mãos

Tem movimentos precisos e minha língua é espetacular. Claro

Que nada disso se compara ao Henrique Junior

PS: aceito uma foto das pernas inteiras para análise.

**Convencido! Sobre a foto quando eu estiver de
Shorts agora não posso...**

Por que não pode? Caralho princesa! Você

Está nua, não está?

Me sentindo excitada, decido continuar com a brincadeira.

Parcialmente. A renda é transparente.

Delícia! Que cor?

Preta...

Porra! Seu amigo está aí com você?

Está...

Dessa vez a resposta demora uns dois minutos me deixando frustrada.

Desculpa a demora. Estou na minha sala agora e podemos falar

Sou todo seu, posso brincar junto com você dois?

Sua mensagem me deixa em alerta.

Onde vocês estava antes?

Terminando uma sutura. Inclusive demorei para

Responder por que pedi para Sam ler a mensagem para mim.

Antes que surte quando ela viu o conteúdo, disse

Que era melhor eu mesmo ler assim que possível.

Henrique seu filho da puta! Agora ela

Sabe que eu tenho um vibrador.

E daí? Sam é amante desses brinquedos.

Tem uma coleção desde vibradores a Strapons.

Não muda de assunto princesa. Posso

Brincar com vocês?

Achei que já estava brincando...

Na verdade, estou sim. Não vou te mandar

*Foto por que hoje vamos usar a imaginação juntos.
Vou começar pedindo para que fique nua para mim.
Pode fazer isso?*

Caramba! Fico momentaneamente nervosa... Isso parece algo tão íntimo.

*Eu não posso, mas consigo imaginar... Porra Débora
Já estou duro para você.*

Ah caramba! Seja o que Deus quiser! Tiro a roupa e deito na cama. A música continua tocando, mas é na conversa que a tela do celular fica aberta e para minha surpresa o que vem a seguir não é uma mensagem, mas um áudio:

— Feche os olhos e lembre-se do nosso beijo da forma que nossas línguas se moveram, do jeito que nosso corpo se encaixou, do tesão que sentimos quando a pressionei na parede...encaixando meu pau na sua bocetinha.

Sua fala é seguida de um gemido. Escuto o áudio duas vezes percebendo um barulho e posso imaginar que ele esteja se tocando.

Você está se tocando?

Pergunto por mensagem e ele volta a responder em áudio.

— Sim, princesa. Não estou te vendo nem ouvindo, mas sua imagem está nítida na minha cabeça. Está molhadinha pra mim?

Sua voz rouca em meio a gemidos me excita ainda mais. Toco minha fenda com os dedos confirmando o quanto estou molhada.

— *Sim. Estou melada para você o que vai fazer sobre isso?*

Respondo em áudio me sentindo ousada pela excitação.

— *Caralho! Posso te ligar? Só quero ouvir sua voz, sua respiração. Não precisa ser chamada de vídeo.*

Também quero ouvir a voz dele. Para garantir eu mesma ligo.

— Que bom que você ligou — ele diz quando atende. — Sei que fez isso com medo que eu fizesse uma chamada de vídeo. Só quero que tenha em mente que jamais faria algo sem o seu consentimento, doutora, é você quem manda aqui.

Senhor, por que ele tem que ser tão...completo?

— Sou eu que mando, então? — provoco. Levanto ligo a TV e pego meu fone da gaveta da escrivaninha, volto a deitar os conectando no celular.

— Estou falando de limites, nunca vou ultrapassar os seus limites. Eu gosto de dominar, mas se você quiser diversificar eu não me oponho — diz brincalhão, porém com a respiração pesada.

— Vou deixar o controle com você hoje, pode usar sem moderação.

— Está se tocando? — pergunta.

— Sim.

— Com os dedos? Não estou escutando barulho do vibrador. — Em resposta a sua pergunta eu ligo o vibrador e ele dá uma risadinha baixa. — Eu faria uma sessão de preliminares, mas você me torturou bastante e como já está molhada quero que passe a ponta do vibrador entre seus os lábios da sua bocetinha. — Faço o que ele pede e gemo quando sinto a vibração chegar ao

clitóris. — Feche os olhos, princesa. — Faço o que ele pede. — Agora volte a passar a ponta de cima a baixo por toda sua extensão, era o que eu faria se estivesse aí... — ele geme. — Passaria minha língua de uma forma tortuosa fazendo-a se contorcer por mim — dessa vez que geme sou eu —, eu meteria minha língua entre os lábios provando ainda mais do seu gosto. — Imagino sua língua botando o vibrador entre meus lábios. Estou tão molhada que o contato faz um barulho arrancando um gemido de nós dois juntos. — Você está toda melada para mim, caralho! Estou babando por você gostosa... meu pau está babando e pulsando por imaginar você com a sua bocetinha na minha cara.

Lambo os lábios imaginando a cena.

— Está babando mesmo? — falo com a voz entrecortada.

— Sim. Se estivesse aqui eu pegaria uma gota em meu dedo e daria em sua boca para você provar.

— Eu iria gostar — digo baixinho, excitada demais para reformular uma resposta.

— Puta que pariu! — ele exclama gemendo. — Estou chupando seu clitóris agora... consegue sentir?

— Sim...

— Eu já não consigo me conter, desço a minha boca e meto a língua com vontade na sua entrada. — Começo a penetrar o vibrador. — Meto a língua até o talo, Débora! O mais fundo que posso!

— Ahwww... — gemo baixinho penetrando aos poucos o máximo que consigo.

— Ai cacete! — Sua voz fica ainda mais rouca. — Eu sinto você se contrair na minha língua e começo a meter ela em um vai e vem ritmado. —

Gemo mexendo as pernas incapaz de ficar parada. — Levo as duas mãos na sua bunda segurando-a firme contra meu rosto e sem parar de meter esfrego toda a minha cara na sua boceta gostosa ficando todo melado. — Gememos alto juntos! Tão alto que sou obrigada a tampar minha boca com a mão.

— Estou perto... — falo sentindo aquela antecipação do orgasmo no baixo ventre.

— Eu sinto que você está quase lá e levo minha mão até seu clitóris fazendo movimentos circulares. — Levo o vibrador mais fundo, agora também tenho o clitóris estimulado. — Você se contorce e geme, geme muito — fala arfando. Escuto os movimentos que com certeza são da sua mão aumentarem, o barulho é rápido e molhado. Imaginar ele molhado da própria lubrificação me deixa ainda mais louca de tesão. — Cacete, mulher, você é tão gostosa! Esse seu corpinho é uma delícia, caralho... Porra, geme gostosinho pra mim geme... Isso safada, caralho eu quero tanto te comer, mas tanto que chega a doer! Porra, estou quase lá... cacete que tesão! Porra! — Suas palavras, seus gemidos e sua voz rouca combinada à minha imaginação e ao vibrador me levam à loucura. Gozo. Gozo forte. Incapaz de conter meu corpo arqueado na cama buscando ainda mais contato com o objeto que me penetra. Ouço seu gemido alto que mais parece um urro e se não tivesse gozado com certeza gozaria agora ouvindo o som do seu prazer. Tão carnal. Tão real.

Merda.

— Débora? — ele chama depois de um tempo em silêncio com a respiração agora mais controlada.

— Humm — respondo cansada, sonolenta.

— Isso foi... Uau... — Vejo que não tem palavras e sinto um sorriso lânguido se estender por meus lábios por ser eu, ainda que de forma indireta a

ter proporcionado esse prazer a ele.

— Eu sei. Foi mesmo — admito sem saber o que mais responder.

— Eu tenho um retorno em quinze minutos e levando em consideração o meu estado deveria desligar para me limpar, mas realmente não quero fazer isso...

— Tudo bem, doutor, nos falamos depois — respondo escondendo a decepção na voz.

O que eu queria? Que ele ficasse o resto da noite comigo no telefone?

— Débora? — ele volta a chamar.

— Sim?

— Não se afaste — ele fala me pegando de surpresa. Abro os olhos e respiro fundo.

— Eu vou tentar — respondo sincera.

Agora escuto que quem respira fundo é ele.

— Te mando mensagem mais tarde. Beijo, princesa.

— Beijo, doutor fodão. — Ele ri e desliga.

Suspiro e então gargalho. Com certeza um riso nervoso. O que acabou de acontecer aqui?

Sexo por telefone!

Senhor!

Cubro o rosto com as mãos ainda rindo. Sinto minhas bochechas esquentarem de vergonha ainda que ninguém esteja aqui me vendo. Quando finalmente consigo parar de rir, levanto e pego as roupas para ir tomar banho, me sinto saciada e até *feliz*.

Capítulo 19



— Doutor — olho para trás vendo Juliana —, tem um minuto?

— Claro Ju, pode falar — respondo e paro no corredor. Ela espera duas enfermeiras passarem e vem para mais perto.

— Faz semanas que não temos um tempo juntos. Tem algo programado hoje? — ela pergunta.

— Tenho um encontro com a minha cama — falo bem-humorado. E ela nem me deixa terminar...

— Sua cama é confortável, te acompanho. — A afirmação dela me incomoda. Nós temos encontros casuais frequentes, mas, o fato de ela impor algo sem me perguntar me deixa desconfortável.

— Eu quis dizer que *eu* tenho um encontro com a minha com a minha cama. Essa semana foi puxada e amanhã tenho um plantão de doze horas que com certeza vai se estender.

— Tudo bem. Podemos ver um filme comendo algo, te espero no estacionamento?

— Juliana, não me leve a mal, mas vou para casa sozinho.

— Aconteceu alguma coisa, Henrique? — fala em tom de cobrança.

— Estou cansado.

— Você vem me evitando há umas três semanas. Nós nunca ficamos tanto tempo sem nos encontrar.

— O que nós temos é casual. Não existe compromisso algum, você lembra disso, né?

— Nossa... — Ela me olha magoada.

Respiro fundo.

— Olha, desculpe se fui grosso. Você é uma ótima companhia, nós somos amigos. O que quero dizer é que entre nós dois não cabe cobranças, Ju.

— Além de amigos nós funcionamos bem. Muito bem. Conhecemos um ao outro e...

A porta da sala de médicos se abre e Débora sai por ela com um café em mãos. Ela nos olha e sorri, porém, nota algo no ar, fica sem jeito e até desconfiada.

Tudo que eu precisava. *Ótimo destino, valeu aí.*

— Boa noite, doutora — cumprimento.

— Doutor — ela me responde me olhando nos olhos, então se vira para a enfermeira ao meu lado. — Juliana.

— Doutora, precisa de alguma coisa? — ela fala em um tom até então desconhecido para mim. Viro para Juliana estranhando sua atitude.

— Não entendi o que quis dizer, Juliana — Débora rebate. — Eu saí da sala dos médicos. — Aponta com a mão para trás de si mesma. — Eu devia te perguntar se você quer algo e não o contrário, não acha? — Então nega com a cabeça e dá um riso seco. — De qualquer jeito estou de saída.

Com licença.

Ela sai sem olhar para trás enquanto fico olhando-a sumir corredor adentro. Volto a olhar para a loira que me olha sério.

— Que cena foi essa? — pergunto.

— É ela?

— Como assim é ela?

— É por causa dela que você anda sumido?

— Juliana eu sempre te respeitei, mas não te devo satisfações da minha vida. Com quem eu fico ou deixo de ficar é problema meu, o que você acabou de fazer não foi legal. Você forçou a barra e eu não gostei nenhum pouco disso.

— Estamos conversando, Henrique. — Bufo.

— Não, você está sendo insistente. Nosso lance sempre foi consensual e nesse momento você está sendo inconveniente. Se fosse o contrário eu seria visto como o macho escroto que não sabe ouvir um não, então por favor, aceite meu não porque eu exijo o mesmo respeito que ofereço.

— Calma Henrique, você está exagerando. — Sua postura vacila diante da minha fala.

— Eu estou calmo, Juliana. Eu não sou o tipo de homem que se altera fácil e se você me conhecesse como disse uns minutos atrás saberia disso. — Passo a mão no cabelo em um gesto impaciente. — Estou cansado, preciso ir.

— Tudo bem. Outra hora conversamos? — pergunta e eu sinto sua voz vacilar.

— Claro. Somos *amigos*. — Dou ênfase na palavra amigos. Se ela for

esperta o bastante vai notar que a partir de hoje é só isso mesmo que seremos. Amigos, estilo preto e branco mesmo.

Não a espero responder novamente e entro na sala dos médicos. Sabe aquela sala onde os professores iam na hora do recreio durante o colegial? A sala de médicos é algo assim. O que difere é que aqui nunca falta café e comida. É uma das exigências do meu avô. A sala sempre está abastecida com biscoitos, cafés e chás. Me joga no sofá. Hoje é um daqueles dias em que estou exausto.

A semana foi mais cansativa do que imaginei que seria e de longe o ponto alto foi quarta-feira quando eu e Débora tivemos uma conversa quente que levou os dois a um orgasmo maravilhoso. Inacreditável como a garota consegue me desestabilizar e me fazer gozar apenas com voz. Homens são indivíduos visuais, eu sempre fui assim, mas como era de se esperar com ela foi diferente. Sempre é. Como tudo que diz respeito a nós dois, o que aconteceu foi de forma natural, isso é inédito para mim. Sempre fui um parceiro preocupado com as mulheres que saio, mas com ela é de longe mais intenso. Sinto como se nos conhecêssemos há tempos, como se fôssemos íntimos. Meu celular toca bem no momento em que estava me rendendo ao cansaço e me jogando nesse sofá que parece muito convidativo. Poderia dormir umas quatro horas por aqui mesmo...

— Alô — atendo ainda olhando para o sofá.

— Vai pra casa que horas? — Kauã pergunta.

— Virou minha nega agora? — brinco.

— Que eu saiba sempre fui — ele responde rindo. — Queria uma carona, deixei o carro na oficina hoje de manhã e só vai ficar pronto segunda.

— Você quer uma carona para sua casa ou para a minha?

— Para sua, claro.

— Tá morando lá em casa também?

— Não! Eu durmo umas duas noites por semana no meu apartamento.

— Cara de pau! Vou trocar de roupa e te espero no estacionamento, você dirige. Estou morto, cara.

— Dia difícil? — pergunta.

— Semana difícil — respondo.

— Imagino. Te encontro em quinze minutos — diz e desliga.

Desisto do sofá convidativo e até deixo para lá a ideia de um cafezinho quentinho. Saio da sala indo em direção ao vestiário, troco de roupa, pego minha bolsa e vou para o estacionamento encontrando Kauã que já me espera lá. O caminho é feito com conversas sobre amenidades, quando entramos em casa meu amigo segue me alertando sobre o posicionamento de Juliana.

— Eu sempre te avisei, parceiro. Dois anos é muita coisa para quem não quer nada além de sexo casual.

— Eu nunca dei esperança para ela — respondo e vou até à mesa onde Vitória, Bella e Pedrinho tomam café. Sento à mesa cumprimentando-os e já enfio um pedaço de torta salgada na boca.

— Nunca deu esperanças pra quem, Henrique? — a gêmea do mal pergunta.

— Juliana — Kauã responde e dá um beijo na minha prima quando se senta ao seu lado. — Nunca deu esperança, mas sempre tratou a menina como uma rainha é lógico que ela confundiria as coisas.

— Eu não sou o tipo de homem que come e dá um chute em seguida,

cara. Somos amigos, claro que sempre tratei ela bem.

— Eu te avisei — Isabella fala me encarando. — E como já disse antes, essa garota vai ser um problema.

— Essa é qual? — Pedro pergunta.

— Qual o interesse, garoto? — ela indaga soltando lasers pelos olhos.

— Nenhum, bombom. — Ele beija seu rosto.

— Bom mesmo. Muito bom. — Todo mundo ri enquanto Pedrinho segue olhando para ela todo apaixonado.

— E a Débora? — Vick pergunta.

— Estávamos “indo” — faço aspas com as mãos —, mas ela presenciou a cena da Juliana, com certeza entendeu tudo errado.

— Converse com ela, você gosta dela — ela afirma me encarando.

Me faço de desentendido e mordo um pedaço de bolo de chocolate. Caramba, essas *misturas* da dona Rosa são de Deus!

— Pareceu a tia Helena fazendo a egípcia agora — Pedrinho fala rindo, todos riem junto. Inclusive eu.

— Sim! — Bella concorda. — Toda vez que o tio Juan começa uma cena ela faz isso, sou muito fã.

— Vamos lá parceiro, responda a pergunta.

— Que pergunta? — Volto a me fazer de louco.

— Sobre gostar da Débora.

— Não foi uma pergunta — rebato.

— Foi uma afirmação. — A gêmea do mal volta a se meter. — Afirmação essa que você não negou.

— Sei lá. — Dou de ombros.

— Já era — Pedrinho afirma.

— É — Vitória responde.

— É — Kauã também diz.

— Com certeza — Isabella decreta.

— E o casamento? — pergunto voltando a desconversar.

— Dona Maria Clara, tia Helena e tia Antonella estão cuidando disso.

— É estranho ver você chamando sua sogra de tia — Kauã diz para minha irmã mais uma vez.

— Nada na nossa família é normal — é Pedro quem responde. — O bom do casamento ser lá é que vou matar a saudade da fazenda.

— Verdade. Faz tempo que não vou para lá — respondo.

— Será que vamos ter que dormir em quartos separados? — meu amigo pergunta à namorada.

— Com certeza — ela responde sem jeito.

— É capaz do tio Juan fazer a Vitória dormir no quarto deles — falo zoando já que se ele tentasse isso tia Helena cortaria suas bolas.

— Vai no Maverick conosco, mano? — Bella pergunta.

— Eu passo. Quero tomar um banho e dormir, tenho um plantão amanhã — digo já levantando.

Ainda ouço umas piadinhas de que se a pediatra fosse com certeza eu também iria. A verdade é que estou tão cansado que acredito que dessa vez a resposta seria não mesmo que ela fosse. Entro no quarto trancando a porta atrás de mim e indo para o banheiro. Tiro a roupa e abro o chuveiro

recebendo de bom grado a água sobre mim. Fico um tempo apenas me sentindo sendo banhado. Meus ombros estão tensos e com certeza não há um músculo em meus braços e pernas que não esteja doendo. Passo o sabonete por todo o corpo e o enxaguo em seguida. Saio do banho e me seco. Ainda que a ideia de uns quarenta minutos na banheira seja tentadora, o que eu quero mesmo é deitar na minha cama e curtir o silêncio até dormir.

Me deito na cama sem nem me dar ao trabalho de vestir uma cueca. Pego o celular vendo que não são nem 19h da noite. Programo o despertador para amanhã ao meio-dia, assim posso acordar, almoçar e voltar a dormir até umas 17h para então me arrumar para o plantão. Abro o aplicativo de mensagens vendo uma mensagem da Juliana.

Desculpe por hoje, você é importante para mim.

Apenas visualizo e mando uma mãozinha de positivo. Sua atitude abriu meus olhos e definitivamente preciso cortar a intimidade que adquirimos antes que ela volte a confundir as coisas e se torne um pentelho no meu saco. Abro minha conversa com Débora decidido a mandar uma mensagem, porém ela parece estar off-line. *Melhor dar um tempo.* Tudo que eu não quero é passar uma imagem de cara grudento e fazer com que a morena corra de mim. Sendo assim, deixo o celular de lado, apago as luzes e me rendo ao cansaço acumulado durante a semana.

Capítulo 20



— Vai Débora... nós voltamos cedo — Morgana insiste mais uma vez.

— Estou de plantão amanhã — respondo quase cedendo. A última vez que saímos já deve fazer mais de um mês, estou mesmo precisando curtir um pouco.

— Até às 21h chegamos lá, meia-noite, uma hora viemos embora e você descansa bastante para o plantão.

— No Maverick? — pergunto.

— Sim, lá sempre tem show ao vivo.

— Vou me arrumar. — Finjo falsa animação.

— Isso! — ela grita e me esmaga em seus braços.

— Meninas? — Minha vó bate na porta e entra no quarto. — Querem uma jantinha? Posso fazer uma batatinha com bife à milanesa — ela sugere sabendo que essa é a comida preferida de Morgana.

— Nós vamos sair dona Maria, tenho que aproveitar que consegui tirar sua neta de casa. Vou precisar negar sua comida hoje. — Faz um bico infantil.

— Vou tomar banho! — digo me levantando. Morgana se despede e vai para seu apartamento se arrumar também.

Entro no chuveiro e aproveito para botar a depilação em dia. Depilação me leva a sexo que de forma automática me lembra Henrique. Ultimamente todos meus pensamentos sexuais são relacionados a ele, mas, hoje isso vai mudar. Nós apenas temos um flerte, nos beijamos apenas uma vez e o episódio do sexo por telefone foi algo casual. Não vou ficar pagando de apaixonadinha enquanto o cara come o hospital inteiro. Poxa, pelo menos o ambiente de trabalho dele ele podia respeitar, não? Aquela Juliana também... marcação cerrada no cara. Eu senti ciúmes, eu fiquei puta, bem puta. A questão é, quando se está nesse tipo de situação, o negócio é sair e conhecer gente nova, ou velha. Depende do *remember*.

Saio do banho e me enxugo. Escovo os dentes e passo o elixir de vitamina C no rosto. Vou para o quarto e abro o roupeiro vendo as opções de roupa. Escolho uma calça de sarja preta com rasgos e um cropeed básico também na cor preta. Calço uma sandália de salto e faço uma maquiagem pesada com um batom na cor vinho. O reflexo no espelho mostra o retrato exato da minha alma, tão escura quanto minha roupa. Pego minha bolsa e vou até a sala onde minha avó está sentada vendo um programa de culinária.

— Vó, já vou indo, tá? — digo deixando um beijo no seu rosto. Ela ri sabendo que ficou com a face marcada pelo batom.

— Está linda, querida — fala sorrindo. — Vai mais alguém com vocês?

Esse alguém dela... é aquele alguém.

— Não, só nós duas. — Pisco e vou em direção à porta não dando abertura para mais questionamentos. — Não me espere acordada — digo e fecho a porta atrás de mim.

Vou até o apartamento de Morgana que não demora a abrir a porta já arrumada. Decidimos ir de Uber já que nós duas pretendemos beber. Quando

descemos em frente ao Maverick já percebo que o pub está lotado, como sempre. A recepcionista nos orienta a sentar em um sofá para aguardar a mesa que pode demorar, *muito*.

— O que acha de ficarmos nas banquetas do bar, mesmo? — sugiro a Morgana.

— Morgana? — A voz de um homem chama atenção.

— Mau! — ela fala surpresa e levanta indo abraçá-lo.

— Quanto tempo, garota! Está sozinha aí? — ele pergunta a ela, mas olhando para mim.

Até que é gatinho. Morgana percebe os olhares e ri.

— Essa é Débora, minha amiga — ela apresenta e eu levanto para cumprimentar o carinha.

— É um prazer. — Ele beija meu rosto. — Estamos sentados ali dentro, querem ficar conosco? — ele pergunta olhando de uma para outra.

Nós duas concordamos e então o seguimos. Caminhamos em direção a um canto mais afastado do pub, ele acena para uns carinhas que sorriem nos olhando e minha cara quase cai no chão quando vejo quem está ao lado dessa mesa. Meu coração quase erra uma batida quando passo os olhos pelos dois casais procurando uma quinta pessoa que graças a Deus não vejo ali.

Paramos em frente à mesa e somos rapidamente apresentadas, na verdade, eu já que Morgana parece conhecer os quatro homens. Sorrio para eles e então sem saber direito o que fazer me viro para a mesa ao lado. Kauã olha para Vitória parecendo nervoso ou até com medo de sua reação, temo que seja pela presença de Morgana aos arredores. Já Isabella e Pedro me avaliam ao mesmo tempo em que medem os quatro rapazes, principalmente o tal Mau que ainda não sentou, me esperando pelo jeito.

— Oi, gente! — cumprimento sorrindo. — Ultimamente a gente vive se encontrando — brinco quando cumprimento todos com um beijo no rosto.

— É o destino — Isabella responde. — Está acompanhada? — ela pergunta direta, como sempre. — Quer sentar aqui com a gente?

— Eu vim com uma amiga, acabamos encontrando uns conhecidos dela.

Isabella sorri e pelo meu olhar periférico vejo que seu noivo aperta sua mão.

— Se mudar de ideia vamos estar por aqui — ela volta a falar.

— Aquela ali não é a Morgana? — Vitória pergunta para Kauã que sorri sem jeito e concorda. — Você não vai cumprimentar ela?

— Menina, ele deve estar se cagando de medo de você ficar com ciúmes. — Morgana aparece ao meu lado falando. Vitória dá um sorriso genuíno e eu respiro fundo sabendo que está tudo bem por ela.

— Super discreta — Kauã ironiza.

— Você é ainda mais linda pessoalmente, Vitória — Morgana diz beijando seu rosto.

— Obrigada — ela agradece. — Esses são meus primos Isabella e Pedro. — Cumprimenta os dois.

— Você é a irmã do doutor Henrique? — Morgana pergunta.

— Sim, eu sou a gêmea bonita. — Ela pisca sorrindo e minha amiga gargalha.

— A genética de vocês é poderosa. — Ela concorda rindo. — Vamos sentar com os meninos? — Morgana pergunta.

— Claro — concordo. — A gente se fala. — Me despeço e vou até a nossa mesa.

Algum tempo mais tarde a conversa flui naturalmente e eu já me sinto parte do grupinho. Os meninos são divertidos e inteligentes. Maurício ficou sentado ao meu lado e em nenhum momento escondeu seu interesse em mim. Tenho que afirmar que o menino é um moreno gato, ainda que não chegue nem perto da beleza do homem que vem marcando presença em meus pensamentos. Ele é uma companhia agradável e depois de algumas doses de tequila se tornou bem interessante aos meus olhos.

Estou mesmo precisando dar uns beijos.

De início fiquei cismada pela família de Henrique estar na mesa ao lado, mas depois cheguei à conclusão de que não temos nada, então eu não devo nada. Deixei essa neura de lado e ignorei a presença deles me concentrando em me divertir, que foi o motivo que me fez sair de casa hoje. Dois dos meninos acabaram indo sentar com outras duas garotas que estavam sozinhas. Morgana parecia bem íntima do ruivo ao seu lado e posso arriscar de que esses dois já se pegaram. Agora, eles foram na rua fumar... posso até imaginar o tipo de *cigarro*.

— Um beijo por seus pensamentos — Mau diz sorrindo.

— Eu te conto o que eu penso e você me beija?

— Parece justo para mim. — Eu gargalho.

— Você é divertido, Maurício.

— E inteligente — ele completa. — Por favor, use isso ao meu favor.
— Volto a gargalhar.

— Qual sua profissão? — pergunto.

— Sou engenheiro.

A profissão do pai do Henrique, *isso é perseguição*.

— Não é tão atraente como ser médico — ele fala ironizando por eu ser, mas meus pensamentos voltam ao cirurgião. — Porém, sou bom com números.

Pois é querido, prefiro os bons *com as mãos*. Infelizmente não é o que temos para hoje.

— Você não precisa ser médico para ser atraente. Até que você é bonitinho — brinco quebrando o gelo que só existe em meus próprios pensamentos.

— A classificação de bonitinho vindo de um mulherão como você é mais que bem-vinda. — Ele sorri e olha para a minha boca.

Também olho para a sua. Sinto vontade de beijá-lo, até aguardo aquela ansiedade pela antecipação, mas minha espera é em vão. A euforia não vem.

— Eu quero *mesmo* te beijar — ele afirma.

— Então beija. — Quase dou de ombros.

Ele o faz. Ele me beija. Tudo bem. Um beijo ruim para mim pode ser bom para outra pessoa, isso é questão de química. No caso do Maurício seu beijo é bom. Ele não fica girando a língua igual um louco como se fosse um liquidificador. Também não beija rápido virando a cabeça o tempo todo. O beijo dele é, ok. Fora isso ele tem um bom papo, nos entrosamos legal, mas, no fundo... parece um beijo vazio. Sem vontade.

Sim, eu estou avaliando o beijo do cara enquanto o faço.

Minha profissão envolve muito mais que diálogo. Aprendi a ler os

sinais e é isso que estou fazendo agora. Minha intuição me diz que seria uma transa com um orgasmo bem normalzinho, isso se eu conseguisse chegar a ele.

Conclusão dos fatos: isso não vai passar de beijos.

Ele termina o beijo com umas mordidinhas e por fim, deixa um selinho em meus lábios.

— Muito melhor do que eu imaginei — fala sorrindo.

Pena que não posso dizer o mesmo. Apenas devolvo o sorriso.

— Gente, que sede! — Morgana fala quando senta e serve seu copo do barril de chope que está sobre a mesa.

As mãos de Maurício vão para minhas costas ficando apoiadas em minha cadeira. Um gesto normal para quem acabou de se beijar, mas que me causa um desconforto até então desconhecido. Ele beija meu ombro, fazendo uma carícia leve com a mão no outro braço. Morgana percebe o gesto e pisca para mim que com certeza estou fingindo muito bem a empolgação que é inexistente.

Continuamos conversando sobre diversos assuntos. A noite em um geral foi legal, mas preciso mesmo ir embora e dormir para estar bem descansada para amanhã. Morgana ainda que esteja super afim do ruivinho decide ir embora comigo já que eu neguei com toda sutileza do mundo as ofertas de carona feitas por Maurício. Ele pegou meu telefone e eu já tenho a certeza de logo ela irá me retornar. Eu não vi o momento em que a irmã e prima do Henrique saíram do pub com seus respectivos parceiros e até acho que tenha sido melhor assim. Não me sentiria confortável em me despedir deles estando com outro homem a tiracolo.

Confuso, não? Pois é.

Chego em casa e tomo uma ducha rápida. Vou até a cozinha e como um sanduíche olhando as redes sociais. Não demora a aparecer o de Henrique com uma foto escura. Aparece uma coberta e mais a frente um painel de TV com uma estante e alguns livros. “Depois de uma semana cansativa” com algumas carinhas de sono.

Então ele e Juliana não saíram juntos? Eu jurava que o rolê de hoje seria com ele a contar do que parecia ser uma DR que presenciei no corredor do hospital. Abro o aplicativo de mensagens e me sinto uma stalker ao ver que seu visto por último foi perto das 20h de ontem. Resolvo responder o stories.

Doutor fodão negando rolê de sexta? Eu vivi para ver isso.

Depois que mandei até me arrependi, porém não apagaria. Tomo o resto do copo de suco e apago as luzes da cozinha indo até o quarto dormir. Amanhã será um dia literalmente longo.



Acordo com minha avó batendo na porta do quarto.

— Débora?

— Oi — respondo.

— Vou servir o almoço em dez minutos. Levante para comer e depois você volta para a cama, assim quando levantar de novo toma um café

reforçado antes de ir trabalhar.

— Já vou, vó.

Ainda com os olhos fechados eu me espreguiço. Sento na cama alongando o pescoço e quando levanto agradeço mentalmente a mim mesma por ter tomado o pós drink tudo que eu não precisava era uma ressaca em dia de plantão. Vou ao banheiro, faço xixi e escovo os dentes indo almoçar de pijama mesmo já que minha tarde vai ser na cama.

Almoço moela ensopadinha com batata, arroz, feijão e salada. Lavo a louça para minha avó e volto a deitar ligando a televisão até o sono chegar novamente. Pego meu celular e a notificação de Henrique é a primeira que vejo.

Já a sua noite foi movimentada, né? A propósito, Maurício trabalha na D'Laurentes minha irmã disse que é um cara do bem.

Fico olhando para o celular tentando entender sua mensagem. Eu vi mesmo que Isabella e Pedro olharam de uma forma diferente para o Maurício assim que cheguei, mas jamais imaginaria que o cara é funcionário deles. Mundo pequeno. Como uma sem noção fico encarando a tela do celular sem saber o que responder, principalmente porque vejo que está on-line.

Maurício parece ser um cara do bem mesmo, mas faltou química.

Respondo a primeira coisa que me vem à cabeça. Como em todas as vezes que ele está on-line sua resposta não demora a vir.

Boa sorte em procurar por aí a química que você já encontrou em mim.

Leio a mensagem nenhum pouco surpresa com sua abordagem sincera e direta. Como sempre, ele fala o que pensa e isso é tão sexy quanto todo o restante do pacote.

O que sugere então?

**Não tenho mais o que sugerir, é cansativo
Insistir em algo que parece recíproco, mas no fim talvez
Não seja. Eu já te mostrei que sou bem mais
Que uma conta bancária ou um rostinho bonito.**

Volto a ficar sem entender. O que ele quer? Que eu declame o meu “amor” e seja inteiramente dele? Pelo amor de Deus! Isso só acontece em filmes.

Não estou entendendo onde quer chegar, Henrique.

**Não é o que eu quero que eu você tem que entender, Débora e
sim o que você quer. Vou voltar a dormir, tenho plantão hoje.**

Ele se despede, mas não fica off-line, parece esperar uma resposta.

Também estou de plantão. Nos vemos pela emergência.

Ele visualiza e logo fica off-line.

Também desligo o Wi-Fi ignorando as outras notificações. Talvez eu não saiba mesmo o que eu quero. Suspiro e fecho os olhos curtindo o último tempinho que tenho de silêncio até o próximo plantão.

Capítulo 21



Batidas na porta. Finjo que não escuto.

— Henrique — alguém grita.

Continuo dividido entre o dormindo e acordado.

Batidas um pouco mais fortes.

— Henrique! — Agora conheço a voz de Kauã me chamando.

Porra! Nem despertar meu celular despertou!

— HENRIQUE! — ele grita e como em um timing perfeito o celular desperta.

Caralho!

Tateio a cama até chegar na mesa de cabeceira. Trago o celular até meu campo de visão e com os olhos semiabertos incomodados pela claridade do celular eu desativo o despertador.

— As meninas estão servindo o almoço, traga sua bunda para a cozinha. — Kauã volta a falar, logo ouço seus passos se afastando.

Sento na cama esfregando os olhos. Bocejo me sentindo sonolento. Levanto e vou até o banheiro, sentindo minha bexiga prestes a estourar. Eu literalmente hibernei, já que não me lembro de ter acordado nenhuma vez nem para vir ao banheiro. Vou até a pia e lavo as mãos, abaixo meu rosto

jogando água nele inúmeras vezes seguidas. Um pouco mais desperto, coloco creme dental na escova e escovo os dentes como sempre.

Inferiores, superiores, céu da boca, língua. Por fim, passo fio dental e faço bochecho com flúor. Lembro de minha irmã me chamando de louco por passar fio dental nos dentes assim que acordo, já virou costume. Visto uma roupa folgada e vou para a cozinha. Os dois casais conversam animados em volta da mesa. Enquanto as meninas dispõem as comidas sobre a mesma. Quando eles percebem minha presença estranhamente todos ficam em silêncio.

— Bom dia — murmuro. — O assunto chegou? — ironizo mostrando que percebi o silêncio repentino.

— Que nada cara, senta aí para almoçar — Kauã diz e eu acho isso *muito* suspeito, porém não digo nada.

Sento e não demoro a me servir. O almoço é bife à parmegiana, uma das especialidades de Vitória. Maionese, arroz e farofa que posso jurar que foi Pedrinho quem fez. Me sirvo de uma quantia generosa e começo a comer. Kauã serve limonada em todos os nossos copos e logo põe comida em seu prato também.

— Saíram ontem? — pergunto. — Eu deitei e apaguei, não ouvi nada.

— A gente foi no Maverick — é Pedro quem responde.

— Lá é top. A comida é boa, a cerveja é gelada e sempre rola uma musiquinha ao vivo.

Todos se olham.

Mas que porra?

— Nós comemos aqueles baguetes que você ama — Vitória fala.

— E no fim pedimos aquele petit gâteau que você adora — Kauã responde.

— Aham — respondo. — E o que mais?

Porque sim, eu sei que tem mais. Só não consigo imaginar o quê.

— Tinha um carinha cantando MPB, cantava bem demais. Conseguia sozinho empolgar toda a galera — Pedrinho responde.

Estranhamente a gêmea do mal continua calada.

— Mana? — Ela me olha colocando uma garfada de comida na boca.

— Só você não falou nada. Não curtiu? — pergunto sem desviar o contato visual.

Ela olha para baixo ainda mastigando a comida. Parece tentar prolongar o ato o máximo que pode. Não desvio os olhos e também não como mais. Ela volta a me olhar e então suspira já com a boca vazia. Encaro ela e arqueio a sobrancelha a incentivando a falar, seja lá o que for que estão me escondendo.

— Débora estava lá. Chegou sozinha, viemos embora antes então não sei se quando partiu foi acompanhada, mas, enquanto estávamos lá ela estava acompanhada.

Absorvo as palavras sentindo um incômodo estranho pra caralho no peito. Uau! É... pois é. Ela é solteira. Faz o que quer. Fica com quem quer. Uma vez ouvi uma frase que diz: tudo depende da importância que você dá. Bom, parece que eu me importo. Me importo muito.

— Entendi — respondo depois de algum tempo e sem saber o que mais dizer, volto a encher a boca de comida.

— Ela estava com Maurício, ele é engenheiro... trabalha no porto —

Pedro conta.

Ótimo. Perfeito.

— Papai o mandou há um tempo para cá, afirmando que era qualificado o bastante para começar a obra de expansão. Parece ser um cara do bem — Isabella comenta.

— Mas claro que você é melhor que ele, parceiro — Kauã fala e eu até sorrio do seu comentário.

— Se gosta dela, deveria fazer alguma coisa — Vitória fala.

— Se a Débora não percebe o homão da porra que o meu irmão é, ela que se foda! — minha gêmea fala brava.

— Bella... — minha prima adverte.

— É sério, poxa... — Isabella volta a falar. — Primeiro ela o julga porque ele é rico, depois tira conclusões precipitadas achando que a gêmea dele é sua esposa. Aí o cara é paciente, eles passam um domingo juntos... e ela banca a louca e pega outro? Ah, fala sério!

— Peguei você beijando um cara depois de transarmos, Isabella. Meça suas palavras — Pedrinho responde.

— Eu sei e você também sabe que eu fiquei sem ação, mas quando caí em mim chutei as bolas dele! Além disso, estou passando por um período sabático por causa daquele filho da puta!

Todos riem, inclusive eu.

— O que quero dizer é — Bella volta a falar —, eles nem oficializaram nada e o Henrique já passou pano para os erros dela pelo menos umas três vezes. Como vai ser se chegarem a ficar juntos?

Termino de comer já levantando e levando meu prato e copo até a pia.

Paro ao lado da minha gêmea e abraço seus ombros beijando seu rosto.

— Ela não sabe o que quer, ou sabe e tem medo. Não vou ficar com ela no escuro, mana. Fique tranquila. — Volto a beijar seu rosto e ela abraça a minha cintura.

— Amo você — diz baixinho, mas, sei que todos escutam.

— Eu também — respondo. — Vou voltar a dormir, que minha noite vai ser longa.



— Doutor. — Uma enfermeira entra no consultório após duas batidas.
— Um acidente com três envolvidos. Precisam de você lá.

Levanto e vou até à sala onde os pacientes que chegam com ambulância ficam. Conto pelo menos seis enfermeiros no local e... Débora. Ela examina um paciente. Não nos falamos depois da nossa conversa por mensagens e também nem tenho tempo para pensar nisso agora.

— Qual a situação? — Vejo que dois dos pacientes estão acordados e se comunicando com enfermeiros fazendo suas triagens então me dirijo até a maca da mulher rodeada pela chefe de enfermagem e dois técnicos.

— Mulher até o momento não identificada com um corte na cabeça apresentando confusão mental.

— Licença — peço já me posicionando em frente à paciente, quando chego perto com a lanterna clínica para checar as vias aéreas tendo a certeza de estar tudo desobstruído. — Quero uma ressonância de crânio e um

hemograma completo.

Passo para o segundo e terceiro paciente vendo que só tiveram escoriações leves e superficiais. Ainda assim, peço exames e raio-x para descartar qualquer possibilidade de trauma.

— Doutor Henrique — Débora me chama e eu vou até ela. — Preciso confirmar com exames de imagem, mas todos os sintomas indicam edema pulmonar.

— Certo eu indicaria entrar com tubo de ventilação, mas, já está fazendo isso — constato. — Também solicitaria um TC de tórax para confirmar o diagnóstico.

— Vou pedir — ela fala franzindo a sobrancelha.

— Você acha que tem algo a mais?

— Acho — responde.

— Então investigue, doutora — respondo de imediato e me viro para a chefe de enfermagem. — Aguardo os exames dos três. Mantenha-os em observação supervisionada — peço e ela concorda.

Volto para o consultório feliz por esse acidente não ocasionar nenhum trauma cirúrgico. A sala de cirurgia é o meu lugar preferido no mundo, mas isso não significa que eu busque cirurgias a todo momento. Bom, pelo menos não agora que sou formado... já quando era interno, não posso dizer o mesmo.

Ser o chefe de trauma e da cirurgia geral é uma responsabilidade imensa, ainda que a liderança do trauma seja interina. Logo meu avô acha um médico capacitado para o cargo e eu posso me dedicar inteiramente à cirurgia geral.



Batem na porta e logo abrem botando só a cabeça para dentro, levanto os olhos e vejo Débora. Aceno com a mão para entre.

— Preciso mostrar a ressonância do Miguel. — Levanto da minha cadeira e aponto para que sente e entre com seu login e me mostre o exame no computador.

— Você está quieto hoje — comenta quando me encosto no balcão que fica atrás da minha mesa.

— Estou normal — falo mesmo sabendo que não, não estou normal.

Ela não responde, apenas respira fundo. As imagens do exame tomam conta da tela e eu me aproximo analisando uma a uma. Pego o mouse de sua mão e dou zoom na região afetada.

— Qual a idade dele?

— Dezesete anos. — Puxo o ar com dificuldade diante disso.

— Você já falou com o pai? — Me refiro ao senhor que também estava no acidente, mas apresentando poucos arranhões e está totalmente ciente de suas faculdades mentais.

— Ainda não.

— Não é possível que essa criança não tenha apresentado sintomas.

— Adolescentes — ela começa me corrigindo —, em alguns casos, geralmente dormem até tarde e tem cansaço associado à preguiça.

— O que é um absurdo — constato e também não perco a oportunidade de alfinetar. — Porém, é comum. É cultural julgar o próximo.

Quando o médico indica esse tipo de cirurgia, é realizada uma prova de função pulmonar com antecedência para verificar se o paciente ainda terá bastante tecido pulmonar funcional após a cirurgia. Outros exames verificam a função cardíaca e de outros órgãos para confirmar se ele está estável o suficiente para a cirurgia. Alguns desses exames com aptidão física, mas, nesse caso, não temos tempo.

— Sugiro uma Segmentectomia^[12] — ela fala.

Nesse procedimento apenas parte do lobo é removido. Essa técnica é realizada se o paciente não tem função pulmonar suficiente para suportar a retirada do lobo inteiro.

— Não sei, doutora. Eu preciso de um ECG de Repouso para analisar melhor a situação.

— Infelizmente pelo estágio avançado do tumor...

— Vamos tentar da forma menos invasiva o possível — corto.

— Tudo bem — concorda a contragosto. — Vou conversar com o pai, você vai vir junto?

— Não. Vou estudar esse caso, pedir o exame e ver qual o procedimento ideal a ser usado.



Optei por fazer um procedimento chamado Ressecção sleeve. Esse

procedimento pode ser realizado para tratar alguns cânceres localizados nas vias aéreas. Escolhi realizá-lo, pois assim posso preservar mais a função pulmonar. Agora diante de um painel de controle no centro cirúrgico e com o auxílio de braços robóticos realizo o procedimento fazendo várias pequenas incisões no tórax do paciente. A dimensão do tumor parecia ainda maior por esse ângulo, mas, tudo ia bem até começar a dar errado.

Alterações de fluidos e balanço eletrolítico.

Diminuição do Débito cardíaco

Alteração da Pressão Sanguínea

Tudo aconteceu rápido demais. Nenhum procedimento de reanimação funcionou. Assim, de repente, eu perdi um adolescente de dezessete anos que aos meus olhos ainda era uma criança cheia de vida pela frente.

— Doutor... — o residente que me auxilia me chama. — Não posso anunciar.

Respiro fundo e olho para o relógio.

— Hora da morte 4h45.

Saio da sala de cirurgia jogando minhas luvas no descarte. Higienizo as mãos e caminho em direção a ala de observação. Quando chego lá encontro Débora conversando com pai e filho que sorriem de algo que ela fala. Passo os olhos para a maca do lado e constato que a mãe está dormindo.

Dizem que nos acostumamos com esse momento. O que esquecem de dizer é que nós nos importamos, e ficamos destruídos a cada perda. Só fingimos muito bem.

Ninguém se acostuma com isso. *Ninguém.*

— Doutor — o pai do garoto que eu deixei morrer fala. — Tudo bem com o Miguel? Já posso ver ele?

— O tumor do seu filho estava muito avançado. Nós fizemos tudo que estava ao nosso alcance... devido a algumas complicações ele não aguentou e veio a óbito.

O irmão de Miguel põe a mão na boca enquanto o pai continua me olhando sem expressar reação alguma. Quando saio da sala, posso ouvir o homem dizer a doutora Débora “*Você disse que ele era o melhor.*”

Ser o melhor nem sempre é o suficiente.

Desço as escadas em uma constante e enfim chego ao necrotério. O médico legista sai da sua sala com luvas e bisturi em mãos quando me vê apenas acena e volta para a biópsia que deve estar fazendo. Encosto na parede e vou descendo até estar sentado no chão. Seguro a cabeça entre as mãos e fecho os olhos.

Acontece Henrique. Nem sempre vamos ganhar.

A fala do meu avô vem à minha mente e eu até acredito que isso seja verdade, porém, não diminui o sentimento de inutilidade que nos inunda nesses momentos.

Capítulo 22



Eu o procurei pelo hospital inteiro, simplesmente não o achei em lugar algum. Depois de um tempo na sala de descanso andando de um lado para o outro, preocupada com o sumiço repentino eu me lembrei do necrotério. Quando saímos naquele domingo ele me disse que esse era o seu lugar de fuga. Liguei para o ramal de lá e o médico legista atendeu.

— Oi — falo sem saber ao certo o que dizer. — É a doutora Débora.

— Como posso te ajudar, doutora?

— É... sabe me dizer se o doutor D'Laurentes está aí?

Silêncio. A falta de uma negativa já era a resposta que eu precisava.

— Obrigada, doutor.

— Ei — ele chama antes que eu desligue. — Ele gosta de ficar sozinho.

— Eu sei. — Voltei a agradecer e então desliguei.

Desde então, o que já faz uns quarenta minutos estou aqui sentada nesse corredor sinistro em frente a porta de acesso ao necrotério. Deixo meu pager sobre as pernas e fecho os olhos já sentindo o cansaço físico e emocional que foi esse plantão.



— Débora? — Abro os olhos sonolenta. — O que faz aqui?

Mexo meu pescoço que está dolorido provavelmente por cochilar na mesma posição por algum tempo.

— Estava esperando você. — Ele franze a sobrancelha confuso. — Que horas são? — pergunto.

— Nosso plantão acaba em dez minutos.

— Caramba... — respondo esfregando os olhos.

— Você está aqui desde que horas, Débora?

— Cinco e pouco. Te procurei por tudo. Então imaginei que estivesse aqui.

Ele puxa uma respiração longa.

— Vem. — Ele fica de pé e oferece sua mão para me ajudar a levantar. Ainda sonolenta eu aceito.

— Vamos para onde, doutor? — tento brincar e ele sorri sem mostrar os dentes.

— Para casa. Como disse, nosso plantão está encerrando.

Apenas concordo e caminho ao seu lado. Ele chama o elevador e fica acompanhando a luz passar de andar para andar no painel digital. Quando as portas se abrem nós entramos com o silêncio ainda reinando entre nós. Descemos no andar da sala dos médicos e cada um se encaminha ao seu

armário. Enrolo para pegar minhas coisas enquanto ele troca de roupa no vestiário. Penso nas minhas possibilidades. Não quero deixá-lo sozinho.

Posso chamar ele para um café?

Posso convidar para ir ao meu apartamento?

Posso convidar ele para jantar hoje à noite?

Eu não sei... só quero fazer algo por ele. Fazer com que se sinta bem.

Respiro fundo me rendendo, não tenho como enrolar mais. Pego minha bolsa e meu jaleco indo em direção a porta.

— Débora... — ele chama saindo do vestiário. Pega sua mochila e a impressão que tenho é que também está enrolando até que ri consigo mesmo e balança a cabeça negando algo em seu íntimo. Chega perto de mim e acaricia meu braço. — Quer passar o dia comigo? — pergunta sem rodeios e logo emenda —, estou exausto. Então provavelmente vou dormir o resto da manhã. Quando acordar vou pedir algum almoço pelo aplicativo e vou ficar o restante do dia de molho no quarto.

Sorrio.

— Como você sabe eu moro com a minha irmã gêmea, minha prima e com Pedro — ele ri —, e pelo jeito com o Kauã. É... — Passa a mão no cabelo. — Quase uma pensão. — Gargalhamos juntos. — Mas, meu quarto tem isolamento acústico — franzo a sobrancelha —, não, não pelo motivo que você está pensando. Na minha residência eu sempre ficava com plantões noturnos — diz se explicando. — Precisava de silêncio para dormir já que Isabella sabe ser barulhenta.

— Tudo bem — respondo.

— Isso não é um convite para sexo, não me leve a mal... — Então

para e me olha. — Espera, você disse tudo bem? — pergunta.

— Sim. Vou precisar de uma camiseta emprestada porque provavelmente vou dormir até mais que você. Fora isso sempre tenho uma roupa extra comigo, quando os plantões são calmos costumo ir daqui direto para a praia.

— Também já fiz isso algumas vezes.

Caminhamos lado a lado em um silêncio confortável. Todos nos olham, e eu já sei que seremos o assunto dos próximos dias. Henrique está visivelmente abatido, mesmo assim cumprimenta todos que nos olham de forma educada e isso me faz lembrar de sua mãe dizendo que o esposo sempre foi um príncipe e que Henrique puxou isso do pai.

Temos aqui um homem raro... mas, infelizmente esse príncipe não pode me salvar da minha “torre”. As chaves dos cadeados da minha prisão pessoal foram jogadas fora há muito tempo.

— Não quer mesmo ir comigo e deixar seu carro aqui? — pergunta me tirando de meus devaneios.

— Não... tem lugar perto do prédio para deixar o carro, será?

— Tem lugar na garagem — responde de forma vaga.

Caramba, quantas garagens tem esse apartamento?

— Sigo você. — Ele concorda e beija meu rosto indo até seu carro.



Assim que entramos na garagem de um prédio luxuoso que fica de frente para o mar ele abre o vidro e indica a vaga ao lado de onde estaciona. Desço do carro e não me contenho em perguntar...

— Quantas vagas de garagem vocês têm?

— Seis — ele responde e me olha. — Espero que você não volte a me ver como o carinha rico sem conteúdo.

— Bom, como o carinha humilde é meio impossível de te ver.

— Humildade vai além de status social ou poder aquisitivo, princesa. — Ele aperta no último andar. A cobertura. — Ser humilde é ter consciência das próprias limitações, e acredite eu tenho consciência das minhas.

— Eu sempre me achei inteligente, mas, às vezes, perto de você me sinto burra pra caramba.

Ele sorri me olhando de um jeito estranho.

— O que foi?

— Você consegue ser linda até depois de um plantão de doze horas.

Sorrio fraco. Qual foi o pecado desse homem para me ter em sua vida? Porque é impossível que uma garota quebrada como eu encontre um homem desse tipo sem que isso seja um tipo de penitência. Para ele no caso.

Entramos no apartamento e ele me diz para ficar à vontade e esperar apenas um pouquinho que já descemos para o seu quarto. Descemos? Eu nunca vi um apartamento de dois pisos, mas considerando as escadas que vejo no fundo do corredor dando acesso ao piso inferior e superior constato que esse aqui não tem só dois andares como três.

A sala é imensa.

Sofás brancos poltronas e puffs estão espalhados pelo ambiente. Os

móveis também seguem a linha do branco com itens modernos e coloridos posicionados em lugares estratégicos dando vida ao lugar. As paredes são em vidro dando uma vista incrível para o mar, acho até um pecado as partes estarem cobertas por cortinas se eu morasse em um lugar desses elas ficariam abertas o tempo todo.

A cozinha segue o estilo da sala. Tudo amplo, branco e com poucos itens coloridos. Henrique deixa a cafeteira ligada e põe alguns pães de queijo para assar, alguns mesmos... ele botou o saco todo. Ele programa o forno que também é digital. Veja bem... eu não estou analisando ou medindo questões financeiras aqui, mas é simplesmente impossível vir em um lugar como esse e não ficar fascinada até com os copos que parecem custar metade de um salário-mínimo.

— Vem — ele chama. — Vamos descer.

— O quarto das meninas também fica lá embaixo? — pergunto.

— Sim, os quatro quartos ficam lá embaixo.

O andar de baixo tem corredores mais aconchegantes, porém o espaço também é grande.

— Vou ter que perguntar... — Sou incapaz de manter a boca fechada.
— Quantos apartamentos compõe esse apartamento?

— Dois no primeiro andar e a cobertura em cima que já tinha dois andares desde que foi comprada. Meu pai é engenheiro como você sabe, de início, minha mãe tinha um, então ele comprou a cobertura e fez uma reforma fazendo com que virassem um só. Quando eu e Isabella tínhamos uns dez anos, ele comprou outro e interligou os três.

— Caramba... — falo e ele sorri.

Quando entramos em seu quarto eu fico instantaneamente apaixonada.

Posso ver a personalidade do Henrique em cada cantinho desse lugar. Tons de cinza, preto e azul tomam conta do ambiente fazendo jus ao seu lado divertido e profissional. Sento em sua cama.

— O banheiro é naquela porta — aponta —, quer tomar banho primeiro?

— Pode ir, vou ligar para minha vó e avisar que não vou para casa. Mas você já sabe, né? — falo quando ele tira a camisa mostrando aquele tanquinho incrível.

— O quê?

— Ela vai ligar para dona Júlia fazendo planos para o nosso casamento, não se assuste. — Ele gargalha.

— Casamentos não me assustam, princesa. — Ele beija minha testa e vai para o banheiro deixando a porta aberta.

Chega a ser um pecado não rolar uma espiadinha, não? Rio de mim mesma. A que ponto chegamos nessa vida. Pego o celular na bolsa e ligo para minha vó. Nem preciso dizer que a senhorinha só faltou soltar fogos por eu estar com ele, né? Além disso, disse que vai passar o dia com as amigas, ou seja, vai sentir zero falta de mim e isso me deixa feliz, pois assim não vou me sentir culpada por deixá-la sozinha em pleno domingo.

Tiro o tênis deixando em um canto no quarto. Tenho um short, biquini e uma blusinha para mais tarde, vai ter que servir, para agora vou precisar de algo emprestado. Perco a linha de raciocínio quando Henrique sai do quarto com uma samba-canção preta e o bendito tanquinho à mostra. Como um scanner olho cada parte desse corpo gostoso até chegar em seu rosto e vê-lo com uma expressão divertida.

— Preciso de uma toalha, uma camiseta e uma cueca — falo

ignorando o fato de que me viu o secando.

— Toalha tem no armário do banheiro. Vou pegar as roupas. — Caminha até o roupeiro em um canto do quarto. Na frente do roupeiro tem um frigobar, duas poltronas e uma mesa de centro, quase uma mini sala.

— Eu esperava um closet. — Penso alto.

— As meninas têm — dá de ombros —, não vi necessidade de ter um. Enquanto você toma banho vou trazer nosso café — diz quando me entrega as roupas. Ele liga o ar-condicionado e vai em direção à porta do quarto, mas então se vira e me olha. — Tranque o banheiro. É difícil ter alguém acordado a essa hora no domingo, mas a minha irmã tem a péssima mania de sair entrando sem perguntar se pode. — Apenas rio e concordo entrando no banheiro.

Como todo o restante o banheiro também é lindo. Igual no quarto os móveis são em um tom de azul escuro, o chão é preto e os azulejos são cinzas com detalhes em preto. Tudo extremamente organizado e limpo. Limpar eu sei que não é ele quem limpa, mas a organização não me deixa surpresa. No hospital comentam que ele tem uma sequência para suas bandejas de cirurgias, sequência essa que ele criou definindo a ordem dos instrumentos. Dizem também que é chato quanto a questão da iluminação.

Abro o armário e pego uma das toalhas pretas deixando em cima da bancada para depois me enxugar. Entro no chuveiro e quando abro cai tanta água que me sinto em uma cachoeira, então começo a rir. Se meus pensamentos pudessem ser lidos me achariam uma louca já que fiquei momentaneamente chocada com todo o apartamento. Acho que eu fico uns quarenta minutos tomando banho, estou apaixonada.

Me enxugo e visto a cueca e camiseta de Henrique. A camiseta chega ao meio das minhas coxas ficando em um comprimento decente, fico feliz

por ele não tem em momento algum dar indicativos de que quer sexo ainda que eu saiba que ele quer. Como eu sei? Porque eu também quero. Quero muito. Estendo a toalha no box mesmo e pego minhas roupas para guardar na minha bolsa. Lógico que quando saio do banheiro ele já está no quarto deitado na cama, mexendo no celular. Com o barulho da porta chamo sua atenção e eu não perco o momento que também me olha de cima a baixo sem disfarçar que gostou do que viu.

— Eu e o seu chuveiro foi um caso de amor à primeira vista — falo ajeitando as roupas na bolsa.

— Chuveiro sortudo. — Sorrio com sua resposta. — Vamos tomar café.

— Hummm — falo olhando a garrafa de café, quatro sanduíches e alguns pães de queijo. Além de algumas fatias de goiabada e uma jarriinha pequena de suco. — Um mini banquete na sua mini sala. — Ele gargalha.

— Você é engraçada às vezes.

— Às vezes? — Dou um tapa em seu braço me fazendo de ofendida e ele volta a rir. — Vou fingir que não falou isso.

Ele serve café para nós dois, pego a xícara e agradeço. Pego um sanduíche e me sento na poltrona em posição de buda.

— Que sanduíche maravilhoso! — comento entre mordidas.

— Já te disse, princesa, eu sou bom em tudo que eu faço. — Agora é ele quem pisca. Ele pega uma fatia de goiabada e põe no meio do pão de queijo.

— Já vi comerem isso em filme, mas nunca comi sabia?

— Então hoje vai comer. Sempre passei as férias na casa do tio

Rubens que é pai do Pedrinho, você os conheceu — concordo com um gesto —, a vó Joaquina fazia cada comida maravilhosa... muito das coisas que comemos são receitas dela. Dona Rosa faz para nós. Eu comia tanto nas férias que quando voltava sempre tinha engordado de dois a quatro kg.

— Dona Joaquina é mãe da Antonella?

— Não, é mãe do tio Rubens. Os pais da tia Antonella faleceram há uns anos de acidente de carro, ainda que não fossem muito próximos, foi bem triste principalmente para o Pedrinho que tinha muito contato com eles.

— Mais que a Antonella? — pergunto.

— Sim... ela costuma falar que todo amor que não ganhou dos dois, eles deram aos netos.

— Que triste isso... bom, pelo menos tentaram se redimir de uma forma. — Pego um pão de queijo e também ponho uma fatia de goiabada no meio. — Você os chama de tio, mas eles não são, né?

— O tio Rubens é irmão da tia Helena que é mãe da Vitória como você também sabe que não é mãe biológica.

— Nossa é bem complicadinho mesmo de lembrar quem é irmão de quem e pai de quem — falo confusa e ele ri.

— Meu pai não é filho biológico da vó Julia só do vô Alberto. Então ele não é primo de sangue da minha mãe como todos pensam só foram criados “juntos” — faz aspas com as mãos —, mesmo.

Novamente ele conta da vida dele e não força perguntas sobre a minha e esse limite que ele me permite impor me deixa segura. Terminamos o nosso café, as coisas que sobram Henrique guarda no frigobar. Vou até minha bolsa e percebo que não trouxe minha escova de dente do hospital.

— O que você tanto procura? — ele brinca da porta do banheiro.

— Escova de dentes, não tenho aqui.

— Eu tenho novas aqui. — Chama com o braço. Entro no banheiro com ele, vendo se abaixar e me mostrar quatro escovas embaladas.

— Isso é para todas as meninas que traz aqui? — Ele ri.

— Claro que não — responde. — Minha mãe sempre faz estoques dessas coisas, inclusive sabonete, shampoo, desodorantes. Pelo menos uma vez por mês ela deixa tudo abastecido tanto no meu quarto como no das meninas.

— Vocês são bem próximos, né? — pergunto observando-o pôr creme dental para mim e depois para ele.

— Eles vêm duas vezes por mês para cá. Tio Juan não consegue vir muito por causa da empresa, mas ele é bem mais rigoroso com isso, então nesse caso é Vitória quem vai para lá duas vezes por mês.

Terminamos de escovar os dentes e deitamos na cama, não sem antes ele conferir se a porta do quarto estava trancada voltando a falar sobre Isabella ser sem noção e já ter pego em situações constrangedoras que nem ousei perguntar quais eram. O travesseiro é fofinho, o cobertor é macio e tem o cheiro dele. Me sinto estranhamente confortável. Ele deita de lado e fica me olhando de novo daquela forma. Arqueio a sobrancelha e ele sorri.

— Só estou te olhando e tentando entender por que mexe tanto comigo — fala direto como sempre.

— Deveria ser proibido pessoas de olhos azuis como os seus dizerem isso a uma reles mortal como eu.

— Você não tem noção do quanto é linda, Débora.

— É, não tenho. Pode enumerar minha beleza, por favor? — brinco e ele gargalha.

— Porra... eu poderia, mas, melhor não.

Me ajito chegando mais perto. Nunca tive namorados então não sei o que é estar em uma cama com um homem sem ser para sexo e ponto. Quero aproveitar essa experiência. Me aconchoo em seus braços que me recebe acariciando meus cabelos. Não me contendo e cheiro seu pescoço, deixando um beijo ali.

— Essas carícias são inocentes, sei disso — ele fala. — Só não se espante se o meu parceiro aí de baixo ficar animado por entender errado o contexto da situação. — Rio baixinho.

Me mexo tentando sentir e sim, alguém está animado ou ficando animado... certo. Talvez a expectativa de ver esse cara em toda sua glória esteja realmente tomando conta de mim.

— Débora... — ele me repreende.

— Avise seu parceiro que mais tarde ele tem tudo para se dar bem — respondo.

— Ele pediu para dizer que está ansioso por isso. — Meu sorriso é automático.

Ficamos um tempo em silêncio, já estava quase dormindo quando ele fala.

— Não botei o celular para despertar...

— Sem despertador — peço.

— Tudo bem. — Beija minha testa voltando a me abraçar.

E assim no escurinho do quarto eu durmo tranquila nos braços do cara

que anda tomando de mim muito mais do que eu jamais imaginei conseguir dar.



— Henrique — batidas na porta —, Henrique — mais batidas.

Me mexo na cama, me virando para ele, que abre os olhos para logo fechar de novo ignorando deliberadamente quem o chama.

— Cara, você tem sono leve e eu sei que já te acordei. — Uma voz masculina volta a falar.

— Henrique. — Mexo em seu braço, ele murmura um “hum”, mas não abre os olhos. Respiro fundo chegando à conclusão que eu que vou ter que levantar e ir até a porta. Sento na cama sem coragem de levantar.

— HENRIQUE EU VOU GRITAR ATÉ QUE ABRA A PORRA DA PORTA! — Agora é sua irmã que grita.

— Mas que caralho! — ele reclama e levanta sonolento, olha para mim antes de abrir a porta para conferir se estou coberta. — Isabella eu fui dormir oito da manhã, sério qual o seu problema?

— São cinco da tarde maninho e o problema não sou eu, mas, a entojada da sua foda fixa que está lá embaixo querendo subir. Eu avisei que estava dormindo, mas ela... — Sua voz morre quando me vê. — Oi, Débora.

Ela volta a olhar para Henrique e então para mim. Ele ainda está na meia fase confuso com o que a irmã falou.

— Oi, Bella. — Sorrio fraco. Como ele não pergunta eu resolvo

perguntar: — O Henrique tem visita?

— É... eu não autorizei a subida, porém ela insistiu. — Ela volta a olhar para Henrique.

— Quem é? — pergunto.

— Juliana — ele responde. — Ela é a única que já trouxe aqui. — Arqueio a sobancelha para ele. — Até você, claro.

— Certo. — Me levanto sem me preocupar em mostrar demais já que a camiseta ficou bem comprida em mim.

— Vou pôr a roupa para ir embora.

— Por quê?

— Você espera o que Henrique? Que eu fique aqui e tope um ménage?

Quando pego minha bolsa para ir ao banheiro me trocar ele segura minha cintura.

— Vou resolver isso pode, por favor, esperar? — Apenas o encaro e tento passar, mas ele não me solta.

— Posso pelo menos ir ao banheiro? — Ele respira fundo me largando, entro no banheiro fechando a porta atrás de mim.

É isso que dá vir dormir na casa de um mulherengo, filho da puta!

— Eu te falei que essa Juliana seria um problema.

— Não fode, Isabella — Henrique responde enquanto eu fico atrás da porta escutando a conversa.

— Vocês estão juntos, agora? — A irmã dele volta a falar, ele não responde e ela também não volta a perguntar. Imagino que tenham

conversado por olhares ou gestos.

— Juliana? — ele fala e então fica um tempo em silêncio. — Eu sei, minha irmã me disse. Eu tive um plantão difícil... — ele volta a ficar quieto —, como você sabe? — pergunta. — Sei. Como estava dizendo eu tive um plantão difícil acabei de acordar e prefiro deixar essa conversa para depois... — Filho da puta! É sério isso? — Juliana — ele fala mais alto que o normal. — Eu não sei o que está passando em sua cabeça ultimamente, mas vou te pedir que pare. Nós não temos nenhum compromisso, estou acompanhado. Não vou te deixar subir. Conversamos depois. — Ele suspira alto. — Obrigado por barrar a entrada dela. — Agora fala com a irmã ou o cunhado. — Agora por favor me deem licença.

— Você está muito fodido — Isabella fala baixo, mas lógico que escuto. — Essa garota aí é das minhas. — Ela ri baixinho.

E eu quase rio.

— Sai de uma vez — ele pede com a voz divertida, ouço passos e logo uma batida de porta seguida por o som de uma tranca, e o som de uma televisão sendo ligada.

Respiro fundo soltando o ar que nem sabia que estava trancando. Faço xixi, lavo o rosto e escovo os dentes com a mesma escova de mais cedo e então saio do banheiro. Não olho para Henrique quando volto para a cama e me cubro com a expressão mais raivosa possível. Sinto seu olhar em mim, mas, logo levanta e também vai ao banheiro. Ele fica um tempo lá dentro, logo ouço barulho de descarga e da torneira. Ele sai do banheiro e vem em direção a cama, porém ao invés de se sentar no seu lado ele para e se senta em minha frente bloqueando minha visão para à TV que sinceramente nem sei o que está passando.

— Desculpe — ele diz sem rodeios enquanto o encaro sem expressão

alguma. — Te coloquei em uma situação desconfortável, eu... desculpe, mesmo.

— O que vocês dois tem?

— Nada. Nós fazíamos sexo casual, acabou.

— Acabou? — Ele faz um gesto positivo. — Não foi o que pareceu na sexta quando ela só faltou mijar em você como um cachorro marcando território.

— Me desculpe por aquela cena também — ele respira fundo —, não nos encontrávamos há algumas semanas e ela basicamente veio tirar satisfações quanto a isso. Naquele momento qualquer tipo de envolvimento acabou para mim.

— Eu sei que você não me deve explicações, Henrique. Só que...

— Débora. — Pega minhas mãos até então apoiadas no edredom. — Eu não fico com ela há semanas. Você vem... mexendo comigo. Eu não gostei de saber que você ficou com outro, mesmo não tendo direito de sentir isso.

Puxo minhas mãos das suas segurando minha cabeça entre elas confusa o suficiente para não saber o que falar. Eu senti ciúmes da Juliana sexta? Senti hoje? Eu não sei. Eu nunca sei de nada perto dele.

— Eu não sei o que dizer — falo por fim ainda com a cabeça entre as mãos.

— Eu te pedi desculpas e te disse como me sinto, não estou te pedindo que faça o mesmo.

Respiro alto levantando o rosto e o encarando.

— Dizer coisas desse tipo só dificulta ainda mais a minha vida,

Henrique. Você é quase um príncipe.

Ele sorri. E puta que pariu... consegue ficar ainda mais lindo.

— É, acho que eu puxei o meu pai. — Ele pisca.

— Também deveria ser crime essas suas piscadas.

— Verdade. Prefiro ver você, *piscando*. — Gargalho dando um tapa em seu braço.

— Deixa de ser tarado!

— O quê? Não tenho culpa se você é maliciosa.

Nos encaramos. Ele é lindo, todo lindo. Quer dizer, pelo menos as partes que eu vi são lindas. Ainda que seu abdômen seja extremamente gostoso, agora, nesse momento, o que tem minha atenção é seu rosto.

Cabelos ainda bagunçados pelo sono. Sua sobrancelha grossa deixa seu rosto ainda mais delineado. Sua barba rala por fazer, seus olhos incrivelmente azuis em tom tão lindo que chega a ser absurdo, fora do normal. Sua boca avermelhada, tão corada quanto uma boca com micro pigmentação. Qualquer mulher daria tudo para chegar nesse tom. Eu já falei dos cílios? Pois se eu pulei preciso corrigir esse erro, porque até os cílios desse cara são de outro mundo.

— Sabe o que eu acabei de perceber? — ele fala e eu nego com a cabeça. — Que nos beijamos apenas uma vez.

— É... — repondo rindo.

Nos beijamos apenas uma vez e o cara tem mais de mim que todos os homens que já transei.

— Sabe o que isso significa? — Volto a negar. — Que talvez eu esteja apaixonado. — Ele passa a mão no cabelo. — Com um beijo você já

me tem.

Apaixonado.

— Tipo um “soldado abatido”? — brinco tentando acalmar o meu nervosismo.

— Não — ele ri —, na verdade, acho esse comentário bem machista. Um homem não pode gostar de alguém sem ser rotulado, em grosso modo como alguém baleado ou machucado?

Certo.

Acho que agora fui que me apaixonei.

— Eu quero dar para você — afirmo decidida. Ela solta uma gargalhada gostosa jogando a cabeça para trás.

Até o som da risada dele é lindo.

Aiai, que patético Débora.

— Sou totalmente a favor disso — fala limpando as lágrimas.

— Então. — Tiro o cobertor de cima de mim chegando perto dele até sentar em seu colo. — O que acha do nosso segundo beijo acontecer agora?

Ele não responde. Sua respiração acelera no momento em que suas mãos tocam minhas coxas, subindo até se infiltrarem embaixo da camiseta, segurando firme minha bunda coberta por uma cueca sua. Seguro seu rosto e sem demora toco meus lábios nos seus. Quando sua língua pede passagem e nos conectamos, eu gemo percebendo o quanto esperei por esse contato nos últimos dias.

O beijo é lento, sensual, quase uma preliminar torturante onde ele me mostra tudo que sua língua é capaz de fazer.

De repente, pelo menos neste momento, não existem medos, fantasmas e traumas capazes de me fazer parar.

Eu quero esse cara. Quero muito.

— Mano! — Uma voz volta a gritar do outro lado da porta. Henrique geme frustrado, quando afasto minha boca da sua rindo.

— Puta que pariu! — ele reclama frustrado.

— Você não disse que tinha isolamento acústico? — pergunto rindo.

— A porta não tem. — Ele abraça minha cintura e apoia a cabeça sobre meus seios. — Depois ninguém entende porque chamo ela de gêmea do mal.

Gargalho.

— Deixem para transar depois! — Isabella grita. — Pedro está botando carvão na churrasqueira, vamos fazer uma resenha de casais — fala animada.

Casais. Decido ignorar deliberadamente essa parte.

— Vocês têm vinte minutos ou vou voltar aqui — ela fala quando não respondemos.

— Ela vai voltar mesmo?

— Vai. — Levanta a cabeça para mim. — Isso vai parecer escroto, mas eu preciso mesmo transar.

— Você aguenta. — Saio do seu colo. — Vou tomar um banho rápido.

— Posso ir junto? — pergunta esperançoso.

— Não. Se você entrar comigo, a única coisa que não vamos fazer é

tomar banho.

— Caralho! — ele geme e se joga de costas na cama. — Vou matar Isabella.

Pego minha bolsa e entro no banheiro trancando a porta. Respiro fundo quando sinto novamente a cachoeira que esse chuveiro é. Ignoro todos os meus medos e decido viver o agora. Seria eufemismo negar o quanto quero esse homem. Olho para os cortes que geralmente ficam escondidos nas roupas e puxo uma respiração profunda. Não estou pronta para falar sobre esse assunto, se ele quiser ficar comigo vai ter que entender isso. Bom... isso se ele quiser ficar comigo depois de ver o quanto marcada sou, e descobrir que essas marcas vão muito além do físico. Elas já tomaram o meu emocional.

Capítulo 23



Vai conseguir sair em tempo?

Começo a digitar uma resposta.

Passo aí às oito.

Já disse que não precisa me buscar, eu sei dirigir.

Imagino, mesmo assim, passo aí.

Tu é irritante assim com todo mundo ou só comigo?

Costumo ser bem elogiado.

Idiota.

Realista.

Deixa de ser mal-humorada. Vai

Vai dormir lá em casa?

Quem sabe.

até.

Levanto os olhos com Sam me fitando. Olho para os relatórios em suas mãos e reprimo uma risada.

— Foi mal.

— Foi péssimo, mas nem ligo. — Dá de ombros. — Já que eu falei por um bom tempo sendo totalmente ignorada por você, pelo menos me conte o motivo do seu sorriso.

Arqueio a sobrancelha, ela sabe, mas, ainda assim, que ouvir de mim.

— Estou conversando com a Débora.

— Hummmm. — Faz um V com dois dedos simulando uma chupada, gargalho.

— Caralho, que escrota — falo em meio aos risos.

— Escrota não, me respeita! — brinca se encostando na cadeira. —
Estão firmes?

Dou de ombros.

— Ela não se abre, fica difícil saber.

— Então mete bronca, poxa, chega junto e manda a real. Você sempre foi sincero.

— Eu fui sincero, só não posso pressionar para que seja como eu.

— Eu vivi para ver isso!

— Ah não começa, Samanta...

— Você está me pedindo conselhos, isso é inédito.

— Não — começo a guardar meu notebook —, eu não pedi conselhos, você fez uma pergunta e eu respondi. Simples. — Ela faz um gesto como se fosse para deixar isso pra lá.

— O sexo é bom? — Olho para ela. Ela me olha. Nos olhamos. — Porraaaa! Vocês ainda não transaram — ela afirma e eu não nego. — Caralho mano, tá mesmo de quatro pela pediatra!

Na verdade, eu quero colocar ela de quatro. Penso, mas não falo.

— Vocês estão nesse rolo há quanto tempo? Quase dois meses?

— Se contar a época que ela achava que a minha gêmea era minha irmã — penso —, é deve fazer mais ou menos isso.

— Cara, acho que nunca demorei tanto tempo assim para transar com alguém.

— Sam, você só pensa em trepar. Quantas meninas você convida para sair mesmo, sem pretensão de sexo?

— Ei, eu sou um amorzinho — afirma, reviro os olhos igual a Bella faz. — Levo para jantar, às vezes rola até um cineminha...

— Vai chegar o momento em que você vai querer algo mais.

— Infelizmente, não vai ser com sua irmã.

— Não mesmo. Ela é louca pelo Pedro.

— Ela nem lembrou do Pedro quando gozou na minha boca.

— Ah, puta que pariu! — Faço um gesto com a mão, mandando

parar. — Eu não quero saber, sério, não quero.

— Pelo menos nós tivemos um momento juntas e foi foda pra caralho. Literalmente.

Juro que sinto ânsia de vômito.

— Sam, pelo amor de Deus... ela é minha irmã, você minha amiga desde sempre. É como imaginar meus pais trepando. — Sinto a ânsia voltar a embrulhar meu estômago. — Chega desse assunto.

— Pior que nem tive tempo de tentar algo com a Vick, Kauã foi lá e pá, tirou minha oportunidade.

— Eu vou para casa, esse papo tá bem estranho, além disso Vitória é hétero.

— Sua irmã também. Na real, ninguém é 100% hétero perto de mim. — Pisca sorrindo de lado. Sabe aqueles bad boys dos livros? Ela parece um na versão feminina.

— Tchau Samanta. — Bato a porta abafando o som do seu riso.



— Nossa — falo assim que ela senta no banco ao meu lado, inundando meu carro com o seu perfume. — Você é linda, mas, hoje? Está de parabéns.

Ela ri chegando o rosto perto do meu, põe a mão na minha coxa perigosamente perto do meu membro. Deixa um beijo casto em meus lábios e se afasta só o suficiente para que eu consiga ouvir sua voz.

— Você dá conta? — pergunta me fazendo sorrir. — Sabe como é, né? Muita areia para seu caminhãozinho, coisa e tal.

— Suas dúvidas serão sanadas em breve, doutora. — Pisco para ela que ri se endireitando em seu banco.

— Ótimo. Não pretendo dormir cedo hoje — responde provocativa.

Olho para a bolsa em seus pés antes de dar seta e voltar para a estrada.

— Dormir não está nos meus planos, princesa.

O caminho até o Maverick foi preenchido com uma conversa sobre pacientes. Tudo bem que talvez, devêssemos falar de um assunto que não fosse a medicina, mas por outro lado é bem difícil evitar o assunto quando trabalhamos no mesmo local. Débora é extremamente inteligente ainda que precise abrir a mente em relação a novos tratamentos e procedimentos cirúrgicos. Vejo ela muito dentro da “caixa” esse tipo de visão limita muito qualquer profissional.

Medicina é ciência. Aquele que não se atualizar vai ficar para trás.

Assim que chegamos no pub estaciono e descemos do carro com Débora falando no celular com minha irmã. Entramos e enquanto ela ainda procurava a mesa deles eu os avistei de longe.

— Eles estão lá, princesa.

— Achamos vocês — ela fala para minha irmã que nos procura e levanta com Pedro vindo até nós. Fico sem entender.

Débora de uma hora para outra fica tensa, não tenho tempo de perguntar porque logo Isabella e Pedrinho estão ali.

— Oi! — Minha irmã abraça Débora demorado demais.

— Vou buscar mais cerveja, vamos comigo? — Pedro me empurra

enquanto minha irmã e a pediatra conversam algo ainda paradas no meio do pub.

— Que porra foi essa? — pergunto ao meu cunhado assim que paramos na fila do bar.

— Tem três colegas sentados na nossa mesa.

— É eu vi de longe, mas o que isso tem a ver com vocês nos interceptarem na porta do bar?

— Um daqueles caras é o Maurício.

— Cara quem é Maurício?

— Nosso engenheiro do porto.

Continuo sem entender até que a ficha cai. Ótimo. Primeira vez que eu saio com a garota que estou de rolo há um tempão e tenho que aturar o cara que ela pegou, alguns dias atrás.

— Isabella queria que você soubesse antes de sentar lá.

— Cara... — paro sem saber o que falar. Passo a mão no cabelo —, que porra.

— É — ele concorda. — Só pega leve... o cara é nosso funcionário. Você é um dos herdeiros.

Não respondo. É claro que não vou fazer nada... infelizmente nem minha namorada ela é. Tão pouco sei se quer ser. Mesmo assim, eu sinto ciúmes. Ele a tocou e... caralho, sei lá. Pegamos dois baldes de cerveja e vamos em direção à mesa.

— Diz pra mim que não é o que está sentado ao lado dela — pergunto a Pedro que apenas suspira e não responde.

Silêncio também é uma resposta.

— Meninos — minha irmã diz assim que chegamos à mesa. — Esse é Henrique, meu irmão gêmeo.

— O famoso cirurgião? — O tal do Maurício levanta e me cumprimenta chegando *bem* perto da Débora. — Cara quando seu pai falou de você a viagem toda na primeira vez que me trouxe em BC. Você é realmente a cara da sua mãe.

— Você é o...? — Me faço de louco.

— Maurício, sou o engenheiro do porto.

— Prazer, Maurício.

Ele volta a se sentar sorridente. Também me sento. Olho para Débora e sorrio fraco que em resposta dá um longo gole em sua cerveja. Isabella apresenta os outros dois que parecem ser caras legais. Pedimos uma tábua de petiscos e eu até tentei me sentir confortável, mas estava sendo impossível. Maurício tocava seu braço a todo momento, a chamava de “Deby”... e eu não pude deixar de pensar que ela sendo a Deby eu era o “lóide” da noite. O cara é inteligente, comunicativo, boa pinta. Se eu fosse mulher talvez também teria pegado de boa, mas, isso não muda o fato de eu estar puto.

— Esse cara canta muito — ele comenta. — Na sexta rolou até um pagodinho.

— Até parece que você sabe dançar — um dos outros dois desdenha.

— Não sei mesmo — admite rindo. — Mas, um arrocha a gente tenta, né? Não fui tão ruim assim, né *Deby*?

Puxo uma respiração profunda e me encosto na cadeira.

— Razoável — ela responde sem jeito. Levanto os olhos para minha

irmã que do outro lado da mesa também me olha desconfortável.

— Não tem problema. — Ele passa o braço pelos ombros dela. — Quando tocar você me ensina de novo.

O braço dele fica ali. Ela não faz nada.

Levanto sem fazer cena. Preciso respirar.

— Já volto — falo quando levanto sem olhar para nenhum deles.

Vou até o bar e me sento na banquetta, logo o barman pergunta se quero algo. Penso em pedir um whisky, mas não, seria irresponsabilidade misturar as bebidas então acabo pedindo uma água mesmo. Uma dor de cabeça já começa a querer aparecer. Dor essa que como médico sei que é emocional, sempre acontece quando fico incomodado, estressado. Uma loira senta ao meu lado, pede uma bebida e sorri para mim. Apenas faço um gesto de cumprimento sem a mínima vontade de sorrir.

— É sério isso? — Débora chega falando alto. — Eu lá preocupada com você e você enchendo a cara com outra?

Respiro fundo. Fiz isso muitas vezes essa noite. Mostro a garrafa de água e quando vou falar da loira ao meu lado percebo que ela já saiu. Claro. Com essa cara de quem parece que vai matar um da Débora, é impossível não espantar a mulher.

— Desculpe, se me senti uma merda vendo você flertar na cara de pau com o carinha que ficou semana passada.

Ela me encara ainda com a expressão raivosa de uns segundos atrás.

— Eu não flertei com ele, além disso o que queria que eu fizesse? — Gesticula com as mãos.

— Que pelo menos cortasse as investidas dele.

— Eu... — ela começa, mas não termina.

— Vamos voltar para a mesa — digo por fim.

— Não é melhor irmos embora?

— Não, Débora. Aqueles caras são funcionários da empresa da minha família, e ainda que eu não trabalhe com eles não posso simplesmente dar uma de louco e sumir. Se é importante para Isabella que eu socialize, é importante para mim também. — Ela apenas concorda.

Vou na frente com ela logo atrás de mim. De longe vejo todos na mesa rindo de algo que meu cunhado fala, Maurício nos vê. Ele olha para mim e então para Débora, percebo o momento que sua expressão muda. Ele nota que tem algo no ar e até ajeita sua postura. Chego perto da mesa antes dela, espero que ela se sente para então me sentar em seguida.

— Mano, o Pedro acabou de contar que a mamãe nos chamava de Ervilha e Azeitona.

— Na verdade, ela ainda chama — Pedro retruca ganhando um tapa no braço.

— Segura a língua, Pedrinho. Se esse apelido chegar nos ouvidos de alguém do hospital, os internos irão usar isso pelas minhas costas.

— Até parece que você já não tem um apelido entre os internos... — Débora fala.

— Qual? — pergunto olhando para ela.

— O mais agradável é Olho de Tanderá. — Minha irmã gargalha alto enquanto sigo encarando Débora. — Dizem que você vê tudo, sabe de tudo.

— É... esse apelido combina comigo sim. — Olho para Maurício e pergunto. — Qual o apelido da minha irmã e do Pedro?

Ele faz uma cara estranha e então fica vermelho fazendo todos rirem, inclusive ele. O cara poderia ser um filho da puta, não? Mas não é. Como minha irmã disse, é um cara do bem.

— Eu já ouvi algo com general e mulher maravilha... — Pedro fala.

— Nunca ouvi isso — Maurício diz sem muita convicção.

— Mulher maravilha é bom. — Minha gêmea pisca para o noivo que beija seu rosto.

O resto da noite passa sem grandes acontecimentos. Maurício parou com os flertes e investidas, consegui relaxar e conversar de boa com o pessoal. O cara não tinha culpa de ter ficado com uma mulher bonita, com a mulher que eu estou interessado. Débora conversou, mas, senti que não estava de um todo confortável sem contar que depois que voltamos à mesa ela não botou mais uma gota de álcool na boca. Não que estivéssemos bebendo muito, devo ter tomado umas quatro cervejas enquanto ela mal acabou uma. Quando nos despedimos ficou nítido para todos que tínhamos vindo juntos e foi a vez do Maurício ficar sem jeito.

— Você está estranha — falo pegando sua mão assim que entramos no carro.

— Eu não queria ter te colocado nessa situação — diz depois de um tempo.

— Eu sei — respondo por fim.

— Eu não transei com ele, Henrique. Foram uns beijinhos só e porque eu estava chateada pela cena com a Juliana no corredor do hospital.

— Todos os nossos desencontros são porque você não se comunica, Débora. Tudo poderia ser facilmente evitado com diálogo, o problema é que você sempre prefere tirar suas próprias conclusões.

— Você é um príncipe, Henrique. Já eu, preciso deixar claro desde já que não sou uma princesa.

— Eu não estou em busca de um estereótipo, Débora.

— O que eu quero dizer é que eu não preciso que você me salve, eu já fiz isso sozinha.

Olho para ela confuso.

— Não estamos mais falando sobre o Maurício, né?

— Não.

— Estamos falando sobre o quê?

— Você vai saber em breve — dá de ombros —, não hoje. Pode me levar para casa?

Penso em dizer que ela pode dormir na minha casa mesmo que não aconteça nada, mas, desisto. Algo me diz que se eu apertar ela vai fugir e pensar em ela fugindo me deixa... apavorado.

— Claro. — Beijo a mão dela que sorri fraco.

Me ajeito no carro e dou partida em direção ao seu apartamento pensando no que me disse segundos atrás. Não consigo imaginar o que quis dizer, mas, seja lá o que for... vou estar ali, por ela.

Capítulo 24



— Vocês ainda não se falaram? — Morgana pergunta.

— Pessoalmente não, só por mensagem. Ontem ele teve o dia cheio nem ver de longe eu vi.

— É — ela parece pensar —, eu também não vi ele ontem. Deve ter passado o dia no centro cirúrgico.

— Ele é tão justo... em tudo — falo atordoada. — Como foi aparecer um cara assim pra mim, amiga?

— Para de se sabotar, Débora. Eu já te disse isso antes e vou dizer de novo, você precisa de ajuda profissional para superar...

— Não — corto antes que continue. — Algumas coisas são insuperáveis.

Ah se ela soubesse da verdade.

— Você está errada. A única coisa que não tem solução é a morte, de resto se arruma um jeito.

— Não vamos começar com esse assunto, por favor.

— Eu me sinto uma merda de amiga às vezes. Vejo você sofrendo e perdendo oportunidades com essa de ficar com o Henrique, porque simplesmente respeito que você se ache uma fortaleza, bem resolvida. Mas

ignorar não vai resolver o problema...

— Não existe problema algum — afirmo. Esse assunto me deixa cansada, exausta. — Vou fazer o retoque da sobrancelha semana que vem, quer ir comigo?

— Vou sim, será que tem horário para mim? — pergunta enquanto nos levantamos em direção à saída do refeitório.

Subimos de elevador para andar da Oncologia que é onde Morgana trabalha, aproveito para pegar com umas das técnicas do setor um docinho, ela vende os doces e bolos que a mão faz, sempre compro um ou outro.

— Oi, Maria Luiza! — cumprimento. — Trouxe aqueles beijinhos deliciosos que só a sua mãe sabe fazer?

— Claro, vou pegar!

Morgana bate com a caneta no balcão fazendo com que eu olhe em sua direção, então faz um gesto sutil com a cabeça para o corredor. Henrique caminha ao lado de Sam lendo o que parece ser um prontuário. Um garoto e duas garotas os seguem, pelo jaleco reconheço eles como os internos. Sam dá um cutucão com o braço nada sutil em Henrique fazendo-o olhar para ela que indica à frente de forma bem parecida com a que minha amiga fez. Ele olha para frente e sorri quando me vê.

— Bom dia, doutora — ele cumprimenta parando bem perto.

— Boa tarde, doutor. — Arqueio a sobrancelha.

— Eu ainda não almocei. — Dá de ombros. — Te mandei mensagem.

Dou uma rápida olhada à nossa volta. Morgana mexe no computador, Maria Luiza arruma os docinhos que já estavam impecáveis na bandeja, Sam lê alguma coisa na sua prancheta. Os três internos olham para os lados, até

para o teto. Todos parecem muito concentrados, cada um em seu mundo. *Só que não*. Ele toca meu braço chamando minha atenção.

— Esqueci o celular no consultório quando fui almoçar.

— Tranquilo — responde. — Acho que a gêmea do mal também te mandou mensagem.

— Não chame sua irmã assim — repreendo rindo, ele ri e quando vai me responder um interno pigarreia sem jeito.

— Doutor — mostra seu pager —, me biparam na emergência.

Ele arqueia a sobrancelha.

— O que ainda está fazendo aqui? — Ele não é grosso, só frio.

O garoto faz o caminho de volta à emergência sem dizer mais nada. Ouço um risinho de Sam.

— Doutor, nós esperamos o senhor no CC tudo bem?

— Claro — ele responde. Ela se vai com os dois internos em seu encalço.

— Você é um ditador.

— Isso não é nem 10% do que eu passei. Acredite eu sou um anjo — seu olhar fica malicioso —, mas isso você já sabe.

Controlo a gargalhada.

— Vai trabalhar doutor — falo rindo.

— Eu vou. — Ele se aproxima. — Até logo princesa. — Beija meu rosto e volta a caminhar em direção ao centro cirúrgico.

— Maria Luiza, só eu que estou chocada ou você também está?

A garota vem com uma embalagem com quatro docinhos em mãos e

me entrega.

— Eu também estou chocada, chefe — ela brinca com Morgana. — A princesa já está amiga da cunhada, então? — ela pergunta para Morgana.

— Deixem de ser bobas — desdenho.

— Dizem que a tal irmã gêmea não é de confraternizar com as conquistas do irmão — ela fala mais logo se corrige. — Não que você seja uma doutora.

— Sério? — pergunto interessada. Isabella me tratou muito bem desde o início.

— Sim... não segue ninguém de volta no Instagram, não responde direct.

— Ela é um amor comigo.

— Maria Luiza, ela um amor com *a doutora* — Morgana fala. — Deve ser uma coisa de gêmeos, sentir que o irmão realmente está apaixonado.

— Ah, pelo amor de Deus! — reclamo. — Vou trabalhar que ganho mais — falo desdenhando.

O fato é que a frase que quem desdenha quer comprar é real. Passo o resto da tarde feliz por Isabella ter me “aceito”. Sua mensagem era um convite para passarmos o fim de semana juntos em uma pousada em Itapema, meia praia. Lógico que aceitei. Esse fim de semana é minha folga e eu não perderia tempo em ficar dois dias junto ao Henrique. Ele me disse que precisava de sexo, a real é que talvez eu esteja mais necessitada que ele.



— Alguém vem jantar aqui? — pergunto à minha avó quando saio do banho. Voltar para casa depois de um dia de trabalho, vestir um pijaminha e comer uma comidinha caseira tem seu valor.

— Estou fazendo aquela lasanha que você adora.

— Que delícia vó! Comprou massa pronta? — indago porque sei que ela fica puta.

— Que insulto menina! Fiz a massa a *rolo*.

Gargalho.

— Eu imaginei vó. — Beijo seu rosto rechonchudo a apertando em meus braços. — Amo a senhora.

— Também amo você, querida.

— Vou botar uma cervejinha preta para gelar.

— Já botei. — Volto a rir.

Meu Deus, o que seria de mim sem ela em minha vida?

Batem na porta.

— Deve ser a Morgana querendo filar uma boia. — Vou até a porta e a abro. — Oi — falo surpresa.

— Oi, princesa. — Henrique dá um passo à frente me dando um selinho. Na frente da minha avó.

Então passa por mim com uma sacola que deixa em cima da mesa.

— Dona Maria, já estava com saudades da senhora. — Abraça e beija minha avó na testa como se ela fosse da família

Fecho a porta atrás de mim trancando-a, atordoadada. Tento buscar qualquer indício em minha cabeça de termos marcado algo hoje, mas, não. Não marcamos. O combinado foi que me buscaria amanhã de manhã para irmos à praia juntos.

— Põe na geladeira para não esquentar, filho — minha avó diz a ele.
— Acho até bom deixar umas no congelador.

Eles começam uma conversa animada enquanto Henrique arruma as próprias cervejas na geladeira. Puxo a cadeira e me sento analisando a naturalidade que um trata o outro. Nosso apartamento é simples. Nossos móveis da casa toda devem custar o valor de um banheiro da casa do Henrique. Se bem que o metro quadrado do mármore translúcido do lavabo da área de lazer da casa dele deve ser mais caro que o meu carro.

— Ainda bem que eu não tomei café — Henrique diz puxando a cadeira ao meu lado, porém falando com minha vó. — Tem bastante espaço para a lasanha.

Ele chega à cadeira perto da minha, passa o braço sobre meus ombros e beija meu pescoço se sentindo em casa.

Merda.

É impossível não se envolver. Ele é totalmente envolvente.

— Você não usa muito o celular, né? — ele pergunta.

— Eu olho algumas vezes por dia, só não sou o tipo que fica o tempo todo com o aparelho no bolso.

— Imaginei — ele diz. — Te liguei e mandei mensagens, as mensagens nem chegaram. Então minha vó me deu o número da dona Maria e eu combinei com ela que viria.

— Combinou, é? — falo para ele, porém olhando a senhorinha que se senta à nossa frente rindo.

— Não tive nem tempo de te contar, você chegou, desceu para a academia, depois tomou banho e então ele chegou.

— Saí mais cedo do hospital hoje. — Suspira. — É raro isso acontecer.

— Você trabalha muito, né meu filho? — Minha avó apoia a cabeça sobre a mão.

— Eu amo o que eu faço — ele diz somente.

— Trabalha muito sim, vó — eu respondo. — Dificilmente come nos horários certos, vive lendo livros e estudando novos procedimentos é sempre solícito para ajudar a todos e raramente diz não.

— Nossa — ele fala sem jeito.

— Eu o julguei errado — falo dando o braço a torcer. — Bastou eu abrir os olhos e ver o profissional excelente que você é.

Ele me olha de uma forma tão intensa que juro, pareço sentir as tão famosas borboletas no estômago.

— Obrigado — diz por fim com um sorriso sincero.

Somos tirados do nosso *momento* com um suspiro apaixonado da minha vó.

— Vocês terão filhos lindos — ela afirma enquanto eu só quero que o chão se abra e me engula.

— Vó! — advirto enquanto Henrique ri alto.

— Eu também acho dona Maria. Nossa combinação *será* de uma beleza exótica.

— Não dá corda garoto! Daqui a pouco ela tá ligando para a sua mãe e combinando nosso casamento — falo brincando.

— Não seria uma má ideia você me esperando no altar, princesa — ele diz e logo se vira para minha avó. — Quer o número da minha mãe agora? — pergunta nos fazendo rir.

Em seguida nós jantamos e como sempre a comida estava divina. Henrique comeu, comeu pra caramba e quando terminou nem quis beber nada, pois disse que não era capaz nem de tomar água. Ficamos um bom tempo jogando canastra e lógico que perdemos de lavada para minha avó. É quase questão de honra para ela ser a melhor no carteadado.

Em certo momento ela decidiu ir dormir e então Henrique disse que iria descer para pegar sua bolsa. Sim ele decidiu por conta própria que dormiria aqui, na verdade, acho que já veio com esse intuito. Caso contrário não teria trazido a bolsa que vai levar à praia consigo. Continuei fingindo que tudo era normal, que isso era uma dinâmica rotineira em minha vida, mas não era. E agora deitada na minha cama com ele ao meu lado me dou conta disso.

Eu nunca tive namorados. Eu nunca trouxe um ficante que seja para casa.

Até agora.

Seus dedos passeiam pela curvatura da minha cintura e cada vez que sobem e descem ele fica mais ousado. Tipo quando toca a curva do meio seios, ou quando infiltra um dedo dentro do elástico do meu pijama.

— Você está sem calcinha — ele afirma.

— É desconfortável para dormir.

— Eu dificilmente durmo pelado, mas quando morar sozinho com certeza vou aderir ao nudismo.

— Vizinhas sortudas serão as suas.

— Sortudas, é? — ele pergunta me abraçando.

Caramba, a sensação do meu peito colado ao seu é muito boa.

— É, talvez.

— Você ainda não conferiu para saber o quão sortudas podem ser... — fala sexy. — E nem vai conferir hoje, por que princesa... quando eu te pegar vou fazer você gritar o meu nome.

— Eu vou cobrar.

— Não vai precisar... — Ele infiltra a mão dentro do pijama apertando minha bunda nua. — Isso não me impede de brincar um pouquinho com você agora.

— Qual seu tipo de brincadeira?

— O tipo silenciosa. Nenhum som pode chegar no quarto ao lado.

Certo. Me sinto uma menina de 15 anos, prestes a fazer algo totalmente impensado, porém extremamente delicioso.

— A porta está trancada? — Apenas respondo com um gesto que sim. Ele beija meu pescoço subindo a mão para os meios seios. — Porra — murmura baixinho —, tira a blusa para mim te ver, vai....

Eu tiro. Não existe a possibilidade de não tirar. Sejamos sinceros, quero dar para esse homem há semanas.

— Porra — volta a falar. Então desce o rosto para a altura dos meus

peitos. Respira perto, posso sentir a quentura dos seus lábios. — São lindos, posso apostar que com jeitinho, cabem na minha boca.

Eu espero que me tome com sua boca.

Eu anseio pelo contato... mas ele não vem.

Suas mãos voltam para a minha bunda e então chegam um pouco abaixo do umbigo.

Eu travo. Ainda que ele não veja, vai sentir as marcas dos cortes.

E se ele tiver nojo? Isso nunca foi uma preocupação para mim. Pelo menos não até agora.

— Tudo bem? — ele pergunta mirando meus olhos.

— Não sei... — respondo sincera.

— Débora se você não quer não tem problema. Eu jamais te tocaria sem o seu consentimento. — Ele se senta e até se afasta um pouco.

— Henrique — também me sento —, eu quero, quero mais do que deveria querer... mas tem coisas sobre mim que você não sabe.

— E você não quer fala sobre essas coisas — ele conclui.

— Não — admito. — Ainda assim, você vai saber.

— Desculpe... — ele pede mexendo no cabelo. — Não estou conseguindo acompanhar sua linha de raciocínio.

Respiro fundo.

Preciso acabar com essa merda de uma vez.

— Me promete que não vai fazer perguntas?

— Eu... — volta a mexer no cabelo —, ok. Sem perguntas agora. Hoje. Não posso garantir que eu não vá perguntar nada até porque eu não sei

do que...

Sem pensar muito levanto e tiro o short do pijama ficando nua em sua frente. Suas palavras morrem. De início acho que por minha atitude inesperada. Ele olha as marcas dos cortes uma por uma.

Espero um olhar crítico.

Um olhar de nojo.

Um olhar de pena.

Mas, nenhum desses olhares se fazem presentes em sua expressão.

Ele parece pensar, talvez buscar as motivações que me levaram a tais atos. Vejo o momento em que seu olhar cai sobre a marca ainda avermelhada. Vejo um leve, quase imperceptível franzir de sobrancelhas. Um olhar técnico, de um médico que sabe que essa marca é recente. Então ele abaixa os olhos e se concentra em avaliar meu sexo. Quando seus olhos voltam para os meus o que eu vejo ali é desejo e um misto de sentimentos que não consigo ler.

Ele levanta e sem demora tira a samba-canção que veste.

Uauuu.

Nossa.

Tipo? Uau!

Uma visão... empolgante.

Ele sorri e volta a deitar se enfiando embaixo do edredom.

— Agora que estamos em uma situação justa — aponta do seu corpo para o meu —, podemos dormir bem agarradinhos. Prometo me comportar, só não posso garantir que todas partes do meu corpo pensem da mesma forma.

Sorrio mordendo o lábio, com a vontade de chorar tentando tomar conta de mim.

Ele não me rejeitou.

Dentre as tantas reações que eu imaginei que tivesse quando me visse nua, essa com certeza não era uma delas.

Desligo a televisão e volto para a cama. Imediatamente seu corpo me abraça seguido de um boa noite e um beijo em meu pescoço. Respirei tranquila sabendo que essa noite, pesadelo algum ousaria vir sobre mim.

Capítulo 25



— A Isabella quer mesmo foder com o meu juízo, não é possível — Pedro reclama. — Porra mais um pouco e ela estaria com tudo à mostra.

— Ela tá de fio? — pergunto, pois obviamente não fiquei olhando para a bunda da minha irmã. — Se é esse o problema a Débora também está.

Avisto-as de longe dentro do mar rindo e brincando umas com as outras.

— A Vitória também. — Kauã dá de ombros. — Podem até olhar, quem come sou eu mesmo.

— Cala a boca, Kauã. — Pedro dá um peteleco em sua cabeça. — isso lá é jeito de falar. Estou falando da parte da frente da calcinha do biquíni. É baixa, baixa pra caralho.

— Pedrinho, se você olhar de cara feia, ficar emburrado ou se ousar em reclamar você vai estar fodido, mano — admito. — Ela vai começar a usar piores.

— Eu sei — diz nervoso. — Daí eu infarto de vez.

— Pareceu o tio Juan falando agora — falo rindo acompanhado do meu amigo.

— Nem vamos falar muito nele, né? — Kauã comenta. — Deixa o meu sogro quieto na dele, lá na cidade maravilhosa.

Agora eu e Pedro gargalhamos.

Pelo que soube duas semanas atrás, tio Juan e tia Helena vieram de surpresa pegando Vitória e Kauã tomando banho juntos. A pressão do coitado do meu tio até aumentou, graças a Deus tinha um genro médico por perto. Ou não. Já que segundo ele, o causador de seu possível óbito é o Kauã.

Olho Débora gargalhando com minha irmã e minha prima parecendo tão feliz e me lembro da noite passada. Quando ela fez todo aquele suspense eu juro, não imaginava ver o que veio a seguir.

Ela tem muitas marcas.

Marcas de automutilação, e posso estar muito enganado, mas acredito que uma daquelas marcas é recente.

Seu baixo ventre é repleto de marcas de cortes. Uns pequenos, outros nem tanto. Eu fiquei surpreso, porém tentei demonstrar o mínimo possível de reação para que ela não fugisse. Já atendi pacientes que praticam automutilação e o caminho inicial nunca é o confronto, pois se isso acontecer eles fogem.

A automutilação é uma válvula de escape onde pessoas buscam a dor física para lidar com a dor emocional.

Eu me pergunto, o que aconteceu para que ela busque esse tipo de fuga?

Então eu fiz o que o meu coração mandou, eu a acolhi. Fiquei nu nos colocando na mesma situação para que ela percebesse que não cabe a mim nenhum julgamento. Como homem, quero fazer com que esqueça qualquer dor do passado se perdendo em mim, no agora. Como médico, quero que ela

enfrente seus medos, porque ignorá-los não é a solução.

Vou conquistar a confiança dela para então poder ajudar nessa situação.

O biquíni que ela usa é de cintura alta chegando até o umbigo. Ele cobre todas as marcas. A frase “quem vê cara não vê coração” nunca me pareceu tão real como agora. Talvez ela não saiba, talvez não admita ou até não se dê conta, mas ela precisa de ajuda.

Eu vou estar aqui por ela, até por que, quem eu quero enganar? Estou apaixonado pela garota. Só o fato de não me interessar por nenhuma outra já deixa isso mais do que nítido. Some a vontade que eu tenho de estar perto dela o tempo todo, de conversar com ela nem que seja por mensagem, de estar com ela seja do jeito que for.

Gargalho com as três comparando alturas. Minha irmã fala algo para Vitória e Débora finge ficar brava. Na nossa família todos somos altos. Tenho 1,80m, Isabella e Vitória tem 1,75m. Débora deve ter no máximo 1,60m então a diferença perto das meninas é grande. Perto delas tem quatro caras que parecem apreciar a vista tanto como eu, Pedro e Kauã. Pedrinho mexe as pernas impaciente e eu não sei como ainda não bancou o possessivo e foi até minha irmã.

Ele é muito ciumento, sempre foi. Isso foi o causador de muitas brigas entre os dois. Kauã parece ser mais tranquilo como eu. Claro que tenho ciúmes, mas, com certeza não ao ponto de fazer uma cena. É normal que ela chame atenção de outras pessoas, não cabe a mim interferir, só se houver falta de respeito. Os caras chegam mais perto, um deles fala com ela e outro chega bem perto da Vitória. Vitória é o tipo de mulher que faz qualquer homem dobrar o pescoço para olhar.

— Acho que esse é um bom momento para eu começar a pensar em

uma aliança, não? — Kauã comenta apreensivo.

Vitória sorri para o cara falando algo que o faz recuar.

— Isso loirinha, bota esse filho da puta para correr — Kauã comenta consigo mesmo.

— Cara, toda vez que você chama a Vick de loirinha eu lembro dos meus pais — Pedro comenta. — Quando ele a chama assim os olhares que eles trocam são estranhos. — Eu e Kauã rimos.

Minha irmã levanta a mão mostrando a aliança, olho para o lado e vejo o sorriso de Pedro que parece mil vezes maior que o do coringa. Um deles fala com Débora que gargalha, fico tenso, vê-la gargalhando com outro cara não é a melhor visão que se pode ter. Então, como sempre faz ela me surpreende puxando o braço do cara um pouco para o lado e apontando na nossa direção. Ela está me mostrando para o cara e dessa vez quem sorri como um idiota sou eu. Ele levanta a mão como acenando e eu faço o mesmo. Os quatro caras se afastam e ouço Pedro respirando fundo ao meu lado com certeza soltando o ar que nem sabia que estava segurando.

— Será que aquela história de o nosso parceiro aqui ser o advogado fodão que convence qualquer júri é verdade? — Kauã fala para mim se referindo a Pedrinho. — Eu só vejo um noivo inseguro.

— Vai se foder — Pedro o responde nos fazendo rir.

As três saem da água vindo em nossas direções e os meus olhos são como uma máquina de raio-x escaneando cada pedaço do corpo da Débora.

— Eu tirei a sorte grande! Caralho... — Kauã fala com certeza se referindo a namorada, mas, tanto como Pedro não respondemos.

— A água tá tão boa, não vai mesmo entrar? — Vitória pergunta para Kauã que a puxa para seu colo sem se importar de estar molhada.

— Loirinha, o que acha de voltarmos à pousada? — Kauã pergunta e leva um peteleco de Pedro.

— Ela é como uma irmã cara! — Pedro resmunga.

— Sério? — falo para ele. — Você pega a minha irmã gêmea desde os quatorze anos e tem coragem de falar isso pra ele? — Ele só ri tendo a decência de ficar quieto.

— Você era ciumento? — Débora pergunta se enxugando.

— Ser ciumento como? A Isabella nunca teve limites — respondo.

— Não me acompanha que eu não sou novela — a gêmea do mal fala.

— Isso é muito a cara da tia Clara e tia Antonella — Vitória fala rindo.

— Eu ainda não entendi direito essa dinâmica de tios que não são tios — Débora diz, quando ela vai sentar na esteira puxo-a para que também sente em meu colo.

— O tio Rubens é irmão da minha mãe. A tia Clara é irmã do meu pai. Eu sou a única que é realmente sobrinha de todo mundo — Vitória para e pensa —, se bem que eu não sou filha biológica da minha mãe então não sou prima de sangue do Pedro e do Vitor.

— Fala isso perto da sua mãe ou do meu pai e eles vão chorar rios — Pedro responde.

— Eu e a Bella chamamos o Tio Rubens e a Tia Antonella de tios porque fomos ensinados assim — falo para Débora, mas logo olho para irmã —, se bem que vai ser mesmo estranho você chamar seus sogros de tio não acha?

— O Pedro também chama o pai e a mãe assim — ela responde dando

de ombros.

— É incrível porque, você ainda que seja a cara do seu pai, você é tão parecida com dona Helena — Débora volta a comentar com Vitória.

— Os cabelos e os olhos dela são da mesma cor que os meus, isso ajuda a dar essa impressão — Vitória responde.

— Eu me refiro ao jeito mesmo... — Débora divaga —, o jeito de falar, de sorrir, até de andar.

— Ela me criou desde pequena. Na verdade, ela é minha mãe mesmo. Ela quem me criou, me cuidou, me amou. Sou grata a Gabriela por ter me botado no mundo, até tenho carinho por ela, mas como tenho por qualquer pessoa.

— Gabriela, é? — Débora pergunta.

— Minha mãe biológica. Gabriela Diniz, sabe quem é, né? — Débora apenas acena em positivo.

Claro que ela sabe quem é. A tal Gabriela foi uma modelo internacional famosa, agora tem uma marca de bolsas e acessórios de grife.

— Sei quem é. Tenho uma bolsa da marca dela e um brinco também.

— Também tenho algumas — Vitória responde. — Nós conversamos casualmente.

— Eu a acho uma vaca. — *Eu também.* Concordo mentalmente com a minha irmã.

Pedro sutilmente muda o assunto e fico agradecido por isso. Gabriela é mesmo uma vaca. Já perdi as contas de quantas vezes Vitória veio chorando dos seus encontros com ela. A filha da puta sempre fez questão de tratar a minha prima como incapaz em função da dislexia. Infelizmente existem

muitas pessoas cruéis no mundo, Gabriela é uma delas.



— Passa pra mim? — Débora para em frente a cama só de calcinha e sutiã com um pós sol em mãos.

— Claro. — Sento na cama com os pés para fora. Ela vira-se de costas ficando com a bunda ao meu alcance.

A calcinha ousada deixa claro que suas intenções são *tão boas* quanto as minhas.

Despejo um pouco do creme na minha mão levando até sua carne macia. A marca do biquíni é maior que o fio dental que usa. Passo o creme por toda extensão de sua bunda, massageando, aproveitando. Repito os movimentos no outro lado, oferecendo a mesma atenção que até então era do anterior.

Há homens que são loucos por bundas, outros por peitos, abdômen... eu sou o tipo que curte o conjunto completo de uma vez. Mas, a visão da bunda dela tão perto... com aquele *vezinho* mais claro e as polpas vermelhinhas me deixam extremamente excitado.

Deixo o tubo do pós sol sobre a cama e levo as duas mãos até seu traseiro, uma de cada lado. Eu os aperto, abro incapaz de não imaginar a sensação de ter meu membro enterrado ali. Um arrepio de tesão sobe pela minha nuca no momento em que um suspiro sai de sua boca.

Subo minhas mãos levando até o fecho do seu sutiã o abrindo em

seguida. Débora solta um risinho baixo.

— O que é engraçado, princesa?

— A sua agilidade em abrir sutiãs.

— Sou bom com as mãos. — *E com fechos de sutiã também.*

— E humilde também — ironiza.

Levanto tocando sua cintura e falo em seu ouvido:

— Eu nunca disse que era, gatinha.

Ela se arrepia, sorrio contra seu pescoço deixando um beijo ali. Pego mais uma quantia de creme e despejo em suas costas. Coloco as laterais das mãos nos lados da parte superior da coluna. Movo os braços um pouco para cima e para baixo ao lado da coluna, trabalhando lentamente o pescoço e cóccix.

Repito uma, duas, três vezes.

Minha intenção não é que fique relaxada e sim excitada. Alguns toques ainda que sutis aumentam a libido servindo como uma preliminar. Dizem por aí que homens não curtem preliminares, não é o meu caso.

Eu adoro preliminares e toda sensualidade envolvida.

Ela respira fundo denunciando estar tão mexida com o momento quanto eu, decido esquentar o clima. Dou um passo à frente encostando meu corpo no seu, fazendo com que sinta minha ereção. Levo os dedos ao seu abdômen fazendo pequenos movimentos de sobe e desce de uma forma *quase* inocente.

Subo os dedos passando pelos vãos dos seus seios, levo às mãos em cada um tocando de leve os bicos. Círculo seus mamilos e sem aguentar a tortura encho as mãos com seus peitos.

Ela arfa, eu gemo.

A forma de como se moldam a mim dá a impressão de serem feitos sob medida para serem tocados por minhas mãos. Massageio testando a sensibilidade e as reações de seu corpo e quando peso um pouco as mãos ela geme alto. Então volto a repetir os movimentos moendo seus seios. Gemo contra seu pescoço deixando-a ainda mais arrepiada.

— Você gosta de carinho ou de umas palmadas? — pergunto sussurrando.

— Uns tapas, com certeza. — Rio contra o vão do seu pescoço.

— Isso é um pedido?

— Sim — responde em murmúrio.

— Cuidado com o que pede, princesa.

— Na cama eu prefiro vadia, vagabunda, puta ou qualquer adjetivo semelhante que queira usar.

Meu pau vibra contra o tecido da cueca devido.

— Posso jogar esse jogo. Então, se eu descer minha mão até sua boceta agora, o que vou encontrar?

— Por que não o faz e veja você mesmo? — ela devolve a pergunta.

Em um impulso empurro ela até a porta da sacada fechada. Ela grita em surpresa quando seus seios ficam pressionados na madeira gelada. Enrolo seu cabelo em uma mão trazendo sua cabeça até que possa falar ao pé de seu ouvido.

— Eu não gosto de infringir dor... — sou sincero —, mas posso maximizar o tesão. Me diga se eu for longe demais.

Ela apenas balança a cabeça em resposta. Seus lábios entreabertos são um convite para serem beijados e é isso que eu faço, sendo correspondido na hora. Trocamos um beijo ardente, explosivo, demonstrando nosso tesão mútuo. Deixo uma mordida em seu lábio inferior me afastando.

— Empina a bunda pra mim — falo com a voz rouca e ainda que meu corpo esteja colado ao seu, ela empurra o traseiro para trás.

Me afasto vendo sua bunda bem empinada e a vontade de sentar a mão nela é tão grande que não me contenho dando um tapa leve, porém, com uma pegada forte. Ela geme, eu ofego.

— Tire a calcinha — peço. Ela tira as mãos que estavam apoiadas na parede e abaixa a peça e então de forma inconsciente volta a mesma posição.

Olho para a marquinha do biquíni e viajo de tesão na visão das suas polpas vermelhinhas pelo sol e agora pelo meu tapa. Me abaixo ficando com a cara nessa maravilha.

— Empina mais, delícia — exijo dando mais um tapa quando ela obedece.

Eu não perco tempo e começo a agir. Beijo, lambo, chupo, mordo. Não sei quais sons são mais ouvidos no quarto; se os meus sons de tesão ou os gemidos dela. Espalmo as mãos nos dois lados da bunda e abro, tendo a visão do orifício piscando para mim.

Meu pau dá uma cambalhota na cueca e eu mordo meu lábio com força, louco de vontade de comer esse cuzinho.

Caralho!

Ela joga a bunda para trás empinando ainda mais. Tenho uma visão privilegiada da sua bocetinha rosada toda aberta para mim. Sinto a boca salivar de tanta vontade de chupar que eu tenho. Então com as mãos fincadas

em sua bunda e ela totalmente exposta para mim eu ponho a língua para fora e lambo a extensão da bocetinha até o cuzinho.

Débora geme alto. Contenho a vontade de tirar meu pau para fora e bater uma enquanto a chupo.

O grande diferencial dessa posição, e que muitos homens não sabem; é que a língua ajuda a levantar o capuz do clitóris, uma espécie de "pele" que o reveste e que é extremamente sensível. Preciso dar os créditos dessa informação as aulas de anatomia humana o que não significa que não possa usar essa informação a meu favor. A favor dela.

Decido provocar beijando a sua coxa, respiro com vontade perto da vagina, lambendo a virilha dela, passando a língua pelos lábios até finalmente chegar ao clitóris. Decidido a tornar esse sexo oral memorável e estragar Débora para a boca de qualquer outro homem, também uso meus dedos.

Enquanto trabalho o clitóris com a língua fazendo movimentos de sucção leves, brinco com os meus dedos dentro da sua bocetinha vez ou outra escorregando-os até seu ponto sensível.

— Não para — ela murmura em meio a gemidos. — Puta que pariu! Não para!

É lógico que eu não paro. Vê-la extremamente excitada e entregue ao momento só me faz chupar com mais vontade. Eu poderia gozar só a chupando.

— Vai delícia, rebola na minha cara — falo incentivando. — Goza na minha cara.

— Caramba! — ela fala em meio a sons inaudíveis.

Então geme mais alto, se movendo buscando por mais contato. Sinto o momento em que ela se contrai e começa a gozar na minha boca. Adoro a

forma que se entrega gemendo sem se importar que ouçam. Assim que ela vai se acalmando sinto suas pernas cederem. Ajudo a continuar em pé segurando firme com uma mão em seu quadril, mas não levanto. Uso a outra mão para voltar a abrir sua bunda, levo a mão mais para baixo e abro a sua bocetinha carnuda vendo seu gozo escorrer por entre seus lábios.

Gemo com a visão.

Caralho, *eu* preciso gozar.

Levanto e a viro para mim que ainda está aérea pelo orgasmo.

— Tudo bem, princesa? — pergunto sorrindo.

— *Aham* — ela responde quando a deito de costas na cama.

Tiro a cueca e começo a me masturbar olhando seu corpo. O rosto corado pelo orgasmo, os seios medianos e empinados, o abdômen, sua bocetinha que faz meu pau pulsar contra minha mão, as pernas que me fazem fantasiar o momento em que vão estar em volta do meu quadril.

Ela é sexy. Toda sexy.

Se eu pudesse traduzir a palavra sensual para o sentido literal com certeza seria, a Débora nua com a respiração entrecortada e o rosto corado pós-orgasmo. Talvez eu possa acrescentar seu olhar felino que acompanha o movimento da minha mão nesse momento.

— Você fica sensível após o primeiro orgasmo? — pergunto.

— Nada que te impeça de meter gostoso em mim.

— Porra. — Me ajoelho na cama enquanto ela abre as pernas em um pedido de *me coma*.

Totalmente movido pelo tesão eu puxo seu quadril e meto sem delicadeza nenhuma. Eu entro fundo. Até o talo. Quase me arrependo pelo

gesto brusco, mas, então Débora geme se mexendo embaixo de mim. É o incentivo que eu precisava.

Seguro firme em seus quadris e começo a estocar intercalando com reboladas. Ela geme. Eu gemo. Nós dois arfamos, embriagados pelo prazer. Porra, eu poderia passar o resto da minha vida enterrado nela.

— Pega nos seus seios — incentivo e ela faz —, isso, apalpa eles gostoso. — Ela atende meu comando, mas fode com meu juízo quando leva a mão à boca chupando o dedo para logo levar lubrificado até seu clitóris. — Porra! — gemo.

Já falei que sou um cara visual? Se falei, vale reafirmar.

Quando vou apoiar uma das mãos no colchão ao lado do seu rosto ela inclina o pescoço. Testando a minha teoria, levo minha mão até o local e levemente envolvo meus dedos em seu pescoço.

Ela geme. Alto.

Sua submissão me leva a um nível surreal de prazer. Sinto os músculos da perna e virilha tremerem antecipando o orgasmo.

— Mete mais fundo — ela pede e a julgar pela voz também está quase lá.

Ignoro qualquer outra sensação me concentrando somente em meter sem dó.

— Mais — ela implora e ainda que nublado de tesão eu tento retrucar.

— Ei...

Ela tira a mão que estava no seio apertando colocando-a por cima da mão e me fazendo apertar ainda mais seu pescoço.

— Mais! — ela pede alto. Enquanto mantém a mão sobre a minha, ela

inclina o seu corpo buscando que as estocadas sejam mais fortes.

A sensação de pré-orgasmo começa a tomar conta do meu corpo e esse impulso me leva a ceder e apertar seu pescoço e como se possível, estoco ainda mais forte. O conjunto dessas sensações fazem ela gozar.

Ela geme, grita, resmunga.

Então eu gozo, caralho... eu gozo como nunca tinha gozado antes.

Ainda zozinho do misto de sensações, solto o pescoço dela vendo a vermelhidão que deixei no local.

Cara... que porra foi essa?

Eu... caralho!

Ela se arruma na cama. Parece exausta. E a julgar pelo meu conhecimento médico, além de exausta amanhã ela terá cólicas. Deito ao seu lado mexendo em seu cabelo assim que fecha os olhos. Algum tempo depois quando ela começa a risonhar me levanto e vou ao banheiro.

Não usei camisinha.

Enforquei a garota e meti tão fundo a ponto de causar cólicas.

Porra!

Passo a mão nos cabelos, nervoso. Tudo bem curtir um sexo selvagem, alguma dor... mas, gostar de ser sufocada, gostar de sentir dor na penetração me parece demais.

Jogo água no rosto. Apoio os braços e olho minha imagem refletida no espelho. Meus pensamentos voam até seus cortes. Fecho os olhos apertando-os.

Dor durante o ato sexual será também uma forma de autopunição?

Não sei. Mas, preciso descobrir.

E é com esse pensamento que vou até o chuveiro tomo um banho rápido e volto para a cama abraçando a linda mulher ao lado que parece esconder muitas coisas que seu jeito durão e personalidade forte tentam camuflar.

Capítulo 26



*Está ocupada mesmo ou isso é uma desculpa para
Não ser vista comigo na cantina?*

Fiquei olhando tanto tempo para a mensagem sem responder que ele mesmo tirou as próprias conclusões.

Silêncio também é resposta. CC

Respiro fundo apoiando os braços na mesa. Hoje é quinta-feira e desde domingo venho evitando Henrique. Não, nada aconteceu. Ou tudo aconteceu.

Ele aconteceu.

Eu já imaginava que o cara fosse um tipo daqueles raros, que sabem exatamente como usar todas as partes do seu corpo muito bem durante o sexo. O problema é que é muito mais que isso.

Os homens que já transei sempre ficaram muito animados com esse meu lado mais... *dark*, no sexo. Mas, como tudo com Henrique, dessa vez foi

diferente. Eu vi nos olhos dele, que ele *sabia*. Ele *sabe*.

Ele evitou me machucar e ainda que não tenha me questionado sobre o assunto no domingo, era palpável o quanto estávamos íntimos.

Não. Não falo do sexo em si. Me refiro a uma intimidade emocional.

Como se os nossos corpos e nossas almas estivessem conectados.

Isso além de diferente é *assustador* para mim.

Sempre evitei relacionamentos, não porque sou uma pessoa avessa a contato, mas a intimidade e tudo que vem com ela me assusta. Eu não quero conversar sobre o que passou, não quero compartilhar minhas frustrações, não quero que saibam das minhas fraquezas.

Foi uma mera ilusão da minha parte achar que viver o momento não traria consequências. Elas já estão aqui. Eu sinto vontade de falar com ele, de vê-lo... e, eu sei que é recíproco.

Me apaixonei muito antes do sexo acontecer.

Se tem uma coisa de que eu tenho certeza é de que o Henrique é um homem bom. Ele merece alguém que esteja disposta a tentar, esse alguém não sou eu.

Quanto tempo demoraria até eu me cortar de novo e ele questionar o porquê?

Alguns fantasmas não devem sair do armário.

— Sim — atendo o telefone do consultório.

— Doutora, tem uma técnica de enfermagem querendo falar com você. Posso autorizar sua entrada? — a recepcionista pergunta.

— Claro — autorizo a entrada e desligo o telefone.

Ponho o celular na gaveta e ajeito à minha mesa. Pouco depois batem na porta, entrando em seguida. Eu achei que era umas das meninas pediátrica e que o assunto era profissional. *Estava enganada.*

— No que posso te ajudar, Juliana?

— Queria conversar sobre o Henrique — diz sentando-se na cadeira à minha frente.

— Um assunto sobre ele deveria ser tratado diretamente com ele, não?

— Eu sei que vocês estão saindo, Débora. — Encaro ela sem responder. — Nós ficamos sem compromisso durante um bom tempo... ele nunca levou outra pessoa na casa dele a não ser eu, e agora você pelo visto.

— Eu não sei o que você espera que eu diga — respondo sincera.

— Eu o amo. As coisas estavam se encaminhando entre nós dois e eu sentia que logo assumiríamos algo sério. — Suspira. — Então vocês se envolveram e ele me afastou.

— Novamente, acho que é com ele que você deve conversar sobre isso.

— Você gosta dele?

Não respondo.

— Imaginei. Eu não te julgo, é muito fácil gostar dele. Eu não sei em que pé as coisas estão entre vocês dois, mas, o Henrique merece ser feliz. Eu sei que eu posso fazer com que seja. Não vou desistir sem tentar.

— Boa sorte. — Ela sorri e se levanta saindo da minha sala.

Fecho os olhos controlando a raiva e o súbito ciúmes que toma conta de mim. Sem pensar muito pego o celular e mando uma mensagem para ele.

Ainda está na cantina?

Estou no CC.

Tem um minuto?

15 minutos até a próxima cirurgia.

Quero falar com você.

Te espero no corredor.

Ponho o celular no bolso e saio do escritório em direção ao elevador. Cumprimento duas enfermeiras no caminho e então aperto o andar do centro cirúrgico. Respiro fundo várias vezes até a porta do elevador se abrir. Quando ela se abre eu saio e vejo Henrique com a roupa do CC e meu Deus, até de touca cirúrgica o cara fica lindo.

Foco, Débora.

Ele levanta os olhos do chão e me encara, não parece bravo tão pouco feliz. Desce a perna que estava encostada na parede para o chão e abre a porta que dá acesso às escadas, passo por ela e ele logo fecha atrás de si. Ele cruza os braços e fica me olhando.

Volto a respirar fundo.

— Preciso de um tempo. — Ele arqueia a sobrancelha. — Quero dar um tempo.

— Você está me chutando sem nem termos oficializado nada? —

pergunta sem rodeios.

— Não... eu... estou confusa e acho que vai ser melhor assim.

— Nem posso dizer que estou surpreso — fala ainda me encarando.

— Como?

— A única coisa que você faz é me afastar. Você cria motivos para me afastar. — Passa a mão no cabelo. — Eu venho tentando te mostrar que mereço sua atenção, chega a ser patético e a única coisa que você faz é me afastar. São dois passos para a frente e de repente dois para trás.

— Nós nos envolvemos rápido demais...

— Débora não é como se fôssemos dois adolescentes — fala alto, então suspira e volta a baixar o tom. — Eu não sou um moleque. Caralho... essa situação é cansativa.

— Podemos conversar depois então? — falo lembrando que tem uma cirurgia em seguida. — Estou chateando você antes de uma cirurgia, você precisa estar focado e...

— Estou focado desde o dia que segurei um bisturi pela primeira vez. Não sou um menino sensível que vai quebrar e em consequência disso colocar a vida de alguém em risco. Você não precisa me poupar. Um tempo — morde o lábio e me encara —, é sua decisão final?

Balanço a cabeça em um gesto afirmativo que já não faz tanto sentido assim.

— Ok — ele responde apenas e sai pela porta voltando ao corredor.

Boto a mão no peito sentindo um aperto junto a uma sensação sufocante. Meus olhos ardem, porém, reprimo a vontade que sinto de chorar. Foi melhor assim. Foi melhor para nós dois. Só preciso convencer meu

coração disso.

Capítulo 27



— Tá mãe, eu vou tentar.

— Você não só vai tentar como vai conseguir — minha mãe fala brava. — Olha aqui menino, não carreguei você e sua irmã por meses dentro de mim para ganhar a ingratidão de vocês!

— A Isabella não trabalha aos fins de semana, mãe, eu trabalho. Então por favor, não compare as situações.

— Não tente tirar o seu da reta, Henrique Francisco D’Laurentes!

— Mãe, podemos nos falar depois? Eu fui chamado na emergência para operar um homem baleado, realmente preciso desligar.

— Mais tarde te mando mensagem com o horário da passagem.

— Tudo bem — respondo cedendo.

— Te amo, minha *azeitoninha*.

— Também te amo, mãe.

Desligo o celular e encosto a cabeça no volante. São dez da noite e eu fui chamado para uma cirurgia de emergência. Parece que houve uma troca de tiros entre policiais e traficantes e alguém precisa de uma cirurgia imediatamente. Vou pedir uma bateria de exames, iniciar o jejum para a

possível cirurgia que segundo o médico plantonista é necessária.

Desço do carro, cumprimento o carinha que cuida do estacionamento à noite e vou em direção às portas do hospital. Considerando o tanto de policiais em frente ao hospital significa que temos pacientes que precisam ser observados. Para mim não faz diferença se é um policial ou um traficante eu honro meu juramento de código de ética tratando todos de igual para igual.

— Boa noite, doutor — a enfermeira plantonista cumprimenta. — Estávamos esperando o senhor.

— Senhor está no céu — brinco e ela ri ficando corada.

Em outro momento eu levaria isso a um flerte, não agora, não hoje. Na verdade, desde que levei um pé na bunda da Débora há duas semanas eu estou bem tranquilo. Kauã e Pedro dizem que estou na fossa, eu prefiro acreditar que estou apenas reflexivo. Eu gostava... gosto dela. Algumas coisas não têm como ignorar, não é?

— Durante a troca de tiros um traficante foi baleado, a bala está alojada no pulmão.

— Estou começando a achar que os pulmões têm um fraco por mim — comento.

— Como? — ela pergunta risonha.

— Nas últimas semanas, pelo menos 40% das minhas cirurgias foram em pulmões.

— E você foi bem-sucedido em todas.

— Eu fiz o meu máximo. — Pisco para ela assim que mostro o crachá para o policial e entro para ver o paciente.



— Doutor Henrique? — É Sam no celular, eu acho estranho. — Pode vir aqui na área de fumantes?

— Você usou drogas, Sam? — pergunto estranhando sua ligação. Ela sempre me bipa para assuntos relacionados ao hospital e pelo que eu saiba não põe cigarro na boca.

— Estou esperando você — diz e desliga.

Olho no relógio, são 5 da manhã. Marquei a cirurgia para as seis então ele deve ter chegado a uma meia hora, nada mais que isso. Me levanto da cama da sala de descanso. Vou ao banheiro e lavo o rosto para então ir as escadarias e subir para a área de fumantes que, na verdade, é a laje do hospital que foi intitulada como o lugar para quem fuma.

— Sam? — chamo quando a vejo de costas, ela se vira e vejo seus olhos molhados por lágrimas.

— O que... — Minha voz morre quando dois caras saem do lado da parede com armas em punho.

— Acho bom o doutor ficar quieto e largar esse celular — um deles fala.

— Tudo bem. — Me abaixo e deixo o celular no chão. Volto a levantar com as mãos para cima. — O que vocês querem?

— O muralha. Você vai tirar a bala do pulmão dele e nos ajudar em uma fuga.

— Como?

— Você está *leso*, doutor? Ele foi baleado ontem em uma batida policial e *tu* que vai operar ele.

— Sim — lembro do traficante. — Vocês só me pegaram de surpresa. Conversei com os familiares dele e é mais seguro deixar a bala no pulmão, eu faria um procedimento para...

— Não cara, tu não entendeste... — o outro fala pela primeira vez. — Você vai tirar a bala e nós vamos levar ele daqui.

— Ele precisa ficar no centro de tratamento intensivo depois da cirurgia... — Ele me olha como se não soubesse o que é isso. — Digo, na UTI.

— Não mano, ele não vai ficar aqui e também não vai *baixar* na cadeia.

— Tu vai tirar a bala dele e ele vem com a gente, *tô te passando a visão* não tenta bancar o louco com a gente não, mano.

— Eu sou médico, não tenho nada a ver com as pendências de vocês com a polícia — esclareço. — Como médico eu não acho que seja o melhor a ser feito, ele pode morrer sem o pré-operatório indicado.

— Doutor, ele pode morrer só *por tá* aqui, mano. Se ele ficar internado ou for preso daí sim vai morrer.

— Ninguém vai matar ele aqui, tem...

— Tu acha que a gente *tá* falando da polícia? Isso é muito maior que os *verme*, cara.

— Isso é briga de cachorro grande, velho — o outro fala. — Outra gangue quer a cabeça dele há muito tempo.

— O muralha é nosso chefe, cara, e aqui é *fechamento*. Tá decidido mano, ele vem com a gente — o *parceiro* completa. — Para de chorar, boneca, é só cooperar que ninguém vai se machucar.

Sam nem se mexe, acho que as lágrimas estão caindo de forma automática.

— O negócio é o seguinte, mano, tu vai operar ele sozinho com ela.

— Preciso de um médico anestesista.

— Me ensina essa *parada aí* que eu mesmo vou fazer isso. — Arregalo os olhos para ele. — Vou *desenrolar* isso aí cara. Vai ser só vocês dois e mais ninguém.

— Isso é muito arriscado... — Passo a mão no cabelo nervoso.

— Nosso mundo é arriscado mesmo, mano...

— Sam, você consegue me auxiliar e monitorar o painel de controle?

— Posso tentar — ela responde baixo.

— Oh novinha, fica de boa, respira, ninguém vai te machucar não.

É fácil dizer quando é você que está armado.

— Tem mais uma coisa — eles me olham —, não tenho como cancelar a cirurgia e depois usar uma sala sem que ninguém perceba ou me procure.

Um deles sorri.

— Já tá no papo. Tu vai gravar um vídeo e nós vamos soltar na mídia, ativa algum bagulho de bomba e isola toda a parada de onde fica a ala de cirurgia.

— Não posso ativar o código preto, eles evacuariam toda a área e

muita gente precisa continuar onde está para se manter viva. — O mais quieto dos dois me olha desconfiado. — Posso ativar o código prateado. Significa que tem alguém armado — olho para as armas em suas mãos —, posso travar as portas de acesso através do sistema de segurança.

— Como tu vai conseguir isso, doutor? Se tu tentar bancar o esperto pro nosso lado vai dar do ruim pro teu lado mano, vai ver a *boneca aqui virar peneira*.

— Não, calma. Eu sou neto do dono, só preciso pensar como fazer...

— Não tem nada de pensar mano, no *nosso ramo* não tem tempo de pensar não a gente age. Nós vamos gravar o vídeo agora, e depois disso tu vai mandar geral sair da ala da cirurgia e vai dar *teus pulos pra trava* esse lance de alarme aí.

Eles explicam o que é para ser dito, um põe o capuz e vem para o meu lado apontando a arma para mim enquanto o outro faz a gravação.

— Sou o doutor Henrique, sou cirurgião geral e sou eu quem vai operar o Muralha. — Respiro fundo. — Eu e a enfermeira Samanta iremos realizar a cirurgia sob supervisão dos seus colegas... Eles deixam claro que qualquer tentativa da polícia de invadir o centro cirúrgico vai implicar com a nossa integridade física.

— Chega... — um deles fala e outro desliga a câmera do celular.

— Agora liga pro teu velho e mete a visão pra nós liberarmos o vídeo. Liga no viva-voz que quero escutar essa conversa.

Olho no relógio e são quase cinco e meia, meu avô sempre acordou às cinco então pelo menos já está desperto.

— Henrique, filho — ele atende depois de quatro toques —, aconteceu alguma coisa?

— Vô quero que o senhor escute atentamente tudo que vou falar, mas que fique tranquilo porque estou bem — o mais quieto volta a me encarar —, ontem à noite um homem foi baleado por um policial, ele está internado e precisa de cirurgia.

— Eu sei, vai funcionar como todos os procedimentos de emergências feitos pelo SUS...

— Vô me escuta.

— O que está acontecendo, Henrique?

— Eu e Sam estamos com dois... parceiros do Muralha, o cara baleado. Eles querem que ele seja operado e depois disso vai acontecer uma fuga... Preciso que você dê uma ordem para que levem o paciente até o CC e depois tire todos da ala cirúrgica e em seguida trave o alarme de segurança ninguém entra, ninguém sai.

— Você está sendo ameaçado? — pergunta depois de um tempo em silêncio. Os dois levantam as armas uma em minha direção e outra na de Sam.

— Sim.

— Vocês estão bem?

— Sim — respondo olhando para Sam que volta a chorar. — Vô você precisa fazer isso agora, eles vão soltar um vídeo na mídia para garantir que a polícia não invada o local.

— Ninguém vai invadir. Eu volto a ligar assim que estiver feito.

— O *vôzinho* — um deles fala —, não vem *de caô* pra cima da gente por que um passo em falso e teu neto vai *pra bala*.

— Em dez minutos retorno. Não machuquem os dois por favor.

Porra... meu coração se quebra. Meu avô não tem mais idade para passar por isso. Quando vou falar para ficar tranquilo ele desliga a ligação.

— É bom mesmo o *velho não mijar pra trás* — um deles alerta.

— Ele não vai — respondo, então pergunto: — Posso abraçar ela? — Ele só acena em positivo.

Puxo Sam para os meus braços que chora, posso sentir seu corpo tremer. Algum tempo depois, meu avô liga e diz que podemos descer e como combinado a porta de acesso das escadas está aberta. Se que nos acompanham pelas câmeras dos corredores que com certeza não foram desligadas. Um dos caras espera um tempo e depois checa novamente a porta que agora está trancada. Como esperado o paciente está na sala de observação.

— Ei, cara — um deles diz tocando seu braço.

— Ele está sedado — Sam responde.

— Ainda acho arriscado fazermos isso sem um anestesista — volto a falar.

— Não tem volta, doutor, *a gente usa o que tem e é isso*.

Higienizo as mãos e respiro fundo. Nunca fui um cara de fé, mas creio que nesse momento só a ciência não vai ser o suficiente.

Capítulo 28



— Débora — abro os olhos —, querida, venha ver o que está dando no jornal.

— Que horas são vó? — pergunto quando ela tira o cobertor de cima de mim e me puxa pela mão.

— São quase sete horas.

— Então eu ainda tinha alguns minutinhos para dormir — reclamo.

— Querida, você vai querer ver isso.

Olho para a televisão que mostra a frente do hospital cercada pela polícia e por repórteres. Pego o controle e aumento o volume, assim que vejo a imagem de Henrique.

— *Sou o doutor Henrique, sou cirurgião geral e sou eu quem vai operar o Muralha.* — Ele respira fundo e seus olhos passam rapidamente para a direita e volta a olhar para a câmera. — *Eu e a enfermeira Samanta iremos realizar a cirurgia sob supervisão dos seus... colegas. Eles deixaram claro que qualquer tentativa da polícia de invadir o centro cirúrgico vai implicar com a nossa integridade física.*

— *Chega...* — um homem fala e o vídeo para.

Meu coração bate tão forte que temo em ter um infarto.

— *Segundo o avô do cirurgião, que também é o acionista majoritário do Hospital, o neto e a enfermeira estão fazendo o procedimento sob ameaça de armas de fogo. O código prateado foi acionado...* — o repórter continua falando, mas eu já não paro para ouvir.

Corro até o quarto procurando uma roupa, vou para o hospital agora.

— Filha fique calma, vai dar tudo certo.

— Eu não falo ele há duas semanas, vó. — Minha voz sai rouca e só então me dou conta que estou com as bochechas molhadas.

— Vou orar por essa situação, vai dar tudo certo e você vai deixar de ser cabeça dura e ir atrás desse menino.

Quando vou responder batem na porta do apartamento e minha vó vai atender, logo Morgana entra já vestida para o trabalho no quarto.

— Amiga, você já soube?

— Já. — Passo os dedos entre os cabelos e faço um coque alto. Pego meu jaleco, a bolsa, as chaves do carro.

— Você vai comigo, Débora.

— Eu vou no meu carro.

— Você vai com ela, Débora — minha vó decreta.

Apenas concordo, dou um beijo em minha avó e desço com Morgana que já sabe da história desde o início. Escuto tudo atentamente limpando uma ou outra lágrima que rola em meu rosto. Tenho tantos medos. Mas, o maior deles é que machuquem o Henrique.

Essa ideia me faz tremer.

Morgana estaciona o carro e nós descemos, no portão de acesso aos funcionários também está um caos de policiais e imprensa. Passamos por eles ignorando as perguntas.

— Guarda minha bolsa no seu armário, por favor? — peço a demora guardando meu celular no bolso.

— O que você vai fazer, Débora?

— Pode guardar a bolsa para mim? — Ela se dá por vencida e pega minha bolsa.

Visto o jaleco e vou em direção ao CC. De longe já posso ver a área isolada. Os funcionários do centro cirúrgico estão arrumados dispostos no corredor como se esperassem um comando. Alguns policiais estão à frente de uma fita que isola a área que dá para a porta da ala cirúrgica. Dois repórteres também estão no local. Seu Alberto está com dona Julia dentro da área isolada.

— Moça ninguém pode passar — ele me diz assim que chego perto.

— Eu vou passar! — falo pouco me importando com o tom. Percebo os olhares da equipe do Henrique em mim. — Dona Júlia! — chamo alto.

Ela sai dos braços do marido e sinaliza para que me deixem passar.

— Querida — ela abre os braços que eu aceito —, fique calma, meu bem. — Ainda que esteja chorando, sua voz e postura mantém a elegância costumeira.

— Se vocês me deixarem entrar eu posso ajudar...

— Querida, eu nunca colocaria você em risco.

— Dona Júlia, eu não sou cirurgiã, mas sou médica e...

— Doutora, ninguém vai entrar — seu Alberto fala. — Se alguém

tentar entrar eles atiram no Henrique e na Samanta.

Boto a mão na boca contendo o choro.

— Sente-se, querida. — Ela me indica a cadeira ao lado da que acabou de sentar. — Precisamos confiar e ter fé.

Depois de algum tempo Isabella e Pedro se juntam a nós junto de Vitória e Kauã. Os pais de Samanta também chegam, a mãe dela parece estar dopada e o marido dela mal respira. Isabella está inconsolável desde que chegou segurando a mão de Vitória que aparentemente está muito nervosa. Umas horas depois Maria Clara chega junto do esposo, desesperada que ninguém — inclusive a equipe de Henrique no corredor — consegue manter a emoção.

— Sogra o meu filho — fala em meio a lágrimas. — Pelo amor de Deus eu quero ver o meu filho.

— Maria Clara...

— Se alguma coisa acontecer com o meu menino... — Ela soluça alto, Guilherme tenta abraçá-la que parece nem perceber o ato do esposo. — Ele está nessa cirurgia desde as seis da manhã! Já são dez horas, por que caralho ainda não terminou isso?

— Complicações podem acontecer — doutor Alberto diz, vago.

— Pai, você teve mais algum contato com o Henrique? — seu Guilherme pergunta.

— A última vez foi pouco depois das sete.

— Eu vou ligar! — Maria Clara pega o celular e seu marido a adverte.

— Querida você já tentou várias vezes e...

— Henrique — ela fala e o meu coração para em um pulo corro para

frente dela, Isabella faz o mesmo que eu. Maria Clara nos olha e com as mãos tremendo põe no viva-voz.

— Mãe você precisa parar de ligar — ele fala com a voz cansada. — O celular precisa ficar ligado caso eu tenha que contatar o doutor Alberto — se refere ao seu avô. — E eu preciso de 100% de atenção aqui.

— Meu filho — ela chora. — Você está bem?

— Olha aqui madame a senhora já ligou mais de vinte vezes e isso já tá me irritando. Fica de boa aí que teu moleque tá bem, mas tu tá me tirando a paciência.

— Filho, eu amo você — ela ignora o bandido —, estou esperando você.

Henrique não responde e a ligação é encerrada. Ela soluça alto e só não cai porque foi segurada pelo esposo. Volto à cadeira envolvendo a cabeça em minhas mãos. Dona Júlia se mantém sentada, nas mãos um terço é onde seus olhos estão concentrados, não posso ouvir mais sei que está orando em silêncio.

Um misto de sentimentos toma conta de mim. Lembro da minha mãe doente, da minha avó trabalhando dia e noite para dar conta de tudo... minhas mãos começam a tremer e eu sinto meu coração prestes a sair pela boca.

— Eu vou ao banheiro — digo a dona Júlia que apenas assente.

Passo pelos policiais e aviso que já voltava como garantia de que não precise gritar de novo para chegar até a família de Henrique. Enquanto caminho pelo corredor sinto todos os olhares em mim que ignoro. Paro no primeiro posto de enfermagem que vejo.

— Preciso de um kit de primeiros-socorros.

— Tudo bem, doutora? — a técnica de enfermagem me pergunta solícita.

— Estou com uma unha inflamada, só preciso limpar o local e trocar o curativo.

— O ruim de precisarmos trabalhar de calçado fechado é isso, por...

Deixo-a falando sozinha e vou até a minha sala. Descarto a possibilidade do elevador então desço as escadas o mais rápido que posso. Pela primeira vez não cumprimento a recepcionista, passo pela sala de espera que está vazia. Com certeza as consultas foram desmarcadas em função dos atiradores.

Na sala de cirurgia, com Henrique.

Entro no consultório trancando a porta atrás de mim. Vou até minha mesa largando a caixa em cima. Ponho a mão na cabeça e deixo as lágrimas rolarem, um soluço ameaça vir então ponho a mão na boca contendo o som.

Quais as chances de dar merda e Henrique não sair vivo de lá?

Eu vou perdê-lo.

Na verdade, já perdi. Mas, senhor, nem sei o que pensar.

Abro a caixa em formato de mala e procuro o objeto que preciso, como em todos os kits, ali está a tesoura. Sem esperar, tiro o celular do bolso e baixo um pouco a calça junto da calcinha, abro a tesoura e passo no local.

— Aahh... — Mordo a mão livre contendo o gemido de dor.

Quando olho para baixo me dou conta que o volume de sangue está muito maior do que o de costume. Tiro a gaze da embalagem e pressiono o corte.

Dói, queima, lateja.

Olho para a tesoura sobre a mesa, eu não esperava que fosse tão *afiada*. Respiro fundo. Enquanto seguro a gaze contendo o sangramento com uma mão, aproveito a outra para pegar algodão. Pego o tanto que consigo, abro o soro e encharco o chumaço.

Afasto a gaze com cuidado, ainda está sangrando, mesmo assim, passo o algodão. Então pressiono mais um tempo com a gaze para depois voltar a limpar. Pego o meu celular e bato uma foto para ver melhor. Merda. Ficou muito mais profundo do que costuma ficar. Como já tem quase um tempinho que desci, decido encher de gaze e fixar o curativo com esparadrapo. Subo a calcinha e a calça com cuidado. O tecido da roupa encosta e a sensação é incômoda pelo local estar dolorido. Limpo a tesoura, e arrumo a caixa para levar de volta de onde peguei. Respiro fundo, e agora, mais controlada, decido voltar à espera de Henrique.

Depois de devolver o kit de primeiros-socorros volto para o corredor do centro cirúrgico que continua como a pouco tempo atrás. A equipe de enfermagem está disposta, à espera de que precisem entrar em cirurgia, outros somente encostados na parede conversando. A família de Henrique continua lá, Dona Maria Clara agora está sentada ao lado da sogra. Passo pelos policiais e dessa vez eles não barram minha entrada.

— Licença — digo quando me sento em seu lado ignorando a pontada de dor que a ferida em meu baixo ventre emite. Ela vira o rosto e me olha. Seus olhos sempre tão azuis, hoje estão avermelhados e sua expressão é de cansaço e medo.

Entendo bem esse sentimento.

— Você está aqui. — Pega na minha mão, cruzando nossos dedos e então as levando para repousar em sua perna. — Meu azeitoninha gosta muito de você.

Apenas suspiro sentindo as lágrimas voltarem a cair.

— Eu também gosto dele — admito baixo. Sua mão volta a apertar a minha.

O tempo passa. Já são quase uma da tarde e nada de notícias. Nossos ânimos estão à flor da pele, Maria Clara está inconsolável, Isabella está no colo do noivo com o rosto inchado de chorar. Um dos policiais olha além das portas e toca o braço de outro. Esse movimento chama nossa atenção até que por trás dos vidros aparecem Henrique e Sam. Meu ritmo cardíaco aumenta tanto que tenho medo de infartar. Maria Clara dá um pulo ficando de pé. Henrique acena para o seu Alberto que imediatamente digita uma senha no painel liberando e destrancando as portas.

Os dois mal saem das portas e Maria Clara se joga sobre o filho chorando alto. Sam também é amparada por seus familiares. Isabella vai até o irmão e de repente toda a sua família chora emocionada à sua volta. Ainda sentada, ponho os cotovelos sobre meus joelhos, segurando minha cabeça entre as mãos. Sinto meu rosto molhado pelas lágrimas, então, faço uma prece silenciosa agradecendo por estar tudo bem.

— Os meliantes? — alguém pergunta.

— Saíram há mais de uma hora — Henrique é quem responde. — Eles nos pediram para esperarmos uma hora até conseguirem fugir, eu não podia pôr a vida do paciente e da enfermeira em risco então cumpri o que foi acordado.

— O Muralha está vivo?

— A última vez que o vi ele estava sim, mas não sei se vai aguentar.

Continuo ouvindo as vozes, porém na mesma posição. Me sinto pesada, tonta e até nauseada. Meus ombros doem devido a tensão da espera

até tento me mexer, mas meu corpo não responde ao meu cérebro.

— Débora — Henrique fala e então se abaixa à minha frente, não respondo.

Deus, ele está aqui. Ele está bem.

— Débora — ele volta a falar, então pega as minhas mãos e tira do meu rosto. — Eu estou bem, princesa — diz olhando para mim e basta eu encarar sua imensidão azul para desabar.

Eu choro. Sem me importar de estar dando um show para a família dele, para os policiais e pior ainda para vários funcionários do hospital que vão tratar de tornar essa situação na fofoca das próximas semanas.

— Ei, está tudo bem. — Ele me abraça me levantando. Quando estamos de pé segura minha cintura com um braço, enquanto com o outro mexe em meu cabelo. — Já passou, princesa. Está tudo bem agora. — Volta a falar.

— Eu... me desculpa. — É o que consigo falar. Ele suspira.

— Filho. — Tento me afastar de Henrique para que ele possa falar com seu pai, mas ele me mantém em seus braços. — Acho que é melhor irmos todos para casa. Você precisa descansar.

— A Sam? — ele pergunta ao pai procurando por ela com os olhos.

— Ela acabou de sair com os pais dela.

— Tá pai... — Ele se vira para mim e passa as mãos pelo meu rosto limpando as lágrimas. — Acho que você também não está em condições de trabalhar.

— Vou pedir para a Bia me cobrir — falo e pego o celular no bolso.

— Você vem comigo? — pergunta incerto.

— Sim — respondo sem titubear. Ele dá um beijo casto em meus lábios e segura a minha mão.

Com a mão livre ligo para Bia que não demora a atender e aceitar cobrir meu horário. Vou ficar devendo uma para ela.

— Conseguiu? — ele indaga.

— Sim, só preciso pegar minhas coisas no armário da Morgana. Vou mandar mensagem para que me encontre lá no vestiário.

— Vou com você também preciso pegar as minhas.

— Querido, tem certeza que vai dirigindo?

— Mãe eu estou bem, só preciso desacelerar um pouco.

— Vamos indo na frente — Guilherme diz. — Sua mãe precisa tomar uma água com açúcar e descansar um pouco também.

Aciono o aplicativo de conversas e busco a minha com Morgana. Gravo um áudio pedindo para que me encontre no vestiário para eu poder pegar minha bolsa e então guardo o celular no bolso. Henrique volta a falar com os policiais e só então percebo que ainda estamos de mãos dadas.

Olho para o corredor vendo todos os olhares sobre nós. Henrique chama a chefe de enfermagem do CC e orienta que eles podem voltar ao trabalho remarcando suas cirurgias para amanhã e algumas repassando ao outro cirurgião geral.

Logo caminhamos pelo corredor com Henrique cumprimentando um e outro. Me sinto estranha por estarmos de mãos dadas, já ele parecia bem confortável com a situação e nem um pouco preocupado em estar queimando seu filme com as meninas.

Pego minhas coisas com a Morgana e vou até a sala dos médicos

esperar por Henrique. Somos abordados pela mídia fora do hospital que está um caos cheio de policiais e curiosos. Henrique gentilmente ignora a todos. Quando no carro, ligo para minha vó tranquilizando-a sobre toda a situação e avisando que passaria o restante do dia com ele. O caminho é tomado por um silêncio confortável. Ele está aqui, ele está vivo. Sei que precisamos conversar, mas no momento decido bloquear qualquer pensamento do futuro e ser grata pelo agora.

Capítulo 29



Quando descemos no estacionamento, posso sentir meus ombros rígidos, tensos. Já não estou gelado, nem suando frio. Respiro fundo sentindo meu peito se contrair. Nunca me senti tão pressionado como nas últimas horas. Operei um homem sob o olhar afiado de homens armados.

Um deles parecia sim ser um cara do “bem” eu não sei o que o levou até esse mundo, não estou aqui para julgar ninguém, já que sou um cara cheio de privilégios desde sempre. Mas a forma que ela olhava para mim e para Sam dizia que era para ficarmos tranquilos, pois sairíamos dali vivos. Já o outro... fazia questão de lembrar a todo momento por que estava ali. Antes dessa cirurgia eu precisei respirar, lavar o rosto repetidas vezes tentando espantar o nervosismo.

Eu precisava das minhas mãos intactas, sem tremor algum.

— Henrique? — Olho para Débora que toca meu braço. — Está mesmo tudo bem? Você deveria ter sido avaliado por um médico, tomado alguma medicação...

Sorrio.

— Se isso é uma desculpa para me examinar pode vir. — Abro os braços. — Sou todo seu. — Ela gargalha, e eu continuo sorrindo vendo-a

assim, sorrindo para mim, perto de mim.

— Eu recomendo um banho, um relaxante muscular e repouso.

— Não estou doente, doutora.

— Mas acabou de passar por uma situação extrema de stress —
rebate.

— Verdade... acho que até mereço uma massagem. — Ela rola os
olhos em resposta.

Nós funcionamos bem. Há duas semanas não tínhamos nenhum
contato, e agora, nesse momento, nem parece que estivemos distantes. A
verdade é que tudo poderia ser simples entre nós dois, se ela não fizesse
questão de complicar tudo. Sempre. Esses altos e baixos são cansativos e
extremamente desnecessários. Eu sosseguei.

Eu gosto dela.

Gosto dela pra caralho.

E é isso. Quando gostamos nos afastamos das possibilidades ao redor,
ignoramos possíveis casos, deixamos passar oportunidades... porque a única
que importa é aquela que já está ali, em nosso coração.

— Você está avaliando a nossa situação — ela fala assim que
entramos no elevador.

— Estou. E você ainda diz que não funcionamos juntos.

— Eu disse isso há algum tempo...

— E voltou a se afastar. — Ela apenas respira fundo se encostando na
parede de metal. — Isso é real, Débora — aponto de mim para ela —, se não
fosse, você não estaria tão abalada e preocupada comigo. Se não fosse, eu
não teria simplesmente passado por cima do pé na bunda que eu levei duas

semanas atrás por estar carente da sua atenção nesse momento.

— Eu senti sua falta — fala baixinho.

— Como? — pergunto como se não tivesse ouvido.

— Eu senti sua falta — diz um pouco mais alto.

— Como? — Ela franze a sobrancelha e volta a falar.

— Eu senti sua falta — fala alto agora.

— Viu? Doeu você admitir isso?

— Você tinha ouvido! — Dá um tapinha em meu braço.

— Sem agressão física, doutora — brinco. — Segundo o seu diagnóstico, preciso de um relaxante muscular.

— E repouso.

— E uma massagem. — Ela sorri.

— Idiota — fala ainda sorrindo.

— Disponha. — Pisco e assim que as portas do elevador se abrem, saímos no Hall de entrada onde abro a porta.

Quando entramos, encontramos minha mãe e meu pai na cozinha sentados diante de uma mesa posta. Dona Rosa larga o pano de prato sobre a bancada e vem até mim com os olhos marejados.

— Criança. — Me abraça. — Você quase me mata do coração!

— Estou bem. — A abraço alisando suas costas. — Sei que sou muito amado e vocês não vivem sem mim e a minha beleza. Então estou aqui, firme e forte.

Ela se afasta risonha, limpando os olhos.

— Não vivo mesmo — é dona Maria Clara quem fala. — Meu Deus, quase que eu infarto. — Ela se vira para o meu pai. — Já pensou eu deixando o meu Guizão sem o amor da sua vida? — Ele estreita os olhos para ela sorrindo de lado.

Desnecessário.

— Vou tomar um banho — aviso e pego na mão da Débora levando-a comigo.

— Você nem me deixou perguntar se a minha nora quer comer alguma coisa, filho — minha mãe volta a falar.

— Ela desce comigo daqui a pouco.

— Você não disse que vai tomar banho? — Minha mãe insiste, Débora ri ao meu lado.

— E vou — afirmo.

— Ele está mesmo levando uma menina para o quarto dele na nossa frente, amor? — ela pergunta ao meu pai.

— Mãe, pelo amor de Deus eu tenho 30 anos na cara.

— Me deixa ser feliz, menino? É a primeira vez que você desfila com uma garota perto de mim. — Débora me olha interessada no assunto. — Se fiz sua irmã passar vergonha quando nova, tenho que te fazer agora também.

— Não me lembre sobre Isabella e Pedro quando mais novos, por favor. — Ouço meu pai resmungar para minha mãe quando desço as escadas com a doutora em meu encalço, não contenho o riso.

— Meu pai pegou Isabella e Pedrinho transando no estábulo uma vez.

— Sério? — Ela põe a mão na boca.

— Sim — abro a porta do quarto —, a princípio Pedrinho teria ido ensinar minha irmã a andar a cavalo. — Tiro o tênis e em seguida começo a tirar a roupa. — Seu Guilherme ficou preocupado e foi atrás deles. A visão dos dois sobre o feno rendeu um bom castigo.

Ela senta na cama me olhando de cima a baixo.

— Pode tocar também. — Pisco quando nossos olhos se encontram.

— Acho que você tem um tique nervoso nesse olho — rebate e eu gargalho. — Nunca vi uma pessoa distribuir tantas piscadelas por aí.

— Isso é ciúmes? — pergunto.

— Não, claro que não.

— Que pena — dou de ombros —, adoraria se fosse.

— Você se acha demais, doutor.

— Contra fatos não há argumentos. Vem tomar banho comigo? — convido. Ela sorri, mas logo seu sorriso fica forçado.

— Vou esperar você aqui. Não podemos demorar, vamos subir para comer lembra?

— Tudo bem — respondo.

Fecho a porta e logo entro no box. Ligo o chuveiro sentindo a cascata de água sobre mim. Agora, sozinho, me permito respirar fundo. Ficou tudo bem. Deu tudo certo, espero de verdade que meu paciente também fique bem. Vivi um dos maiores desafios da minha carreira hoje e agora, que a adrenalina baixou, posso sentir o desgaste sobre meu corpo.

Em contrapartida, no momento em que vi que todos estavam ali por mim, me senti tão amado que foi como estalar os dedos e estar novamente em casa, com as pessoas que eu amo. Não vou mentir, fiquei surpreso por

Débora estar entre eles, não por ela gostar de mim, pois isso já imaginava, mas, por ela admitir. Para uma pessoa tão fechada deve ser difícil admitir os seus sentimentos.

Eu a abracei e peguei na sua mão na frente de todos, como faria diferente? Vinha ansiando por seu toque, por sua proximidade desde o dia em que me afastou. O fato de eu ser receptivo a sua presença não significa que não teremos uma conversa. Eu realmente estou cansado dessas idas e vindas cheias de incertezas. Saio do banho e me enxugo, envolvendo a toalha na cintura para pegar uma cueca no roupeiro. Débora tirou os tênis e está deitada sobre a cama, quando me vê se apoia em um braço me olhando.

— A vista é bonita daí? — pergunto e ela ri. Tiro a toalha, abro a gaveta e pego uma cueca a vestindo.

— Mundo injusto — ela faz um som de frustração —, até sua bunda é bonita.

— É, sou um cara livre de defeitos mesmo.

— Eu tenho um fetiche — ela diz ignorando a minha fala.

— Qual? — inquiri seguindo até a cama, interessado.

— Massagem de próstata — ela fala mordendo o lábio.

A princípio franzo as sobrancelhas intrigado, mas logo me dou conta do que está se referindo.

— Uau — respondo e posso sentir todo meu sangue subindo para o meu rosto. — É... — gaguejo.

Ela gargalha alto jogando a cabeça para trás. Coço a nuca sem jeito.

— Você... — ela fala entre risos —, consegui deixar você constrangido.

Sorrio, por incrível que pareça me sentindo tímido.

— Isso é sério? — pergunto receoso.

— É sério sim — afirma. — Só que foi impossível não rir da sua reação.

— Bom, eu... — me perco nas palavras —, nunca fiz isso, quer dizer eu já fiz mas, nunca fizeram em mim, sei lá. — Mexo no cabelo.

— Qual é Henrique? Você é tão mente aberta... ou isso de alguma forma iria ferir sua masculinidade?

— Não — respondo de imediato. — Sou homem, gosto de mulher e acredito que entre quatro paredes vale... diferenciar.

— Então...? — Deixa a pergunta no ar.

— Em algum momento podemos tentar, só não garanto que eu vá curtir.

— Você vai.

— Já fez isso com alguém? Não que essa seja a imagem que quero na minha mente. — Deito ao seu lado.

— Não, nunca fiz. — Sorri.

— Uma primeira vez, juntos.

— Uma primeira vez, juntos.



— Ele era muito beijoqueiro, não podia ir ao colo de ninguém que já beijava a pessoa — minha mãe fala.

— Babava nas pessoas, é isso que quer dizer, né querida? — meu pai acrescenta.

— Ele ainda é assim — Débora responde. — O corpo docente do hospital que o diga.

Gargalho alto.

— Não exagera, princesa — respondo entre risos.

— Que feio, Henrique. Fica molhando o biscoito no trabalho! — minha mãe adverte.

— Seu avô não ficaria nenhum pouco contente com essa atitude — meu pai diz.

— Isso nunca afetou meu trabalho — me defendo. — Além do mais, ando bem-comportado.

— Está comportado porque está apaixonado. — Sério, minha mãe não tem filtro.

— Obrigado, mãe — respondo sarcástico.

— Oi família! — Isabella vem do corredor de pijama. Quando chega no sofá se joga no colo da minha mãe que a abraça sorrindo.

— Só ganho ingratidão nessa vida mesmo — meu pai resmunga ao meu lado ainda na mesa.

— Que isso coroa, sem ciúmes. — Aperto seu ombro.

Logo Pedro também sai do corredor de calção e camiseta. Franço a sobancelha.

— Tio Juan sabe que a gerência do porto, que o chefe da engenharia e a vice-presidente não estão trabalhando hoje? — brinco.

— Como você disse a vice-presidente está aqui, e ela deu folga para todos. — Minha mãe olha no relógio. — Até porque saímos do hospital mais de uma da tarde e agora já são quase quatro. O dia estava perdido de qualquer forma.

— Algum progresso na negociação do terreno? — meu pai pergunta para Pedro quando ele se senta na mesa ao seu lado.

— Sim, acredito que mais umas duas semanas e eu consigo finalizar essa compra.

— E depois como você vai fazer? — Meu pai com certeza se refere ao jurídico da D’Laurentes e da fazenda que meu cunhado cuida.

— Vou me organizar para fazer as viagens de segunda à sexta e estar aqui todos os fins de semana. Acredito que pelo menos duas semanas a cada mês vou passar fora.

— Isso significa vale night para mim — a gêmea do mal fala do sofá recebendo um olhar feio do noivo.

— Nada de vale night, Isabella. Vou estar aqui toda sexta-feira e quando eu estiver em lugares legais você vai até mim.

Débora suspira ao meu lado. Olho para ela que está meio fascinada com a interação da minha família. Chego perto e beijo seu rosto, ela sorri. Conversamos mais um tempo até que eu decido ir para o quarto, porque não posso perder a oportunidade de dar uns amassos na doutora.

— A interação da sua família é tão linda.

— Você é linda. — Mudo o foco, pois sei que ela só tem sua vó, não

deve ser fácil perder os pais tão cedo.

— E você é um conquistador.

— Eu achava que era, porém, acho que ando falhando ao usar minhas técnicas com você.

Ela segura um sorriso.

— Facilitaria as coisas para mim se você fosse, burro, grosso, feio. — Suspira.

— Eu não sou nenhum nem outro. — Dou de ombros.

— Henrique, quando ouvir algo do tipo você precisa pelo menos disfarçar. Senhor, é muito convencido.

— Sou realista. Ralei muito para ser chamado de burro, tive uma criação muito boa para ser grosso e princesa, eu tenho espelho. Sei que sou apresentável.

— E gostoso. — Ri mordendo o lábio.

— Tá vendo? Você é que está dizendo. — Levanto as mãos em rendição e me deito ao seu lado na cama. — O que acha de darmos uns amassos agora?

— Acho uma ótima ideia.

Sem pressa toco seu rosto, afastando o cabelo e tendo um vislumbre de como ela é linda. Caralho! Estou vidrado nessa mulher. Chego mais perto e beijo seus lábios. A princípio deixando um beijo casto, ela não parece ter a mesma calma, pois segura o meu rosto e me puxa para um beijo. Um beijo de verdade. E que beijo! Logo suas mãos descem para o meu abdômen e sorrio contra seus lábios pela sua afobação.

— Alguém está ansiosa aqui? — pergunto, ela não responde me

puxando ainda mais contra si.

Empurro de leve suas costas contra a cama ficando em cima dela. Ela tira a blusa e logo o sutiã. Volto a sorrir. Que tesão de mulher. Beijo seu pescoço, o vale dos seios. Raspo a boca de leve em seus peitos até chegar em um mamilo, onde chupo e solto-o com um estalo. Ela geme em resposta me incentivando a repetir o mesmo movimento no outro mamilo.

Não contenho meu impulso e pressiono minha ereção contra seu ventre. Ela geme mais alto. Um gemido sofrido e se eu não soubesse que está excitada definiria como um gemido de dor. Desço minha boca por seu abdômen, beijando cada pedacinho da sua barriga.

— Você é muito gostosa, princesa.

Sua resposta é um arquear de costas com um gemido baixinho. Desfaço o laço da sua calça e desço ela por suas pernas. Beijo seus pés, panturrilhas, coxas, mas quando levanto os olhos para sua calcinha vejo uma marca de sangue no tecido um pouco abaixo do ventre.

Não. Que não seja o que estou pensando.

Contenho o tremor de nervoso que passa pelo meu corpo. Levanto os olhos ao seu rosto, seus olhos continuam fechados. Não paro de tocá-la. Beijo em cima do seu umbigo e abaixo a calcinha com cuidado para não raspar com o elástico o local com sangue. Respiro fundo quando consigo ver a região ainda que coberta por um curativo inchada com sangue já seco em volta.

Meu coração dói. Sim, meu peito literalmente aperta ao ver que a mulher que eu amo se mutilou. O tesão passa, dando lugar a tristeza. Mesmo assim, toco suas coxas e levo a mão até seu centro para distraí-la, então puxo o esparadrapo e a gaze e vejo o corte exposto. É um corte grande, precisa de pontos. Seu corpo fica rígido, e posso ver sentir seus olhos em mim.

Sento na cama incapaz de tirar os olhos da ferida aberta.

— Isso precisa de pontos — falo.

Ela ainda parece atônita.

Porra! Volto a sentir meu peito apertar, é uma dor quase real.

Levanto da cama e vou até o banheiro pegando uma caixa onde mantenho um kit de primeiros-socorros e me amaldiçoo ao ver que para dar pontos nela só no hospital, pois não tenho o material necessário aqui. Quando volto ao quarto ela já está se vestindo.

— Aonde você vai? — pergunto, ela não responde. — Débora — insisto. Ela começa a calçar os tênis. — Débora, por favor, vamos conversar... — começo sem saber ao certo o que falar. — Eu não estou aqui para julgar você, só quero ajudar.

— Não preciso de ajuda. — Ela enfim responde pegando seu celular e indo até sua bolsa.

— Princesa. — Seguro de leve seu braço. — Olha para mim, fala comigo.

— Eu não tenho o que dizer! — se exalta. — Eu não quero ter que dizer nada!

Me afasto.

— Calma, vamos conversar... isso é recente. Você ficou nervosa e fez isso hoje, certo?

— Henrique cala a porra da boca!

— Calma, por favor — peço de novo sem saber distinguir se está com vergonha, nervosa ou brava.

— Estou calma! — grita, então abre a porta e sai do quarto.

— Débora. — Saio atrás dela de cueca mesmo, foda-se. — Caralho, vamos conversar!

— Não — ela responde e começa subir as escadas.

Na sala minha mãe já está de pé diante da gritaria.

— O que aconteceu, querida? — ela fala para Débora assim que ela chega perto.

— Débora, volta para o quarto, por favor — peço novamente.

— Eu preciso ir embora. — Ela olha para minha mãe e sei que está a um passo de chorar.

— Não... — Tento falar recebendo um olhar de advertência da minha mãe.

— Pode ir, querida. — Minha mãe sai da frente deixando-a passar.

Quando volto a caminhar atrás dela, meu pai bloqueia o caminho.

— Não, Henrique.

— Pai — falo já descontrolado. — Não posso deixá-la ir! Vocês nem sabem o que está acontecendo!

Então sinto algo em meu rosto, boto a mão sentindo lágrimas. Comecei a chorar sem nem perceber. Minha irmã pega minha mão e me puxa para o sofá. Sento com os cotovelos sobre os joelhos abrigando minha cabeça entres as mãos. Então, eu desabo.

— Estou aqui, mano — ela fala com a voz perto dos meus ouvidos alisando minhas costas. — Sempre vou estar.

Capítulo 30



Eu poderia fingir que está tudo bem, sempre fui muito boa nisso. Fingir uma realidade que, na verdade, não existe, nunca existiu. Poderia fingir que a minha mente não está fodida, que ela nunca esteve.

O problema é que um dia cansa. Tudo cansa.

Cansa ser a mulher que todos esperam que você seja. Cansa agradar essa sociedade hipócrita em que vivemos. Cansa negar suas próprias dores, seus próprios traumas, seus demônios.

Henrique é como a famosa luz no fim do túnel.

Ele é a versão contemporânea de um príncipe. Um cirurgião talentoso, sexy, gostoso e rico.

A fase de negação já passou... eu já sabia há algum tempo, mas no momento em que sua vida foi colocada em risco eu admiti para mim mesma e para quem quer fosse nessa merda de hospital.

Eu gosto dele.

Gosto muito.

Não vou negar, cansei de lutar contra isso. Porém, pela primeira vez em anos sou confrontada quanto as minhas... questões.

Acho muito engraçado quando as pessoas questionam o porquê de

alguns atentarem contra a própria vida. Eles dizem “ela devia ter procurado ajuda”, “existem muitos centros de apoio”, “os psicólogos estão aí para isso”. A prova da hipocrisia humana estampada no rosto de várias pessoas que acham que entendem o que se passa pela cabeça de alguém que vive uma realidade distorcida, quem tem uma mente fodida.

Como a minha.

Ninguém sabe o peso de carregar as marcas na alma de ter sido tocada contra a própria vontade.

Ninguém sabe o quão terrível é saber que enquanto é molestada você teve um orgasmo porque o seu corpo não entende que o estímulo que recebe está acontecendo contra sua vontade.

Acham que conseguem entender, mas, na verdade, não entendem. Jamais entenderiam.

A culpa que carregamos é incompreensível aos olhos de quem nunca passou por isso. Sim, a culpa. É perturbador saber que de alguma forma seu corpo “gostou” do que aconteceu.

É um ciclo vicioso de autodestruição tentar entender...

Primeiro você procura um por quê. Por que eu? Será que meu corpo evoluiu muito cedo? Eu não deveria ter peitos nessa idade, deveria?

De início você tenta se esconder, se camuflar, você burla sua alimentação... come demais, ou de menos, na esperança de que isso te deixe feia e você não chame mais atenção de ninguém.

Depois sua mente te trai e começa a te enviar para o momento em que tudo aconteceu. As cenas chegam como em um looping eterno.

De novo. De novo, e de novo.

Então você pensa...eu gostei? Você sente raiva desse pensamento, porque ele é perturbador.

Perturbador é uma boa palavra para definir o misto de sentimentos e pensamentos que assolam a minha cabeça. Que insistem em ficar aqui e se manterem vivos.

Então você nega. Afinal, aconteceu e não tem o que ser feito.

Ninguém, jamais acreditaria em uma criança, não é?

De repente chega o e “se”.

E se eu contar?

E se acreditarem?

E se eu contar, acreditarem e isso levar a alguma tragédia?

Por que isso aconteceria. Eu queria o peso de uma tragédia nas costas?

Então sua cabeça começa a pirar, sua mente vira sua inimiga e você se torna sua própria prisão. Seria cômico se não fosse trágico, mas, de repente, você vive o seu próprio inferno particular... dentro de si própria.

Não existe para onde correr, ninguém consegue fugir de si próprio.

Nesse momento o abusador fica em segundo plano. Sim, ele é inocentado. Todos os questionamentos se voltam para si própria, a verdadeira “culpada” por tudo.

O inferno se intensifica...

A vida à sua volta continua a seguir e você segue o fluxo.

Seguir o fluxo nessa situação é como fugir. Você foge hoje, foge amanhã e depois, e depois... Você acha que está bem. Você se acha forte.

Afinal, está estudando, se dedicando.

De repente, acontece alguma coisa e você tem um dia ruim. A sua mente que até então estava “bem” recebe aquela situação com um gatilho... é como se a tal situação fosse como a chave de um armário que estava fechado. Esse armário se abre, e tudo que estava guardado vem à tona.

Toque.

Sensações.

Emoções.

Desespero.

É muito para lidar... a “dor” emocional é tão forte, tão intensa, que de alguma forma você precisa acabar com ela. Você precisa neutralizá-la.

Nem que seja por um mísero segundo.

Você se sente sufocar e percebe que precisa fazer algo. Então você procura um escape. O seu escape. Se rebelar é a saída, porque isso significa que pelo menos naquele momento o controle é seu. Ele está nas suas mãos e ninguém pode mudar o canal.

Em um momento de lucidez você põe a mão na cabeça puxando os próprios cabelos na esperança de que isso ajude a afastar aqueles pensamentos, mas isso surge o efeito contrário. Você percebe que por um instante aquela dor física teve sua atenção. A percepção que a dor física pode ser maior que a emocional chega como trunfo, uma válvula de escape.

Então você se corta.

Os cortes começam discretos, com uma tesoura, uma navalha de prestobarba. Qualquer coisa que esteja à sua disposição.

A única coisa que importa naquele momento é que a dor emocional

vai passar.

Você sente ardência, vê o sangue e só isso tem sua atenção. Nada mais. Você respira inúmeras vezes porque essa é sua droga e esse é o seu *barato*.

Aquele foi o primeiro dos vários cortes. E continuei vivendo o meu inferno particular. Transei com caras desconhecidos que não se importavam com os cortes que só ficavam visíveis quando estava nua. Era por prazer carnal. Eu era algo descartável para eles, e isso era recíproco.

Eu me formei com honras em medicina. Consegui ser efetivada no hospital onde estagiei.

Eu continuei a sorrir.

Só que então o fardo começa a pesar... e toda a farsa de felicidade começa a ser ameaçada por que ninguém é capaz de fingir para sempre. Ninguém.

Não tenho mais forças para fingir.

Largo o prontuário sobre a mesa. Me movo apoiando as costas na cadeira, gemo de dor. Sinto a pontada sobre a ferida feita dois dias atrás. Estava nervosa e acabei perdendo a noção do tamanho do corte. Isso ou aquela tesoura estava afiada demais.

Meu pager vibra e eu olho na tela, um chamado na emergência.

Levanto sentindo um rápido mal-estar. Apoio a mão na parede e respiro fundo inúmeras vezes afastando a vertigem. Endireito as costas e saio do consultório. Evito todos os olhares no elevador sentindo arrepios pelo meu corpo.

Já na emergência vejo Henrique de longe com um prontuário em

mãos conversando com uma enfermeira. Ele parece sentir meu olhar já que vira encontrando meus olhos. Ele sorri sem mostrar os dentes e eu imito o gesto, logo ele analisa minhas feições e eu desvio os olhos com medo que ele perceba que não estou bem.

Visto novamente a minha máscara.

— Boa tarde — cumprimento a mãe e o menino deitado na maca. — Me disseram que eu precisava vir aqui dar uma olhadinha no — olho para sua camiseta —, incrível Huck. — O menino sorri.

A mãe me conta os sintomas do menino. Eu o examino e peço uma tomografia pulmonar. Vou até o posto de enfermagem agradecendo mentalmente pelo Henrique estar agora ali dentro e virado de costas. Passo as orientações da medicação a ser feita no paciente após voltar do exame e saio da emergência.

Não sei se caminho rápido demais, mas volto a me sentir fraca. Paro e encosto o ombro na parede, minhas mãos tremem e me sinto suada. Merda... isso não é bom. Volta a caminhar agora mais devagar me apoiando na parede.

— Boa tarde, doutora — Kauã me cumprimenta, logo parando ao meu lado. — O que aconteceu?

— Nada — digo com a voz trêmula.

— Débora... — E antes que ele termine, volto a me sentir tonta, ele logo me segura. — O que está sentindo?

Tento responder, mas me sinto letárgica.

— Licença, doutora. — Ele me pega no colo me levando em direção novamente a emergência.

— O que houve? — uma enfermeira pergunta.

— Ligue para o centro cirúrgico e descubra se o Doutor Henrique está em cirurgia. — Me põe deitada em uma maca.

— Ele estava aqui — ela fala, mas nem tem tempo de responder.

— O que houve? — Ouço a voz de Henrique. — O que houve, Débora? — Quero dizer para falar baixo, ser discreto, mas me sinto cansada.

— Ela está... — Kauã volta a tentar falar.

— Febril. — Ele põe a mão em mim. — Caralho, ela está queimando de febre.

Kauã tenta levantar a minha blusa para examinar meu abdômen, mas eu empurro a mão dele e olho para Henrique. Ele me fita parecendo entender. Fecha os olhos e respira fundo, quando os abre eu ainda vejo o médico, cirurgião, mas também vejo tristeza. Ele tenta empurrar a maca então o amigo destrava a roda e ele me empurra até um box.

— Feche as cortinas, cara — diz baixo para o amigo que faz o que ele pede, mas se mantém ali dentro conosco. — Kauã... — Henrique tenta.

— Nem pensar... não vou tocar nela. Mas, seja lá o que for, vou ficar aqui. Como médico. — Deixa claro.

Henrique respira fundo e então fala:

— Cuide para ninguém entrar aqui. — Kauã novamente faz o que o amigo pede.

Henrique levanta a blusa deixando metade da minha barriga à mostra.

— Vou abaixar sua calça, em seguida vou precisar abaixar um pouco a calcinha — ele fala baixo, mas, sei que Kauã consegue ouvir.

Devagar ele puxa a calça, arqueio as costas o ajudando. Então abaixa um pouco a calcinha só o bastante para conseguir ver o curativo. Vejo que Kauã franze os olhos, então os desvia e olha para fora conferindo se não tem ninguém por perto. Quando Henrique vai tocar no curativo eu o alerto:

— As luvas — falo baixo.

— Princesa, não... — Mas Kauã é mais rápido e estende as luvas que estava na embalagem da bancada ao lado.

Ele põe as luvas e volta ao curativo. E quando tira respira fundo e fica olhando parecendo perdido. O rosto desolado dele é o que eu sempre evitei. Uma coisa é eu sofrer minhas próprias dores, outra bem diferente é trazer as pessoas que eu amo para o meio dessa merda.

Pessoas que eu amo. Que eu *amo*.

Kauã chega mais perto e olha a ferida, volta a fazer uma cara confusa, mas quando olha ao redor sua expressão fica surpresa, mas, isso não dura muito, pois ele logo se recompõe.

— Doutora — ele fala me olhando enquanto Henrique continua imóvel. — Vou prescrever uma medicação intravenosa para febre e dor. Também vou receitar antibióticos e anti-inflamatórios para tomar pelos próximos dias junto de um atestado de cinco dias.

— Eu não preciso de atestado... — murmuro.

— Esse... essa ferida. Tem quantos dias? — pergunta.

— Dois — é Henrique quem responde.

— Certo. — Kauã parece procurar as palavras certas. — Está inflamada. Você sabe, Débora. Eu não preciso te explicar. Eu vou limpar...

— Eu vou limpar — Henrique fala e levanta os olhos para o amigo.

— Prescreva as medicações, eu assumo aqui.

— Ok — Kauã responde. — Já volto.

Sem dizer nada Henrique vai até a bancada e pega a gaze e o soro.

— Você vai sentir um incômodo, princesa.

Princesa.

O que eu fiz pra merecer o amor desse cara?

Quando ele lava e passa a gaze sinto a ardência, mas, meu corpo treme tanto que isso é o de menos. Ele termina e fecha o local para então pegar mais gaze e passar em minha testa limpando o suor.

— Vai ficar tudo bem, Débora. — Ele deixa um beijo em meus lábios. — Estou com você, amor.

— Desculpa, eu...

— Princesa, acredite em mim. Vai ficar tudo bem. — Ele tira as luvas as jogando no lixo e então chega perto beijando meu rosto.

— Eu sou assombrada há muito tempo, Henrique...

— Eu não tenho medo de fantasmas — diz decidido.

— Você não precisa passar por isso comigo...

— Licença — Kauã diz entrando. — Vamos colocar um acesso e medicar essa doutora. — Ele tenta ser o aquele Kauã de sempre, mas noto que está apenas tentando me deixar confortável.

Ele põe as luvas e acha minha veia com maestria. Faz algumas brincadeiras e rapidamente acaba o trabalho.

— Vou deixar vocês sozinhos. — Deixa na bancada algumas folhas. — Aqui estão as receitas e o atestado. É bom que eu não veja você aqui pelos

próximos dias, mocinha. — Pisca e sai.

— Pode ir trabalhar, Henrique. Me viro daqui...

— Não tenho cirurgias agora a tarde. Tinha dois retornos, mas remarquei para amanhã.

— Henrique, não quero atrapalhar a sua rotina...

— Só você ainda não percebeu que não me atrapalha. — Ele pisca e puxa a cadeira sentando ao meu lado.

Suspiro encarando seu rosto. Ele é tão lindo, tão simples... Respiro fundo me permitindo fechar os olhos. Ele está aqui e por um momento eu acredito, vai ficar tudo bem.

Capítulo 31



— Como ela está? — dona Maria pergunta assim que chego à porta do quarto.

— Ela dormiu. — Sorrio fraco para a senhorinha com o semblante preocupado.

— Então venha, querido — ela puxa gentilmente meu braço —, fiz uma jantinha, sei que deve estar com fome.

— Obrigado — agradeço e caminho até a cozinha conjugada do apartamento.

Puxo a cadeira e me sento. Apoio as mãos sobre a mesa me sentindo aéreo. Eu tenho consciência de tudo que aconteceu e está acontecendo, mas pareço agir no piloto automático. Minha formação técnica me diz o que fazer, qual caminho seguir. Como homem, me sinto um merda, incapaz...

A vida é irônica.

Eu sabia que gostava da Débora, sabia que tudo ia além de tesão. Ela é o contrário de tudo que sempre imaginei e, talvez seja isso que me encantou.

Então eu sabia, estava apaixonado por ela.

Pensamento ilusório da minha parte.

Lembro que uma vez perguntei ao meu pai o que significava amor e ele me respondeu que existia mais de um tipo de amor. Falou sobre o amor que tinha pelos seus pais, familiares, amigos. Falou sobre o amor fraternal que sentia por mim e minha irmã. E então falou sobre o amor que sentia pela minha mãe.

Os olhos dele brilharam, o meio sorriso em seu rosto foi automático. E então ele me disse que o amor pela minha mãe ia muito além de zelo, de proteção.

Eu pedi para que descrevesse e meu pai disse que não existia palavra capaz de explicar seu sentimento então eu perguntei. “Como vou saber o que é o amor, então?” E ele tocou meu rosto e disse “Seu coração vai falar por você.”

Aquilo nunca fez sentido... até hoje.

No momento em que vi Kauã deitando a Débora sobre a maca meu coração me levou até ela como um ímã é atraído por um metal. Então meu instinto foi de alguma forma ajudar e se possível protegê-la. Eu abri o curativo e o meu coração errou uma batida. Eu não consigo explicar uma lógica científica no momento que explique, mas, era como se eu sentisse toda dor que ela sentia.

Era como se o meu corpo também estivesse doente... Eu me senti impotente.

Minhas notas eram ótimas, eu fui um residente dedicado e comprometido e, sou um ótimo cirurgião. Porém, naquele momento, de nada valeu a minha formação.

Eu não estava preparado para entender o impacto desse misto de

sentimentos. Meu conhecimento não tinha respostas... então, meu coração respondeu.

Isso é amor.

Amor.

Eu a amava. Eu a amo.

E, logo eu que sempre questioneei tudo. Sempre quis entender o significado de tudo, naquele momento não podia questionar o meu coração.

É um sentimento inquestionável.

— Filho? — dona Maria me chama e só então percebo que as panelas já estão postas sobre a mesa. — Você está se sentindo bem?

— Sim. — Tento sorrir, falhando miseravelmente. — Eu amo ela — digo em voz alta. O sorriso que dona Maria abre, pela primeira vez na noite, é sincero.

— Fico muito feliz em ouvir isso, querido. — Segura minha mão sobre a mesa.

— Eu quero estar com ela — suspiro —, quero muito.

Ela franze as sobrancelhas e eu percebo que talvez tenha falado demais.

— O que está havendo?

— Isso não cabe a mim contar. Não fique preocupada, Débora está fisicamente bem.

A parte que eu deixei oculta é que o emocional dela está abalado e isso tem uma conexão direta com o físico. A prática de automutilação é um escape que muitos pacientes usam para amortecer a dor emocional. Muitos

podem ser os motivos do trauma, mas, nesse caso, levando em conta de para onde ela sempre tenta levar o sexo acredito que seja algo relacionado a abuso sexual. Tomo um gole do suco tentando afastar o amargor eminente em minha garganta.

Será que é esse mesmo o motivo? Será que ela era adolescente ou... criança.

Corto o pedaço de carne do prato com mais força que o esperado para logo o pôr na boca e mastigar. A verdade é que não sinto fome, pelo contrário, até sinto um desconforto no estômago, porém, não quero desapontar a senhorinha que dedicou seu tempo fazendo esse jantar.

Comemos em um silêncio confortável. Assim que termino pego um pouco da sopa que dona Maria fez para a neta e levo uma vasilha para Débora. Quando abro a porta do quarto a vejo dormindo através da luz do abajur.

Chego perto da cama e me sento. Passo a mão em seus cabelos os afastando do rosto. Para qualquer outra pessoa ela é uma mulher normal, de estatura mediana, magra e morena, não para mim.

— Princesa. — Acaricio seu rosto e ela se mexe. Abre os olhos meio sonolenta, esboça um sorriso fraco e volta a fechar os olhos. — Você precisa acordar, amor. Precisa comer para não tomar os remédios com o estômago vazio.

— Que horas são? — pergunta voltando a abrir os olhos.

— São quase nove da noite.

— Nossa, estou dormindo desde que chegamos.

— É, está dormindo desde as cinco da tarde — respondo sorrindo quando ela se espreguiça e então faz uma careta de dor. É impossível não

ficar tenso. — A ferida está doendo? — questiono. Evito falar “corte”, isso torna tudo... real. E hoje quero evitar esse assunto, só hoje.

— Não. — Sorri sem graça, sei que é mentira. Médicos aprendem a ler as expressões corporais das pessoas.

A dor não se manifesta apenas através da fala, mas de expressões.

— Vamos medir a febre? — pergunto já pegando o termômetro.

— Vou fazer xixi. — Levanta passando as mãos no cabelo. — Já volto.

De repente fico com medo que vá sozinha ao banheiro.

— Precisa de ajuda? — indago já levantando.

— Não, só vou fazer xixi — ela respira fundo —, não vou fazer nenhuma besteira.

Fico sem ter o que dizer. Pelo jeito não sou o único aqui que parece ler as pessoas. Fecho os olhos pedindo a Deus que me ajude a ser forte por nós, por ela. Não demora muito e ela volta para dentro do quarto fechando a porta. Sinto o clima pesado e não sei direito como agir. Ela senta, se ajeitando sobre a coberta.

— Você falou algo para minha vó?

— Não — respondo apenas.

— Obrigada.

Não respondo. Não contei porque fui fraco. Eu poderia, contar pois isso a obrigaria a se tratar, mas, não quero que ela me odeie. Estendo o termômetro digital em sua direção, ela o pega e põe na axila. Algum tempo depois ele apita e conferimos vendo que ela não está mais com febre. Pego a travessa com a toalha que protege a tigela quente e dou a ela entregando em

seguida a colher.

— Você já comeu? — pergunta.

— Sim. A comida da sua vó é maravilhosa. — Ela sorri fazendo meu coração se alegrar. Um pouco.

Dona Maria chega na porta nesse momento e sorri para a neta.

— Como está, querida?

— Estou melhor, vó.

— Que bom, filha. — Ela também senta na cama. — Não vou sair do seu lado até que melhore.

Sorrio vendo que ainda que tenha uma história ruim por trás disso tudo, Débora é verdadeiramente amada.

— Henrique, se você quiser ir... — Débora fala.

— Eu não queria, mas tenho uma cirurgia marcada para às seis da manhã e preciso de uma troca de roupas. — Pela primeira vez lamento o fato de ter uma cirurgia.

— A minha vó está aqui, vai cuidar de mim, não é vó? — ela pergunta para a senhora.

— Claro. Vamos dormir juntas igual a todas as vezes em que ficou doente.

Fico momentaneamente mais tranquilo. Com a avó por perto ela não vai fazer nada... pela forma que me avalia ela sabe o rumo que meus pensamentos estão tomando. Ela termina a sopa e a deixa de lado.

— Prometo que vou ficar bem. — Encara meus olhos e eu apenas aceno em positivo.

— Qualquer coisa me liga — peço.

— Eu ligo — afirma.

Apoio o joelho na cama e deixo um beijo em seus lábios.

— Venho ver você amanhã.

— Tudo bem. — Sorri fraco passando a mão em meu rosto.

Me despeço da sua avó e saio do apartamento. Todo o caminho é feito no piloto automático como se o meu corpo estivesse agindo por impulso. Deixo o carro na garagem e entro no elevador. Quando abro a porta, minha irmã e meu cunhado estão no sofá, Vitória e Kauã sentados comendo algo na bancada da cozinha. Kauã é o primeiro a vir até mim.

— Como ela está?

— Sem febre — respondo sentindo meu coração apertar.

— Cara, eu conversei com eles...

— Eles quem? — pergunto. Kauã indica com a cabeça o pessoal. Ignoro seu gesto e caminho até a escada então paro e volto a olhar para trás.
— Você vai comentar algo com o diretor técnico? — pergunto.

— Não. Vou esperar que você mesmo faça isso. — Mordo o lábio com força e volto a caminhar até meu quarto.

Sinto passos atrás de mim e nem preciso olhar para saber que é Isabella. Entro no quarto deixando a porta aberta, ela entra em seguida. Vou até o roupeiro olho as minhas roupas sem nem saber ao certo o que eu estou fazendo. Fecho a porta com baque sentindo minha respiração acelerada. Apoio minhas mãos na parede e respiro fundo sentindo meu rosto molhado, me viro apoio minhas costas contra a parede e vou descendo até que esteja sentado no chão.

Nunca na minha vida, me senti tão vulnerável como agora.

Isabella se senta ao meu lado. Dobro os joelhos apoiando meus braços sobre eles para então repousar minha cabeça.

Então eu choro.

Choro de raiva, choro por me sentir incapaz, por me sentir fraco, choro por raiva do amor, choro por raiva dela. Logo meu desespero vem pela tristeza. Tristeza por a mulher que eu amo estar assim, tão frágil. Choro por medo de não conseguir ajudar, de não conseguirmos superar. Choro por medo de ela se negar a ter ajuda, por medo de ela me odiar, por medo de ela não se *curar*.

Sinto as mãos da minha irmã sobre as minhas costas. Ela passa a mão em um gesto de conforto que aos poucos me acalma. Quando tiro a cabeça de cima dos braços, estico as pernas e me encosto na parede virando o rosto para ela. Com o rosto igualmente molhado pelo choro como o meu, ela segura minha mão. Sorrio para ela ainda chorando.

É assim desde que me vejo por gente. Essa cena já se repetiu várias vezes desde que éramos crianças. Sempre estivemos ali, um pelo outro. Entendo suas lágrimas porque somos o espelho um do outro. Sentimos um pelo outro. Somos gêmeos bivitelinos e há quem diga que por não termos compartilhado mesmo saco gestacional não possuímos a mesma ligação que os univitelinos.

Que se foda qualquer explicação científica para isso.

Minha conexão com a minha gêmea é surreal, também é um tipo de amor que ninguém consegue explicar.

— Ela prática automutilação — falo baixinho. — Ela se corta. Ela se cortou no dia do atentado no hospital. Ela tem várias marcas no baixo ventre,

no púbis... de cortes.

As lágrimas voltam a descer com mais força nublando minha visão.

— Eu a amo. Eu quero que ela melhore, Bella... caralho! Eu preciso que ela fique bem.

— Estou com você, mano — ela responde usando o mesmo tom de voz.

— Eu... — nego com a cabeça —, preciso contar ao nosso avô. Ela vai me odiar.

— Henrique, você precisa contar ao diretor técnico que por coincidência é nosso avô. Precisa contar por ela. Ela precisa de tratamento.

— Você não entende... ela vai ver isso como uma traição.

— Talvez agora ela veja dessa forma. Pode ter certeza de que daqui um tempo vai ver que fez isso pelo bem dela.

— Eu quero estar perto, Isabella. Eu não sei se consigo ficar longe.

— Se isso for preciso. — Suspira. — Você vai conseguir.

— Você está tão madura. — Sorrio sem mostrar os dentes.

— Eu fiquei longe do Pedro por um bom tempo... quando é amor, qualquer distância é insignificante. É *inevitável*.

— Eu não sei se ela me ama.

— Ah ela ama, mano... ela ama. Vi esse amor refletido nos olhos preocupados dela enquanto você estava em perigo.

— Então, talvez haja esperanças para nós — falo inseguro.

— Tenho certeza de que sim — diz confiante e aperta minha mão.

— Obrigado — agradeço.

— Vou sempre estar aqui por você, minha metade — diz.

— Eu te amo — afirmo sincero.

— Eu também, mano.

Chega mais perto e sem soltar minha mão encosta sua cabeça em meu ombro. Me apoio nela, fechando os olhos e respirando fundo sabendo exatamente o que fazer.



Depois da cirurgia higienizo as mãos e subo as escadas com o coração em pedaços mais com a certeza de que tomei a decisão certa. Bato à porta que logo é aberta pela minha avó.

— Querido. — Ela me abraça e quando me solta fecha a porta atrás de nós.

Meu avô larga os papéis que estava mexendo sobre a mesa e vem me abraçar.

— Aconteceu alguma coisa, Henrique? — ele pergunta.

— Sim. Por isso pedi para que a vó Júlia também estivesse aqui. — Ele apenas acena em positivo e indica para que nós nos sentemos.

— Está me deixando nervosa, querido.

— É sobre a Débora...

Capítulo 32



Bom dia, Princesa

Como você tá?

É a primeira coisa que vejo assim que acordo e olho as mensagens no celular. Confiro as horas e são onze da manhã. Kauã fez bem mesmo em me afastar, levando em conta que me deu remédios com dosagens para elefante, porque não é possível eu dormir tanto assim.

Acordei agora, estou bem.

Como a mensagem nem chega imagino que deva estar em cirurgia. Levanto, vou ao banheiro, faço xixi, lavo as mãos e escovo os dentes. Tiro uma parte do curativo vendo o corte. Ainda está inchado e vermelho em volta, mais alguns dias e vai estar bom. Volto a tampar e vou até minha vó na cozinha. O cheirinho de feijão novinho está tomando conta do ambiente.

— Bom dia, vó — Abraço sua cintura, com cuidado para não pegar em meu machucado.

— Bom dia, filha. — Ela sorri quando dou um cheirinho em seu pescoço. — Seu menino já ligou duas vezes.

— Meu menino? — pergunto me fazendo de boba.

— Sim. — Ela vira e estreita os olhos me fazendo rir. — Estava preocupado.

Suspiro.

Será que vai ser assim agora? Vai viver de marcação cerrada com medo de que o próximo corte aconteça? Por isso nunca tive alguém, pois quando envolve sentimento vem o zelo e com o zelo chegam as cobranças.

— Já mandei mensagem para ele.

— Está acontecendo algo que eu deva saber, Débora?

— Não, vó — respondo.

— Tudo bem — ela diz desconfiada.

Por que eu sinto como se “o circo estivesse se fechando” sobre mim?

— Você não me contou sobre o bingo de domingo — desconverso. Então ela começa a contar sobre como foi divertido sua tarde de domingo.



— Como passou o dia? — Henrique pergunta assim que entramos no quarto.

Ligo a televisão e sento na cama chamando-o.

— Passei bem — respondo. — E o seu dia como foi, doutor?

— Eu gosto de ser chamado de doutor, mas saindo da sua boca

sempre tem um sentido maior. — Sorri e me dá um beijo casto nos lábios.

— Um fetiche com outra, médica?

— Talvez — dá de ombros —, podemos testar essa teoria no seu consultório. — Ele pisca, mas, logo fica tenso. — Posso fazer o curativo?

— Henrique, como você sabe sou médica. Você não precisa fazer isso.

— Vou pegar a caixinha no banheiro — ignora o que eu disse —, sei onde fica.

Ele está estranho.

Talvez tenha enfim percebido que pode achar alguém menos complicada que eu. Esse pensamento me quebra por dentro. Ele conversa algo com a minha vó no corredor, sua risada aquece meu coração.

— Sua vó é uma comédia. — Ele ri negando com a cabeça.

— O que ela falou? — pergunto.

— Que vai estar vendo a novela dela na sala e não vai atrapalhar o nosso momento.

— Nossa, me senti com quinze anos agora. — Rimos juntos. — Foi a campanha que tocou?

— Acho que sim — desconversa. — Prefere deitar?

— Não. — Levanto e fico de frente para ele, que me puxa me deixando entres suas pernas. — Ponha as luvas Henrique.

Ele rola os olhos como se tivesse dez anos de idade.

Põe as luvas, tira a gaze e deixa o antisséptico aberto. Tira o curativo com cuidado e começa a limpar.

Isso me anima. Só até o momento em que ele termina, sobe a minha calça e arruma minha blusa. Fecha a caixinha e tira as luvas, deixando-as ali em cima. Me afasto e então ele levanta, puxa minha cintura com cuidado para em seguida me beijar.

Sentir sua boca na minha é sempre como sentir aquelas famosas borboletas no estômago, porém hoje é diferente. Ele me beija como se através desse beijo pudesse demonstrar tudo que não consegue pôr em palavras.

Tem gosto de beijo de despedida.

Me beija, como se fosse o nosso final. Como se esse momento fosse tão importante e de alguma forma quer que fique marcado em nossas lembranças. A contragosto ele se afasta só o suficiente para que possa me olhar nos olhos. Suas mãos saem da minha cintura subindo até meu rosto.

— Débora, eu amo você.

Mordo o lábio sentindo o meu coração bater tão forte quanto a bateria de uma escola de samba.

— Eu vou continuar amando, não importa o quanto me odeie. — Quando diz isso tento me afastar, mas, suas mãos voltam à minha cintura me segurando firme. — Eu não sei o que aconteceu com você e fez com que adquirisse esse... costume. Eu suponho algo, levando em consideração seu comportamento durante o sexo... não estou pressionando para que me conte. — Fecha os olhos e respira fundo. Quando os abre parece determinado. — Isso precisa parar antes que seja tarde demais. — Volto a tentar me afastar, mas, ele me impede. — Você merece se libertar, merece ser feliz. Débora você é tão linda... caralho, eu nunca me senti assim antes. Me sinto completo com você, mas para que isso dê certo, você precisa estar completa para mim. Quero que procure ajuda, que se permita se perder, pois só assim vai conseguir se encontrar. Essa sensação de controle que você sente quando se

machuca é ilusória. Eu te amo. Amo muito. Não me importo que me odeie pelo que fiz, mas me importo que continue se mutilando. — Comprime os lábios e olha para a parede. Eu pareço amortecida, sem forças para empurrá-lo ou falar algo. — Eu contei para o meu avô. contei para minha avó. Ela já deve estar aí... combinamos de vir juntos, mas ela disse que se atrasaria alguns minutos. Você vai ser afastada, a comissão médica vai te oferecer todo suporte para que melhore.

O chão parece sumir diante dos meus pés e juro, sinto como se um buraco negro estivesse me engolindo. Sem força alguma tiro suas mãos da minha cintura e dessa vez ele não impõe resistência. Ponho a mão na cabeça tentando raciocinar.

— Eu confiei em você — digo baixo.

— Princesa, talvez você não entenda agora, mas....

— Sai.

— Débora.

— Sai, Henrique.

Ele caminha em direção a porta, antes de sair ele volta a falar.

— Eu te amo.

Ignoro.

Putá que pariu.

Coloco a mão na boca contendo o choro, sufocando a vontade de chorar... estou perdida. Todos vão saber, minha vó vai saber. A Morgana... ela não pode descobrir a verdade!

Meu Deus.

— Querida. — Ouço dona Júlia me chamar, logo a porta do quarto se fecha. Ela põe a mão no meu ombro e me viro para ela ainda com a mão na boca.

— Minha vó? — pergunto.

— Henrique vai ficar com ela na sala até você se acalmar e vocês conversarem.

Soluço alto. É real. Minha farsa está acabada. Dona Júlia me puxa para seus braços e eu choro. Choro tudo que não chorei durante todos esses anos. É como se meu coração se abrisse e a dor viesse à tona de uma vez só.

Tenho vontade de gritar até que meus pulmões se cansem.

Dona Júlia me abraça falando palavras de conforto, demonstrando apoio e ela não me larga, não até que eu me acalme. Quando o choro diminui ela puxa até a cama e nos sentamos.

— Querida — segura as minhas mãos —, te daremos todo o suporte...

— Minha vó vai ficar desolada. Vou decepcionar ela.

— Não. Sua vó te ama, Débora. Ela quer seu bem e nesse momento a única coisa que vai importar para ela é te ver bem. Bem de verdade. — Ela passa a mão em meu rosto. — Meu anjo, desde que eu te vi tão novinha ajudando a cuidar da sua mãe doente eu sabia que seria a grande mulher que é. Você é destemida, ousada, dedicada. Você já pode parar de tentar convencer a todos sobre seus méritos. Pare de olhar tanto para os lados e olhe para si. Aquele homem lindo que está na sua sala te ama — ela sorri —, sua vó te ama, eu te amo. Esse é o momento, chega de se esconder.

— Todos do hospital vão ficar sabendo...

— Eles não têm como saber, querida. Você está sendo afastada

porque não está bem. Teve uma infância difícil perdendo seu pai cedo, uma adolescência sofrida com sua mãe doente. Você precisa de um tempo para si. É isso.

— Não é só isso... — falo pela primeira em voz alta e a sensação é tão diferente e libertadora que volto a chorar.

— Sei que não, meu bem, mas as únicas pessoas que saberão disso serão as que você contar. As que você decidir. Isso é um assunto pessoal só seu, Débora. Porém você precisa se tratar, se curar. Isso não significa exposição, humilhação... isso significa libertação.

Apenas concordo com a cabeça sentindo as lágrimas que continuam caindo.

— Eu tomei a liberdade de conversar com uma colega de minha confiança que não tem envolvimento algum com o hospital. Ela vai te ajudar... se você permitir.

— Eu não sei por onde começar — murmuro.

— Ela vai te ajudar.

— Você não vai me perguntar o motivo de tudo isso?

— Não, querida. Ninguém vai ultrapassar os seus limites.

— Eu... — Sinto meu peito doer. — Fui abusada.

Dona Júlia respira fundo e acaricia minha mão.

— Estaremos com você. Estaremos aqui por você.

Volto a abraçar a senhora que apareceu como um anjo em nossas vidas e me ajudou a ser a mulher que sou hoje.

— Você é muito importante para mim, dona Júlia.

— Eu sei, querida, porque você também é para mim.

— Acho que agora preciso ir falar com a minha avó... — Ela me solta do abraço.

— Sim. — Pega em minha mão e levanta. — Isso é o começo de tudo.

Passo a mão livre no rosto tentando tirar o excesso das lágrimas. Quando chegamos à sala minha vó e Henrique estão sentados no sofá. Posso ver os olhos vermelhos dele e as lágrimas ainda presentes nela. Não preciso pensar muito para chegar à conclusão de que ouviram o meu choro. Henrique me olha, mas não consigo manter o contato visual.

— Querido. — Ela estende a mão para o neto. — Vamos. Elas precisam ficar sozinhas. — Ele beija o rosto da minha vó e levanta, até volta a me olhar, mas meus olhos vão para o chão. Então beija minha testa e os dois vão até a porta. — Débora, ligo para você amanhã de manhã para sairmos à tarde, tudo bem?

O “sairmos” com certeza deve ser o “vamos na psicóloga”. Apenas aceno e então eles saem do apartamento. Minha avó levanta os olhos para mim.

— Querida o que está acontecendo? Você está doente? É grave?

— Não fique nervosa, vó. Eu não vou morrer. — Respiro fundo. — Tem uma parte da minha vida que você não sabe... — pego em suas mãos —, vou te contar tudo.

Capítulo 33



Bom dia princesa, amo você!

Sorrio ao ler sua mensagem. Vem sendo assim desde o dia em que minha vida virou de cabeça para baixo. Estar afastada do hospital há quase dois meses ainda me machuca, só quem é médico e lutou tanto para chegar onde chegou conseguiria me entender. Escolher a medicina, é como todos os dias abrir uma caixinha de surpresa e desvendar ela da melhor forma possível, pois lidamos com vidas. Sinto falta do meu trabalho, sinto falta da correria, da euforia, mas, sei que foi necessário.

As coisas foram acontecendo, a vida foi passando e eu simplesmente ignorei meus traumas. Eu negligenciei a minha saúde e hoje eu entendo isso. Estou perto de superar tudo que eu passei? Não. Há um longo caminho pela frente, porém o primeiro passo foi dado. Faz cinquenta e três dias — que eu contei —, tive uma conversa sofrida com a minha avó.

Ver a dor em seus olhos virar raiva e então impotência foi perturbador. Em contrapartida foi sublime ver o quanto sou amada. Como dona Júlia prometeu, no outro dia ela estava lá, me estendo a mão, me ajudando a ficar de pé. Conheci a doutora Elisa e ela foi e vem sendo de suma importância nesse processo de autoconhecimento, aceitação, e cura.

Sim. Estou em um processo de cura interior e é inacreditável como em tão pouco tempo já consigo ver os resultados positivos que venho tendo. É um desabrochar, literalmente de dentro para fora. Eu cheguei destruída na primeira consulta, mas a doutora Elisa soube como “entrar” de uma forma sutil, sem exceder limites, exatamente como dona Julia havia me prometido. Falar sempre foi difícil, então através da escrita, através de cartas que era somente eu e a doutora tínhamos acesso comecei a expor escrevendo o que não conseguia expor através da fala. Assim iniciamos a terapia.

De: Débora

Para: Débora

Hoje é o primeiro dia de terapia. Escrevo essa carta enquanto a doutora que por sinal vai ler a mesma finge que está mexendo em algo muito importante em sua mesa. Eu não sei mesmo o que isso tudo significa, mas desde que me impeça de ter que falar... vou fazer o que pedem. Vou escrever.

Isso é patético.

*

De: Mim

Para: Mim mesma

Hoje é o segundo dia de terapia. Ao que parece vou vir três vezes por semana aqui e perder uma hora da minha vida enquanto rabisco em uma folha de ofício A4. A folha é branca, não tem linhas e fico nervosa de como as palavras ficam desalinhadas.

OBS: Doutora, pelo menos me compre um caderno.

*

De: Débora

Para: Eu mesma.

Parei de contar ao certo qual é essa sessão. Não deve ser mais que a quinta. Continuo vindo aqui e fingindo que essa merda vai me levar a algum lugar. Sério, nunca mais na vida sugiro para os pais dos meus pacientes que levem seus filhos à terapia. Estar aqui é como jogar dinheiro lixo. Um desperdício.

De: Débora

Para: Inferno particular

Henrique me manda mensagens todos os dias. Eu olho, mas não respondo. Não acho justo que me pressione a ficar bem, já que foi isso que ele fez quando decidiu que eu precisava de ajuda, não? Isso é uma escolha minha, de mais ninguém. Eu decido se estou bem ou não. Não quero que me veja como a menina que foi abusada e sinta pena. Não quero que ninguém sinta pena de mim!

De: Eu

Para: FODA-SE

As pessoas à minha volta parecem estar vivendo no mundo da “Alice no país das maravilhas”. Todos sorriem, me abraçam, beijam... Um excesso de demonstração de afeto que vem me irritando.

Tenho raiva de quando me perguntam como estou.

Tenho raiva por respirarem perto de mim.

Tenho raiva de que em silêncio sintam compaixão de mim.

TENHO RAIVA!

PS: Doutora arrume outro meio para suas sessões de terapia, por que

esse? É uma merda!

De: Eu

Para: Eu

Estou me sentindo abafada. Todos à minha volta conversam e sorriem. Eu também sorrio, um sorriso montado, forçado, superficial.

De: Débora

Para: Eu

Eu estava triste ontem. Não aguento mais ficar em casa... a vida de todos à minha volta parece estar fluindo enquanto a minha está estagnada. Me pergunto por quê? Por que isso tinha que acontecer comigo? Por que eu tinha que ser o objeto de desejo dele? Ele não tinha esse direito! Eu era uma criança. Eu tinha só 12 anos...

De: Mim

Para: Minha culpa

Fiquei pensando sobre tudo que aconteceu e cheguei à conclusão de que talvez tenha sido minha culpa. Crianças de 12 anos tinham que parecer crianças. Eu mudei o corpo muito cedo. Já precisava usar sutiã nessa idade. E também, tinha bunda, mais bunda que todas as minhas colegas. Os adultos à volta diziam que eu tinha cabelos lindos e era encorpada. Diziam à minha mãe que daria trabalho a eles. É isso. A culpa foi minha. Eu era pequena, mas já era diferente, eu devia ter me portado diferente.

*

De: Débora

Para: Débora

Estou confusa. Em todas as sessões quando termino de escrever a carta eu a entrego para você doutora. Você lê e conversa comigo sobre o conteúdo, eu escuto e vou embora. Tudo que você disse para mim vem martelando em minha mente. Eu tinha aceitado a culpa, você me confundiu e eu já não sei o que pensar. Estou tentando entender, mas me sinto como em um limbo sem fim perdida em minhas próprias memórias.

*

De: Débora

Para: Débora

Eu era uma criança. Eu tinha 12 anos na primeira vez que aconteceu eu não entendia o que de verdade estava acontecendo. Eu fiquei sem saber, sem saber COMO reagir nem tinha certeza SE DEVIA reagir. Eu não fui um monstro, ELE FOI..

*

De: Eu

Para: Eu

Ontem eu me cortei. Como sempre eu senti a dor física se sobressair a emocional e momentaneamente eu fiquei satisfeita. Essa satisfação não durou mais de um minuto. Me dei conta que me mutilar é a minha droga, e a dor é o meu barato. Eu sou uma viciada. Esse é o meu vício.

*

De: Débora

Para: Débora

Eu escrevo essa carta para mim mesma. Eu quero me alertar. Você era uma criança, Débora. Não tem culpa de nada que aconteceu. Cada menina tem o seu desenvolvimento e você não pode se punir pelo seu corpo ter desenvolvido mais cedo. É o seu biotipo. Deixe a doutora ler isso, mas leve essa carta para sua casa e deixe-a em um lugar visível. Leia ela até que você convença a si mesma de que não. Você não tem culpa.

De: Débora

Para: Doutora Elisa

Era domingo. Fui com minha mãe até a casa de uma amiga dela que morava na cidade vizinha. Minha mãe adorava ir à casa dessa amiga, pois elas eram amigas desde a infância. Eu também adoro ir lá. Ela fazia bolinhos de chuva com banana. Consigo lembrar da crocância de quando eu os mordida, pode parecer loucura, mas, também lembro do gosto. Enquanto elas conversavam eu brincava no seu quintal. Era uma casa humilde de frente que dava fundos para o rio, mas eu nunca chegava perto. Minha mãe tinha medo. Tinham plantações nessa casa e eu brincava nas plantações com uma amiga que só eu conseguia ver. Ela era linda. Usava sempre um vestido azul com laço de fita branca, seus cabelos eram cacheados... não consigo lembrar nitidamente do seu rosto, mas me lembro dos cachos dourados livres ao vento. Eu brincava muito e sempre ia embora suja. Minha mãe não brigava, ela dizia que criança brincando era sinônimo de saúde. Nesse dia, quando chegamos em casa já era noite. Devia ser umas seis e pouco da tarde. Eu pedi para que ela me deixasse ir ao apartamento do lado. Queria brincar com a Morgana. Ela relutou, mas deixou. Quando bati na porta da casa da minha amiga foi o seu pai quem atendeu...

Eu consigo terminar de contar hoje, doutora, não hoje.

De: Débora

Para: Doutora Elisa

Ele me convidou para entrar e me disse para sentar no sofá. Eu sentei e perguntei onde a Morgana estava. Ele disse que ela tinha ido com a sua mãe ao mercado. Como uma premissa do que viria ou uma tentativa divina de Deus de me ajudar eu pude ver pela janela um trovão para em seguida começar a chover muito. Eu lembro exatamente da forma que a chuva caía naquela noite. Ele sentou ao meu lado e eu até levantei dizendo que iria para casa. Ele disse que elas já chegariam e me puxou pela mão me fazendo sentar novamente no sofá. Ele deitou e me deitou na frente dele. Quando falou no meu ouvido que cuidaria de mim eu pude sentir o hálito de bebida vindo da sua boca. Ele sempre teve problema com bebida, mas lembro de ouvir a mãe da Morgana comentar com a minha de que vinha melhorando. Ele me puxou pela cintura e nesse momento eu senti algo rígido contra a minha bunda e me apavorei. Eu congelei. Minha mãe não me deixava ficar perto de ninguém assim, então eu sabia que algo estava errado. Muito errado. As coisas pioraram quando ele levou uma das mãos ao meu seio e ficou massageando. Eu sentia sua respiração pesada contra meu pescoço enquanto olhava para janela e via a chuva escorrer pelo vidro. Sua mão desceu pela minha barriga e chegou onde nunca ninguém tinha tocado. Minha mãe tinha me explicado que nunca, ninguém, poderia me tocar assim porque eu era uma criança, o meu corpo era sagrado. Mas ele me tocou. Eu continuava congelada, ainda não consigo entender se eu, em minha inocência, não entendia o que estava acontecendo e por isso não agi. Ou talvez o medo tenha me paralisado. Ele botou a mão por dentro da minha calça e fez um som estranho com a boca. Hoje sei que era um gemido, mas, na época, não sabia. Ele ficou mexendo ali, e algum tempo depois disse que eu “estava molhadinha” eu também não entendia isso. Logo ele gemeu de novo e seu corpo pareceu tremer. Ele tirou o a mão de mim a levou até a boca. Em um rompante eu levantei na hora. Ele não disse nada e eu fui para casa.

Essa foi a primeira de outras cinco vezes em que isso aconteceu.

De: Débora

Para: Débora.

Eu pesquisei sobre reações corporais. Pesquisei muito e eu entendi o que aconteceu comigo. Lubrificação vaginal é algo inconsciente. É uma reação do corpo. Esse é o papel do nosso corpo, lubrificar para que o ato sexual não machuque. Não é algo consciente, não significa que eu gostei. Eu me odiei por muito tempo, me senti suja. Eu me culpei, mas, agora eu entendo. Eu realmente entendo. Eu não gostei, eu não desfrutei, eu era uma criança. Uma criança muito amada pela minha família, mas nem sempre o amor pode nos livrar de todas as coisas ruins que podem nos acontecer. Meu corpo reagiu a um toque, assim como reage às cócegas. Eu não gosto de cócegas, me dá nervoso, mesmo assim, eu acho engraçado quando as sinto.

Eu não tive culpa.

Eu não sou culpada.

Desde que escrevi essa carta eu venho me sentindo livre. Estou em um processo de autoaceitação, em um processo de perdão. Preciso me perdoar por todas as vezes em que me boicotei. Preciso me perdoar por me julgar, por me culpar, por me mutilar. Meu corpo é um templo e eu preciso me curar de dentro para fora, para poder me amar. Algumas pessoas depois que procuram ajuda demoram anos para conseguir se abrir, eu tive sorte e fui abençoada por conseguir expor a situação tão cedo. O fato de eu não precisar falar e sim escrever vem colaborando muito.

Estou amadurecendo.

Após ler essa carta a doutora me deu outro exercício. Eu precisava escolher duas músicas, duas letras que me tocassem, que me ajudassem a enfim entrar em um processo de cura que não está nem perto de terminar. Escolhi *Girassol* que foi composta por um humorista e gravada por ele e uma

cantora gospel e *indestrutível* de um cantor, drag queen. Eu sei que tenho um longo caminho pela frente, mas não estou preocupada com isso.

Estou vivendo o processo.

Não importa o tamanho da subida, estou vivendo a escalada.

Capítulo 34



— ... E sejam humanos, humildes — falo quando termino a sutura. — Confio muito na minha equipe, as cirurgias nunca são um sucesso somente por causa do cara que veste o jaleco branco. — Ouço alguns risos.

Sam faz um gesto com as mãos espantando os internos como se fossem moscas e eu não contenho a risada.

— O quê? — ela fala sobre a máscara. — Daqui a pouco parte deles vão se achar melhores que eu, por eu ser a enfermeira e eles os médicos.

— Sam — tiro as luvas jogando no descarte —, se em algum momento alguém se achar melhor que você, seja na área que for. Essa pessoa não vale a sua preocupação.

— Você anda tão filósofo, doutor. — Ainda que fale rindo, parece falar sério.

— Ultimamente tenho muito tempo ocioso para refletir.

— Você tem uma nova cirurgia daqui a duas horas, por que não descansa um pouco? Você realmente parece estar na merda.

Apenas concordo e levanto o *pager* para que me bipe perto do horário, ainda que eu saiba que eficiente do jeito que é, vai me ligar ou até ir

ela mesmo me acordar.

Não que eu vá conseguir dormir, estou realmente na merda.

Faz dois meses. Dois meses desde a última vez que conversei com a Débora pessoalmente. Algumas vezes a vi saindo do consultório com a minha avó. De longe. Estou respeitando o espaço que ela precisa. O problema é que espaço já deixou de ser espaço. Esses sessenta e três dias me parecem um ano. Eu virei o cara que segura vela para a irmã gêmea e a prima. Sério, às vezes até me sinto mal porque eles me incluem em todos os programas e não é como se eu pudesse dizer não tendo como irmã, a *gêmea do mal*.

Eu comecei a ouvir músicas tristes. Meu inglês não é o melhor, então às vezes nem sei direito o que significa a letra, mas se parece triste estou dentro. Sofrência então? Pablo do Arrocha perdeu o posto, eu virei o rei.

Todos os dias eu acordo e antes mesmo que eu levante eu mando um bom dia junto de um eu te amo para ela. Tão natural quanto respirar, eu amo aquela mulher. Caminho pelo corredor do hospital cumprimentando um e outro. É bem comum que me perguntem:

“Como a Débora está?”

“E a namorada, está melhor?”

“E aí, quando a doutora volta?”

Todos acham que estamos juntos, eu não nego. Sigo o fluxo respondendo às perguntas da maneira mais educada que consigo. Acho que criei uma ilusão em minha própria cabeça por que até gosto que pensem assim. Em minha defesa eu nunca afirmei nada, foram eles que somaram os episódios e tiraram suas próprias conclusões. Claro, meu estado de celibatário deve ajudar e muito nisso.

Entro no quarto de descanso, tiro os tênis e deito na cama. Suspiro

quando minhas costas batem no colchão fino, em outras épocas isso seria o de menos, porém ultimamente tudo parece colaborar com a minha mais nova habilidade de nunca conseguir descansar.

Olho na direção da porta e quem passa por ela é Juliana, o que não me surpreende. Ela vem me cercando de todas as formas e além de ter se tornado uma situação cansativa, sua companhia se tornou desagradável.

— Oi, lindo — ela fala e eu nem faço questão de sorrir ou ser educado.

— Juliana.

— Tem um espaço aí para mim? — fala enquanto tira os tênis e vem em direção a cama que estou.

— Tem várias camas vagas. — Viro de costas.

Sinto o colchão afundar, fecho os olhos com força contendo a irritação.

— Quero deitar aqui, essas camas sempre foram perfeitas para nós dois.

— Na boa, estou cansado. Tenho uma cirurgia em pouco tempo, só me deixa...

— Henrique. — Passa as unhas em meu braço. — Você anda tão tristonho. Nós passamos bons tempos juntos.

— Para — peço. — Passamos, isso ficou no passado. Respeita isso, Juliana, se valoriza.

— Pode rolar um *remember*. — Desce a mão pelo meu braço, desce para minha coxas e quando vai apertar meu pau eu me irrita.

— Chega caralho! — grito e ela se assusta se sentando.

Me levanto e começo a botar os tênis novamente.

— Eu não quero. Quando alguém fala que não quer é porque *não quer*. Não existe “meio” não. Não é não. Estou falando não para você há dias. Espere uma notificação do RH, Juliana. Porque isso é assédio. *Chega*.

— Pelo amor de Deus, você é homem!

— E daí que eu sou, homem? Por ser homem eu tenho que meter o pau em todo mundo agora? Eu disse não e ponto. Talvez uma advertência te faça entender o verdadeiro significado disso. — Abro a porta da sala e me viro mais uma vez para ela. — Está proibida de pôr os pés na minha sala de cirurgia. Mande sua enfermeira chefe falar comigo.

Fecho a porta em um baque e vou em direção à minha sala, não queria descansar mesmo.



Olho para a casa diante de mim e sorrio vendo o jardim florido. Uma mistura de cores que você não consegue distinguir em qual cores as flores começam e em quais terminam.

Minha mãe sempre foi isso. Intensa, viva.

Ela sempre fez tudo à sua volta florescer então a frente da sua casa não poderia ser diferente. Já meu pai é centrado, discreto. Um casal peculiar, com um envolvimento de início questionável, mas que não poderiam ser mais perfeitos um para o outro. Aperto a campainha e espero, não muito tempo depois meu pai abre a porta e sorri me puxando para um abraço.

— Que surpresa boa, filho! — Se afasta. — Por que não avisou? Te buscaria no aeroporto.

— Eu decidi que viria assim que saí do trabalho. — Dou de ombros e então pelo seu olhar ele sabe.

O marmanjo de trinta anos na cara veio chorar as pitangas com os pais.

— Clara — ele grita —, querida, desça. Ele volta a olhar para mim. — Vem, vamos arrumar algo para você comer.

Então se vira e vai em direção à cozinha. Deixo minha mochila na sala e o sigo.

— Pai, preciso chegar na minha idade assim — brinco com ele que ri —, não sei como consegue, já fez sessenta.

— Seu pai é um coroa gostoso, garoto — minha fala quando me vê e logo me abraça. — Poderia fazer essa surpresa todas às sextas-feiras! Minha azeitoninha!

Apelido ridículo, mas, como estou na merda nem reclamo. Ela percebe.

— Não vai me dizer “a mãe para” — me imita.

— Não. — Dou de ombros.

— O meu filho está na fossa, né? — fala sem rodeios.

— Clara! — meu pai como sempre, a voz da razão, adverte.

— Guilherme, conheço minha cria. Está com o coração partido por causa da doutora, não é? — pergunta.

Volto a dar de ombros.

— Tem falado com ela? — meu pai é quem pergunta.

— Eu tenho falado com ela. Ela não tem falado comigo.

— Hum — meu pai fala.

— Pois é — minha mãe responde.

— Difícil — meu pai murmura.

— Faz parte — minha mãe completa.

Eu sempre fico perdido quando eles têm esses diálogos estranhos.

— A minha sogra disse que a menina está melhor. — Minha mãe joga.

— É, ela também comentou comigo.

— E você já tentou falar com ela? — seu Guilherme pergunta.

— Não.

— Por que não? — dona Maria Clara intervém.

— Porque estou respeitando ela. Falei sobre o caso dela com o diretor do hospital, sou um filho da puta.

— Você me respeite, menino! — Dá um tapa forte em meu braço.

— Porra, mãe — reclamo.

— Mas sim, você foi um filho da puta — concorda por fim.

— Se ela está se tratando é graças a você que deu o primeiro passo, Henrique — meu pai fala. — Não se martirize.

— Eu sei, eu só... sinto falta dela.

— Não fica assim meu bebê — minha mãe volta a me abraçar —, vamos cuidar de você. — Meu pai sorri olhando a cena. — E você tem sorte,

volto com você na segunda para Balneário.

— Não vai direto para a fazenda? — pergunto confuso, já que o casamento da Isabella é no próximo fim de semana.

— Não. Vou com a ervilhinha na última prova do vestido dela e então na terça seguimos para a fazenda. Preciso garantir que ela não vá atrasar ainda mais esse casamento. Vai poder ir só na sexta mesmo?

— Sim. — Oculto o fato de que provavelmente vou só no sábado de manhã.

— Nossos filhos cresceram, Clara. Parece que foi ontem que cheguei no seu escritório e quase infartei te vendo grávida.

— Ainda não entendo por que você escondeu nossa gestação do papai por cinco meses, mãe.

— Meu filho, nem eu me entendo até hoje, como você vai me entender? — ela fala, fazendo eu e meu pai gargalharmos.

Fiz a coisa certa em correr para eles, de repente tudo parece mais leve e até me sinto melhor.

Capítulo 35



*Eu sei que tudo vai ficar bem
E as minhas lágrimas vão secar
Eu sei que tudo vai ficar bem
E essas feridas vão se curar*

Ajusto o fone na cabeça cantando baixinho a letra.

*O que me impede de sorrir
É tudo que eu já perdi
Eu fechei os olhos e pedi
Para quando abrir a dor não estar aqui, mas
Sei que não é fácil assim
Mas vou aprender no fim
Minhas mãos se unem para que
Tirem do meu peito o que há de ruim*

Coloco a mão no peito sentindo a brisa da beira praia contra minha pele.

*E vou dizendo tudo vai ficar bem
E as minhas lágrimas vão secar
Tudo vai ficar bem
E essas feridas vão se curar
Eu sei que tudo vai ficar bem
Tudo vai ficar bem
O que me impede de sorrir
É tudo que eu já perdi
Eu fechei os olhos e pedi
Para quando abrir a dor não estar aqui, mas*

Abro a garrafa e tomo um gole da água que já está quente.

*Sei que não é fácil assim
Mas vou aprender no fim
Minhas mãos se unem para que
Tirem do meu peito o que há de ruim
E vou dizendo tudo vai ficar bem
E as minhas lágrimas vão secar
Tudo vai ficar bem
E essas feridas vão se curar
Se recebo dor
Te devolvo amor
Se recebo dor
Te devolvo amor*

Termino de cantar ainda de olhos fechados.

*E quanto mais dor recebo
Mais percebo que sou indestrutível*

Os abro e suspiro olhando para a imensidão do mar. Há duas semanas incluí na minha rotina matinal as caminhadas cedinho na beira da praia. Esse exercício tem me ajudado muito a controlar a ansiedade. Gosto de sentar e admirar a vista e o barulho do mar no fim de toda a corrida. Sempre morei perto da praia e nunca valorizei esse lugar. Nunca valorizei esse momento. Estou me reencontrando comigo mesma e descobrindo que a felicidade está nas coisas pequenas.

Respiro fundo o cheirinho da maresia e sorrio. Sorrio porque não preciso de muito para sorrir. A doutora Elisa vem me ajudando a entender o significado de gratidão. Desde que comecei a ser grata pelo simples fato de abrir os olhos e ter saúde o *processo* vem sendo mais leve.

Tenho pensado muito em Henrique. Repasso em minha cabeça desde a primeira vez em que nos encontramos e ele sempre foi tão... tudo comigo. Suas mensagens de bom dia acompanhadas de um eu te amo continuam chegando. Duas vezes quase digitei um “eu também”, mas quero que a primeira vez que eu diga isso esteja olhando nos seus olhos como na primeira vez em que disse para mim.

Eu o amo.

Eu quero viver esse amor com ele.

Só estou criando coragem para me aproximar. Quero que saiba que eu

quero tentar e se der errado? Quero tentar de novo até fazer dar certo. Nós merecemos isso. Levanto limpando os vestígios de areia em mim. Pego minha garrafa do chão e quando levanto os olhos para o calçadão vejo uma figura conhecida no banco. Vou até a passarela caminhando em direção sua direção.

Ela abaixa os óculos de sol enormes e então vejo os inconfundíveis olhos azuis tão claros e únicos quanto os do filho. Sorrio para ela que sorri de volta. Com sandálias de salto, e um vestido de executiva fodona, ela se levanta quando chego perto e me abraça.

— Dona Maria Clara.

— Que nada menina — fala quando se afasta —, dona, está no céu.

Começo a rir.

— Estou toda suada, desculpe. — Tento me desculpar pelo abraço.

— Queria eu estar no auge da juventude com esse corpinho correndo na praia como uma sereia com pernas.

Gargalho.

— Eu ainda não consigo correr.

— Eu hein menina, fica quieta, ninguém precisa saber disso.

Gargalho de novo e ela me acompanha rindo.

— Achei que estivesse na fazenda — falo. Pois é. Fui convidada para o casamento de Isabella, mas, fiquei com vergonha de negar o convite então acabei não confirmando e nem recusando.

— Vim ontem de manhã — ela fala voltando a sentar e dando um tapinha ao seu lado para que eu faça o mesmo. — Liguei para sua vó e perguntei como conseguiria conversar sozinha com você e ela me disse que te

encontraria aqui. Claro que essa procura não foi glamurosa como é nos filmes, né querida? Fiz Guilherme rodar toda a redondeza até te acharmos. Quando achamos, fiz um charme e me sentei aqui para que quando levantasse e me visse o impacto fosse maior. — Não consigo conter a risada. — Ainda bem que você levantou e veio até mim por que eu já estava cansada de ficar sentada aqui no sol. — Gargalho alto. — Inclusive meu marido, Isabella e Pedrinho estão tomando um bom chá de cadeira no momento dentro do carro preto que está ali atrás. — Quando vou tentar me virar ela me impede. — Menina se faça de louca, primeira oportunidade que nós dermos Isabella virá e acabará com nossa cena digna de *Nicholas Sparks*.

— Agora entendo por que é considerada uma lenda em *marketing imbout*. É muito criativa.

— Eu sou. Ser mulher em um mundo machista não é fácil, precisei me tornar a melhor, ser reconhecida por mim mesma e não por ser uma herdeira de um império imobiliário ou por ser irmã de um CEO fodão que foi capa da Forbes por três anos consecutivos.

— Sério? — pergunto chocada.

— Sim. Nunca diga a ele que contei isso, por favor. Juan já tem o ego grande demais para o alimentarmos com essas lembranças.

— Pode deixar — respondo risonha.

— Na sexta perto das onze da noite, meu filho chegou de surpresa na minha casa no Rio de Janeiro — ela fala e o meu sorriso morre. — Sempre que ele faz isso é porque não está bem. Isso aconteceu muito durante a residência, mas, nunca por estar sofrendo por amor.

Desvio os olhos dela voltando a fitar o mar.

— Ele vive do trabalho para casa. Passa os fins de semana com as

crianças — esboço um pequeno sorriso sabendo quem são as crianças —, ou com os avós. Então imagine querida, para ele sair de um dia agitado no centro cirúrgico e voar para o Rio de Janeiro sem uma mala, apenas com a mochila do trabalho é por que o coitadinho estava na fossa — logo se corrige — está.

— Sinto muito. Sinto muito mesmo.

— Não sinta. — Ela toca minha mão e eu volto a olhar para ela.

— Você gosta do meu menino? — pergunta.

— Eu o amo. — Ela sorri.

— Graças a Deus. Já pensou se dissesse que não? Minha cara iria no chão. — Volto a rir.

Essa mulher é demais.

— Licença — um homem fala e nos viramos. — Querida, precisamos ir — seu Guilherme diz. — Tudo bem, Débora? — ele pergunta e me cumprimenta com um aceno.

— Ela está ótima. Ela ama nossa cria, a nossa cria ama ela e juntos vão ficar felizes para sempre.

— Clara — Guilherme adverte, segurando um sorriso. É impossível se manter sério perto dessa mulher.

— Querida — ela levanta e me puxa para levantar também —, preciso ir porque tenho um voo. Isabella vai mandar as passagens por e-mail para você e sua vó. — Ela se vira para o carro e grita. — É na sexta o embarque, filha? — O vidro do carro abaixa e a garota grita de lá.

— O que disse, mãe? — Pedro parece pedir para a noiva não gritar, mas ela só faz um gesto com a mão para que ele pare.

— É na sexta o embarque delas? — Maria Clara volta a gritar. Seu Guilherme apenas põe a mão no rosto evitando os olhares de quem está ao redor.

— Isso! Te espero lá cunhadinha! — Isabella grita de volta e Pedro passa o braço por cima dela fechando o vidro sobre os protestos da noiva.

— Querida, vai estar no seu e-mail e fique tranquila, já pegamos seus dados e o e-mail no seu cadastro do hospital. Ah e o da dona Maria minha sogra já pegou com ela.

— Clara, precisamos ir — o esposo a chama novamente.

Então volta a me abraçar apertado, dá um beijo em meu rosto seguido de um “até sexta” e puxa o marido em direção ao carro. Ele ainda olha para trás com um pedido de desculpas silencioso. Quando saem buzinam.

Começo a rir sozinha, constatando que acabei de ser atropelada pelo furacão Maria Clara. Minha futura sogra, se Deus quiser... e o *Henrique também*. Olho para o céu em sinal de gratidão mais uma vez. Eu precisava de coragem e tive um incentivo e tanto. É inacreditável, mas quando somos gratos tudo à nossa volta começa a conspirar a nosso favor. Isso é real.

Capítulo 36



— Boa noite — cumprimento um dos homens que trabalham para o tio Rubens. — Desculpe pelo horário, cara.

— Imagina, não é incômodo algum vir buscar o sobrinho do *patrão*. — Sua fala não parece irônica e senhor até sorri.

— Eu tive uma cirurgia que durou mais que o esperado e acabei perdendo o meu voo. — Olho para meu relógio de pulso que marca duas e meia da manhã.

— Não tem problema, doutor — ele responde e entramos no carro. — Vai demorar um pouco para chegarmos na fazenda, se quiser dormir.

— Já dormi no avião — falo botando o cinto. — Quando chegar lá eu durmo até umas dez. — Dou de ombros.

— Dez da manhã? — ele pergunta chocado e eu me controlo para não rir.

— Sei que vocês acordam bem cedo, mas se eu não tiver ao menos umas sete horas de sono, não vou aguentar o casamento todo. A noiva é minha irmã gêmea, quero ficar até o fim.

— *Pois e eu não sei?* — ele fala com o sotaque bem-acentuado. — Eu

lembro de vocês tudo pequenininho correndo naquelas terras.

Sorrio com as lembranças. Todas as férias do colégio foram na fazenda, aprendi muitas coisas lá. Vi Isabella e Pedro se apaixonarem e fazerem tudo um pelo outro até que do nada terminaram. Mas as recaídas eram constantes, até que ele foi atrás dela e não descansou até a ter de volta.

Uma novela mexicana de final feliz.



— HENRIQUE! — Não. Estou dormindo. — HENRIQUE ABRE ESSA PORTA!

Ponho o travesseiro na cabeça tentando abafar o ruído dos gritos da minha irmã.

— HENRIQUE!

— Caralho, hein!? — falo me levantando meio zozzo, mal abro a porta e ela me empurra trancando a porta atrás de si.

— Eu vou ficar louca!

— Humm — gemo coçando os olhos.

— Quem disse que casar é coisa de Deus? — Ela joga as mãos para o céu. — Por que inventaram essa merda, senhor? — reclama perguntando para o teto. — Tem um mundo de gente do caralho aqui! Eu falei cinquenta pessoas o que a mamãe e a tia Antonella fizeram? Convidaram trezentas! TREZENTAS PESSOAS!

Caminho até o banheiro com ela tagarelando atrás de mim.

— Eu quero mijar, Isabella! — reclamo por entrar no banheiro comigo.

Invés de sair do banheiro como uma pessoa normal ela vira-se de costas. Vendo que não tenho saída, começo a mijar...

— EU VOU ENLOUQUECER!

Levo um susto tão grande que dou um pulo perdendo a mira do vaso.

— Ah, caralho! — resmungo voltando a mirar no vaso, encarando o cantinho perto do box molhado.

— Sim, mano! É um caralho! Cara, por que elas fizeram isso comigo?

Pego o papel higiênico e seco como posso, a ponta do meu parceiro e o cubro.

— Pode virar — digo quando vou lavar a mão.

E as reclamações continuam. Lavo a mão, o rosto, escovo os dentes, escolho uma roupa, visto a roupa. E ela permanece ali, reclamando. Saio do quarto andando pelo corredor do hotel fazendo e ela continua ali, do meu lado, reclamando.

— Filha! — minha mãe chama e Isabella gruda no meu braço como se tivesse ouvido um fantasma. — Henrique você quase me mata do coração, viu? — Minha mãe muda seu alvo me dando um tapa.

Ótimo.

Agora estou no meio da maluca mãe e da gêmea do mal.

— Achei que viria hoje e chegaria atrasado no casamento da sua irmã! — Me dá outro tapa então puxa Isabella pelo braço. — Menina, você

tem que fazer as unhas ainda! Onde estava? — E sai rebocando a filha porta afora.

Por um momento sinto pena da minha irmã. *A pena passa rápido.* Caminho até o espaço onde servem o café. Tiro o celular do bolso e mando mensagem para o meu pai e Kauã perguntando onde estão. Meu pai diz que estão na cabana do tio Rubens. Pergunto se lá tem café e ele responde com uma mão em fazendo joinha.

Mudo meu percurso indo em direção à cabana, não dura nem cinco minutos e logo estou chegando perto da construção de madeira rústica. Chamamos de cabana porque segundo eles quando o tio Rubens a construiu era realmente uma. Com a chegada do Pedro e algum tempo depois do Vitor foi preciso uma reforma aumentando o local.

Paro de supetão quando olho para a árvore com balanço. Fico meio zozinho com a visão. Vitória empurra Débora que está sentada no balanço. Parece cena de filme. Sinto algo, uma pedrinha sendo jogada perto dos meus pés e olho na direção vendo que é Kauã sentado em um banco ao lado de uma floreira. Vou até ele, sem desviar os olhos da morena no balanço. Ela não me vê e acho isso bom. Pelo menos por enquanto. Sento ao lado do meu amigo.

— Tá de boa? — ele pergunta, afinal foi espectador do meu estado decadente nos últimos meses.

— Cara, o que ela faz aqui? — Nego com a cabeça reformulando minha fala: — Quer dizer, eu sei o que faz aqui. Ela foi convidada. Só parece, surreal... ela me evitou por dois meses e agora veio para o meio da minha família? Quer dizer... — Passo a mão na cabeça atônito.

— Ela gosta de você cara. Cada carro que chegava ontem ela olhava esperando que você saísse por ele. Quando o seu pai disse que chegaria de madrugada, a menina até ficou triste.

— Não faz sentido, Kauã.

— Essas coisas do coração não fazem sentido — diz olhando para Vitória. — Estou a menos de seis meses com ela, mas eu sei que é ela — sorri —, é ela, cara.

— Fico feliz por vocês — respondo sincero. — Tio Juan está pegando muito no seu pé? — Ele ri.

— Só o normal dele. Eu já acostumei, ele é um cara do bem e, acho que já percebeu que eu não vou a lugar algum. — Ele olha além de nós. — Vê se não desmaia, elas estão vindo para cá.

Começo a rir. Se não tivesse trinta anos na cara, poderia jurar que é de nervoso. *Talvez seja*. Em minha defesa, o aviso do meu amigo foi engraçado. Me senti novamente com dezesseis anos de idade.

— Oi, primo. — Vic beija meu rosto e senta no colo do namorado que não demora em envolver sua cintura e trazer ela ainda mais para perto.

— Oi — Débora diz sem jeito quando para em minha frente.

Se possível ela está ainda mais linda. Parece mais... viva.

— Doutora — respondo em um cumprimento. Ela sorri e eu sorrio de volta. *Como sempre foi*.

— Kauã. — A voz faz todos nós virarmos em direção as escadas da varanda da cabana. — Que isso? — Ele indica com a cabeça a filha no colo do genro.

Kauã gargalha e Vitória rola os olhos.

— Isso sou eu demonstrando à sua filha que não consigo ficar longe dela — Kauã fala e tio Juan faz um gesto de desdém com as mãos.

— Vem aqui garoto, precisamos ter uma conversa.

— Já não conversamos ontem? — Kauã pergunta confuso. Vitória ri quando tio Juan olha para o céu como se pedisse paciência a alguma força divina.

— Vem, lindo. — Vamos entrar minha prima o chama.

— Vocês não vêm? — Kauã pergunta.

— Estou morto da fome — concluo.

— Eu vou ver como a Vó Maria está.

— Débora não precisa se preocupar, ela está com vó Joaquina — Vic responde e Débora parece ainda mais sem jeito.

Será que ela nunca mais vai se sentir à vontade perto de mim?

— Vou indo na frente — respondo desconfortável.

— Henrique — Débora me chama. Vic e Kauã vão na frente nos deixando sozinhos. — Como você está? — Ela pergunta.

Na merda.

— Bem — é o que respondo. — E você, como está?

— Em um processo — franzo a sobrancelha —, é como chamamos o meu tratamento.

Apenas aceno com a cabeça. Tenho vontade de perguntar, de saber... mas o medo de afastá-la ainda mais me faz ficar calado, sem saber ao certo como agir.

— Então, vou entrar para tomar café — falo depois de um silêncio, novamente me sentindo desconfortável. Ela apenas acena sorrindo sem mostrar os dentes. Viro e caminho em direção à escada que dá para a varanda da casa.

— Henrique — ela volta a chamar quando estou lá em cima. Me viro.
— Eu também te amo.

Arqueio a sobrancelha surpreso.

— Queria que a primeira vez que ouvisse isso de mim fosse assim, com você olhando para mim e não por mensagem.

Fico sem saber o que dizer e acho que até faço uma careta estranha porque ela ri.

— Até mais tarde. — Sorri e se vira, acredito que indo para o hotel.

Quando me viro ainda atônito, meu pai e tio Juan saem do lado da porta.

— Eu não acredito que vocês estavam escutando atrás da porta.

— A porta estava aberta — tio Juan fala. — Então tecnicamente estávamos escutando ao lado da porta — ele conclui e meu pai ri me puxando para um abraço assim que entro dentro da cabana.

— Ela disse que te ama, filho.

— Ela disse que ama ele? — tio Rubens pergunta do sofá.

— Quem? A Débora? — Pedrinho pergunta sentado no chão ao lado do irmão. Estão jogando videogame.

— Sério que ela disse? — Vitor pergunta. — Ontem ainda disse a ela que dava tempo de desistir de você ficar com o primo mais gato. — Aponta com o controle do videogame para o próprio peito.

— Ela falou o que mais? — Vic pergunta.

Fico tonto olhando para todos que de formas diferentes fizeram a mesma pergunta.

— Deixem o homem sentar. Tomar café. Cara, vocês são muito fofoqueiros — Kauã me defende e suspiro em agradecimento indo até à mesa e sentando ao seu lado. — Ela disse mais alguma coisa? — repete a pergunta de Vitória assim que encho a xícara de café fazendo todos começarem a rir.



Ela estava linda.

Minha irmã usava um vestido branco de tecido leve. Era simples, ainda assim, impactante. A maquiagem nos olhos estava fraca contrastando com os lábios vermelhos. Os votos foram lindos e eu até chorei. Bem na real quando ela entrou eu já chorei. Caralho ela casou mesmo. Isso realmente aconteceu.

Diferente do que disse mais cedo, o casamento deveria ter entre cem e cento e cinquenta pessoas no máximo. A decoração era simples, mas isso não deixava o cenário menos impactante. Pedrinho também estava todo de branco parecendo ainda mais alto do que é.

Os dois fazem um casal lindo.

Imagino como seus filhos serão. Loiros como o pai ou morenos como a mãe? Talvez uma mistura dos dois. O que eu sei, é que serão amados, muito amados. Vou ser o tipo de tio babão como o tio Juan sempre foi conosco. Durante a cerimônia eu olhei para Débora descobrindo que ela já me encarava. Ela não desviou os olhos como imaginei que faria, apenas sorriu e como sempre eu sorri de volta. Tudo muito parecido com as milhares de comédias românticas que Isabella e Vitória me fizeram assistir com elas

durante os últimos anos. Nesses filmes os finais sempre eram felizes, torço para que o nosso também seja.

Agora, sentados à mesa comendo a comida caseira e maravilhosa, achamos graça quando Vitor conta parte das coisas que fazíamos quando éramos crianças. Vitor é o mais novo, porém nunca foi deixado de lado nem quando éramos adolescentes.

— As meninas sempre caíam matando no Henrique — ele conta. — Tudo por causa desses olhos azuis.

— Qual é, pirralho? — comento. — Absurdamente azuis. Dê o crédito certo à tonalidade rara dos meus olhos.

Todos riem.

— Se acha — Isabella comenta. — Tá louco.

Como sempre, minha irmã não seguiu o planejado. Ela e Pedro sentaram em uma mesa conosco. Precisamos juntar duas mesas redondas para caber todos os primos e Kauã e Débora.

— Não tenho culpa se você nasceu com os olhos escuros — alfineto.

— Meu olhos são lindos — ela defende e Pedrinho concorda beijando seu ombro.

— Não disse que eram feios — dou de ombros —, mas sempre sou julgado por ter os olhos como os da mamãe. Vitória tem os olhos do tio Juan e ninguém fica incomodando-a — concluo.

— Os meus olhos são de um azul pálido, normal. Os seus são azuis, tipo bem azuis. — Agora todos na mesa me olham, inclusive Débora.

— Os meus são não são azuis, mas, são verdes — Vitor chama atenção para ele —, me olhem, apreciem, eu deixo — fala e pisca para

Débora nos fazendo rir.

— Esse garoto puxou muito a nossa mãe — Pedro fala bagunçando os cabelos do irmão que reclama.

— Querida — minha mãe chega à mesa —, já jantaram? — pergunta aos noivos. — Precisamos começar a sessão de fotos.

— Mãe eu comi tanto que não sei se aguento ficar muito tempo em pé agora — minha irmã responde.

— Minha filha você é a primeira noiva que faz tudo diferente do esperado — ela fala e logo conclui: — muito minha filha, adorei.

Todos voltamos a rir.

— Mas eu sou forte — Bella responde. Limpa a boca com um guardanapo e levanta estendendo a mão ao esposo.

Esposo. Ela realmente se casou.

— Marido, vamos lá. — O sorriso que ele abre é tão grande que não sei como não desloca a mandíbula. Ele levanta e vai com ela.

— Eles são tão lindos — Vitória diz sonhadora.

— Linda é você — Kauã responde ganhando um sorriso tímido.

— É — Vitor fala e se vira para Débora. — Você é linda, morena.

Ela arqueia a sobrancelha.

— Tem certeza de que não prefere os loiros? — pergunta a ela indicando a si mesmo. — Esse negócio de olhos azuis já está fora de moda.

— Vitor deixa de ser chato, menino — Vitória reclama.

— Ele está mesmo tentando furar o olho do Henrique? — Kauã pergunta a Vitória, mas todos ouvimos.

— Ele está brincando — ela responde olhando para Vitor.

— Estou... ou não. — Pisca para Débora. Apenas nego com a cabeça achando graça, sei que está tentando fazer com que me irrite e tome uma atitude. Dessa vez não posso fazer nada, a atitude tem que partir dela.

Continuamos sentados bebendo e jogando conversa fora até que chamam as solteiras dizendo que o buquê vai ser jogado pela noiva. Lógico que a tia Helena vem e sobre os protestos do tio Juan faz Vitória ir tentar pegar o buquê. Débora não vai. Vitória fica encolhida, tímida entres as meninas eufóricas e ansiosas pelo momento. Minha irmã conta três vezes até três, ela finge jogar o buquê, porém não o joga. Na quarta vez, conta até três, então se vira de frente para as meninas e caminha em direção a elas. Todas ficam confusas. Ela pede licença a algumas e para na frente da nossa prima pega suas mãos e põe o buquê sobre elas. Vitória fica confusa e vermelha de vergonha. Ouço a cadeira ao meu lado ser arrastada para trás e então vejo Kauã caminhando em direção da namorada.

— Caralho — ponho a mão na boca —, ele vai mesmo fazer isso? — comento com Vitor e Débora que não parecem surpresos.

Ele para em frente a ela e faz menção de se ajoelhar, mas ela segura sua mão para que fique de pé. O silêncio reina no salão. Olho em direção ao tio Juan que está em pé com uma cara impagável, começo a rir colocando a mão na boca.

— Eu não quero te assustar. Estamos juntos há pouco tempo, tenho um horário louco de trabalho e posso não estar tão presente quanto qualquer outro homem com uma profissão mais flexível estaria. O que posso te garantir é que nenhum outro vai te amar como eu te amo. Eu quero isso meu anjo, quero isso para o resto da vida. — Põe a mão no bolso, tirando uma caixinha de veludo preta não consigo ver os detalhes da aliança quando ele

abre por estarem há uma certa distância. — *Fica* comigo? — Ela sorri quando ela muda a palavra “casa” para “fica” e se joga em seus braços.

— Acho que vou infartar! — Tio Juan volta a sentar com a mão no coração.

— Lindos! — Tia Helena grita com os olhos cheios de lágrimas.

Depois de aplausos e assovios eles voltam a sentar em nossa mesa. Parabenizo os dois e questiono Kauã por não ter me falado. Ele apenas responde que não queria me deixar mal e de repente eu fico constrangido, assim como Débora também. Bendito é Vitor que solta uma de suas pérolas quebrando a tensão.

Ainda que a minha vida amorosa não esteja das melhores fico feliz que as pessoas à minha volta estejam se acertando. Não tocamos em assuntos pessoais, mas durante o jantar e até quando o baile começa Débora não sai do meu lado e isso de alguma forma me dá esperanças de que talvez nem tudo esteja perdido.

Capítulo 37



— Mas ela está rondando ele! — Isabella reclama enquanto eu e Vitória seguramos seu vestido para ela fazer xixi meio em pé, meio sentada.

— Eu sei Bella, mas é o casamento da irmã gêmea dele, o seu casamento. Não posso simplesmente puxar o cara e levar ele para o quarto agora.

— Não dá para pelo menos você conversar com ele agora?

— Não. — Suspiro. Eu vou conversar com ele, mas não vai ser *bem* conversar.

A noiva pega o papel higiênico e se limpa, não dá de ver. “Deu” ela fala se levantando, largamos o vestido e ela se ajeita.

Sáímos da parte do BW indo até a bancada do lavabo onde ela lava as mãos.

— Ele não está dando moral para ela... apenas está sendo educado.

— Eles já se pegaram nas antigas e você sabe muito bem disso, Vitória.

— Ele já pegou a fazenda toda, isso não quer dizer nada — Vitória fala e fica sem jeito. — Foi mal, Débora.

— Não tem problema — respondo sincera. O que não significa que me incomode. — Não estamos juntos... não posso exigir nada.

Ainda.

— Pois eu no seu lugar iria até ele e marcaria território.

— Você quer que eu faça uma cena? Ele vai me achar maluca — falo quando saímos do banheiro.

E assim que vamos se aproximando volto a ver a garota perto de Henrique. Ele está sentado e ela está ao seu lado, *perto demais*.

— Essas meninas são muito caras de pau — Vitória comenta.

— Você está sendo modesta, Vic. A mulher só falta enfiar os peitos na cara do meu irmão — Isabella comenta.

— Tudo bem, bombom? — Antonella pergunta à nora assim que ela e Maria Clara se aproximam da gente. Já percebi que os sogros, o cunhado e o noivo a chamam de bombom.

— Não, tia — ela responde a sogra e agora já acho essa dinâmica de chamar a sogra de tia normal. Todos se criaram juntos, não se perde um hábito de criança tão fácil. — Aquela ruiva não sai do pé do Henrique.

— É — Maria Clara observa. — Está caidinha no meu menino.

— E você não vai fazer nada? — Antonella me faz a mesma pergunta que Isabella instantes atrás.

— Eu não posso tirar ele da festa agora — respondo.

— Não tire — ela me diz, ajeitando os cabelos loiros e empinando o nariz. — Vá lá e deixe claro para a menina que ele não está disponível.

— Ele vai me achar louca — falo rindo de nervoso.

— Ele também precisa saber que não está disponível — completa.

— Concordo com ela — minha futura sogra acrescenta —, zero defeitos — conclui nos fazendo rir.

Elas não parecem ter as idades que tem. Além de conservadas são extrovertidas e completamente joviais. Diferente da mãe da Vitória que é discreta e contida.

— Para de pensar, Débora. — Isabella praticamente me empurra na direção de Henrique.

Respiro fundo ajeitando meu cabelo. Respiro fundo de novo arrumando os peitos no vestido. Respiro fundo novamente botando uma dose de falta de vergonha na cara no rosto. Então, me faço de louca fingindo não estar nervosa. Chego em frente a Henrique que vira o rosto em minha direção sorrindo educado. Sorrio de volta e sento em seu colo.

Sua expressão de surpresa dura pouco. Ele morde o lábio parecendo se divertir. Então envolve minha cintura com um braço enquanto descansa a mão que segura um copo de cerveja em cima das minhas coxas. A garota tem a decência de dar um passo para trás.

— Prazer. — Estendo a mão na direção dela. — Débora.

— Prazer — ela devolve apertando minha mão. O que no mínimo é estranho. — Leticia. Vocês...? — ela deixa a pergunta no ar.

Henrique me olha nitidamente segurando o riso e esperando que eu responda.

— Namorados — falo olhando para ela e então volto a fitar Henrique.
— Você não contou a ela, amor?

— Ela não perguntou — responde dando de ombros.

— Eu vi vocês juntos no jantar e... estavam dançando perto um do outro, mas eu não associei uma coisa à outra. Desculpe se fui inconveniente — fala envergonhada.

— Não tem problema, o fato de namorarmos não nos tira o direito de conversarmos com outras pessoas — repondo bem madura.

Tudo teatro.

Ela conversa mais um pouco, dessa vez me inclui e logo se afasta. Me balanço de leve, ainda no colo dele ao som do sertanejo universitário que o DJ toca. Sinto o olhar de Henrique em mim, me faço mais alguns segundos de louca como diria minha futura sogra até que me viro e olho pra ela que está rindo.

— Qual a graça? — pergunto também rindo.

— A situação — ele responde e toma um gole da sua cerveja.

— Você não está disponível — falo seguindo o conselho da dona Antonella.

— Não mesmo — ele responde na hora, sem nem pensar. — Você não precisava afirmar isso. Não aconteceria nada. Não aconteceu nada nos últimos meses.

Suspiro colocando as duas mãos em seu rosto.

— Você é um príncipe. — Mexo em sua barba. — Já faz umas três semanas que eu venho pensando em como me aproximar.

— E descobriu? — pergunta deixando o copo na mesa ao lado. Com braços ele me segura e se ajeita na cadeira me mantendo firme em seu colo.

— Eu iria no hospital conversar com você... — mordo o lábio nervosa —, mas sua mãe foi mais criativa.

— Como assim? — pergunta.

— Conversamos na terça e ela me deu o incentivo que precisava.

Ele olha à nossa volta e quando encontra a mãe que nos observa ela disfarça e puxa o marido começando a dançar de uma forma nada discreta. Henrique gargalha e eu o acompanho.

— Minha mãe, minha família toda é... peculiar. Nem se eu pudesse, eu não mudaria nada.

Olho para além dela. Minha vó está sentada com dona Júlia e seu Alberto. Nós fomos acolhidas, já é como se fôssemos da família.

— Nós ainda precisamos conversar — ele diz e eu volto o meu olhar a ele. — Eu sei que não é um assunto agradável, mas...

— Tudo bem — respondo antes que termine. — Vamos conversar hoje ainda.

Ele suspira em alívio.

— Você vai precisar me compensar. — Quando vou responder que vou contar a ele tudo que precisa saber, ele conclui: — Foram muitos “bom dia e eu te amo” sem respostas.

Esse homem é tão... tudo.

— Isso não vai ser um problema. — Sorrio.

— Pode começar agora — me encara sorrindo de lado —, faz mais de dois meses que não beijo na boca.

Sorrio, e então o beijo.

Para muitos, um beijo pode até ser um gesto simples, mas ele representa tantas coisas, que significam tão mais que um singelo toque de

lábios. É algo tão íntimo e às vezes a sua intensidade consegue mostrar através do gesto o que não conseguimos expor através de palavras. Esperei tanto por esse momento que agora que finalmente está acontecendo, esqueço de tudo ao nosso redor. Ele dá algumas mordidinhas no meu lábio inferior selando a minha boca.

— Caralho, acho eu estou tonto — ele fala.

É inacreditável como ele consegue trazer leveza para tudo.

— Então trate de se recompor, doutor. — Me levanto e pego sua mão o puxando para que levante também. — Vamos comemorar junto a sua irmã gêmea o casamento dela.

Ele concorda e levanta.

— Ah — chego perto de novo —, eu te amo — falo selando sua boca.

— Esse é um bom tipo de compensação — ele afirma.



Depois de nos despedirmos de Isabella e Pedro que saíram da festa direto para o aeroporto com destino a Cancún, saímos em direção ao hotel. Precisava pôr em prática o que tinha em mente.

— Vai ficar no meu quarto, comigo? — pergunta e eu sinto uma ponta de insegurança em sua voz.

— Você vai ficar no meu.

— Não me oponho — responde de imediato me fazendo rir. — Qual

seu quarto?

— D10. — Ele assobia.

— Você ficou com um dos que têm hidromassagem.

— Fiquei. — Finjo beijar o ombro.

Claro que fiquei, *graças a sua mãe*. Que não mediu esforços em me ajudar a fazer as coisas darem certo. Caramba... eu tirei a sorte grande até nisso. O hotel tem quatro andares de cores diferentes. Cada andar tem 10 quartos e apenas um em cada andar tem hidromassagem, que são todos com o final 10. Subimos as escadas até chegarmos no meu quarto. Abro com a chave que tem uma pluma azul como a cor do quarto, como a cor dos olhos *dele*.

— Você está com alguma fixação em azul? — ele pergunta risonho assim que entra no quarto e começa a tirar a camisa branca que está usando.

— A cor do meu vestido foi uma coincidência — respondo sincera.

— Deveria ter dito que escolheu essa cor por estar apaixonada por mim. Eu não ficaria triste. — Tira os sapatos e as meias os deixando organizados no chão ao lado da cômoda e então vai até a cama e senta, me olhando. Me analisando. — Se você não estiver confortável eu posso ir para o meu quarto.

Apenas faço que não com a cabeça. Vou até a minha bolsa, abro e pego o envelope branco, vou até a frente dele.

— Eu não sou boa em expressar meus sentimentos verbalmente, então eu fiz uma carta para você. — Respiro fundo, de repente me sentindo tímida.

Ela não ri, não faz nenhuma piada, pelo contrário. Parece levar a sério o que me deixa aliviada.

— Eu devo ler quando? — pergunta.

— Agora — respondo ansiosa.

Eu sempre gostei de ver as expressões das pessoas quando elas liam. Assim foi com a doutora Elisa, com a minha vó, com a dona Júlia e Morgana.

De: Débora

Para: Henrique

Doutor,

Foi assim que eu te conheci. O cirurgião fodão de jaleco branco que arrancava suspiros onde passava (não que isso ainda não aconteça, prefiro ignorar essa parte). Eu não conseguia ver além do médico bonito. O herdeiro do hospital e o pegador. Eu te julgava ser fútil, playboy, mimado... e hoje eu vejo que foi aí que o meu “processo” começou. Eu te julguei e eu não fiz isso só uma vez. Você com toda a paciência do mundo me mostrou em ações que as coisas não são como parecem e suposições são apenas isso. Suposições. Suas atitudes se sobressaíram sobre qualquer achismo que eu poderia ter, e assim, de repente, eu me apaixonei. Eu evitei. Nossa, como eu tentei evitar, ignorar esse sentimento. Todas as minhas tentativas foram falhas, pois você já vinha quebrando um a um dos tijolos do muro que eu tinha construído para me esconder. Você não me pressionou por respostas quando viu minhas marcas. Você não me pressionou quando eu me afastei. Esses foram os maiores sinais de respeito que você poderia me dar. Então eu voltei e você me aceitou. Você me viu ferida e preferiu sacrificar o que tínhamos desde que isso significasse que eu teria ajuda. Você colocou o meu bem-estar como prioridade por mais que fosse julgado novamente, injustamente. E você foi. Eu te julguei, eu te culpei. Então, quando aceitei o processo eu percebi que sim, você me amou. Você me cuidou. Então eu mesma chutei o resto dos tijolos, aceitei esse sentimento e me permiti pensar em você. Eu me permiti te amar, mesmo que distante. Você precisa saber que eu fui abusada, violada. E agora, nesse momento é isso que consigo te contar. Eu estou em um processo de cura. Pode ser que levem meses, anos, eu não sei. O que eu sei é que eu quero estar com você. Quero viver todas essas fases com você ao meu lado. Eu sei que você é o meu príncipe, mas eu

não quero que você me salve... só me dê a mão e esteja comigo. Foi quando me perdi em você, que me encontrei. Eu vou me curar por nós, mas, antes disso vou me curar por mim.

Eu te amo.

Da sua princesa, Débora.

A forma que ele limpa as lágrimas dos olhos quando termina a carta aumenta ainda mais meu sentimento por ele. O fato de ele nunca esconder suas vulnerabilidades e não se preocupar que isso afete sua masculinidade o deixa ainda mais atraente.

Eu amo esse homem.

— Isso — ele levanta a carta —, é suficiente para mim. — Levanta me empurrando até que as minhas costas se apoiem na cômoda. — Eu vou continuar respeitando sua individualidade. Eu não tenho pressa. Eu não tenho regras e nem quero que me faça promessas. Eu quero você, para assim fazermos acontecer nós dois.

— Eu vou te beijar — respondo.

— Estou contando com isso.

Meus lábios se chocam contra os seus. Sinto novamente como se tudo à nossa volta deixasse de existir. Nos beijamos de forma lenta como se assim matássemos toda a saudade emocional e física que sentíamos. Seguro seu rosto entre as minhas mãos com o desejo de que esse beijo nos fundisse um ao outro. Nossas respirações se aceleram deixando claro o desejo crescente. Aos poucos todas as roupas são tiradas e já não existe tecido algum, só o calor de nossos corpos um contra o outro. Existem várias formas de se conectar, sexo é muito mais que penetração, mas, nesse momento, é o que quero. É o que eu preciso. Quero que esteja dentro de mim tornando nosso

corpo um só.

— Quero você agora — peço quando sinto minhas costas contra a cama.

— Você está muito apressada. — Ele beija meu pescoço com a intenção de descer por meu corpo, mas eu o puxo.

— Quero que me coma, agora. — Os olhos sempre tão azuis parecem encolher diante do meu pedido.

Ele tenta se afastar, suponho que para pegar a camisinha. Fecho minhas pernas em sua cintura.

— Estou tomando pílula.

Quero pele contra pele. Quero tudo que possa me dar.

— Tudo bem — diz se posicionando. — Quero que você olhe para mim — fala enquanto desliza, me preenchendo. — Isso é muito mais que sexo para mim. — Puxa meu lábio inferior entre os dentes.

— Eu sei. *Faça amor comigo.*

Eu encarei seus olhos conseguindo ler tudo que me dizia. Seu corpo estava se declarando a mim em uma dança lenta e sensual. Seus dedos tocaram o meu centro me ajudando a chegar ao ápice e quando eu o fiz ele aumentou o ritmo gozando em seguida e essa foi a primeira em que fizemos *amor*.

Capítulo 38



Ser o neto do dono do hospital também tem seus pontos positivos. Talvez, pela primeira vez, como quem não quer nada... eu tenha mexido na escala dos médicos para que minhas folgas coincidissem com as da minha namorada.

Ela volta a trabalhar hoje.

Ontem estava tão ansiosa que teve dor de barriga. Quando saiu do banho a vi olhando emocionada para o estetoscópio rosa de flaminga que eu lhe dei de presente em comemoração à sua volta. Como sou um namorado muito foda, essa não é a única comemoração que teremos.

Decoramos o consultório dela com balões e eu encomendei docinhos e salgadinhos para o evento. Tudo bem, ficou parecendo mais uma festa de aniversário do que uma comemoração de boas-vindas, mas isso não me deixou menos eufórico. Foram sete meses afastada, ela merece isso e muito mais.

Todos sabem que estamos juntos. Depois do casamento da minha irmã quando nos acertamos, começamos a namorar. Ninguém pediu ninguém em namoro, simplesmente aconteceu. Quando nos perguntavam o que éramos era isso que respondíamos.

Depois de quase dois meses juntos, estávamos correndo na orla de Copacabana em um domingo de manhã em um dos vários fins de semana em que visitávamos os meus pais. Paramos para beber água de coco em um dos quiosques e eu vi seu olhar em uma relojoaria, pensativa. Ela simplesmente olhou para mim e disse “acho que deveríamos ter uma aliança” e assim, ficamos noivos.

Sim. *Noivos.*

Eu que não sou bobo nem nada sugeri uma aliança dourada que havia “achado muito bonita” ela sorriu negando com a cabeça e para minha surpresa concordou. E eu que fiquei tirando com a cara do Kauã por ficar noivo com quatro meses de namoro, fiquei noivo com dois.

Como minha mãe, muito sábia diz “nossa língua é o chicote do cu”. Desconheço ditado mais verdadeiro.

Vivemos um na casa do outro. Em alguns dias eu saio com os meninos, ela com as meninas. Tenho ciúmes? Sim. Porém, confio nela e de resto vou fingindo maturidade até eu me tornar um ser evoluído.

É sobre respeito.

Nossa relação é muito firmada no respeito. Pelas opiniões diferentes, pelo limite um do outro e por respeitar o fato de que mesmo juntos, temos nossa individualidade.

É sobre somar um na vida do outro.

É sobre apoiar um ao outro.

É sobre amar um ao outro. Sem sufocar, anular, oprimir.

É sobre tentar, e continuar tentando para que o fogo nunca se apague e o amor nunca acabe.

— Henrique, você olhar o celular o tempo todo não vai fazer com que ela chegue mais rápido — Kauã fala me repreendendo.

— Eu pedi para que a psicóloga a segurasse até às dez horas já são dez e vinte — respondo.

— Querido, tenha calma — minha avó pede.

Estamos aqui, eu, Kauã, Sam, Morgana, minha vó, meu vô, algumas amigas da Débora do corpo clínico e Cris a recepcionista que me odiava, mas, agora, parece me tolerar. A janela está fechada, a luz apagada para que ela não perceba quando chegar. O barulho na porta denuncia que alguém está girando as chaves. Todos ficam em silêncio, a porta se abre e então acendo a luz e como combinado todos gritam “surpresa”. Débora dá um gritinho e põe a mão no coração, surpresa. Seus olhos se enchem de lágrimas e eu vou abraçá-la.

— Bem-vinda de volta, princesa — falo em seu ouvido, ela ri e beija meu pescoço.

— Larga o osso, também queremos abraçar ela — Sam reclama e me afasto.

Débora não se importa em limpar as lágrimas. O *processo* vem deixando-a cada dia mais à vontade consigo mesma e com seus sentimentos. Ela já não os reprime ou os esconde e isso me deixa muito orgulhoso.

— Você está ainda mais linda, hein doutora? — Sam elogia.

— Vá arrumar sua própria mulher garota — brinco e todos riem.

Sam está saindo com uma menina há um tempo. Pela primeira vez ela parece interessada em ir além das bases. Estou torcendo para que dê certo, ela merece. Minha alegria dura pouco, pois sou bipado para ir a emergência.

— Vou precisar ir — falo para minha namorada. — Guarda comida pra mim.

Ela ri.

— Claro. — Deixa um beijo em meus lábios. — Vamos ter um almoço saudável hoje. — Pisco para ela e vou em direção à emergência.

Incrível como até o hospital parece mais bonito hoje.

Caminho em direção à emergência o mais rápido que posso, evito até esperar o elevador. Quando chego a área privada da emergência, estranho o fato de tantos policiais ali. Pego as luvas na bancada as colocando enquanto me aproximo do paciente.

— Qual o caso? — pergunto ao paramédico da ambulância.

— Lesão na parede torácica.

Me aproximo do paciente e me surpreendo ao ver que é o Muralha. O homem que operei meses atrás enquanto tinha uma arma apontada em minha cabeça. *Esse cara tem quantas vidas?*

— Muralha nos encontramos de novo. Sou o doutor Henrique o mesmo que te operou meses atrás. — Ele esboça um meio sorriso, mas sua dificuldade para respirar é evidente.

Ele está ficando hipotenso.

— Quero uma agulha de descompressão de *bitola* 16! — grito já me preparando para o procedimento.

Assim que a agulha é posta em minhas mãos começo o procedimento de descompressão imediata inserindo-a no espaço *intercostal* ^[13] na linha *hemiclavicular* ^[14].

O ar volta a ser expelido normalmente.

Como a agulha de descompressão provoca um pneumotórax simples^[15], faço um dreno de tórax.

— Doutor... — Sam para ao meu lado quando estou terminando a checagem do dreno. — Porra! — ela fala e logo põe a mão na boca. Tento de todas as formas não rir.

— Precisa de algo, Samanta? — pergunto a trazendo de volta para o agora.

— Na verdade, sim... — Ela parece pensar. — O doutor tem um procedimento em vinte minutos. — Conhecendo do jeito que a conheço ela esqueceu o nome do procedimento por isso não o disse.

— Vou pedir alguns exames do paciente e passar para o clínico geral do turno e já estou subindo.

— Certo — ela responde e se afasta.

— É... — o paramédico gagueja. — Vocês... ela tem alguém?

— Sim. Não sou eu, estou noivo — falo simplesmente, gosto de contar. — A Samanta tem alguém, mesmo que não tivesse você não teria chances. Ela é lésbica.

— Ah... — murmura sem jeito.

Converso com o clínico geral e passo o caso do Muralha para ele. Vou para o corredor e dessa vez não dispenso o elevador, peço que segurem e assim que entro no elevador vejo Juliana, sem jeito.

— Bom dia — cumprimento e fico olhando para as portas do elevador esperando que suba rápido.

— Parabéns pelo noivado — ela fala depois de um tempo e eu só não

ignoro porque em sua voz não parece ter sarcasmo ou ironia.

— Obrigado.

— Henrique — ela volta a falar e eu a olho —, desculpe por... ter forçado a barra.

— Tranquilo.

O silêncio volta a reinar e quando as portas do elevador se abrem no andar do centro cirúrgico e eu saio sem olhar para trás. Foi bom que essa “conversa” tenha acontecido, não gosto de guardar rancor de ninguém, porém, prefiro manter a distância. Ela na dela, eu na minha e vida que segue.



Estou na sua sala

Estão arrumando o ar- condicionado do meu consultório

Hummm, você tem um banheiro só seu. Muito chique, doutor.

Vai demorar? Os salgadinhos vão esfriar, se eu pedir para usar

O micro da cantina de novo vão me matar.

Sua última mensagem foi enviada há oito minutos.

Estou descendo, princesa.

Desço pelas escadas e sem demora estou na porta do meu consultório.

Abro a porta e assim que a vejo perco o ar. Tranco a porta atrás de mim, pois é impossível ver ela toda sexy e não ter pensamentos pecaminosos.

Não consigo ver qual blusa, mas deve ser uma regata escura. Por cima o jaleco, calças jeans justas, uma sandália de salto alto estampada de tigrado e para completar o look de doutora sexy óculos de grau. Hoje no início da manhã nem consegui fazer minha inspeção diária pelo seu corpo.

Assobio.

— Caralho, acho que acabei de adquirir um fetiche por jaleco branco.
— Ela ri alto e se levanta da cadeira que estava sentada.

Para acabar com o meu juízo ela senta na minha mesa cruzando as pernas.

— Só lamento para você, eu sou noiva. — Levanta a mão me mostrando nossa aliança.

— Ele é um cara de sorte — admito me aproximando.

— E gostoso também — diz assim que paro na sua frente.

Com as mãos a incentivo em descruzar as pernas, me colocando entre elas.

— Henrique... — adverte.

— Eu tranquei a porta.

— Com quantas já transou aqui?

— Aqui na minha sala, ou aqui no hospital?

Ela revira os olhos e bufa.

— Aqui na sua sala.

— Ninguém, princesa. Esse seria o primeiro lugar que me

procurariam.

— Entendi... com as outras você não poderia ser interrompido e comigo pode? — pergunta arqueando a sobrancelha.

— Não, amor. Com as outras eu não queria ser descoberto, já com você não ligo. Estamos juntos.

— Hum — responde se fingindo de brava.

— Agora eu posso te beijar, *doutora*?

— Já demorou, *doutor*.

Minhas mãos vão para sua cintura e como sempre que encosto meus lábios nos seus, meu corpo parece ganhar vida. Nossos beijos são mais que apenas beijos apaixonados ou sensuais. É como se partilhássemos nossa energia, um com o outro e vibrássemos juntos em uma única sintonia.

É sempre um momento único.

Tudo com ela é.

Quando nos beijamos estamos falando de um beijo de verdade, um beijo de amor. É como se nossas línguas brincassem se conectando uma com a outra. Cientificamente falando quando nossas línguas trocam saliva, eu envio para ela o hormônio da testosterona, causando arrepios e nos levando a excitação. Essa seria a minha explicação como profissional da saúde.

Como homem a explicação é simples.

Essa mulher é gostosa pra caralho. Tudo nela me deixa louco então é inevitável que eu não queira levar um beijo a algo sexual. Cacete, eu poderia transar com ela em todos os intervalos de boa.

— Henrique — reclama manhosa quando desço os beijos para o seu pescoço enquanto minhas mãos já estão abrindo sua calça jeans que por sinal

é bem justa e dificulta o meu *trabalho*.

— É só um carinho, amor — murmuro.

Ela apoia as mãos na mesa e arqueia o quadril me ajudando. Sem demora puxo a calça até perto dos seus pés, mas não as tiro. Boto as mãos afastando-as vendo o tecido cor de vinho da calcinha molhada. Toco o tecido a fazendo suspirar. Quando puxo a peça de lado um fio de lubrificação vem junto e essa visão faz meu pau pulsar forte sobre a cueca.

— Caralho, Débora — gemo.

Toco os grandes lábios, ela se contorce com a antecipação. Eu adoro essa parte, adoro quando ela implora...

— Henrique, estamos no trabalho. Mete esses dedos de uma vez!

Ou quando ela manda.

Paro a tortura e enfio lentamente dois dedos de uma vez. Ela está melada, e o meu pau está com inveja dos meus dedos. Suas mãos voltam a usar a mesa como apoio. Ela joga a cabeça para trás mordendo os lábios para conter os gemidos. Analiso suas reações procurando o ponto certo que a levará a um orgasmo. Quando eu o acho ela deixa escapar um gemido sôfrego. Intensifico os movimentos de vai e vem usando a palma da mão ao meu favor, encostando em seu clitóris. Ela me ajuda movendo os quadris, moendo contra minha mão.

— Estou perto — murmura.

Apenas aceno em positivo, sentindo sua bocetinha se contrair contra os meus dedos. Não demora e ela goza. Como sempre é uma visão e tanto para mim. Tiro os dedos de dentro dela chupando-os e fazendo-a rir entre respirações entrecortadas. Quando se acalma ajudo com que fique de pé e ela vai ao banheiro se limpar.

— Você ficou na mão — diz quando sai do banheiro.

— Sabe que não me importo — falo sincero. Adoro quando conseguimos fazer algo assim, inusitado com perigo de alguém chegar.

— Claro, sua mente pervertida vai ficar recriando essa cena até o momento em que transarmos pela próxima vez.

— Não nego — respondo e nós dois rimos.

Ela se aproxima e põe as mãos nos meus ombros chegando perto do meu ouvido.

— Então imagina, canalize toda essa energia sexual para a noite enquanto eu te chupar no banho ou quando estiver metendo em mim de quatro na cama.

— Porra — resmungo apertando o pau sobre as roupas. Ela se afasta rindo baixinho.

— Os salgadinhos esfriaram. — Faz uma expressão triste com a tampa do pote em mãos.

— E quem se importa?

Pego um pastel e o enfio na boca a fazendo rir, ouvindo um dos meus sons preferidos no mundo.

Capítulo 39



— Como você está hoje? — doutora Elisa me pergunta.

— Estou bem — respondo sincera. Estive ansiosa nos últimos dias, pois perdi uma paciente de cinco anos.

Nunca é fácil quando isso acontece. Como profissionais da saúde algumas coisas acabam virando rotineiras, mas, perder um paciente é algo que nunca nos acostumamos.

— Ótimo. Sempre terão momentos de tensão em que precisaremos ser fortes. A vida é como uma roda-gigante, ela gira alternando entre alto e baixo. Isso se estende às nossas emoções.

Concordo com a cabeça.

— Sei que às vezes você pensa que o seu histórico te deixa vulnerável a práticas autodestrutivas, mas a verdade é que todos estamos suscetíveis a essas situações. Precisamos nos manter em movimento e continuar seguindo.

— Como um carro — concluo.

— Sim — ela sorri —, como um carro. Às vezes os carros precisam de manutenção para se manterem em funcionamento, assim é o nosso corpo. Precisamos de manutenção, seja emocional ou física.

Volto a concordar analisando sua fala que faz total sentido para mim.

— Estou muito contente com o seu progresso, Débora.

— Mesmo no início eu dizendo que suas terapias eram um merda?

Ela gargalha.

— Principalmente por isso. Mesmo achando uma perda de tempo você prosseguiu. O erro dos pacientes é parar. Os resultados estão no processo, não há uma chegada. Um ponto final. Existe uma subida e é durante a subida que aprendemos.

— Obrigada por tudo, doutora.

Após alguns minutos de conversa e a sessão acaba, saio do prédio comercial e entro no meu carro. Pego o celular antes de dirigir vendo seis ligações perdidas da Isabella. Ligo de volta.

— Ei, doutora — ela atende. — Você demorou para retornar.

— Estava na terapia. Qual vai ser a de hoje?

Já pergunto sabendo que não posso esperar menos que uma resenha se tratando da minha cunhada me ligando em um final de sexta-feira.

— Abriu um pub na beira da praia, vamos?

— Se o Henrique topa, bora. — Ela bufa do outro lado.

— É lógico que vai topa.

Com certeza toparia, jamais diria não a *gêmea do mal*. Não o julgo. Ninguém diz não a ela.

— Vou ir em casa pegar uma roupa e vou para o apartamento de vocês me arrumar aí.

— Ótimo! — responde animada. — Daí a Vic faz o delineado de

gatinho em nós duas.

Logo nos despedimos. Ligo o carro e dou a seta entrando na avenida movimentada. Isabella e Pedro ainda estão morando na cobertura. O apartamento deles está em reforma e vai ser tão lindo quanto o atual em que todos moram. Sim. Todos. Kauã se mudou para lá e dessa vez seu Juan quase infartou de verdade. Vitória se impôs e como sua mãe ficou do seu lado, o tio de Henrique não teve muito o que fazer a não ser aceitar a situação. A desculpa de Kauã foi que seus horários são loucos no hospital seria mais fácil. Ele não estava errado.

Henrique e eu seguimos morando separados, porém são raras as noites em que não dormimos juntos. Nos revezamos entre minha casa e a dele, e está tudo bem. Estamos nos virando bem por enquanto. Tenho minha Vó e a Morgana, por isso me mudar seria mais difícil.

A Morgana.

Quando iniciei o tratamento era complicado para mim manter uma conversa com ela, afinal o pai dela foi o abusador. Ela não sabe que foi ele. Ela nunca vai saber. Quero que sua memória quanto ao pai continue intacta, já sofri demais com essa história, não preciso fazer com que sofra também. Morgana perdeu os pais em um acidente quando tínhamos 18 anos. Ele estava bêbado e cortou a frente de um caminhão. Ela sofreu muito, mas superou é uma mulher bem-resolvida e agora está namorando o seu personal trainer e eu não poderia estar mais feliz por ela. Ela sempre esteve comigo e eu a amo como se fosse da minha família, isso nunca vai mudar.



— Você está tão linda, não vejo a hora de chegarmos em casa — Henrique fala em meu ouvido.

— Se estou tão linda, por que quer tirar a minha roupa?

— Eu sempre quero tirar a sua roupa — diz como se fosse óbvio, e é.

Não é como se fôssemos coelhos e vivêssemos transando. Nosso trabalho é cansativo principalmente o de Henrique então não é todos os dias que estamos afim de sexo. Acho que nenhum casal é assim. As pessoas sempre criam expectativas sobre vidas perfeitas expostas em perfis na internet. Essas vidas não existem. Eu aprendo a cada dia que passa que a felicidade está em gestos simples. Beijos singelos, toques discretos, mensagens carinhosas, toques safados. O ato sexual é bom, muitas vezes até ótimo. Mas as relações exigem muito mais que isso. Acho que o segredo está em manter o interesse e viver um dia de cada vez, da melhor forma possível.

Maurício, o carinha que fiquei meses atrás e que trabalha com Isabella e Pedro, se aproxima da mesa. Vejo Henrique respirar fundo e segurar minha mão em cima da mesa de forma que a aliança dourada fique em evidência. Como sempre, ele trata o rapaz muito bem. Henrique é educado e contém seus instintos e isso me deixa muito feliz, afinal, faço isso diariamente com as várias mulheres que ele ficou do hospital.

Isabella não perde a oportunidade e o provoca usando Maurício que rebate falando de Jorginho. É nítido o amor e cumplicidade entre os irmãos, mas as provocações são constantes e por vezes até irritantes. Pedro que é

ciumento e territorialista estilo homem das cavernas fecha a cara na hora em que o nome do ex da esposa entra na conversa.

Eu e Vitória brincamos com sua cara emburrada e por fim ele acaba rindo. Kauã presta atenção na conversa falando vez ou outra, já tomou uma dose de whisky e isso é o suficiente para o deixar aéreo. Ele é o que menos bebe e o que sempre fica bêbado.

— O que acha de irmos na roda-gigante? — Aponto para roda-gigante na beira da praia. É um dos pontos turísticos mais visitados de Balneário.

— Acho que está fechada.

— Estamos no verão, amor — falo para Henrique. — Eu acho que fica aberta até mais tarde — olho no relógio —, não são nem dez da noite.

— É — ele responde estreitando os olhos para enxergar melhor.

— Onde vocês vão? — Vic pergunta quando levantamos.

— Na roda-gigante. — Aponto para o outro lado da rua. — Guardem nossas cadeiras — peço. Então deixo a minha bolsa em uma e Isabella põe a sua na outra.

Saímos do bar e atravessamos a rua. Caminhamos pelo calçadão em direção à roda-gigante. Assim que chegamos Henrique paga as entradas e vamos para a fila. Vejo que ele mexe a perna, ansioso.

— Você tem medo de altura? — pergunto.

— Não é medo, só não acho a coisa mais confortável do mundo.

— Saindo da zona de conforto, doutor.

— Por você. — Beija minha testa.

Quando chega a nossa vez, nos acomodamos um do lado do outro. A

roda para quando estamos na metade do giro e ainda que não tenha parado com a nossa cabine estando lá no alto a vista é linda. Suspiro sentindo a brisa fresca vindo do mar. Vendo o contraste das ondas com os grandes prédios da cidade. Quando viro para Henrique o vejo olhar para mim ao invés da paisagem.

— Você não vai olhar. — Indico com as mãos os nossos lados. — Você me vê todo dia, essa paisagem não.

— Eu nunca vou ter o suficiente de você, princesa — acaricia meu rosto —, e qualquer paisagem vai ser bonita desde que você esteja presente.

— Desse jeito eu vou ficar apaixonada *para sempre*.

— Essa é a intenção.

Ele sorri e me beija e de repente, a vista já não faz tanto sentido quanto aproveitar o beijo do homem que eu amo.

Epílogo



5 anos depois.

— Débora — volto a chamar —, estamos bem atrasados.

— Estou quase pronta, amor.

— Você também disse isso nas últimas vezes em que te chamei.

Ouçó seu riso no quarto e apenas nego com a cabeça.

Muitas coisas aconteceram nos últimos anos. Isabella e Pedro se mudaram para a casa nova depois de um ano de casados. Bella engravidou de gêmeos. Ela surtou como imaginado, mas diz que tudo fez sentido no momento em que seus olhos pousaram sobre as duas meninas. Diferente de nós dois, suas filhas eram univitelinas idênticas, a cara do pai. Pedrinho se diz o homem mais feliz do mundo por ter tudo que sempre sonhou. Uma família.

Em seguida Kauã e Vitória viajaram de férias para Las Vegas e pasmem: A prima certinha se casou sobre a benção do Elvis Presley fake. Tio Juan quis morrer, ela ainda reclama até hoje e de tanto ele insistir o casal enfim concordou em fazer uma celebração discreta para que o meu tio possa levar a filha no altar. Tia Helena está eufórica com os preparativos da festa.

Quando Vitória e Kauã se mudaram fiquei sozinho na cobertura. Débora vivia mais lá do que na própria casa, mas tinha receio de se mudar e

deixar a avó sozinha. Sugeri que convidasse dona Maria para morar conosco. A senhoria aceitou. Foram três meses felizes com dona Maria na cobertura, porém ela teve um AVC e não resistiu. Foi triste. Débora sofreu muito e admito que eu também. Tive medo inclusive que ela voltasse com as práticas autodestrutivas, mas, ela foi forte e se manteve firme. Estive ao seu lado e aos poucos ela foi se conformando e transformando a dor em saudade.

Eu amava a cobertura porque eu nasci lá, me criei lá. Porém, existia a necessidade de ter algo nosso, construir algo nosso. Juntos começamos a ver apartamentos, mas, foi uma casa que nos chamou atenção. Em um bairro mais retido da cidade com vista para o mar. Foi difícil convencer a Débora já que a casa não era das mais baratas e segundo ela, estava muito distante da sua realidade. Mas estava dentro da minha, nossa, como casal.

Foram mais de dois meses conversando sobre o assunto até que ela cedesse e quando aconteceu ela chorou e disse que estava feliz. Começamos então a moldar a casa com nossos gostos com reformas externas e internas. Decoração, móveis. Foi um período estressante, porém gratificante. Quando as reformas terminaram queríamos nos casar, um casamento à beira-mar então fomos surpreendidos com um vírus que tomou uma proporção mundial afetando a vida do mundo inteiro.

Vivemos o desconhecido. Foram dois anos extremamente exaustivos tanto física como psicologicamente. A quantidade de pessoas que perdemos foi absurda. O caos se instalou em todos os hospitais e faltaram leitos de UTI. Foi declarado calamidade pública.

Foi triste. Foi intenso. oi real.

A pandemia por conta do vírus exigiu que o governo tomasse medidas drásticas de quarentena. Empresas fecharam, pessoas perderam os empregos e a economia se manteve instável. Enquanto isso? Mais e mais pessoas

morreram. Acho que durante esse período muitas pessoas perderam alguma coisa. Inclusive eu e minha família.

Seu Alberto, meu avô partiu em uma sexta-feira chuvosa. Foi muito triste. Duas horas depois do anúncio da sua partida, dona Júlia, minha avó foi entubada. Nós não sabíamos se chorávamos por que tínhamos acabado de perder meu vô ou por que estávamos prestes a perdê-la também. E isso aconteceu, na terça-feira seguinte ela se foi. Eu assumi o cargo do meu avô, em meio ao caos. Os portos estavam parados então Pedrinho me ajudou muito.

Meu pai e minha mãe vieram do Rio de Janeiro e também me ajudaram. Não tivemos tempo de viver o luto, pois precisávamos continuar lutando por todos que precisavam que naquele momento o hospital continuasse funcionando com uma boa administração. Isabella ajudava como podia em home office já que as meninas não tinham nem um ano ainda.

Com um ano de pandemia, as vacinas foram aprovadas e a população aos poucos começou a ser vacinada. Faz dois meses que paramos de usar as máscaras e hoje nossa ceia de Natal vai ser novamente em família, presencial. Ainda que tenhamos perdido membros importantes, precisamos celebrar a vida, mantendo para sempre as pessoas que amamos juntos conosco. Em nosso coração.

Tio Juan, tia Helena, tio Rubens e tia Antonella estão na cobertura dos meus pais onde vai ser a ceia. Vitor está na casa do irmão e de Isabella, veio com a namorada até que enfim o menino parece estar tomando jeito. Vitória e Kauã adotaram um menino de cinco anos, a criança está em fase de adaptação, mas não tenho dúvidas de que tudo vai dar certo. Um mês na nova casa e já chama minha prima de mãe e meu amigo de pai e mãe. Tio Juan e tia Helena não poderiam estar mais orgulhosos.

— Estou pronta. — Levanto os olhos do chão para a minha mulher.

Usa um vestido vermelho tomara que caia justo ao corpo, terminando com um racho nas pernas. A sandália de saltos finos é na mesma tonalidade do vestido. Seus cabelos estão soltos, ela usa uma maquiagem fraca, porém a boca ostenta um batom tão vermelho quanto sua vestimenta.

— Porra... como sempre, valeu muito a pena à espera.

— Bobo — ela fala sem jeito e eu me levanto pegando em sua mão.

Saímos de casa caminhando pelos degraus que nos levam até a garagem que é na parte mais baixa do terreno íngreme. Ela para olhando para o mar que mais parece um rio sem ondas. Atrás dele, as luzes das casas que mais parecem pontos aleatórios deixam a visão ainda mais bonita.

— Estava pensando — ela fala e volta a olhar para mim. — Se por você estiver tudo bem, acho que estou pronta para ser mãe.

Meu sorriso se abre instantaneamente.

— Por mim perfeito. Estou pronto para viver tudo ao seu lado — respondo.

— Eu amo você, doutor — ela declara.

— Não tanto quanto eu te amo, doutora.

Fim.

Agradecimentos

Agradeço a cada um de vocês que chegou até aqui. Esse livro foi uma superação pessoal por eu precisar sair totalmente da minha zona de conforto que é o humor. Peço que se puderem, *por favor avaliem a obra na Amazon*, pois as avaliações ajudam muito no meu trabalho.

Sobre a Autora

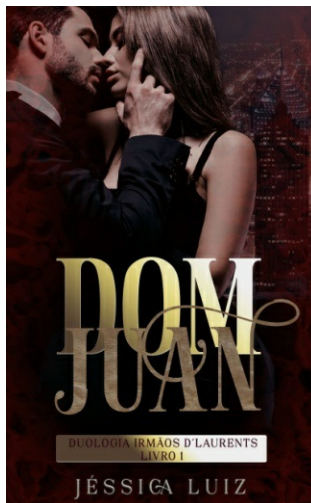
Jéssica Luiz nasceu em 1991, natural de Araranguá, Santa Catarina, é casada e não tem filhos. Sempre amou tudo que envolve arte e por isso é Projetista de Interiores. Leitora compulsiva desde muito pequena, viu sua paixão se expandir na escrita. Publicou seu primeiro livro em fevereiro de 2020 na Amazon e hoje divide sua carga horária entre projetar e escrever. Busca diariamente o crescimento e evolução na escrita tendo como sonho poder se dedicar integralmente à carreira de escritora.

<https://www.facebook.com/jessica.luiz.98096>

<https://www.instagram.com/autorajessicaluiz/>

<https://www.wattpad.com/user/autorajessicaluiz>

Outras Obras



Disponível na Amazon -<https://amzn.to/32JALKg>

Com seus 29 anos, Juan D'Laurentes decide estabelecer prioridades em sua vida. Mais precisamente, uma prioridade: não se envolver com ninguém. Até conhecer Helena Junks, uma mulher autêntica e engraçada, mas que guarda mágoas da sua infância.

Um homem em busca de redenção. Uma mulher em busca de um sentido pra viver. Seria o amor o melhor remédio para os dois?

Uma comédia romântica extremamente sexy.

“Ele era o dono do jogo, mas foi ela quem fez as regras.”

Conteúdo adulto +18.

Outras Obras



Disponível na Amazon - <https://amzn.to/2X0v5Ih>

Intensa. Essa palavra define Maria Clara do início ao fim.

Sofrendo em silêncio pelo amor impossível que sente pelo seu primo Guilherme desde a infância, Maria Clara não sabe mais o que fazer para que ele a enxergue. No momento em que mais precisava de sua família, perde seus pais em uma tragédia. Ela se vê perdida em uma dor sem fim. Em meio a essa tempestade, decide mudar de cidade em busca de um renovo.

Guilherme é um homem bem-sucedido com objetivos definidos e a vida estrategicamente calculada. Independente desde muito cedo, organizado ao extremo e maníaco por horários, isso tudo não seria cômico se a mulher por quem sempre foi apaixonado não fosse seu oposto total. E para piorar, sua prima.

Eles acabam deixando a razão de lado, dispostos a viver sua paixão proibida por apenas uma noite. O que começou em fogo terminou como gelo. O que eles não poderiam imaginar é que o destino veio cobrar o preço, e a noite que deveria ser esquecida, será para sempre lembrada.

Conteúdo adulto +18.

Outras Obras



Disponível na Amazon <https://tinyurl.com/y4rf46hr>

Rubens Junks é um fazendeiro bem-sucedido que, após a morte de seu pai, resolve expandir os negócios construindo um hotel-fazenda na esperança de que a casa, que até então foi cenário de más lembranças, se torne um lugar aconchegante e divertido para as famílias que passarem por ali.

Filho da cozinheira com o patrão, ele cresceu como filho bastardo vendo dia após dia seu pai bater na esposa e violentar outras empregadas.

Sexo para ele se tornou algo sagrado que só seria concebido quando encontrasse o amor e, dessa forma, o matrimônio.

Tudo sai dos eixos quando uma patricinha da cidade vem trabalhar para ele como designer de interiores. O oposto de tudo que sempre sonhou.

Uma garota sem filtro e inteiramente segura de si e de seus desejos.

Ela testaria seus limites.

Ele se manteria firme em sua decisão.

Dizem que os opostos se atraem, ou seriam as diferenças que os completam.

Conteúdo adulto +18.

Outras Obras



Disponível na Amazon <https://tinyurl.com/yf287zld>

Logan S. Ross é um lutador campeão de MMA. Perdeu precocemente seus pais em um acidente de carro, ficando como tutor de sua irmã que hoje trata como filha. Os percalços da vida não desviaram ele de seus objetivos e hoje é um dos lutadores mais bem pagos no meio das artes marciais.

Gwen L. Montgomery é uma estudante de balé clássico e professora. Desde muito jovem sonha em se tornar uma bailarina e viajar o mundo mostrando sua arte.

Os dois têm suas prioridades, nenhum dos dois busca envolvimento. Tudo muda quando o destino decide cruzar suas vidas mostrando que nem tudo sai como planejado.

Ironicamente, o amor não é tudo.

Juntos, eles vão descobrir que o caminho mais fácil nem sempre é melhor que a dor.

Conteúdo adulto +18.

-
- [1] Consiste na remoção do lobo inteiro do pulmão que contém o tumor.
- [2] exploração visual de uma cavidade através de endoscópio.
- [3] É uma gíria da internet usada para definir uma pessoa tóxica, que é tão ruim que poderia emitir radiação.
- [4] Aparelho eletrônico portátil capaz de receber mensagens codificadas de uma central de recados e exibi-las em texto numa pequena tela; bipe.
- [5] É o retorno involuntário e repetitivo do conteúdo do estômago para o esôfago.
- [6] Medicação indicada para o suporte inotrópico de pacientes com estados de hipoperfusão nos quais o débito cardíaco é insuficiente para suportar as demandas circulatórias.
- [7] Medicação capaz de diminuir ou suprimir as reações imunitárias (p. ex., uso de ciclosporina, corticóides, radiações ionizantes); imunodepressor.
- [8] Os órgãos sólidos são aqueles que ficam localizados no tórax e no abdômen.
- [9] É a via de administração de medicação diretamente nas veias, nela é possível fazer medicação em grande quantidade e aquelas que pela via oral não são possíveis de administrar.
- [10] contração involuntária, não ritmada, de um ou vários músculos, podendo ocorrer isolada ou continuamente, sendo dolorosa ou não.
- [11] Conduto que vai da bexiga ao meato urinário, permitindo o escoamento da urina e, no homem, a passagem do esperma.
- [12] Segmentectomia pulmonar consiste na remoção cirúrgica de um dos segmentos pulmonares.
- [13] Que está entre as costelas: músculos intercostais.
- [14] É uma linha vertical que vai de um ponto no meio da clavícula até o ponto onde encontra o osso do quadril .
- [15] Pneumotórax é a presença de ar entre as duas camadas da pleura (membrana fina, transparente, de duas camadas que reveste os pulmões e o interior da parede torácica), resultando em colapso parcial ou total do pulmão.